

Denilson Monteiro

CHA CRI NIHA

**A BIO—
GRAFIA**

PESQUISA, ENTREVISTAS E BOTEIRO ORIGINAL

Eduardo Nassife



RARA
CULTURAL



Casa da Palavra

Ficha Técnica

Copyright © 2014 Denilson Monteiro
Copyright © 2014 Eduardo Nassife (pesquisa, entrevistas e roteiro original)
Copyright © 2014 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

COPIDESQUE: Bruno Fiuza
REVISÃO: André Marinho
CURADORIA: Ricardo Amaral
FOTOS DE MIOLO E CAPA: Acervo Leleco Barbosa
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
TUUT
PATROCÍNIO



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M774r
Monteiro, Denilson
Chacrinha – a biografia / Denilson Monteiro, Eduardo Nassife. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2014.

ISBN 9788577345106

1. Chacrinha, 1917-1988. 2. Artistas – Brasil – Biografia. I. Nassife, Eduardo. II. Título.

14-15435 CDD: 920.71
CDU: 929-055.1

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras 6 · 1001
20030-070 · Rio de Janeiro · RJ
21 2222 3167 / 21 2224 7461
divulga@casadapalavra.com.br ·
www.casadapalavra.com.br

HÁ MAIS DE 100 ANOS presente na história do Rio de Janeiro, a Light tem um compromisso que vai além de prestar um serviço de qualidade à população. A empresa é também comprometida com o aprimoramento e o desenvolvimento de toda sua área de concessão. E é por isso que a Light faz questão de investir em iniciativas que fomentem a cultura, a arte e o entretenimento.

Desta forma, a Light se conecta com a biografia do comunicador que foi referência para tantos profissionais no Brasil. Patrocinar e incentivar a disseminação da história de Abelardo Barbosa, o Chacrinha, personalidade responsável por promover inúmeros músicos e artistas de sucesso, é uma satisfação para a Light e uma excelente oportunidade de contribuir com a nossa rica cultura.

Light. Conectada a você.



Agradecimentos

Agildo Ribeiro; Aglair Cruz; Aloysio Legey; Ana Comini; Anna Ladeira; Antero Leivas; Boni; Carlos Augusto Montenegro; Carolina Benevides; Cassia Fernandes, Clara Gerchman; Clarice Messer; Claudya; Cláudio Galvão; Daniela Schmitz; Deborah Dumar; Edgard Horácio; Edilma Campos; Elba Ramalho; Eleonora Jaeger; Eliane Brandão; Elke Maravilha; Erasmo Esteves; Fábio Júnior; Fábio Stella; Flávio Cavalcanti Júnior; Florinda Barbosa; Gilberto Gil; Gisela Amaral; Haroldo Costa; Helmar Sérgio; Heraldo Correia; Hilton Abi-Rihan; Humberto Oliveira; Isabel Serejo; Jane Duboc; Jairo Roriz; João Kleber; João Roberto Kelly; Jorge Barbosa; José Carlos Guerreiro; José Marques Neto; Júlia Schnoor; Lee Martinez; Leleco Barbosa; Leo Esteves; Lucyanne Mano; Ludmila Pereira; Luisa Barros; Marcus Pitter; Marco Imperial; Maria Helena; Maria Helena Carnevale; Maria Lúcia Rangel; Henrique Alves; Maria Luiza Imperial; Marlene Morbeck; Marly Schall; Miguel Fialho; Nanato Barbosa; Osmar Frazão; Paulo Silvino; Regina Polivalente; Regina Rito; Ricardo Amaral; Ricardo Cravo Albin; Ricardo e Monique Pugialli; Rita Cadillac; Ritchie; Roberta Rangel Newlands; Rodrigo Faour; Rubens Stone; Russo; Sandra Mattera; Sérgio Brito (Titãs); Sérgio Cabral; Tainah Comini; Tavito; Teresa Cristina Sampaio Newlands; Tiago Alves; Tina Turvão; Valdir Siqueira; Vânia Bastos; Viviane Ghreice; Wanderléa; Washington Olivetto; Washington Rodrigues; Wilson Simoninha; Chris; Ana Clara; Seu Monteiro; Luzia; Mônica; e Igor.

A Leleco Barbosa, pela valiosíssima colaboração em realizar o sonho de transformar a vida do Velho Guerreiro em livro.

A José Marques Neto, grande banco de memória da televisão brasileira.

"TÁ COM
MEDO OU
TÁ COM
PEDRO?"



Naquela tarde ensolarada de 6 de março de 1982, uma grande parada circense chegou à Zona Sul do Rio de Janeiro. Nela havia de tudo: palhaços, malabaristas, figurantes vestidos como super-heróis, um homem equilibrando-se em pernas de pau e muitas mulheres bonitas. Também havia uma dúzia de motociclistas abrindo caminho para o multicolorido cortejo e uma banda de música com seus componentes trajando vistosas casacas vermelhas, que executava uma conhecida canção:

Abelardo Barbosa

Está com tudo

E não está prosa

Em pé, no banco de trás de um dos bugres que faziam parte do alegre cortejo, vestindo uma casaca de paetês vermelhos e, na cabeça, uma cartola revestida com material semelhante e plumas amarelas, estava um senhor de 66 anos, gordo, uma cabeleira crespa e grisalha, que andava em falta com o barbeiro, usando grossos óculos de grau numa armação de aros de acrílico preto. Ele distribuía beijos e sorrisos para o povo, que, nas calçadas, não parava de saudá-lo. Era o soberano maior de toda aquela alegria, o Abelardo Barbosa da canção que a bandinha tocava, o Chacrinha.

A caravana parou na avenida Lineu de Paula Machado nº 1.006, endereço do Teatro Fênix. Ali se realizaria a grande celebração do retorno, depois de dez longos anos, daquele que era chamado de o “papa da comunicação brasileira” à Rede Globo de Televisão. A emissora, tal qual um pai que casa a única filha, não economizou para que fosse oferecido absolutamente tudo do bom e do melhor para a realização da festa, que tinha cada segundo transmitido em tempo real para todo o Brasil.

Abelardo desceu do bugre escoltado por seu séquito, sendo conduzido até o interior do teatro. Enquanto isso, lá dentro, o espetáculo já estava montado, aguardando a chegada do astro maior. Havia à disposição do programa cinco câmeras, quatro fixas e uma portátil, uma equipe de trinta pessoas, que abrangia produtores, contrarregras e maquinistas. O cenário criado por Mauro Monteiro era composto por balões de diálogo, como aqueles de histórias em quadrinhos, iluminados por neon em várias cores. No meio do palco havia dois túneis, o da esquerda, por onde, vindos de seus camarins, passariam os convidados, e o da direita, exclusivo de Chacrinha.

Vestindo seus sensuais maiôs, as chacretes – dançarinas e assistentes de palco que, de tão citadas no cotidiano dos brasileiros, tornaram-se verbete de dicionário – dançavam ao som do tema do programa. Fátima Boa Viagem, Dalva Garça Dourada, Gracinha Copacabana, Rita Cadillac e Áurea Figueiredo eram algumas dessas bailarinas que aqueciam o auditório para o grande momento que se aproximava.

Contudo, apesar do sorriso que poderia iluminar todo o bairro do Jardim Botânico e ainda

ser percebido na Gávea, no Leblon, na Lagoa e no Humaitá, o homenageado estava que era uma tensão só. Nos minutos que antecediam sua entrada no palco, Abelardo Chacrinha Barbosa era como uma criança a caminho do posto de vacinação. Um pouco antes, o *Jornal Hoje* exibira uma entrevista na qual o apresentador revelava esse nervosismo, que, mesmo após décadas comandando auditórios lotados, teimava em não o abandonar:

— *Qualquer programa que começa eu fico nervoso, porque, muito particularmente, eu já fui a todos os médicos, eu sofro de uma cólica emocional.*

Cólica não passava de um eufemismo, pois, na realidade, do que a barriga do comunicador sofria mesmo era um verdadeiro maremoto intestinal, que a fazia se revirar sem trégua. Com medo de sofrer um desarranjo e acabar passando vergonha enquanto apresentava o programa, ele tomava sempre dois comprimidos de Imosec, remédio que combate a diarreia. Como complemento, por baixo da calça de lamê dourado que compunha o figurino criado por Marlene Morbeck, ele ainda vestia três cuecas, uma invencionice que há um bom tempo havia adotado, como último recurso caso o medicamento não surtisse o efeito esperado.

Certa vez, o jornalista Sérgio Porto escreveu em sua coluna no jornal *Última Hora* que Chacrinha era “vítima de um dos sistemas nervosos mais atuantes que Deus já instalou na anatomia de uma criatura”. Era uma descrição perfeita. Aqueles que trabalhavam com Abelardo Barbosa conheciam como ninguém esse nervosismo, que se tornava ainda mais forte nos momentos que antecediam o início de seus programas. Fora a dor de barriga, ele reclamava da equipe, achava que ninguém apareceria no auditório, temia ficar sem voz e era assombrado pelo mais terrível dos seus medos: perder pontos na audiência. Durante seus desabafos, desfilava um enorme repertório de palavrões, cada um mais cabeludo que o outro:

— *Putá que pariu! Equipe de merda essa que eu tenho! Tá tudo errado, caralho!*

Durante essas sessões de esporros no atacado e no varejo, era muito difícil acreditar que aquele homem de boca suja fora coroinha na infância e nunca deixara de frequentar a missa aos domingos, sendo devoto de São Paulo, São Judas Tadeu e São Jorge. Nos momentos de calma, ele justificava esses arroubos dizendo:

— *Tenho o direito de ficar nervoso. Afinal, o homem é um animal histórico e histérico.*

Naquela tarde de estreia, o pânico de Chacrinha estava multiplicado à quinta potência. Era sua volta à emissora na qual fora líder de audiência. Nos seus tempos de Rede Globo, deixara definitivamente de ser visto apenas como um animador de auditório que fazia maluquices diante das câmeras e apresentava cantores de grande apelo popular, para os quais a crítica especializada torcia o nariz. Com a *Hora da Buzina* e a *Discoteca do Chacrinha*, que apresentou na emissora do Jardim Botânico a partir de 1967, foi notado pelos intelectuais, que passaram a considerá-lo um fenômeno da comunicação de massa. Dizendo frases simples como “quem não se comunica se trumbica”, era muito melhor compreendido do que longos tratados sociológicos. Sua bagunça televisiva foi abraçada pelo

Tropicalismo, que o tinha como fonte de inspiração. Virou até personagem de canção do cantor e compositor Gilberto Gil, um dos cabeças do movimento musical.

Entretanto, em 1972, Chacrinha deixou a emissora. E da pior maneira possível – aborrecido. Nesse longo período de afastamento, ele rodou por todas as emissoras existentes. Obteve sucesso, flertou com o fracasso, viveu uma tragédia e foi até preso pela irascível ditadura que governava o país. Mas, de repente, quando menos se esperava, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, vice-presidente de operações da Rede Globo, com quem havia ficado estremecido durante a sua saída, o chamou para conversar. Como resultado, foi novamente contratado pela emissora. Seria o dono das tardes de sábado, apresentando durante duas horas o *Cassino do Chacrinha*. Sendo assim, esse pavor multiplicado era mais do que justificável. Toda a sua vida dependeria do sucesso daquilo que estava prestes a fazer. Exagero? Não para Abelardo Barbosa, um homem para quem o trabalho era como o ar para seu único pulmão.

Um pouco antes das 16h, Chacrinha deixou o camarim e se dirigiu para o palco. Ele entrou no túnel de paredes vermelhas que o levaria direto ao palco. Ia caminhando num passo cadenciado e, com sua voz esganiçada, que lembrava o som de uma porta com a dobradiça enferrujada, gritava:

— *Alô, ê! Alô, ê!*

A cada passo, a claridade aumentava. Um cinegrafista o seguia, revelando para milhões de espectadores sintonizados naquele momento na Rede Globo uma pequena visão do palco em meio a uma nuvem de fumaça vermelha. Misturada ao tema do programa, executado pelo sonoplasta My Boy, ouvia-se a alegre zoadá do auditório, ansioso pela chegada do dono da festa.

Com os braços abertos, Chacrinha surgiu saudando a todos e sendo ovacionado. A barriga, num milagre que sempre se repetia no momento em que pisava no palco, parou de doer. Sob a luz dos refletores, os fantasmas que o assombravam desapareciam, e, como dizia uma das canções de seus programas, era “hora da alegria”. Mas tudo estava apenas começando. Aquele que era chamado de Velho Guerreiro ainda tinha uma longa batalha pela frente. Até as 18h, a roleta do *Cassino do Chacrinha* ainda tinha muito o que girar até ele saber se seria ou não vencedor.

"MINHA INFÂNCIA
FOI RUIM, MAS A
JUVENTUDE, PIOR"



Em Pernambuco, no município de Bom Jardim, ainda no reinado de Dom Pedro II, o fazendeiro Lourenço Ramos da Costa construiu em 1864 um oratório dedicado a São José. Ali, aos domingos, o padre português Antônio Alves da Silva celebrava as missas. Com o passar do tempo, foram surgindo casas ao redor, dando lugar a uma capela, em 1870. Em 6 de junho de 1881 a lei provincial nº 1565 criou a freguesia de São José de Surubim. O nome da cidade veio do santo para o qual Lourenço Ramos levantou o oratório e de um malgrado boi do rebanho do fazendeiro, chamado Surubim, que acabou devorado por uma onça.

Surubim foi crescendo na medida do possível. De vez em quando aparecia no noticiário policial dos jornais da capital. Noticiaram, por exemplo, uma discussão por posse de terras que terminou com uma das partes esfaqueando a outra; o ataque, em julho de 1912, foi comandado pelo terrível cangaceiro Antônio Silvino, que obrigou os moradores do povoado a lhe entregar dinheiro e objetos de valor.

Alegria era na festa de Nossa Senhora das Dores, que começava pela manhã com a missa solene, com toda a cidade comungando, procissão, ladainha e bênção do Santíssimo Sacramento. Quem visitava a cidade ficava impressionado com o cortejo, que percorria todas as ruas, exibindo os andores de São José, o padroeiro, e o da Mater Dolorosa. À noite, havia queima de fogos e apresentação da banda de música União Surubinense no coreto da praça, enquanto casais passeavam e visitavam as barraquinhas onde eram vendidos doces, salgados e cerveja.

Na cidadezinha também havia romances, um deles entre jovens de classes sociais diferentes. Pobre de pai, mãe e parteira, Antônio do Rego Medeiros acabou se apaixonando por Aurélia Barbosa, filha de uma família de posses. Medeiros e Barbosa não tinham como tornarem-se amigos de infância. Em quase qualquer lugar do mundo, pobres e ricos eram como água e óleo; em Surubim não haveria de ser diferente. Porém, mesmo com uma barreira social do tamanho das muralhas de Jericó, Antônio teve sua paixão por Aurélia correspondida e acabou levando a moça ao altar. Mas, sem dispor de um níquel que fosse para comprar roupa para a cerimônia, a família do noivo não deu o ar da graça na igreja. Foi uma festa apenas para os Barbosa.

Como era de se esperar, a vida do casal não encontrou facilidades. Antônio trabalhava como mascate, vendendo material de armarinho de porta em porta para as senhoras surubinenses: linhas, agulhas, alfinetes, veludos, colchetes e fitas de seda. Dias difíceis para Aurélia, cujo tempo de conforto que vivera na casa dos pais tornara-se apenas uma lembrança enevoadada. Mas ao menos uma alegria os dois tinham que ter. E tiveram, a maior delas: o nascimento do primeiro filho do casal, às 17h do dia 30 de setembro de 1917. Um parto em casa, que deu bastante trabalho ao médico e exigiu muito de Aurélia, cuja vizinhança chegou até a pensar que ela própria não resistiria. Mas resistiu, e deu à luz um menino, batizado José Abelardo Barbosa de Medeiros.

Como a vida em Surubim não dava sinal de que iria melhorar, Antônio Medeiros decidiu

tentar a sorte em outra cidade. Pegou Aurélia e o pequeno Abelardo e partiu rumo a Caruaru. Com seis meses de vida, dentro de um cesto de palha amarrado no costado de um jegue, o menino enfrentou com os pais, que iam a pé, os oitenta quilômetros que levavam à aparente terra prometida.

Chegando à cidade depois da exaustiva viagem, a família Medeiros terminou indo morar numa casa humilde, mas com um enorme quintal onde o pequeno Abelardo passava os dias brincando. Cresceu subindo nas árvores e correndo de um lado para o outro.

Após uma boa dose de sacrifício, Antônio Medeiros conseguiu juntar dinheiro e comprou um pequeno caminhão. Quando chegou à rua onde morava com a novidade, o rapaz foi saudado pela vizinhança como um herói nacional, o retrato de um vencedor. Era o primeiro morador proprietário de um veículo motorizado.

Quando viu o caminhão do pai, Abelardo pediu para dar uma volta. Feliz da vida com a compra que, tinha certeza, iria mudar a vida da família, Antônio atendeu ao pedido do garoto sem pestanejar. Na cabine do veículo pintada de verde, na alegria dos seus 4 anos, o pequeno Abelardo ia apertando uma buzina dourada enquanto andava com o pai pelas ruas da cidade. Ele acabou virando ajudante de Antônio Medeiros, que em Caruaru, assim como em feiras e vilas próximas, continuava vendendo seus artigos de armarinho e agora, também, água. Para chamar a atenção da clientela, Abelardo ia apertando a buzina dourada, enquanto, numa algazarra só, a molecada corria atrás do caminhão.

Mas a vida de mascate em Caruaru ficou estagnada, e Antônio Medeiros decidiu que a solução era novamente tentar a vida em outra cidade. Após cinco anos, a família pegou a estrada mais uma vez. Mas agora, ao menos, era de caminhão, nada de jegue. Foram para Campina Grande, Paraíba, onde havia muitas plantações de algodão, que era vendido para as regiões Sudeste e Sul, e também para fora do país.

Em Campina Grande, o algodão ainda era transportado em lombo de burro. Era uma oportunidade e tanto para Antônio Medeiros, que, por ter seu caminhãozinho verde, conseguiu ser contratado para transportar a mercadoria até as cidades onde havia estações de trem. Embarcado nos vagões, o algodão seguia para o porto e depois zarpava em navios.

Quando o pai de Aurélia faleceu, deixou para ela uma herança que possibilitou a compra de um sítio, onde os Medeiros foram morar. A família, então, era um tantinho maior, com a chegada dos filhos Gerson, Gercy e Maria do Socorro.

Alfabetizado na cidade, Abelardo se preparava para cursar o ginásio. Estudava quando podia, pois sua prioridade era trabalhar para ajudar dentro de casa. Enquanto seus amigos se divertiam na pracinha, o garoto fazia caldo de cana e o vendia na feira. Por conta dessa precoce vida de trabalhador, acabou reprovado no exame de admissão.

Mas a vida dos Medeiros começou a melhorar. A venda do caldo de cana e dos legumes plantados no quintal da feira rendia um dinheiro razoável a Aurélia. Além disso, o transporte de algodão fez com que Antônio conseguisse comprar dez caminhões. Abelardo aproveitava a borracha das câmaras velhas dos pneus da frota do pai para fabricar baladeiras – com seu espírito de pequeno comerciante, pegava esses estilingues e vendia na feira para a molecada caçadora de passarinhos.

Aos 10 anos, Abelardo debutou num palquinho que havia na cidade, participando de uma

peça infantil no pequeno teatro. Também trabalhou como divulgador, bilheteiro, diretor, locutor e ator principal. Contou histórias, fez piadas e conseguiu arrancar risos e aplausos do público. Um prodígio.

Enquanto o filho revelava seu talento nas artes cênicas, Antônio continuava perseguindo uma vida melhor para a família. Para isso, decidiu mudar novamente de atividade. Vendeu seus caminhões e investiu o dinheiro em seu próprio estabelecimento comercial. Inaugurou a loja Nova Aurora, que vendia tecidos, sapatos, chapéus e seu velho conhecido material de armarinho.

Abelardo ajudava em tudo o que podia na loja: trabalhava no balcão, fazia faxina, controlava o estoque e até zelava pela decoração da vitrine. Usando objetos de papelaria, criou enfeites que chamavam a atenção de quem passava pela rua e acabavam levando mais pessoas a entrar para conhecer melhor a Nova Aurora.

Quando completou 15 anos, o primogênito dos Medeiros foi para o Recife fazer o ginásio como interno do Colégio Marista. Nas horas vagas, continuava com a sua vida de garoto laborioso, trabalhando como ajudante numa loja de tecidos que lembrava a Nova Aurora. No entanto, os dias de prosperidade da família Medeiros duraram pouco. Antônio se atrapalhou com os negócios e acabou falindo. Já acostumado com a vida no Recife, Abelardo foi pego de surpresa pela notícia. Interrompeu os estudos no terceiro ano ginásial e voltou para Campina Grande, onde arranjou emprego numa loja grande chamada Florentina. Pau pra toda obra, trabalhou de vendedor a faxineiro, funções com as quais já tinha intimidade de sobra. Nenhum serviço era indigno para o rapaz movido pela vontade de não deixar a família passar necessidade.

Antônio Medeiros já não era mais o jovem apaixonado que Aurélia conhecera em Surubim. Com o fracasso nos negócios, ele se afastara da família e se tornara mulherengo. Do Antônio do passado, só o que permaneceu foi a pobreza. Cansada dessa vida em comum sem perspectivas, Aurélia decidiu terminar sua história com o marido. Pegou os filhos e foi embora.

O problema era que, por pior que fosse um casamento, uma mulher separada nunca era bem-vista. Aos olhos da sociedade, ela deveria permanecer casada até que um dos dois morresse. Se fosse o marido, a mulher deveria cumprir o seu papel de mãe e viúva séria, esquecendo a ideia de um segundo matrimônio. Sendo assim, não era de estranhar que Aurélia não encontrasse apoio em sua decisão. A oposição já começava dentro de casa, com Abelardo e os demais filhos voltando-se contra ela, por temerem ser apontados na rua pela vizinhança. Aurélia também viu suas duas irmãs afastarem-se dela, obrigadas pelos maridos, que não as queriam envolvidas com um mau exemplo. Até a família de Antônio, que nem no seu casamento foi, também surgiu para dar opinião, considerando o desquite um absurdo.

Pela lei, desquitados não podiam se casar novamente, mas essa era a última das preocupações da mãe de Abelardo, que desejava apenas criar seus filhos em paz. Em busca de melhores oportunidades e de se ver livre do falatório de gente linguaruda, Aurélia deixou Campina Grande para trás, mudando-se para o Recife com Abelardo, Gerson, Gercy, Maria do Socorro e o caçula, Jarbas. Na capital pernambucana, montou uma pensão para estudantes e comerciários na casa onde moravam, na rua União. A fim de que sobrasse mais um quarto

para alugar, e entrasse um dinheirinho a mais na renda da família, Abelardo transformou a garagem da pensão em seus aposentos. Acabou fazendo amizade com os outros rapazes da rua onde morava. Gostava de ficar na esquina à noite, sentado no meio-fio, conversando. Gostava de contar histórias engraçadas que acabavam arrancando risos dos amigos.

Desde 1906, o alistamento militar era obrigatório a todo brasileiro que completasse 18 anos. Contudo, quando Abelardo chegou a essa idade, não se mostrou muito animado em cumprir com tal obrigação. Para se livrar do quartel, alterou a data de nascimento na carteira de identidade, ficando um ano mais velho. Mas era um plano ingênuo demais para dar certo. Ele foi descoberto e, para evitar a cadeia, acabou ingressando no Batalhão de Tiro de Guerra.

Cumprido o serviço militar, o rapaz voltou à vida de civil com sede de divertimento. Apesar da vida humilde que levava, com seu jeito comunicativo e sua facilidade em fazer amizades Abelardo encontrou um jeito de frequentar as festas da alta sociedade recifense. Essa experiência, inclusive, o levou a descrever as cenas que presenciava nessas reuniões sociais e artísticas – ou, como dizia, o “disse me disse dos camarins” – em uma coluna num jornal que ele próprio criou: *O Repórter*. Mas essa experiência inicial como jornalista teve breve duração, foram apenas quatro edições.

Buscando coisa mais certa na vida, o rapaz enxergou na Medicina o melhor caminho. Começou a se preparar para prestar o vestibular, mas precisava evitar qualquer desvio na sua concentração durante as horas de estudo. Não podia correr o risco de ter algum amigo batendo à sua janela, convidando-o para a farra. Arranjou uma maneira de resistir às tentações. Vestindo apenas uma cueca, foi até sua mãe e lhe entregou a camisa e a calça, pedindo que ela escondesse essas peças de roupa juntamente com todas as outras. Por nada no mundo ela deveria lhe dar uma peça de roupa que fosse. Dona Aurélia quis saber o sentido daquela doidice do filho, e ele explicou:

— *Sem roupa eu não vou poder sair pra rua. E se eu não for pra rua, eu vou estudar mais. E se eu estudar mais, eu passo na prova.*

Passou dois meses com a cara enfiada em livros, atravessando as madrugadas. Só de cueca.

O esforço, aliado ao nada ortodoxo método de estudo, terminou por dar certo. Aos 19 anos, Abelardo era o mais novo calouro da Faculdade de Medicina de Recife. Durante o primeiro ano no campus, o filho de dona Aurélia tornou-se sócio do Centro Acadêmico de Medicina. Também passou a se envolver com política, participando, em 30 de julho de 1937, de uma manifestação em favor do 1º vice-presidente da Câmara de Deputados, o padre Arruda Câmara, e sua eventual candidatura a deputado federal. Juntamente com o Dr. Luiz de Góes, o deputado Arthur Moura e seu colega de faculdade, Pinto Ferreira, Abelardo discursou na rua Real da Torre, residência do padre, que ficou lisonjeado com a homenagem.

• • •

O rádio tinha pouco mais de uma década de existência no Brasil. No Rio de Janeiro, no

dia 20 de abril de 1923, foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que ficou conhecida como a pioneira do “sem fio”, como era comumente chamado o revolucionário aparelho. Porém, fundada por Oscar Moreira Pinto, Augusto Pereira e João Cardoso Ayres, a Rádio Club de Pernambuco reivindicava esse título, alegando realizar transmissões desde o início de 1923. Pioneira ou não, a emissora era a mais popular de Pernambuco, e foi lá que o estudante de Medicina Abelardo Barbosa se apresentou, dando uma palestra intitulada “O álcool e suas consequências”. Com uma ótima oratória, exercitada desde os tempos de criança em Campina Grande, quando falava durante a missa, o jovem acabou agradando a diretoria da rádio, que lhe ofereceu uma vaga como *speaker* – ou locutor –, que foi prontamente aceita.

Abelardo faria parte de um time de respeitados speakers, como José Renato, Mário Mansur, Ziul Matos, Carlos Brasil, Sebastião Estanislau e Antônio Maria, que narrava esportes. Para não fazer feio, o rapaz começou a treinar no alto-falante de uma camisaria na rua Joaquim Távora. Nestor de Holanda, um de seus colegas da rua União, era quem o avaliava, pois Abelardo pedia que o amigo ficasse nas imediações a ouvi-lo anunciar os preços de camisas, colarinhos e cuecas do estabelecimento, que garantia aos fregueses serem os melhores de Recife.

Perto da camisaria, na esquina da rua do Imperador, havia o café Lafaiete, que o speaker da Rádio Club de Pernambuco Abelardo Barbosa passou a frequentar junto com seus colegas do “sem fio”, além da turma do teatro e da imprensa. No café se discutiam assuntos do rádio, do teatro e da política, além de serem fechados contratos.



Não satisfeito com todas as atividades que havia exercido nos seus 20 anos, Abelardo arranhou mais uma: baterista do Bando Acadêmico do Recife. A orquestra de estudantes, que tocava jazz, teve origem quando o escritor Rubem Braga foi morar no Recife, na casa do amigo médico Noel Nutels. Ao lado de Noel e do jornalista Fernando Lobo, Rubem formou o conjunto nos moldes dos que ouvia nos cabarés da capital pernambucana. Abelardo, que recebeu dos colegas de banda o apelido de Xerém, atuava como o baterista regra-três. A jazz band recifense se apresentava em festas na Casa do Estudante de Pernambuco e no Baile do Rubi, no salão do Jóquei Clube.

O Bando Acadêmico tinha uma banda rival, que também se apresentava na noite do Recife, a Jazz Acadêmico, cujo baterista, coincidentemente, era o amigo de Abelardo: Nestor de Holanda. Houve inclusive um jogo de futebol realizado no campo do Sport Club Recife entre os músicos da Jazz Acadêmico e os speakers da Rádio Club de Pernambuco. Nestor, nada modesto, afirmou não ter jogado porque sabia que jogava bem, e a condição para fazer parte dos dois times era ser perna de pau. A Abelardo coube a função de narrar a partida.

Nessa época em que Xerém manjava as baquetas no Bando Acadêmico, Abelardo já estava no terceiro ano da faculdade. Foi quando certo dia, no meio de uma aula, o rapaz começou a sentir uma dor dos diabos no ventre, que quase lhe fez perder os sentidos. Imediatamente, seus colegas de classe o acudiram. Era apêndice supurado, que teve de ser operado às pressas. Escapou por pouco. Durante o período de recuperação, acabou perdendo as provas.

Com o ano na faculdade perdido, aceitou o convite do compositor de frevos Nelson Ferreira para fazer parte do casting de músicos do navio *Bagé*, que iria para a Alemanha. Dias depois, Abelardo embarcou com destino à Europa, na companhia de um amigo chamado Argemiro Bechara.

Como baterista, Abelardo formaria um trio, tendo Argemiro como pianista e um alemão de nome Fritz no violino. Estrearam na base do improvisado, apresentando-se no salão de refeições do navio, que estava lotado. Durante a apresentação, Fritz vociferava numa mistura de português e alemão:

— *Pianista de orelhada, kaput!*

O motivo da ira do músico germânico era ter descoberto somente naquele momento que Bechara não sabia tocar uma única nota no piano. Seu companheiro no trio havia se apresentado como pianista apenas para poder viajar de navio.

Era 1939, o Velho Mundo mal tinha se recuperado de uma guerra que o deixara em frangalhos e já vivia a iminência de um novo conflito. A Alemanha, grande derrotada na guerra de 1914, com um desejo de expansão territorial predatório, dava sinais de que em breve iria pôr fim ao frágil período de paz que o mundo atravessava. Por esse motivo, o *Bagé* acabou atracando em Bordeaux, na França.

Abelardo encontrou a cidade em meio a noites de blecaute, temerosa de um ataque aéreo

dos alemães. As ruas ficavam com as luzes apagadas e as janelas das residências com anteparos, a fim de evitar que escapasse qualquer luminosidade. Ele também viu mulheres trabalhando como condutoras dos bondes elétricos, pois os homens já se encontravam em treinamento militar. O navio terminou a viagem ancorando em Portugal, onde o rapaz, com o dinheirinho que recebeu pelo trabalho como músico, aproveitou para conhecer as cidades de Leixões, Porto, Vigo e a capital, Lisboa.

De volta ao Brasil, o *Bagé* trouxe fugitivos da guerra, que estava cada vez mais próxima. Quando o navio chegou ao Recife, poucos passageiros desembarcaram. A maioria seguiu viagem para o Rio de Janeiro. Mesmo sentindo saudades de casa, Abelardo decidiu ir também para a então capital do país. Estava com 22 anos e nenhuma perspectiva de trabalho melhor onde morava. Ia acabar virando um peso morto para dar despesa à dona Aurélia. Aliada a isso, ainda tinha a vergonha perante os colegas de faculdade por ter sido reprovado. Decidiu pagar para ver o que a “cidade maravilhosa” poderia lhe oferecer, mas, antes, recebeu no navio uma namoradina que tinha no Recife. No *Bagé*, a mocinha chegou a ver Abelardo tocando bateria no trio musical.

Abelardo desembarcou no porto carioca levando 200 mil réis no bolso e uma pequena mala com algumas mudas de roupa na mão. Deixou o *Bagé* e caminhou alguns metros rumo à praça Mauá, onde vislumbrou os 22 andares do arranha-céu A Noite, onde ficava a Rádio Nacional, a líder de audiência das emissoras e usina de ídolos brasileiros. Quem sabe um dia seria um deles? Mas, por hora, precisava deixar os sonhos de lado e lidar com a luta pela sobrevivência naquela enorme cidade.

RUA
GENERAL
PEREIRA
DA SILVA



Por intermédio do violinista Fritz, Abelardo alugou de Gustavo Gemini, um fabricante de violinos e batutas, um quartinho no porão de uma casa na rua Cândido Mendes nº 56, na Glória, a 80 mil réis por mês. Com isso, os 200 mil com os quais chegara ao Rio de Janeiro lhe possibilitariam sobreviver por apenas dois meses. Um almoço num restaurante modesto saía a 1.200 réis; uma média e pão com manteiga – sua refeição mais constante –, a 600 réis. Ele precisava o quanto antes arranjar trabalho. Era isso ou passar as noites cariocas tendo um banco de praça como leito e o céu como cobertor.

O rapaz ficou sabendo que o Café Nice, no Centro da cidade, era frequentado por artistas. Poderia ser um bom local para fazer contato e conseguir uma indicação de trabalho. Como sempre em sua vida, toparia qualquer coisa que lhe oferecessem.

Foi até a avenida Rio Branco nº 174, o endereço do famoso café, mas não encontrou artista algum. Frustrado, chegou a pensar se não seria melhor ter desembarcado no Recife. Mas foi um desânimo que durou apenas 15 segundos. Havia enfrentado de tudo nos seus 22 anos sem jamais entregar os pontos; não seria naquela hora que ia fazer isso.

Em vez do Café Nice, passou a ir quase que diariamente a um bar mais modesto, também no Centro. Acabou ficando amigo de alguns artistas em início de carreira, que, assim como ele, também lutavam por um lugarzinho ao sol. Numa roda de conversa, ouviu sobre a Casa do Estudante do Brasil, uma república que abrigava estudantes vindos de outros estados que não tinham onde ficar. Foi ver o que poderia conseguir lá.

Ao chegar à república, encontrou Medeiros Lima, um conterrâneo que também se mudara para a capital. A experiência na Rádio Club de Pernambuco acabou sendo sua salvação. Graças a Medeiros, em novembro de 1939 foi contratado como speaker da Casa do Estudante do Brasil, cuja presidente era Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, esposa do ex-goleiro do Fluminense Football Club Marcos Carneiro de Mendonça.

Na emissora, o rapaz apresentava *A Hora Artística e Literária*, um programa da CEB transmitido pela Rádio Ministério da Educação, dirigido pela pianista Georgette Remy. Devido ao seu terceiro ano em Medicina, que voltou a cursar na Faculdade de Medicina do Instituto Hahnemaniano, era apresentado como o acadêmico Abelardo Barbosa. Também conseguiu moradia na república, o que lhe poupava a despesa com aluguel.

Levada ao ar pela PRA-2 todos os domingos, a partir das 19h, *A Hora Artística e Literária* apresentava crônicas da professora Magdala de Souza Pinto, recitais de canto com a professora Alda Cunha de Miranda, acompanhada pelo pianista Renzo Massarini, e o noticiário da Casa do Estudante do Brasil, lido pela voz rascante de Abelardo.

Abelardo soube de uma vaga na Rádio Vera Cruz e resolveu conferir. Foi bater à rua Buenos Aires nº 168, onde ficava a modesta emissora. Conversou com o padre Elpídio Cotia, um dos diretores da rádio, de onde saiu contratado como locutor comercial com salário de 100 mil réis. Na Vera Cruz, além de ler anúncios e nomes de músicas, também montava, dirigia e apresentava um programa que ia ao ar das 20h às 22h30.

Com os dois empregos, tinha ao menos como comprar o que comer. Não ia precisar “filar a boia” na casa de um e outro amigo para driblar a fome, como fizera repetidas vezes.

Um importante contato que Abelardo fez foi com o jornalista e compositor Aldo Cabral, autor, em parceria com o clarinetista Benedito Lacerda, de “Boneca”, canção gravada com muito sucesso pelo “caboclinho querido”, Sílvio Caldas.

Eu vi numa vitrine de cristal
Sobre um soberbo pedestal
Uma boneca encantadora
No bazar das ilusões

Aldo estava editando uma revista sobre música, chamada *Vitrine*, e precisava de alguém para escrever sobre os novos lançamentos em disco. Convidou Abelardo para assinar uma coluna. Já era mais um trocado que receberia por esse trabalho.

Na Rádio Vera Cruz, Abelardo fez amizade com Miguel Gustavo, um garoto de 17 anos que trabalhava como discotecário da emissora. O rapazinho virou seu companheiro na árdua peregrinação à caça de patrocinadores que acreditassem nos seus programas. Os anúncios eram a alma dos programas, pois o dinheiro matinha as atrações no ar e pagava os salários. Não eram raras as respostas negativas que o esforçado pernambucano recebia, o que de vez em quando fazia com que ele desabafasse com seu jovem amigo:

— *Gustavo, eles têm que acreditar em mim! Eles vão acreditar em mim! Senão, eu quebro tudo e vou embora!*

Enquanto isso, fora do ambiente radiofônico, Abelardo frequentava a Galeria Cruzeiro, na avenida Rio Branco, onde havia um conjunto de lojas, bares, restaurantes e uma estação de bonde. Intelectuais, artistas e políticos adotaram o local como ponto de encontro para suas animadas conversas. Foi ali que Abelardo reencontrou Nestor de Holanda, seu amigo dos tempos recifenses e parceiro das suas primeiras experiências como locutor. O rapaz havia chegado ao Rio a bordo do navio *Itaquera*. Ele, que era jornalista, acabou indo trabalhar com Abelardo como redator na Rádio Vera Cruz. O speaker o incumbiu de escrever diariamente um soneto para que ele lesse na programação da rádio.

Todos os dias, às 11h, Abelardo lia os sonetos escritos por Nestor. Após o programa, saíam para almoçar. Cada um pagando o seu prato, porque, segundo Nestor, “dinheiro não havia para pagar dois almoços.” Sabedor da pindaíba de dar dó na qual Nestor vivia, Abelardo lhe propôs uma opção para economizar um pouco de seus mirrados proventos. Os dois poderiam morar juntos, alugando um quarto – o filho de dona Aurélia havia trancado a faculdade e não podia mais morar na república –, cujo aluguel dividiriam. Foi o que fizeram.

Abelardo ainda conseguia poupar mais alguns cruzeiros por não fumar e não beber, além de fazer suas refeições no próprio quarto. Nada de gastar dinheiro na rua com besteira. Mas, no Carnaval de 1941, ele acabou se permitindo dar uma volta pela avenida Rio Branco, onde era realizado o desfile das grandes sociedades. Na companhia de Nestor, chegou inclusive a

tomar algumas doses. Próximo à Galeria Cruzeiro, topou com uma morena que chamava a atenção: alta, cabelos longos, pele sedosa. Deu um sorriso para a beldade, e ela retribuiu de imediato. Fraco para a bebida, já estava “de pilequinho”. Animou-se a dar uma bitoca na moça. Quando avistou o que Abelardo fazia, Nestor deu um berro:

— *Beija não, Abelardo, isso aí é homem!*

Ao ouvir aquilo, Abelardo prestou melhor atenção em determinados detalhes: os pés e as mãos da moça eram bem grandes, e ela tinha pomo de Adão, como todo rapaz. Descobriu que havia beijado um travesti. Sua reação foi dar um tabefe na dama e correr desembestado junto com Nestor, antes que as amigas da agredida surgissem para vingar a falta de cavalheirismo do surubinense. Em seguida, a dupla acabou indo parar num baile infantil, de onde foi expulsa. O resto da noite ficou apagado da memória, restando somente uma ressaca de matar na manhã seguinte.

Para conseguir mais algum dinheiro, Nestor de Holanda colaborava em publicações como a revista *A Scena Muda*. Além disso, compunha canções como o frevo “Regina”, uma parceria com o cantor Jorge Tavares.

***Pra onde vais, Regina,
Regina, meu amor?
Vai vestir a tua Colombina
Que eu quero ser o teu Pierrot***

Abelardo, que era despachado em diversas situações, mas tímido quando o assunto era pedir algum favor, evitava aporrrinhar os amigos. Fugia de incomodá-los contando sua difícil situação. Mas como vivia tempos de chamar sola de sapato de contra-filé, tomou coragem e resolveu recorrer a um conterrâneo que também fora para a capital.

Fernando Lobo, seu amigo dos tempos do Colégio Marista e integrante do Bando Acadêmico, também se mudara para o Rio de Janeiro. Chegara à capital com cartaz de compositor de sucesso e animador do Carnaval pernambucano. No Rio, já tinha composições gravadas por gente famosa como Nuno Roland, Gilberto Alves e Almirante. Estava trabalhando na Rádio Tupi.

Os amigos se encontraram, colocaram a conversa em dia e Abelardo tomou coragem para falar da sua situação periclitante. Fernando disse ao amigo que por coincidência havia uma vaga de speaker na Tupi. Ia tentar conseguir um teste para ele. No dia seguinte, Abelardo estava no quartinho que dividia com Nestor de Holanda, na rua Augusto Severo, quando o porteiro veio avisar que havia um telefonema para ele. Desceu até o térreo, onde ficava o aparelho. Era Fernando Lobo:

— *Escuta aqui, Abelardo. Tem uma vaga de locutor aqui. Interessas? — Puxa, se interessas. — Qual o teu horário na Vera Cruz?*
— *De 20h30 às 22h.*
— *Capricha, porque eu vou dar um jeito de o Teófilo de Barros te ouvir.*



Abelardo com Florinda no aniversário do seu primeiro filho, Jorge.

O rapaz ficou apreensivo quando soube que teria de passar pelo crivo de Teófilo de Barros, mais um pernambucano no Rio de Janeiro. No Recife, o diretor artístico da Tupi fora integrante da Jazz Band Acadêmica, conjunto rival do Bando Acadêmico na noite da capital pernambucana. E se o homem guardasse alguma mágoa por algo que tivesse acontecido no passado?

No dia marcado para a entrevista na Tupi, Abelardo vestiu seu único terno e partiu. Como não tinha dinheiro para pagar o bonde, foi andando do seu quartinho na Glória até a rua Santo Cristo, no Centro, onde ficava a emissora. Diante de um atento mas nada ameaçador Teófilo de Barros, deu o melhor de si, como Fernando Lobo havia orientado. Embora não tenha tido o desempenho de um César Ladeira, o “príncipe dos locutores”, terminou contratado com um salário de 400 mil réis mensais.

Abelardo, um tímido avesso a farras, quis comemorar sua contratação, ou melhor, “bebemorar” com Fernando Lobo, seu benfeitor. Tomou uma carraspana com ele e com Antônio Maria, outro recifense que também viera tentar a sorte na capital e trabalhava como comentarista esportivo na Rádio Ipanema. Antônio e Fernando Lobo dividiam um apartamento no Edifício Souza, perto da Cinelândia, com mais dois amigos, o compositor baiano Dorival Caymmi e... o terrível Teófilo de Barros, futuro chefe de Abelardo na Tupi, que de terrível nada tinha. O surubinense passou a aparecer no apartamento de vez em quando, onde acabava dormindo na vaga de algum dos rapazes que tivesse arranjado melhor lugar para passar a noite.

Numa madrugada, Abelardo e Antônio Maria chegaram de porre no apartamento e deram início a um bate-boca que só terminou quando Fernando Lobo acordou e deu uma bronca nos dois. Passaram-se algumas horas e Fernando levantou-se para ir ao banheiro. Quando chegou lá e abriu a porta, viu Abelardo na banheira, mergulhado na água gelada, debatendo-se mais do que rabo de lagartixa, enquanto Antônio Maria, com quase dois metros de altura e mais de 100 kg, estava sentando com seu enorme traseiro no peito do rapaz. Cansado, Abelardo tinha resolvido tomar um revigorante banho de banheira, terminando com o peso da “consciência” de Antônio Maria sobre ele, que, com uma concentração de monge tibetano, lia uma revista sem se dar conta da condição em que o amigo se encontrava. Se Fernando Lobo não tivesse aparecido naquele momento, o banho do surubinense teria lhe proporcionado o descanso eterno.

Embora tivesse comemorado bastante sua entrada na Rádio Tupi, não foi dessa vez que a sorte sorriu de orelha a orelha para o incansável Abelardo. Após alguns dias trabalhando na emissora, uma sinusite o deixou arriado. E, para completar, alguns ouvintes telefonaram para a rádio queixando-se do sotaque nordestino do novo speaker. Isso deixou o rapaz profundamente aborrecido.

Tanto que ele decidiu submeter-se a uma cirurgia no septo, a fim de dar um jeito na sua voz. Retornou à rádio, tentando se adaptar às exigências dos ouvintes. Entretanto, não foi bem-sucedido em seu intento. Olavo de Barros, diretor interino da emissora e profissional

que dava muito valor a uma boa voz, acabou por demiti-lo. Ao menos foi isso o que Abelardo concluiu, até de maneira conformada, pois se considerava mesmo um speaker ruim. Como já não tinha mais o programa da Casa do Estudante do Brasil e a Rádio Vera Cruz entrara em falência em maio de 1941, estava mais uma vez desempregado.

Raul Brunini, um speaker com quem fizera amizade, indicou-o a Ovídio Grotera, diretor da Rádio Sociedade Fluminense, em Niterói, que lhe empregou como locutor. Porém, a emissora acabou sendo comprada por Rubens Berardo, cuja primeira providência ao tomar posse da rádio foi realizar algumas demissões. Abelardo acabou entrando nessa onda.

Foi bater novamente à porta da Rádio Tupi, onde conseguiu apenas uma vaga de contrarregra do apresentador Paulo Gracindo e outra para ser assistente de Almirante. Na emissora, conheceu outro rapaz em luta pela sobrevivência, que trabalhava como contrarregra. Seu nome era Jorge Veiga, jovem nascido no Engenho de Dentro, que sonhava em ser cantor. Ele já havia participado de um 78 rotações do acordeonista, Antenógenes Silva, e se apresentado nas rádios Educadora e Guanabara, onde conheceu Gracindo, que o levou para trabalhar com ele. Como Chacrinha, Jorge esperava apenas um empurrãozinho na carreira para despontar para o sucesso cantando seus sambas bem-humorados.

O radioator Ramos de Carvalho acabou indicando Abelardo para trabalhar também como propagandista numa loja na rua da Assembleia, chamada O Toalheiro. Seria um dinheirinho a mais, o que já ajudava, uma vez que seu salário na Tupi não era grande coisa.

De posse de um microfone e uma caixa de som, usava de toda a sua criatividade e irreverência para atrair a clientela que passava pela porta da loja – bem parecido com o que fazia naquela camisaria em Recife. Quando avistava alguma beldade, o convite para conhecer a variedade de roupas de banho do estabelecimento vinha acompanhado de um galanteio do tipo:

— *Alô, moça bonita, venha ver o que tem aqui para comprar!*

Certo dia, ao passar pela rua da Assembleia e avistar Abelardo na porta da loja se esgoelando e fazendo todo o tipo de maluquice para chamar a atenção dos fregueses, Enver Grego, locutor e corretor de anúncios de rádio, o abordou. Estava de casamento marcado e precisava de um substituto na Rádio Club Fluminense para o programa no qual trabalhava diariamente, de 9h ao meio-dia.

— *A família da minha noiva não quer de jeito nenhum que continue trabalhando em rádio. Eu vou transferir meu programa. Topa?*

Desnecessário dizer que o convite foi aceito na mesma hora. O Toalheiro ficou sem o seu propagandista fora do eixo. Infelizmente, as duas semanas de Abelardo substituindo Enver Grego na emissora de Niterói não saíram como o esperado. Novamente, o pernambucano foi traído por seu sotaque nordestino, e também pela irreverência, pois fazia brincadeiras no ar que não agradaram os anunciantes, que pressionaram a diretoria. Ele acabou perdendo seu horário e foi afastado do microfone. Ao menos não ficou desempregado, pois colocaram-no para trabalhar como discotecário e programador. Nesta segunda função, recebia um dinheiro por fora dos divulgadores das gravadoras, os “caititus”, que, no desejo de ter seus artistas

executados na rádio, não se furtavam a abrir suas carteiras e deixar um “agrado” para o novo programador.

A partir das 23h, a programação das rádios era composta basicamente por música suave e leitura de poesias. Tudo voltado para que o ouvinte tivesse um sono calmo e tranquilo. Abelardo ouvia aquilo e ficava matutando. Um dia foi falar com Souza Barros, diretor artístico da Rádio Club Fluminense. Tinha uma ideia inovadora: um programa nessa faixa das 23h diferente de tudo o que as rádios apresentavam. No lugar da música clássica e das declamações, haveria sambas e marchinhas, os grandes sucessos do Carnaval. Seria um programa para manter o ouvinte acordado.

Souza Barros comprou a ideia. Abelardo poderia levar o seu programa ao ar, mas precisava criar um título original. Disse:

— *Precisamos de nomes exóticos para todos os programas da nossa estação, de modo a distingui-la ao primeiro ouvido das outras emissoras.*

Abelardo apresentou várias sugestões e Souza Barros também mostrou as dele. Mas nenhuma foi satisfatória. Na volta para casa, cruzando a Baía de Guanabara dentro da barca da *Cantareira*, Abelardo ia pensando num título. Era um programa com músicas de Carnaval. Portanto, o nome tinha que ter algo que remetesse a isso. Acabou chegando a *Rei Momo na Chacrinha*, em referência a um dos principais personagens da grande festa popular e à sede da emissora, localizada numa pequena chácara à rua General Pereira da Silva, próximo à praia de Icaraí.

No dia 1º de dezembro de 1943, uma quarta-feira, às 23h, os ouvintes que sintonizavam na Rádio Club Fluminense ouviram um arranjo da ópera *Aída*, de Verdi, que Abelardo escolheu como prefixo – uma criação, na base da camaradagem, de seus amigos da Tupi, o maestro Guerra Peixe e o técnico Pereira – para o *Rei Momo na Chacrinha*, que entrava no ar. Além dos sambas e das marchinhas, a atração também tinha como trunfo a irreverência de seu apresentador.

Nessa estreia, Abelardo contou com a participação do cantor Moreira da Silva, apelidado por César Ladeira como “o tal”, a comediante Zezé Macedo e o amigo Roberto Mendes, com quem criava os textos para a atração. Durante as duas horas de duração do programa, Abelardo gritou frases engraçadas no meio das músicas, e se valeu de um novo talento descoberto, o de sonoplasta. Ele fazia sons com panelas, louças, talheres e latas. Também usava a gravação de um vozerio e uma buzina bem parecida com a de um certo caminhão da sua infância em Campina Grande. Entrevistou Zezé Macedo e Moreira da Silva sobre suas expectativas para o Carnaval que se aproximava. Quem sintonizou na PRD-8 deve ter tido certeza de que o programa estava sendo transmitido de um enorme salão no qual se realizava um baile pré-carnavalesco.

Rei Momo na Chacrinha virou o sucesso da madrugada nas páginas do jornal *Diário de Notícias*. Era apresentado como “o programa alegre da PRD-8”. Quem trabalhava no horário noturno agora tinha o irrequieto Abelardo Barbosa como companheiro. Já os ouvintes que desejavam dormir acabavam fazendo isso mais tarde, pois a algazarra que saía do rádio era contagiante. Impossível colar a cabeça no travesseiro para o “sono dos justos” enquanto no

baile radiofônico Francisco Alves cantava “Eu brinco” (de Pedro Caetano e Claudionor Cruz).

Com pandeiro ou sem pandeiro

Eh eh eh eh, eu brinco

Com dinheiro ou sem dinheiro

Eh eh eh eh, eu brinco

Porém, como dizia a letra da canção, “tudo se acaba na vida”, e com o Carnaval de 1944 não ia ser diferente. Com o fim dos festejos de Momo, vinha a Quaresma, período no qual os fiéis do cristianismo se preparavam para a Páscoa, arrependendo-se dos pecados cometidos. O tempo litúrgico era levado muito a sério pelas emissoras; músicas carnavalescas estavam fora de cogitação. Como queria manter no ar o “programa alegre da PRD-8”, Abelardo tratou de descartar o Rei Momo e sacar um novo título para a atração niteroiense.



Abelardo com a mãe, dona Aurélia.

Se foi ou não durante outra viagem de volta ao Rio numa barca *Cantareira*, não se sabe ao certo. Fato é que a inspiração surgiu mais uma vez para Abelardo, que apareceu na rádio com o novo nome do qual o programa precisava. Agora as noites da PRD-8 iriam irradiar o *Cassino da Chacrinha*. A vida noturna da capital do Brasil girava em torno de cassinos como o da Urca, do Quitandinha, do Cassino Atlântico, e havia até um perto da emissora, ali em Icaraí. Era um ótimo nome.

No seu novo programa, o apresentador passou a levar para os lares de seus ouvintes a sensação de estar num autêntico cassino fluminense, com roletas, carteado, crupiês, vedetes e cantores, muitos cantores, que ele descrevia da maneira mais louca possível.

— *Aracy de Almeida está uma beleza estonteante com a sua saia ciclame, bolero cor de abóbora, cinto branco de legítimo couro de besouro, enorme chapéu azul com uma fita amarela e uma rosa vermelha, sapatos preto e vermelho, pul seiras de dentes de camundongo, colares de macarrão e uma figa de jacarandá autêntico da Bahia, comprada na feira de Nova Iguaçu. E, oh, perfume que Aracy está usando, eu não te aguento. Perfume francês ali no duro. Estou até embriagado com as ondas olorosas. Sou capaz de fazer uma besteira!*

Tendo o operador de som como único companheiro de trabalho nas noites niteroienses, Abelardo revivia os tempos em que estudava para o vestibular lá no Recife. Dentro do pequeno estúdio da Rádio Club Fluminense, trabalhava apenas de cueca e com um lenço branco amarrado na cabeça. Em casa, o ouvinte que dava asas à imaginação e vislumbrava um Abelardo Barbosa vestindo um elegante *summer jacket*, parecido com o de Humphrey Bogart em *Casablanca*, mal sabia que o sujeito que lhes falava estava na verdade bem à vontade, usando uma larga samba-canção branca.

Diretamente do salão do seu cassino, o apresentador com “um parafuso a mais” também levava ao ar entrevistas com artistas como Aracy de Almeida, Orlando Silva, Francisco Alves e até o espanhol radicado na Argentina, o “rei do bolero”, Gregorio Barrios, que, em visita ao Brasil para shows nos cassinos Atlântico e Quitandinha, não poderia deixar de prestigiar o estabelecimento de Abelardo Barbosa. Na verdade, esses bate-papos não passavam de entrevistas previamente gravadas, que o pernambucano sagaz levava ao ar dando a impressão de que eram realizadas no momento em que o programa estava sendo transmitido. Para isso, enquanto o acetato com as gravações girava, ele e o técnico de som faziam ruídos de roleta girando, fichas das apostas esparramando-se nas mesas e os gritos de “preto 26”, “a casa ganha” e assim por diante. Tudo para manter o cassino “funcionando”.

— *Ora, salve, salve, Orrrlando Silva, o cantor das multidões. Trajando impecável smoking cor de telha nova, com uma piteira de um metro e meio do mais puro âmbar, lá vem ele entrando no grill do nosso Cassino da Chacrinha. Alô, alô, Orlando Silva, como vai você? Tudo azul para o seu lado? “A jardineira” continua fazendo um sucesso*

dos diabos, hein, Orlando? Cante para nós “A jardineira”! Alô, Orrrlando Silva! Como “vais” você?

— Vou navegando, Chacrinha, navegando...

— Tudo azul para o teu lado? E “A jardineira” vai mesmo para as cabeças?

— É, de fato parece que “A jardineira” vai mesmo abafar nesse Carnaval.

— Então, o Humberto Porto deve estar feliz. Palmas para o Orrrlando Silva, que ele merece! Maestro, mete lá “A jardineira”, que o Orrrlando Silva vai interpretar diretamente do Cassino da Chacrinha!

Ao final da fala, Abelardo botava para rodar o 78 rotações com a marchinha composta por Benedito Lacerda e Humberto Porto.

Oh, jardineira, por que estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu?

Foi a camélia que caiu do galho

Deu dois suspiros e depois morreu

Foi a Camélia que caiu do galho

Deu dois suspiros e depois morreu

Os ouvintes nem imaginavam que aquilo tudo não passava de uma gravação. Também não tinham noção do trabalho que Abelardo tinha para conseguir convencer esses artistas a se despendarem até o estúdio da rádio em Niterói, para gravar os acetatos. De posse das entrevistas gravadas, vinha a segunda parte da trabalhadeira. O rapaz precisava juntar os efeitos sonoros de um disco, as palmas logo após cada resposta do artista, o vozerio e o espaço para o texto dos anunciantes.

Mas houve uma noite em que uma entrevista foi realizada realmente lá dentro da chacrinha de Icaraí. Foi quando Moreira da Silva fez mais uma visita ao programa. Moreira, um intérprete de sambas com letras bem-humoradas que falavam da malandragem carioca, que havia inaugurado o *Rei Momo na Chacrinha*, também se fez presente no *Cassino*. Um de seus sucessos era “Acertei no milhar”, de Wilson Batista e Geraldo Pereira.

Etelvina (O que é, Morengueira?)

Acertei no milhar!

Ganhei quinhentos contos

Não vou mais trabalhar

Para ironizar aqueles que criticaram seus dotes de speaker, Abelardo passou a dar ênfase nos erres, uma característica de Cesar Ladeira, o mais respeitado dos mestres do microfone. Por isso os ouvintes do *Cassino da Chacrinha* o escutavam dizendo “Orrrlando Silva” e “rrrealmente”.

Numa madrugada, voltando de Niterói depois de ter apresentado o programa, com dinheiro no bolso depois de tanto tempo de privações, pôde “fazer uma graça” e parar para tomar uma

média na Cinelândia, no bar Amarelinho. Também estavam por lá Cesar Ladeira, a cantora e rainha das radioatrizes, Zezé Fonseca, o apresentador Manoel Barcellos e outros ídolos do rádio. Alguém o reconheceu e gritou:

— *Aquele ali é o rapaz que faz O Cassino da Chacrinha!*

Imediatamente, todos correram em direção à mesa onde o surubinense estava, para lhe dar os parabéns pelo excelente trabalho e conhecê-lo melhor. Logo depois, chegaram Cyro Monteiro e “o cantor que dispensa adjetivos”, Carlos Galhardo, ambos também interessados em conhecer o tal “doido varrido da rádio de Niterói” do qual o povo nas ruas tanto falava. Depois de cinco anos de Rio de Janeiro, num sofrimento de heroína de novela da Rádio Nacional, Abelardo vivia um bom momento.

ABELARDO
CHACRINHA
BARBOSA



Reconhecimento é muito bom, mas não enche barriga. O dinheiro continuava movendo o mundo, sem ele não era possível pagar um bife com ovos numa casa de pasto no Centro da cidade. Ser o apresentador do *Cassino da Chacrinha* ainda não era aceito como moeda corrente em estabelecimentos comerciais fluminenses. Sendo assim, Abelardo precisava complementar o seu pagamento na rádio com outras atividades que rendessem mais alguns cruzeiros – a nova moeda do país desde a reforma monetária de 1942. Nas horas de folga, o rapaz continuava perseguindo anunciantes para o seu programa.

O número de ouvintes do *Cassino da Chacrinha* aumentava a olhos vistos. Até os turistas estrangeiros tornavam-se fãs do animado programa da Rádio Club Fluminense. Foi o que aconteceu com um casal de uruguaios, cujo marido, iludido por todos os efeitos de sonoplastia que Abelardo fazia, acreditou piamente na existência do tal cassino da PRD-8.

Certa noite, ele e a esposa vestiram-se impecavelmente, como se fossem ao Cassino da Urca, e partiram para Niterói. Atravessaram a baía com o táxi transportado por uma das balsas que faziam tal serviço, desembarcaram e seguiram para arriscar a sorte no jogo e assistir aos shows apresentados por Abelardo Barbosa. Ao chegar à chácara em Icaraí, estranharam aquela construção modesta, com patos, galinhas e gansos andando de um lado para outro no jardim sem a adequada manutenção. Nada de carros luxuosos estacionados, pessoas entrando e saindo e porteiros com aquele uniforme de almirante e sorrisos de 150 dentes a receber quem chegava. Abriram a portinha da casa e o que viram foi Abelardo nos seus habituais e escassos trajes, cheio das quinquilharias que usava para fazer os sons que iludiam ouvintes como o fã urguaiou. Aquele era o verdadeiro Cassino da Chacrinha.

Por essa época da visita do casal de uruguaios ao seu “estabelecimento”, Abelardo andava com a vida amorosa em dia. Quando moleque em Campina Grande, ele viveu as angústias de um amor platônico por uma menina do colégio e companheira nas festas da pracinha. Jamais se declarou à pequena. Depois, quando foi para o Recife, teve o namoro com aquela jovem da capital pernambucana, que foi visitá-lo no *Bagé* pouco antes da viagem ao Rio. Até que, na capital do país, em 1944, conheceu numa festa Renita de Castro. Era uma mulher de cabelos negros bem-tratados, dos quais se orgulhava bastante, vivos olhos castanhos e sobrancelhas bem-desenhadas. O speaker acabou se encantando pela moça, que era desquitada e apreciadora das qualidades masculinas. Mas o estado civil da jovem não pareceu problema para ele, que se mudou para o apartamento na avenida Mem de Sá nº 253, onde ela morava.

Enquanto vivia momentos de alta temperatura com a fogosa Renita, na chácara da rua General Pereira da Silva Abelardo viu seu programa pegar fogo. Literalmente. Certa noite, houve um princípio de incêndio no estúdio. Mais do que depressa, Abelardo e seu técnico correram para a rua. Enquanto aguardavam a chegada do corpo de bombeiros, o pernambucano teve que lidar com o olhar desconfiado da vizinhança, que não sabia quem era aquele sujeito seminu. Deu muita sorte de não ter sido preso por atentado ao pudor ou levado

pela assistência como maluco, depois de os enfermeiros lhe aplicarem um bom “sossega leão”.

O *Cassino da Chacrinha* ia muito bem, contando com ouvintes fiéis em Niterói, São Gonçalo, Maricá e Rio de Janeiro. A PRD-8 recebia cartas endereçadas a seu apresentador parabenizando-o pelo ótimo trabalho e fazendo sugestões, muitas delas aproveitadas por Abelardo. Tamanha popularidade acabou despertando as emissoras concorrentes, uma delas, a Rádio Club Guanabara, a PRC-8, que terminou por fazer uma oferta salarial bastante interessante para Abelardo, que não teve como declinar. Além de ter um pouco mais de dinheiro na carteira, gastaria menos tempo para chegar ao trabalho, que dessa vez seria no Centro da cidade.

Em fevereiro de 1945, Abelardo já estava em outra emissora. Estreou na Rádio Guanabara no mesmo horário, 23h, com a mesma irreverência, mas nome diferente. Por exigência de Gilberto Andrade, diretor da emissora, o programa foi rebatizado como “Cassino Guanabara”. Era um título sem apelo, uma vez que o anterior já era conhecido e poderia trazer um público cativo do período em que Abelardo era da PRD-8. Mas se os patrões exigiam, ele aceitava; não estava em posição de contestar.

Rapaz esforçado, Abelardo conseguiu um segundo emprego. Foi trabalhar como discotecário na Rádio Mauá. Era um trabalho que já havia feito na Rádio Club Fluminense, do qual não gostava, mas, como precisava pagar suas contas, fez de bom grado. Independentemente dessas chateações, no seu *Cassino Guanabara* o apresentador tinha motivos para comemorar. No Carnaval de 1946, foram muitas as músicas de sucesso executadas no seu programa, que tornaram o reinado de Momo ainda mais animado. Uma delas era “O Boteco do José”, uma marchinha de Wilson Batista e Augusto Garcez, interpretada por Linda Batista:

Vamos lá, hoje é de graça
No Boteco do José
Entra homem, entra menino
Entra velho, entra mulher

Porém, apesar da boa audiência, a experiência na Rádio Guanabara durou pouco tempo. Em 2 de setembro de 1946, Abelardo estava em nova emissora. A oferta de um salário melhor o fez levar sua alegria para a Rádio Tamoio, que pertencia ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e que tinha como diretor Anselmo Domingos. Todas as noites, às 22h30, o apresentador irradiava seu programa, que voltava a se chamar *Cassino da Chacrinha*. Em novembro passou também a apresentar na Tupi, juntamente com Carlos Pallut, Jaime Moreira Filho e Atila Nunes, o programa *Carnaval de 47*. Na atração, a seleção de speakers do “cacique do ar”, como a Tupi era chamada, apresentava os sambas e marchinhas que iriam esquentar a grande festa popular do próximo ano.

Em 31 de janeiro de 1946, Eurico Gaspar Dutra tomou posse como novo presidente do Brasil. No dia 30 de abril, assinou o decreto-lei 9.215, que proibia os jogos de azar no país. Alegava que o jogo era prejudicial à família brasileira, cujos chefes, arriscando a sorte em

roletas e cartas, terminavam arruinados. Porém, o que se comentava era que dona Santinha, a primeira dama, uma extremada católica, exercera pressão sobre o marido. Com isso, os cerca de setenta estabelecimentos existentes no país encerraram suas atividades. Menos um.

Mesmo com a proibição de Dutra, na Rádio Tamoio o cassino de Abelardo Barbosa continuava em plena atividade. Levava ao ar quadros como “Carnaval do Rio Antigo”, “Maestro Recordação” e “Parada Triunfal dos Sucessos da Semana”. Contudo, da mesma maneira que acontecera com aquele fã uruguaio ao ouvir o programa, o jornalista José Mello acreditou nos truques de sonoplastia e, nas páginas do *Jornal do Commercio*, demonstrou toda a sua indignação:

É estranho que uma estação de radiotelefonía se dê ao desplante de permitir que um cidadão de duvidosa sanidade mental transmita um programa de um antro de perdição, um templo de vício, de um cassino, um programa que atenta contra o bom senso, a ética e a moral.

Um delegado do Departamento Federal de Segurança Pública leu o artigo e, depois de também ouvir o programa, decidiu tomar providências. Numa noite, reuniu um destacamento e partiu para a avenida Venezuela nº 43, endereço da Rádio Tamoio. Quando ele e seus homens chegaram ao segundo andar do prédio, onde ficavam as instalações da emissora, não encontraram o mundaréu de infratores entregues à jogatina, como era imaginado. Só o que havia era Abelardo em mais uma noite de labuta, levando música e alegria para os ouvintes.

Foi uma desmoralização. A imprensa desceu o sarrafo no delegado trapalhão, que, como forma de diminuir o vexame ao qual o Departamento Federal de Segurança fora exposto, acabou fazendo uma retirada até a poeira baixar.

Além dessa trapalhada do governo, Abelardo ainda teve de lidar com a malandragem de sua antiga emissora. Descobriu que a Rádio Club Fluminense estava novamente transmitindo o *Cassino da Chacrinha*, agora tendo como apresentador Carlos Weber. A PRD-8 demitira Abelardo, mas quando seu sucesso em outra emissora se multiplicou, resolveu tirar proveito disso. Ele tratou de tomar providências contra esse abuso – recorreu a um advogado, que notificou a rádio a fim de que ela cessasse imediatamente o oportunismo.

• • •

Quem acabou vindo morar no Rio de Janeiro foi dona Aurélia. A mãe de Abelardo veio para a Cidade Maravilhosa acompanhada de uma jovem chamada Maria Polazzi, a Iaiá. Apesar dos cinco filhos – que, já criados, preferiram ficar em Recife –, o coração daquela mãe pernambucana tinha bastante espaço, e Aurélia tratava a moça, que tinha a mesma idade de Abelardo, como se fosse uma filha que o destino lhe dera.

Para se manter na capital, dona Aurélia abriu uma pensão no bairro de Botafogo. Abelardo, embora permanecesse tratando a mãe com frieza, pois mesmo após tantos anos continuava sem aceitar seu desquite de Antônio Medeiros, acabou indo morar com ela. Nessa época, o rapaz já havia terminado seu romance com a também desquitada Renita.

Tudo caminhava bem. Até que Abelardo precisou se afastar do seu programa. Foi necessário operar uma maldita hérnia umbilical, que aparecera para aporrinhar a vida. Para

substituí-lo enquanto se recuperava da cirurgia, a direção da Tamoio colocou Júlio Louzada, que, desde 1940, quando a emissora ainda era Rádio Educadora do Brasil, lia diariamente, às 18h, a Oração da Ave Maria.

— *São 18h, ouvintes do Brasil.*

Dizia isso de maneira solene, para em seguida dar início à oração em louvor à Nossa Senhora.



Além desse programa de cunho religioso, Louzada também participava da *Matinê Tamoio*, atração que reunia os grandes nomes do elenco da PRB-7, como os cantores Vicente Celestino e Albênio Perrone, o casal de sambistas Zé e Zilda, a Orquestra Tabajara e o regional de Benedito Lacerda. Ele também podia ser ouvido no programa para “senhoras, senhoritas e meninas”, o *Vesperal das Moças*.

Com tanta experiência, Louzada não fez vergonha durante os 15 dias nos quais substituiu Abelardo Barbosa à frente do *Cassino da Chacrinha*. Evidentemente, não era como o surubinense, que se fosse submetido a uma pesquisa genealógica poderia ter descoberto em sua árvore um grau de parentesco com os Irmãos Marx.

No dia do retorno do dono do programa, Júlio Louzada o saudou entusiasticamente:

— *E agora, com vocês, de volta, o nosso querido Abelardo Chacrinha Barbosa!*

Louzada não deve ter se dado conta, mas com essa apresentação havia realizado uma crisma radiofônica. Estava rebatizando seu colega de trabalho. Dava-lhe um novo nome, que iria crescer de uma maneira jamais imaginada.

o DISC
JOCKEY
Nº 1



Abelardo com Florinda.

Apesar de seu comportamento de poucas palavras com a mãe, Abelardo aceitou muito bem a irmã postiça que ela lhe dera. Ele e Iaiá mantinham um ótimo relacionamento, o que amenizava um pouco o sofrimento de dona Aurélia. Não tinha o sorriso do filho, mas ao menos sua “filha de coração” era bem-tratada.

Maria Polazzi viera para o Rio de Janeiro já com emprego garantido. No Recife, trabalhava no setor de contabilidade da construtora Brandão Magalhães e conseguiu uma transferência para a sucursal carioca da empresa, na avenida Rio Branco nº 137. Nesse novo ambiente de trabalho, Iaiá acabou fazendo amizade com Florinda, uma jovem três anos mais nova que ela, filha de um casal de portugueses. Tornaram-se companheiras inseparáveis.

Um dia, na hora do almoço, as duas amigas encontraram o restaurante que sempre frequentavam lotado. Iaiá convidou Florinda para uma ida até Botafogo, a fim de provar do tempero de dona Aurélia. Quando chegaram à pensão, encontraram Abelardo, que estava almoçando para logo em seguida ir para a Tamoio preparar seu programa.

Enquanto era servida por dona Aurélia, Florinda percebia os olhares que Abelardo lançava em sua direção. Ela acabou retribuindo, observando aquele rapaz um tanto desengonçado, de olhos pequenos e bigode mal-aparado. À noite, ele já havia conseguido com Iaiá o número do telefone da moça. Ligou da rádio, mas nada disse. E precisava? Florinda soube muito bem de quem se tratava. Soube e gostou.

A brincadeira de bancar o admirador misterioso ao telefone se estendeu por um mês. Até uma tarde na avenida Rio Branco, quando Abelardo se encontrava como locutor da Semana do Trânsito. Ao microfone, ele repetia frases que clamavam por maior prudência ao volante:

— *Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto.*

Ou:

— *Espere o sinal, não espere a morte.*

Enquanto continuava com seu trabalho de conscientização na base do medo da morte, avistou Florinda e Iaiá indo almoçar. Imediatamente, foi tomado por uma vontade doida de falar com a jovem. Largou o microfone e correu em sua direção. Atravessou a rua sem olhar, quase sendo atropelado – por ironia, segundos antes, falava dos cuidados que os pedestres deviam ter, como, por exemplo, atravessar a rua com atenção. Ele alcançou Florinda e lhe fez uma declaração de amor. Os dois começaram a namorar.

Deolinda, a mãe da jovem, já era falecida; Florinda vivia com o pai, Antônio Vaz Carneiro, um senhor de conduta retilínea e severa. Quando ela lhe apresentou o namorado, contando que ele era apresentador de um programa na Rádio Tamoio, o português não gostou. Para ele, o povo do sem fio era artista, e artista não era gente que se dava ao respeito. Ele não chegou a proibir o namoro, mas estabeleceu uma série de restrições. Marcava o casal

como um beque do Vasco, seu time.

Devido ao ritmo de trabalho de Abelardo, o casal só podia se encontrar aos sábados e domingos. E, seguindo a ordem de seu Antônio, os encontros tinham que ser sempre na presença de Iaiá, ou no portão da casa de Florinda, na rua Joaquim Palhares, no Estácio.

Mas, como sempre ocorre em histórias de amor, as limitações impostas pelo pai de Florinda só tornaram a paixão entre o jovem casal mais forte. Eles faziam valer cada segundo das horas semanais de que dispunham para matar a saudade. Num desses encontros, Abelardo deu seu primeiro presente à amada: um cordão com uma medalhinha de São Jorge, dizendo:

— *Meu amor, estou te dando essa medalha de São Jorge, de quem sou devoto. Quando nos casarmos e tivermos o nosso primeiro filho, se ele for um menino, vai se chamar Jorge.*

A paixão fez até amolecer o coração de Abelardo em relação a dona Aurélia. Florinda gostava muito da mãe do namorado e ficava incomodada com a maneira indiferente como ele tratava a senhora. A jovem teve uma longa conversa com Abelardo, expondo o quanto ele estava sendo injusto para com aquela que passara por tantos sacrifícios para criar a ele e aos outros irmãos. Abelardo, que, por amor à bela “portuguesinha”, até torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama havia se tornado, deixou de bobagem e voltou a falar direito com a mãe. Mais do que isso, voltou a ser o garoto amoroso dos tempos de Campina Grande. E agradeceu a Florinda por tê-los feito voltarem às boas.

Seis meses depois daquela cinematográfica declaração de amor na avenida Rio Branco, Abelardo e Florinda ficaram noivos. Porém, tamanho era o respeito do rapaz pelo pai de sua namorada que no dia do pedido quem o fez foi dona Aurélia. A bênção foi dada pelo velho português, que afrouxou um pouquinho a guarda. Agora, com alianças nos dedos, os dois jovens já podiam ir ao cinema nas tardes de sábado sem Iaiá para “segurar vela”. Falavam-se todos os dias ao telefone, comentando sobre o que haviam feito durante o dia, além de trocarem juras de amor eterno.

Feliz no amor, Abelardo também sorria na vida profissional. O alegre speaker da Rádio Tamoio colhia elogios por seu jeito diferente de trabalhar. Na revista *A Scena Muda*, era apontado como o primeiro representante de uma nova categoria de apresentadores que surgia nos Estados Unidos: “Abelardo (Chacrinha) Barbosa é no Brasil o que os norte-americanos chamam de ‘disc jockey’ e, entre nós, merece com mais justiça ser apelidado nosso Disc Jockey nº 1.”

A ótima audiência do *Cassino da Chacrinha* fez com que Abelardo gozasse de uma excelente relação com as gravadoras de discos. Todas elas queriam ter seus artistas executados no programa do pernambucano. Tornou-se comum as fábricas mandarem para o estúdio da PRB-7 as provas dos novos discos, para que a primeira execução se desse no único cassino brasileiro em funcionamento.

O apresentador também era muito querido entre os compositores, que sabiam que ter uma canção na programação do *Cassino da Chacrinha* era um grande passo para o sucesso. Germano Augusto e Wilson Bastista demonstraram sua gratidão ao speaker compondo uma

marchinha em sua homenagem, “O Baile da Chacrinha”, que foi “posto na cera”, na interpretação de Linda Batista.

Vamos, Mariana
Veste essa baiana
Eu tenho a certeza,
Você vai ser rainha
Eu quero, quero, quero
Quero me acabar
Lá no baile da Chacrinha

Abelardo Chacrinha Barbosa também ia se tornando muito querido entre seus colegas no meio radiofônico. Ari Monteiro, compositor de canções como “Maxixe do beijo” (com Roberto Martins), “Imigrante” (com Irani de Oliveira) e “Padroeira do Brasil” (com o “rei do baião”, Luiz Gonzaga), tornou-se um grande amigo. Ele o colocou em contato com um importante anunciante, O Mandarin.

Esta era uma conhecida loja especializada em chapéus e fantasias, situada à avenida Passos nº 77, no Centro. Fechou contrato com Abelardo Chacrinha, que, a partir daí, todas as noites, no meio das canções que executava, cantarolava:

— *O Mandarin manda ou não manda?*

O grito terminou se tornando bastante popular entre os fãs da atração da PRB-7, que o repetiam nas ruas, além de se tornarem clientes da loja. E também nas entrevistas que apresentava no *Cassino da Chacrinha*:

— *E o Mandarin, manda ou não manda, Orrrlando Silva?*

— *Ora se manda...*

— *Então, Orrrlando Silva, quando você passar lá pela avenida Passos, entra no Mandarin e compra o enxoval pra tua noiva. Que preços, Dona Catarina! O Mandarin ficou maluco e botou tudo pra torrar!*

Depois de um ano de noivado, no dia 17 de setembro de 1947, às 16h, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no bairro da Glória, José Abelardo Barbosa de Medeiros e Florinda Vaz Carneiro uniram-se nas sagradas leis do matrimônio. O feliz casal não se encontrava numa situação confortável, por isso foi morar com o pai de Florinda, na casa da rua Joaquim Palhares, no Estácio. Orgulhoso, Abelardo não aceitou muito bem esse arranjo. Cedeu apenas depois de a esposa muito insistir. Mário, irmão da jovem, também havia se casado não fazia muito tempo, e ela temia que com sua saída seu Antônio sofresse com a solidão. Florinda conseguiu convencer Abelardo depois de expor essa sua preocupação.

Foram dias difíceis, mas, como dificuldades não eram novidade na vida daquele pernambucano prestes a completar 30 anos, ele não se deixou abater. Houve inclusive um lado positivo em dividir o teto com o sogro. Seu Antônio terminou por comprovar que havia realmente entregue a filha em boas mãos, pois aquele rapaz, que até as paredes da casa

pintava, não era um sujeito de fugir do trabalho. Nasceu entre os dois uma forte amizade, um carinho de pai e filho. Coisa tão forte que, nas pequenas brigas do casal, o português bonachão acabava tomando partido do genro.

Embora para os ouvintes aparentasse ser um sujeito que jamais perdia o bom humor, Abelardo sentia um enorme ciúme de Florinda. Nem por decreto permitia que a esposa vestisse calça comprida. Além disso, ficou incomodado com a amizade entre Florinda e Jarbas, seu irmão, que também se mudara para o Rio de Janeiro. Se com sangue do seu sangue já ficava incomodado, com estranhos fazia questão de vê-los bem distantes de sua cara-metade.

Todo mês, Abelardo entregava seu ordenado inteiro nas mãos de Florinda, um hábito surgido desde os tempos de noivado. Era realmente a atitude mais inteligente a se tomar. Afinal, quem melhor do que uma contadora para lidar com o dinheiro da casa? A única exigência de Abelardo era que a esposa pagasse todas as contas, não deixando nenhuma pendente. A jovem fazia isso, além de comprar utensílios para a casa que, tinha fé, um dia eles haveriam de ter.

Enquanto isso, o recém-casado Abelardo Chacrinha Barbosa ia à caça de mais anunciantes para o seu programa. Saía cedo de casa para começar a bater às portas dos estabelecimentos comerciais a fim de saber quem queria ter o seu “nome fantasia” gritado no *Cassino da Chacrinha*.

Era um ótimo negócio ter o nome de seu estabelecimento citado na atração das noites da Rádio Tamoio. A dupla Benedito Lacerda e Herivelto que o diga. Em novembro de 1947, os dois haviam lançado com o Trio de Ouro, trio vocal formado por Herivelto, sua esposa, Dalva de Oliveira, e Nilo Chagas, a marchinha “Minueto”. Porém, a música não decolava, continuava uma ilustre desconhecida para o público.

Até que os autores decidiram recorrer a Abelardo Barbosa. Entregaram a ele o 78 rotações com a gravação, torcendo para que o speaker a transformasse no sucesso que acreditavam que seria. Tiveram seu desejo atendido. Foi ouvir a marchinha no programa e correr às lojas em busca da bolacha com a canção. Contudo, a Odeon havia colocado na rua somente 120 discos, que se esgotaram em apenas um dia. Mais do que depressa, a gravadora correu para fabricar uma nova tiragem, dessa vez, bem maior.

Com isso, no Carnaval de 1948, muita gente nos salões dançou e cantou a composição de Benedito e Herivelto.

A situação financeira de Abelardo era de aperto, mas nada parecida com a penúria que passara em sua infância. O pernambucano costumava dizer que nos tempos de criança em Campina Grande a pobreza era tanta que ele e os irmãos só comiam bem quando dona Aurélia os levava para fazer uma visita à casa de sua avó materna. Mas agora tinha ao menos fartura à mesa e o amor de Florinda para o que desse e viesse.

Entretanto, em 1º de agosto de 1948, ocorreu um incidente que iria trazer grande dor de cabeça para o Disc Jockey nº 1. Renita de Castro, sua ex-namorada, foi encontrada desacordada se esvaindo em sangue depois de ter sido atingida na cabeça por uma machadinha. Junto à cama da mulher foi encontrada uma foto de Abelardo com uma dedicatória datada de 1944.

Por conta dessa foto, Abelardo foi intimado a depor. Como quem não deve não teme, o rapaz foi à delegacia. Mas também, como o seguro morreu de velho, foi acompanhado de um advogado. Chegou sorridente, não se negando a falar sobre seu relacionamento com a vítima para a imprensa. Ele explicou que conhecera a mulher em 1943, chegando a morar com ela por um tempo, mas que havia muitos anos, desde o término do romance, não a encontrava. Acrescentou que estava casado e bastante feliz.

Como não havia realmente nada que envolvesse Abelardo com o incidente, ele foi liberado e pôde continuar tocando sua vida. Mas o caso continuou se desdobrando. Enquanto era carregada na maca para dentro da assistência, Renita balbuciou para os enfermeiros:

— *Foi o Oswaldo.*

Essas palavras fizeram com que a polícia desse início a uma busca a todo Oswaldo que tivesse passado pelo apartamento nº 44 da avenida Mem de Sá. Cinco rapazes chegaram a prestar depoimento alegando inocência. Tudo isso com a imprensa tratando a vítima por “a mundana Renita”.

Porém, como diz o poeta, “o mal do malandro é pensar que só a mãe dele fez filho esperto”. Dias depois, a polícia divulgou que a história não passava de uma farsa engendrada por Renita, a fim de livrar seu amante. A verdade é que, durante uma discussão, o jovem estudante de medicina com o qual ela se relacionava a atingira com a machadinha na cabeça. Depois de sair do coma e voltar para casa, Renita, que havia perdido os cabelos negros dos quais tanto se orgulhava, desapareceu juntamente com seu mancebo.

Livre da encalacrada em que fora envolvido sem ter culpa alguma, Abelardo pôde aproveitar a maior de todas as suas alegrias: seu primeiro filho, Jorge Abelardo, nascido no dia 9 de julho, que, como prometido, recebeu o nome do santo de devoção do seu pai.

“O campeão de audiência dos animadores sem auditório”, como a *Revista do Rádio* o apresentava em suas páginas, continua-va com seu cassino aberto. Sempre às 23h na Rádio Tamoio era possível ouvi-lo dizer:

— *E lá está o “rei da voz”, Francisco Alves, sentado ao lado de Aracy de Almeida, o “samba em pessoa”, na mesa 54.*

Mas como acontecia nos tempos da Rádio Club Fluminense, volta e meia Abelardo Chacrinha também recebia visitas importantes, como as das cantoras Linda Batista e Flora Matos.

O *Cassino da Chacrinha* também passou a contar com mais um importante anunciante para reforçar suas finanças. De propriedade dos senhores Dilermando Paiva e Lizandro Amaral, O Dragão dos Tecidos era uma grande loja situada à avenida Marechal Floriano nº 197, especializada em vender tecidos pelo melhor preço da praça. Depois da entrada do novo e poderoso anunciante, Abelardo Chacrinha passou a iniciar seu programa gritando:

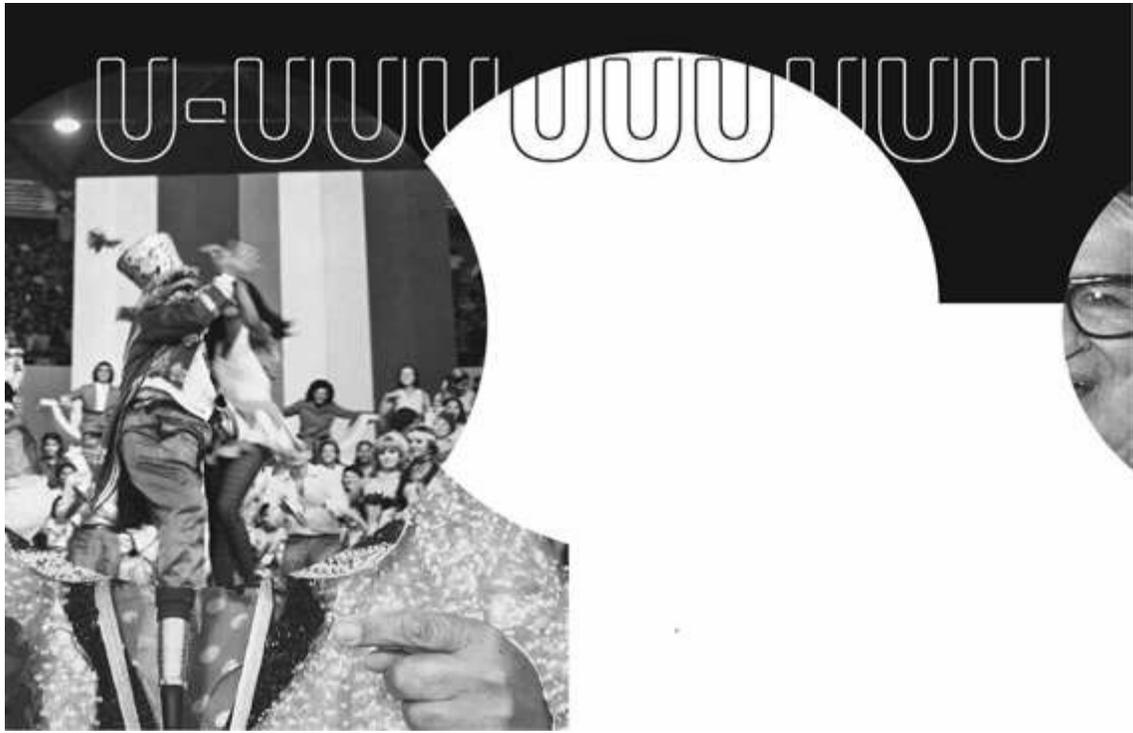
— *Salve o Dragão dos Tecidos!*

Com o patrocínio desta loja, o *Cassino da Chacrinha* instituiu o “concurso da nota de mil

cruzeiros”, que recebia cartas de todo o Brasil de ouvintes que sonhavam em obter o grande prêmio. Na mesma época da confusão com a problemática Renita, em agosto de 1948, houve uma edição de gala do programa, transmitida diretamente do auditório da Rádio Tamoio. Além dos proprietários do Dragão dos Tecidos e da onipresente Linda Batista, a festa também contou com a participação do trombonista Raul de Barros e de Miguel Gustavo, aquele jovem amigo de Abelardo, dos tempos na Rádio Vera Cruz, com quem se queixava das negativas que recebia dos anunciantes. Os dois viviam bons momentos, com Miguel contratado da Rádio Globo como redator e produtor de uma criação sua, *As Mais Belas Páginas* – programa no qual declamava poesias –, e Abelardo, finalmente, tendo anunciantes que o ouviam.



Abelardo com os três filhos.



O dono de uma loja de discos no Centro do Rio havia encomendado uma leva de 78 rotações do americano Blue Barron e sua orquestra com a canção “I’m looking over a four leaf clover” (Harry Woods e Mort Dixon), acreditando que faria boas vendas. Porém, sua ideia não pareceu muito brilhante, pois a compra encalhou. Mas, numa ocasião, quando tocava a canção no seu estabelecimento, recebeu a ilustre visita de Abelardo Chacrinha Barbosa, que a ouviu da rua e quis saber mais sobre ela. O Disc Jockey nº 1 propôs livrar o lojista do estoque que já começava a ficar empoeirado. Tão logo passou o Carnaval de 1949, os ouvintes do *Cassino da Chacrinha* passaram a ouvir a canção no alegre programa da PRB-7.

***I’m looking over a four leaf clover
That I overlooked before
First is the sunshine, the second is rain
Third is the roses that bloom in the lane¹***

Na semana de 21 a 26 de março, “I’m looking over a four leaf clover” já ocupava o quarto lugar entre os discos estrangeiros mais vendidos. O lojista do Centro da cidade livrou-se do seu encalhe e tratou de encomendar mais “bolachas”, já que a clientela passou a procurar o disco com a canção que ouvia no *Cassino da Chacrinha*. Como fizera com o “Minueto” de Erivelto Martins e Benedito Lacerda, Abelardo Barbosa transformava mais uma canção em um sucesso.

Chacrinha – os jornais aposentaram o Abelardo, chamando-o apenas pelo “sobrenome” dado por Júlio Louzada – organizou no Teatro Carlos Gomes um grande baile pré-carnavalesco, no qual fez o que sabia fazer melhor: divulgar as novas músicas que iriam animar o Carnaval que se aproximava. A festa, realizada no dia 30 de janeiro de 1950, contou com nomes como Dircinha Batista, Carlos Galhardo, Gilberto Alves, Aracy de Almeida e Blecaute (Otávio Henrique de Oliveira), um negro sorridente, sempre muito bem-vestido, cuja cor da pele rendeu o apelido “cantor colloid”. Blecaute interpretou o samba cujo nome iria se tornar sua alcunha: “General da Banda” (Tancredo Silva, Sátiro de Souza e José Alcides).

***Chegou o general da banda, ê ê
Chegou o general da banda, ê ah, ê ah***

Aracy de Almeida também colocou todo o Carlos Gomes para dançar ao interpretar uma nova marchinha da dupla Haroldo Lobo e David Nasser, chamada “Hoje vale tudo”.

O jornal *Diário da Noite* chamava Chacrinha de “o grande lançador de novidades carnavalescas”. Os compositores o adoravam, mas ele também passou a lidar com um

assédio no estúdio da Tamoio que começou a incomodar. Quando o Carnaval se aproximava, começava a romaria de autores à PRB-7 a fim de que Abelardo Barbosa desse seu toque de Midas em suas composições. Ele nunca se negava a ajudar; entretanto, havia momentos em que os mais insistentes o faziam perder o bom humor. Certa vez, comentou:

— *Qualquer dia irei trabalhar com uma submetralhadora a tiracolo.*

Mas também havia visitas no estúdio da Tamoio que deixavam Abelardo Barbosa muito emocionado. Certa vez, o disc jockey foi surpreendido por um grupo de motoristas de táxi que queriam presenteá-lo com uma carteira de couro de crocodilo com o seu monograma em ouro. Os profissionais do volante o tinham como um fiel companheiro durante as corridas noturnas pelas ruas cariocas, já que as músicas e graças que fazia durante o seu *Cassino* ajudavam a aliviar a dureza do trabalho. Emocionado, Chacrinha aceitou o agrado e, a partir dessa noite, sempre dedicava uma música aos taxistas.

Quando seu contrato com a Tamoio foi se aproximando do fim, as emissoras concorrentes começaram a procurá-lo. A mais insistente foi a Rádio Guanabara, onde, no passado, Abelardo havia apresentado o seu cassino com o nome da emissora. Seus diretores chegaram a fazer uma proposta tentadora.

Chacrinha não estava satisfeito com a Tamoio. Seus altos índices no Ibope fizeram crescer o olho da emissora, que passou a querer uma fatia maior daquilo que o disc jockey arrecadava com anunciantes. Abelardo expôs para o jornalista Borelli Filho todo o seu descontentamento:

— *Eu ainda acabo levando o meu Cassino para outra estação. A Tamoio está de encher!*

Porém, a PRB-7 não tinha a mínima vontade de perder um de seus nomes mais populares. Sendo assim, uma proposta melhor foi feita, e em julho de 1950, na presença de Murilo Gondim e Paulo Gamon, diretores da Tamoio, um sorridente Chacrinha assinou um contrato para mais dois anos de permanência na emissora. Além disso, a Tamoio desistiu de meter a mão na renda dos anunciantes que ele obtinha para o Cassino.

Com sua situação contratual resolvida, Chacrinha prosseguiu com seu programa. Inclusive apresentando uma nova faceta sua, a de compositor, pois, de tanto divulgar as músicas dos outros, acabou com vontade de compor as suas. Uma delas foi uma polca-baião em parceria com José Gonçalves, intitulada “Disco voador”, que tratava do interesse do homem pela vida fora do planeta Terra.

Eu vi, eu vi, eu vi

Um disco voador

Eram duas horas da manhã

Quando ele passou

A noite estava clara como dia

Céu estreladinho como quê

Desapareceu e nada mais

Eu pude vê

*Uns dizem que é da Terra
Outros dizem que é do alto
De onde é que ele vem?
Vovó anda assustada
Do que dizem por aí
No dia em que ele cair
O mundo vai se despedir
No dia em que ele cair
O mundo vai se despedir*

Chacrinha também voltou a exercitar seu talento como jornalista ao assinar na *Revista do Rádio* a “Chacrinha Musical”. Na coluna, cuja estreia se deu no dia 15 agosto de 1950, o “rei dos disc jockeys” comentava as novidades no mundo musical e radiofônico. Era um excelente veículo de divulgação para os artistas e também para seu trabalho, um precioso complemento ao programa na Rádio Tamoio. Nas páginas da revista, Abelardo Barbosa publicava notas como:

Os compositores Benedito Lacerda e David Nasser estão preparando um samba que terá a mesma carreira de “Normalista”. Trata-se de “Datilógrafa”, em homenagem à classe.

Jorge Veiga e Paulo Gracindo (este último, popular galã do rádio carioca) gravaram recentemente em disco Continental o samba “Cada vez mais tem cartaz”.

O primeiro conjunto brasileiro a levar a nossa música ao estrangeiro foi Os Batutas, em 1922.

“Olhos verdes”, de Vicente Paiva, e “Tudo acabado”, de J. Piedade, são as mais recentes criações de Dalva de Oliveira – o disco já está à venda.

Na coluna, Chacrinha ainda publicava “Sucessos da Semana”, uma seleção de dez canções obtidas através de uma enquete realizada nas gravadoras, lojas de discos e pedidos feitos por telefone para o *Cassino da Chacrinha*, e “Recomendamos Para Você”, outra lista de dez canções, mas desta vez baseada no gosto do Disc Jockey nº 1.

Graças ao alcance das ondas da Tamoio, seu trabalho ia se tornando bastante conhecido. Ele recebia cartas dos Estados Unidos, da Argentina, do Uruguai, do Chile, assim como dos lugares onde vivera, como Recife, Campina Grande, Caruaru e até de Surubim, uma conquista que o fazia cair no choro.

No dia 18 de setembro de 1950, surgia no Brasil uma revolucionária novidade em matéria de comunicação: a televisão. Sua vinda para o Brasil havia sido uma iniciativa de Assis Chateaubriand, cujo interesse era expandir seu império das comunicações, que já contava

com imprensa escrita, rádio e agora esse novo veículo.

Dois meses antes, em 4 de julho, houve uma transmissão experimental em circuito fechado, com o mexicano José Francisco Guadalupe Mojica, um cantor que abraçou a carreira religiosa, tornando-se frei, interpretando algumas canções para as cinco mil pessoas que se aglomeraram diante de dois aparelhos posicionados no Centro da cidade, um na rua Sete de Abril, onde ficava o saguão dos Diários Associados, e outro na praça Dom José Gaspar.

Para a inauguração, como não havia aparelhos na cidade – lojas de eletrodomésticos exibiam alguns em suas vitrines, que custavam oito cruzeiros, uma quantia bem alta –, Chateaubriand espalhou, em pontos estratégicos da cidade, duzentas “caixinhas mágicas” para que a população pudesse assistir à inauguração da sua TV Tupi, canal 3. Durante duas horas e quarenta minutos, os espectadores assistiram ao espetáculo *TV na Taba*, o primeiro programa da televisão brasileira. Ao final da primeira transmissão, a cantora Lolita Rodrigues interpretou o “Hino da televisão”, de Marcelo Tupinambá e Guilherme de Almeida.

*Vingou como tudo vinga
No teu chão Piratininga,
A cruz que Anchieta plantou.*

A fim de compor o elenco da emissora, o magnata das comunicações reuniu nomes do rádio, que, após algum treinamento para lidar com as câmeras e outros equipamentos necessários para a novidade, passaram a aparecer na tela pequena.

Além desse importante momento nas comunicações, o ano de 1950 era de eleições presidenciais. O candidato que despontava nas pesquisas era Getúlio Vargas, que, deposto em 1945, após quinze anos como ditador, tencionava voltar ao poder pelo voto. Chacrinha acabou participando ativamente da campanha de outro candidato, Cristiano Machado, do Partido Social Democrático (PSD), apresentado como “o candidato da democracia”. Todos os dias, no Largo da Carioca, a partir da 13h, Abelardo relembrava os tempos de O Toalheiro. Mas vendendo outro tipo de produto:

— *Salve! Salve! Cristiano é o maior!*

Para o jornalista da *Revista do Rádio* que o entrevistou, Chacrinha deu sua justificativa:

— *Minha atividade aqui é simplesmente profissional e, se o voto não fosse secreto, muita gente ficaria surpresa com o que leria na minha cédula.*

Cristiano Machado não contava com o apoio de seu locutor contratado e nem do próprio partido, que achou mais proveitoso aliar-se a Getúlio e deixar o colega de PSD abandonado. E não deu outra, mesmo: Vargas foi eleito presidente, e com isso seu retrato voltava a ser pendurado em todas as paredes das repartições públicas. Essa reviravolta inspirou os compositores Haroldo Lobo e Marino Pinto a criarem “O retrato do velho”, machinha gravada por Francisco Alves que, por ironia, chegou a se muito reproduzida no programa de Abelardo Barbosa.

Bota o retrato do velho outra vez

Bota no mesmo lugar

O casal Barbosa recebeu novamente a visita da cegonha. E, dessa vez, em dobro. Em 18 de dezembro de 1950, Florinda deu à luz os gêmeos José Renato, o Nanato, com 3,5 kg, e José Aurélio, o Leleco, com 3,2 kg. Dias depois do nascimento dos meninos, Chacrinha recebeu a visita de uma equipe da *Revista do Rádio*. Cercado pelos três filhos e sua amada Florinda, Abelardo confienciava ao repórter sua vontade de que Leleco e Nanato se tornassem, respectivamente, engenheiro e advogado, enquanto Jorge deveria se tornar o médico que ele, Chacrinha, não havia conseguido ser.

Com a chegada dos gêmeos, a casa do sogro ficou apertada. O dinheiro ganho com seu programa na Tamoio e com o baile no Teatro Carlos Gomes, somado a uma ajuda do senhor Carneiro, possibilitou a compra de uma casa no bairro do Rocha, na Zona Norte do Rio. Agora o chefe de família ao menos convivia com a tranquilidade de saber que Florinda e os meninos tinham sua casa própria, onde seu Antônio também acabou indo morar. O português, vascaíno até a medula, incumbiu-se de converter os netos em fiéis seguidores do “Gigante da Colina”, levando-os sempre, juntamente com a filha, a São Januário para assistir aos jogos. Abelardo não era muito de acompanhar futebol. No passado, numa daquelas entrevistas para a *Revista do Rádio*, chegara a declarar-se torcedor do Fluminense, mas também passou a jurar fidelidade ao Vasco da Gama.

Apaixonado por Florinda com a mesma chama do tempo em que eram namorados, Abelardo sempre cuidava para manter o romance em dia. No Natal, no Dia dos Namorados, no Dia das Mães e no aniversário da amada, Chacrinha costumava acordá-la com presentes e muitos beijos. Mas num dos aniversários de Florinda, resolveu ousar. Enquanto ela ainda dormia, encheu o quarto com flores. Com três filhos para criar e uma casa para administrar, Florinda nem lembrava que dia era. Quando acordou, se assustou com a surpresa.

1 *Estou procurando um trevo de quatro folhas/ Que antes ignorei/ A primeira é a luz do sol, a segunda é a chuva/ A terceira são as rosas que florescem no chão*



— *Pra que essas flores no quarto? Eu morri?*
— *Hoje é teu aniversário, meu amor! Lembra?*

Mesmo com todas as dificuldades, Abelardo não media esforços para oferecer o melhor para sua família. Era um pai que não pensaria duas vezes em dar até a própria vida pelos filhos. Todos os dias saía de casa disposto a laçar um novo anunciante para seu programa. Um desses novos patrocinadores acabou por fazê-lo inventar mais um de seus populares bordões.

Apresentada em uma fórmula revolucionária, cujo vidrinho de 120 ml equivalia a quatro garrafas das concorrentes, a água sanitária Clarinha também passou a ter seu nome entoado pelo Disc Jockey nº 1. No estúdio da Tamoio, enquanto no toca-discos rodava Dorival Caymmi cantando sua composição “Lá vem a baiana” ou Dircinha Batista (a irmã caçula de Linda) com “Barulho na tribo” (de Benedito Lacerda e Haroldo Lobo), o dono do cassino bradava a plenos pulmões:

— *Clarinhaaaaaaaaa, u-uuuuu!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

Outro anunciante que Chacrinha conseguiu trazer para a “Discota” graças à sua corretagem publicitária foi Kessel, um fabricante de capas para automóveis. Para anunciá-lo, o disc jockey dizia:

— *Kessel é o maior, está com tudo e não está prosa!*

Ele dizia tudo isso com sua voz esganiçada, que muita gente criticava, dizendo que ele era o pior speaker do sem fio. Na coluna “Rádio Confusão”, do jornalista Borelli Filho, na revista *Governador*, de São Paulo, Chacrinha comentava essas críticas de maneira bem-humorada:

Eu posso não ser um bom locutor, mas, em compensação, canto como um desesperado no meu cassino. Qualquer dia a Tamoio vai me mandar atuar na rádio patrulha.

Em abril de 1951, Chacrinha estreou no jornal *Diário da Noite*, assinando uma nova coluna, A Discoteca do Chacrinha. Como na *Revista do Rádio*, oferecia aos leitores o que havia de mais recente em música. E também apresentava “Os seis favoritos da semana”, uma seleção de seis cantores e suas canções feitas pelo “rei dos disc jockeys”.

Por falar em canções, Abelardo continuava com suas parcerias musicais. Em julho de 1951, o cantor Albertinho Fortuna lançou um samba de Chacrinha e seu amigo Nestor de Holanda, chamado “Esperança”. Era um samba que tratava do amor entre jovens de classes sociais diferentes.

Tu és da Escola Normal,

*Eu sou simples ginásial
Mas tu deves me esperar...
Guarda, meu bem, teu amor,
No dia em que eu for doutor
Haveremos de casar
Quando eu for um diplomata
Conhecido advogado
Famoso de Norte a Sul
Vê, meu bem, que coisa louca
Tu deixarás essa roupa,
Blusa branca e saia azul*

Percebendo a crescente popularidade de Chacrinha, em 1952 a diretoria da Rádio Tamoio convidou o apresentador para assumir o *Vesperal das Moças*, que patinava na audiência. Nos sábados às 14h, Chacrinha comandava a atração, que contava com uma plateia de verdade para ele entreter. Era um horário ingrato, pois, ao mesmo tempo, era transmitido na Rádio Nacional o *Programa Cesar de Alencar*, um campeão de audiência. Entretanto, o Disc Jockey nº 1 conseguiu levar bem a atração, mesmo lidando com um certo nervosismo por conta do desafio de estar cara a cara com o público. Ele ainda contava com o auxílio luxuoso dos comediantes Celeste Aída e Colé.

No *Vesperal das Moças*, Chacrinha agora contava também com cantores de carne e osso e não precisava mais recorrer a gravações. Apresentava cartazes das Associadas como Lúcio Alves, Araci Costa, Hélio Paiva e Dóris Monteiro, o “Brotinho das Associadas”, uma jovem de 17 anos que, no seu disco de estreia, lançado em outubro de 1951, já conquistava o sucesso com a canção “Se você se importasse”, de José Fernandes de Paula, o Peterpan.

*Se você se importasse
Com meu triste viver*

O programa, que antes de Chacrinha contava com no máximo dez espectadores na plateia, passou a ter seiscentos. E a duração, que era de apenas uma hora e meia, pulou para quatro horas. Além disso, o Ibope apresentava uma audiência cada vez maior para o programa do “desanimador de auditórios”, como o pernambucano irreverente se intitulava.

Em sua edição de 19 de abril de 1952, a coluna “Rádio” do jornal *A Noite* era só elogios para Chacrinha e sua nova empreitada:

Sem favor, o Vesperal das Moças animado por Abelardo Barbosa todos os sábados a partir das 14 horas, diretamente do grande auditório da Tupi e transmitido pela Tamoio, é dos mais populares da rádio carioca atualmente no gênero. O homem do Cassino da Chacrinha conseguiu fazer do Vesperal das Moças das maiores atrações das emissoras Associadas, e demonstra isso o fato verificado no sábado passado, quando pela primeira vez o vasto auditório da G3 conseguiu lotar a plateia, com ameaça ainda de faltar cadeiras no balcão.

O “rei dos disc jockeys” também passou a colaborar na revista *A Scena Muda* assinando, a partir de setembro de 1952, a coluna “Chacrinha Musical”. Era semelhante às duas outras que assinou, mas, como de costume, trazendo algumas novidades, como “Os discos preferidos”, seção na qual semanalmente um cantor apresentava os discos de sua preferência, e “Quadro de Honra”, em que destacava a carreira de um determinado artista.

Na mesma época em que Chacrinha estreava em *A Scena Muda*, o país perdia um de seus grandes ídolos. No dia 27 de setembro, vítima de acidente automobilístico, faleceu Francisco Alves. Foi uma comoção nacional, que deixou Abelardo bastante comovido. O “Chico Viola” era um de seus ídolos, um artista que tivera a oportunidade de conhecer e se afeiçoar pelo jeito carinhoso como tratava as pessoas.

Um dia após a morte do “rei da voz”, Chacrinha acabou protagonizando uma história no terreno sobrenatural. Às 18h, no estúdio da Tamoio, como de costume, Júlio Louzada rezou a Ave Maria. Logo após, pediu um minuto de silêncio em memória de Chico Alves. Abelardo, que estava ao seu lado, não conseguia conter as lágrimas. Subitamente, uma tecla do piano que havia no estúdio tocou sozinha. Para Júlio e o sonoplasta Salatiel Coelho, que também estava presente, era um camundongo passeando por dentro do instrumento. Mas para Abelardo não era um rato coisa alguma. Tratava-se era do Chico Viola, que mal chegara ao além e já estava mandando recado para os amigos. Apavorado, Chacrinha deixou o estúdio correndo mais depressa do que camelô quando ouve “olha o rapa!”.

Além da morte de um ídolo e amigo, Abelardo também teve que lidar com uma perda material. O *Cassino da Chacrinha* acabou sem um de seus anunciantes mais importantes. Após ter sua falência decretada, a fábrica da água sanitária Clarinha acabou cerrando suas portas. Foi uma pena, pois o programa perdia um de seus momentos mais aguardados. Os ouvintes adoravam ouvir o louco Abelardo gritando o nome do produto. Sendo assim, o Disc Jockey nº 1 achou por bem arranjar um outro nome feminino com a sonoridade semelhante à do falecido alvejante. Numa noite, Abelardo surgiu com sua “moça” substituta:

— *Terezinhaaaa, u-uuuuuuu!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

Chacrinha era sinônimo de Carnaval. Sempre que a festa se aproximava, seu nome era lembrado como um dos seus grandes impulsionadores. Em 17 de janeiro de 1953, o Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura realizou uma grande festa pré-carnavalesca na Quinta da Boa Vista. Era uma noite de música, iniciada às 20h30, que contava com a presença de nomes como Linda e Dircinha Batista, Angela Maria, Roberto Luna, o conjunto Anjos do Inferno, Adelaide Chiozzo, Roberto Paiva, Orlando Silva, Victor Simon, Osvaldo Medeiros, Blecaute, Gilberto Alves, Afrânio Rodrigues, Chocolate, Ernani Correa e seu ritmo, Zé e Zilda, Heleninha Costa, Os Cariocas, Jorge Veiga, Quatro Ases e um Coringa, Rui Rei, Jorge Goulart, e, lógico, Abelardo Chacrinha Barbosa.

Quando chegou à antiga residência da família imperial brasileira, Chacrinha encontrou o imenso gramado do local apinhado de gente. No momento em que ouviu seu nome ser chamado e a ovação do público, foi obrigado a encontrar forças para vencer o nervosismo que estar diante de tanta gente lhe provocava. Era o mesmo sentimento que lhe vinha durante todos os sábados no auditório da avenida Venezuela.

No palco, com o microfone, seu fiel companheiro de trabalho em quase dez anos de profissão, para lhe transmitir segurança, venceu os temores e começou a se comportar como se estivesse apresentando o *Vesperal das Moças*. Num dado momento, Abelardo Chacrinha entoou um dos gritos mais populares do seu programa:

— *Terezinhaaaaaa!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

Imediatamente, a multidão completou em uníssono:

— *U-uuuuuuuuuuu !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

Era a primeira vez que ocorria tal reação. E não ficaria somente nisso. A partir daquele dia, Terezinha e os “us” da plateia passaram a ocupar lugar cativo no imaginário brasileiro. A moça foi crescendo, crescendo. Cresceu tanto que não coube mais no estúdio da Rádio Tamoio. Ela saiu e foi para as ruas. De repente, surgiam várias moças se identificando como a musa inspiradora do famoso bordão do Chacrinha. Quem não se lembrava da água sanitária Clarinha era tomado pela curiosidade de saber sobrenome, telefone, endereço, histórico escolar e vida amorosa da Terezinha.



ALACR,
LIGUE &
TELEVISOR



O trabalho realizado por Chacrinha não ficava restrito ao Rio de Janeiro. Ele também era conhecido em outros estados, como São Paulo. Lá, Paulinho Machado de Carvalho, proprietário da Rádio Record, apreciava bastante tudo o que ouvia do Disc Jockey nº 1. A admiração foi tanta que ele marcou uma reunião com Abelardo e lhe apresentou uma proposta tentadora: por um bom salário, queria o *Cassino do Chacrinha* também na sua emissora.

Era uma oferta impossível de recusar, e em 2 de julho de 1955 o programa passou a ser a atração das noites de sábado e domingo da PRB-9. Com isso, Chacrinha trabalhava todos os dias da semana. Mas para um sujeito cuja principal preocupação era sempre a mulher e os filhos, isso não era problema. A renda ia aumentar, e Florinda e os garotos teriam uma vida cada vez melhor.

Nessa edição paulista do cassino, só havia duas coisas que incomodavam o apresentador: ficar longe da família no fim de semana e viajar de avião. Abelardo preferia enfrentar a extração de quatro sisos inclusos sem anestesia a entrar no “mais pesado que o ar”. Mas compromisso é compromisso, e, apesar da tremedeira, semanalmente ele encarava o desafio aéreo. Florinda e os meninos valiam qualquer sacrifício.

No horário das 23h, que os cariocas já conheciam muito bem, o público paulista passou a ouvir Abelardo Barbosa com seus efeitos de sonoplastia e relatando as ilustres visitas à sua casa de jogatina e música.

Ele prosseguia também com seus lançamentos do mundo do disco. Um deles era Jorge Goulart, cantor carioca também contratado da Record. Jorge andava com uma boa safra de sucessos em 1955, com canções como “Canta, Brasil” (de Alcir Pires Vermelho e David Nasser), “Lenço branco” (de Roberto Martins e Jair Amorim) e “A voz do morro” (de José Flores de Jesus, o Zé Kéti):

Eu sou o samba

A voz do morro sou eu mesmo, sim senhor

A versão paulista do *Cassino da Chacrinha* agradou o público, que passou a aguardar ansioso pelo programa da semana seguinte. No entanto, em outubro, Chacrinha acabou tirando uma licença. No seu lugar entrou o locutor Luís Ayala. E para não desagradá-lo levando ao ar um programa com seu nome, mas sem sua presença, a atração foi rebatizada como “Cassino B-9”.

Mesmo cansado, Abelardo Barbosa ainda arranjava tempo para impulsionar carreiras. Dóris Monteiro, uma de suas cantoras favoritas, acabou recebendo como sugestão conhecer um amigo de Abelardo, chamado Fernando César. Ele era um português que chegara ao Brasil ainda pequeno e herdara do pai a Carlos Pereira Indústrias Químicas. A fábrica era responsável por produtos como o sabonete Cinta Azul, a pasta Joia para automóveis e o

sabão Platino, para o qual Fernando compôs o jingle:

É Platino que lava de fato

É Platino que é bom e barato

Não eram apenas jingles que o empresário compunha. Ele também tinha em seus guardados um bom número de canções, as quais Chacrinha ouviu e gostou. Falou delas para Dóris Monteiro, que a princípio hesitou, acreditando se tratar de um diletante. Mas depois da insistência do disc jockey, a cantora acabou se encontrando com o português. Nasceu uma parceria de anos, com Dóris gravando várias canções de Fernando, uma delas, “Dó Ré Mi”:

É de você que vem a minha inspiração

Você é corpo e alma em forma de canção

Depois de algumas edições com seu substituto, Chacrinha voltou da licença e continuou tocando o seu cassino paulista. Entretanto, não demorou muito tempo à frente do microfone da Record. “O nordestino é antes de tudo um forte”, mas para tudo há um limite. Abelardo estava numa jornada para lá de puxada. Além de trabalhar de segunda a segunda, ainda havia o desgaste da viagem Rio-São Paulo, que por medo de avião acabava sendo feita de trem. Não dava mais para prosseguir, e em dezembro ele rescindiu o contrato com a rádio paulista.

Essa vida corrida começava a deixar marcas na sua aparência. Ainda não tinha 40 anos e sua cabeleira castanha já se encontrava bem grisalha, e seus olhos passaram a necessitar do auxílio de óculos. Contudo, se 1955 terminou com o que poderia ser considerada uma derrota, o novo ano traria uma ótima conquista para Abelardo Barbosa.

A televisão havia chegado ao Rio de Janeiro em 20 de janeiro de 1951, com a inauguração da sucursal fluminense da TV Tupi. Foi instalada no prédio da avenida Venezuela nº 43, onde ficavam as rádios Tupi e Tamoio. Enquanto cuidava do seu programa, Chacrinha testemunhou a chegada dos equipamentos, a montagem dos estúdios e a estreia dos primeiros programas.

Sempre que encontrava com os amigos Paulo Gracindo e Manoel Barcelos, cujos programas no rádio eram campeões de audiência, o Disc Jockey nº 1 lhes sugeria o ingresso na tela pequena. Fazia uma série de sugestões no caso de os dois terem seus próprios programas. Mas eles riam e achavam aquilo tudo uma bobagem. Preferiam continuar na segurança do sem fio a embarcar numa “moda passageira”.

E não eram somente os dois populares apresentadores que consideravam a televisão como coisa que não duraria. Para uma infinidade de pessoas, o aparelho não passava de um fogo de palha tecnológico destinado ao esquecimento. Além disso, ainda havia credices como: “Não toque na tela que dá choque”; “Se deixar muito tempo ligada, explode”; “Assistir por muito tempo deixa a pessoa cega”. Mas nada disso se aplicava a Chacrinha. Ele, que em casa possuía um aparelho de 21 polegadas da marca Zenith, acreditava em muitas possibilidades a serem exploradas no veículo. Dava suas sugestões aos colegas, mas a verdade é que desejava ter um programa para si.

Depois de passar anos apenas na vontade, em maio de 1956 Chacrinha teve enfim a oportunidade que tanto queria. Ele estreou na TV Tupi, logo com quatro programas de uma vez. Terças, às 18h30, apresentava *Festa no Arraial*; quartas, às 19h, *Musical Selo de Ouro*; quintas, às 18h30, *Sucessos Mocambo* e, nas sextas, às 18h30, *Clube da Camaradagem*. Todos transmitidos do antigo Cassino da Urca, novo endereço da TV Tupi.

No entanto, essa orgia de atrações televisivas teve curta duração, e em menos de um mês Chacrinha ficou com apenas um programa. Era a versão para a televisão da sua *Discoteca do Chacrinha*, que ia ao ar todas as terças às 12h50. Na atração, Abelardo Barbosa contou inicialmente com o auxílio de Wilma Rocha como sua locutora. Mas, pouco tempo depois, passou a apresentar sozinho, com seu desempenho que fugia do padrão comportado dos demais colegas de trabalho.

Se os outros apresentadores se mantinham estáticos diante da câmera, trabalhando em função dela, Chacrinha se movimentava até não querer mais. Para ele, a máquina é que deveria lhe servir, e não o contrário. Durante o programa, ele se movia na direção que bem entendia, e o operador que o acompanhasse. De vez em quando, sem a menor cerimônia, perguntava no ar para o contrarregista:

— *Já vai acabar o programa? O quê? Ainda faltam quatro minutos?*

Alguns críticos torciam o nariz. Como Hélio Tys, que, na *Revista do Rádio*, comentava:

Seu programa na TV é uma transposição exata do que faz em rádio. A mesma vitrolinha, as mesmas frases disparatadas, os mesmos absurdos.

As críticas foram ignoradas, e Chacrinha prosseguiu com a *Discoteca*. Mais do que isso, engatou uma nova atração na emissora, o *Rancho Alegre*. Exibido todas as quintas-feiras às 12h45, era um programa voltado para o público infantil, no qual Abelardo vivia o xerife de um pequeno vilarejo. No elenco ainda havia os atores Nelson Batinga, Helio Ribeiro, como o índio Jabaculê, e no papel do mocinho o cantor caubói Paulo Madalene Alves, o Paulo Bob, que Chacrinha conhecia de várias apresentações do *Vesperal das Moças* da Rádio Tupi.

Todas as quintas, na hora do almoço, a criançada era saudada por aquele sujeito de óculos, chapéu de caubói e estrela presa no peito:

— *Alô, garotada, rau!*

Entretanto, a pouca intimidade de Chacrinha e Paulo Bob com a arte de interpretar tornava o programa um tanto fora do eixo. A dupla não decorava as falas do roteiro, lia tudo minutos antes de o programa começar. Não eram raras as vezes em que, sem perceber, acabavam lendo até os comentários do redator. O xerife Chacrinha chegava a fazer as suas cenas com as folhas do roteiro na mão.

O contrarregista do *Rancho Alegre* e da *Discoteca do Chacrinha* se chamava Antônio Pedro de Souza e Silva, o Russo. Era um rapaz que não tinha nenhum dos dentes da frente, que foram perdidos no tempo em que era trapezista no circo do palhaço Carequinha, no Jardim

Botânico. Russo caiu com a boca no picadeiro, quando seu parceiro de trapézio que o segurava perdeu as forças e o soltou. Bom de trabalho, para ele não tinha tempo ruim; o que Chacrinha pedisse, ele dava um jeito de fazer antes mesmo de o disc jockey terminar a frase.

Abelardo não tinha um contrato com a TV Tupi. Conseguia levar seus programas ao ar graças aos anunciantes que conseguia na velha prática da corretagem. A *Discoteca* era patrocinada pela Indústria de Estofos Selo de Ouro, cujo proprietário era o Sr. Marcos Gandelman, e *Rancho Alegre*, pela Camisaria Progresso de Carlos Brandão. Porém, o patrocinador do programa infantil foi vítima de um incêndio, o que fez com que Chacrinha fosse novamente para a rua caçar um novo anunciante. Nessa busca, conheceu Venâncio Veloso, um dos donos da rede de mercados Casas da Banha, que passou a patrocinar o *Rancho Alegre*.

Venâncio Pereira Veloso começou nos negócios aos 16 anos, em 1938, em sua cidade natal, Bom Jardim, no interior fluminense. Ele comprava pão para revender na roça, de onde levava ovos e galinhas para vender na cidade. Em 1945, com o irmão Climério, que veio de Bom Jardim com a mãe e os outros quatro irmãos (dos quais três eram mulheres), fundou na capital o Armazém Nossa Senhora de Fátima. O estabelecimento ficava próximo ao Morro de São Carlos, onde vendia a crédito e abastecia as tendinhas da favela. O negócio foi se expandindo até virar uma rede de mercados, as Casas da Banha, nome usado a partir de 1955 e cujo símbolo, um porco, remetia à venda de animais, primeira atividade comercial dos Veloso. Um dos estabelecimentos foi aberto na avenida Rio Branco nº 33, o que foi considerado um absurdo, pois vender gêneros alimentícios no Centro da cidade não era uma prática. Acabou se tornando um sucesso, com a loja virando um ponto de referência comercial.

De anunciante, Venâncio passou a amigo e conselheiro de Chacrinha, sempre lhe apontando o melhor passo a tomar nos negócios, um campo no qual o apresentador era carente de habilidade. Feliz com o resultado da publicidade que era feita no *Rancho Alegre*, Veloso presenteou Abelardo com um carro. Deu a ele um Plymouth 1952, que acabou substituindo o Peugeot 1950 que o disc jockey possuía. O momento da entrega do mimo contou inclusive com a cobertura da *Revista do Rádio*.

Mas em meio a toda essa alegria, Abelardo acabou tendo um aborrecimento. Ele se desentendeu com seu técnico de som e decidiu deixar a Rádio Tupi. Em abril de 1957, estreou o seu cassino na Rádio Metropolitana. Nessa época de novo endereço, havia vencido um concurso organizado pela *Revista do Rádio*, na categoria de melhor animador de estúdio de 1956. A cerimônia de premiação foi em grande estilo, em maio de 1957, no Palácio do Catete, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, que entregava as medalhas de cada categoria a seus vencedores. Angelina foi a melhor vedete da TV; Moacir Áreas, diretor da Rádio Nacional, o radialista do ano; Anselmo Domingos, proprietário da *Revista do Rádio* e criador do concurso, declarava a várias emissoras a sua gratidão pelo apoio que sua iniciativa recebera. Aerton Perlingeiro, a bela Neide Aparecida, Linda Batista e muitos outros famosos do mundo do rádio e da televisão abrilhantavam o evento. E Chacrinha, com um largo sorriso, posava para as fotografias, tendo recebido das mãos de Juscelino a sua medalha.

Contudo, embora bem-vinda, a medalha que recebeu das mãos de JK foi prontamente guardada por Chacrinha. Sempre com os pés no chão, Abelardo Barbosa continuava não se deixando levar por elogios. Seu pensamento era apenas trabalhar, trabalhar e trabalhar para dar conforto a Florinda e aos meninos. Todos os dias, depois de tomar café com a família, despedia-se e às 9 da manhã ia para a rua correr atrás de novos anunciantes para os programas, ou refrescar a memória daqueles que eram acometidos de crises de amnésia sempre nas datas de pagamento. Com mulher e três filhos para dar de comer, precisava ser insistente com quem se fazia de desentendido e não honrava os compromissos. Gastava muita sola de sapato e frisos dos pneus de seu carro indo mais de uma vez atrás de quem lhe devia.

Perto das 13h, estava novamente em casa para almoçar. Depois, ia para a TV Tupi acertar os preparativos para seus programas na emissora. Por volta das 19h, retornava novamente ao Rocha. Depois de um descanso de uma hora, saía com Florinda no seu Plymouth para uma ida ao cinema ou para tomar um sorvete. Deixava Florinda em casa e seguia para a Rádio Metropolitana para a última jornada de trabalho. Quase às seis da manhã chegava em casa. Eram umas três horas de sono por dia; com sorte, chegava a quatro. Era a vida de um verdadeiro “pé de boi”.

A experiência na Rádio Metropolitana acabou tendo rápida duração. Em agosto, Chacrinha voltou com seus programas para as rádios dos Diários Associados. Ele também continuava com suas atrações na TV, apresentando uma novidade sugerida pela comediantes Leda Maria, sua colega na Tupi.

— *Chacrinha, o negócio na televisão é usar um chapéu, um troço para chamar a atenção.*

Abelardo, que apresentava a sua *Discoteca do Chacrinha* vestindo comportados ternos e uma gravata borboleta, acatou a sugestão e passou a trabalhar fantasiado. Foi seu amigo Salatiel Coelho, que acumulava as funções de sonoplasta e produtor da *Discoteca*, quem elaborou seu traje. Como Abelardo era chamado de Disc Jockey nº 1, Salatiel criou uma fantasia na qual o apresentador aparecia diante das câmeras com uma enorme cópia de disco de telefone de papelão pendurada no pescoço e um boné de jóquei.

Também foi Salatiel quem criou a frase que anunciava cada *Discoteca*:

— *A TV Tupi tem a coragem de apresentar: a Discoteca do Chacrinha.*

Chacrinha também pediu a seu velho amigo Miguel Gustavo que compusesse um tema de abertura para seu programa. Miguel, além de excelente redator, havia descoberto um novo talento: compositor de jingles. Ele apresentou a Abelardo uma marchinha para servir como prefixo da *Discoteca*.

Abelardo Barbosa

Está com tudo e não está prosa

Na perfeita confusão

Chacrinha faz chacrinha

Na televisão

Numa das edições do programa, Chacrinha resolveu fazer uma graça com seus gêmeos e os levou ao estúdio da TV Tupi para debutar diante das câmeras. Quando Leleco e Nanato contavam sete anos, foram apresentados pelo orgulhoso pai na *Discoteca*, tocando piano a quatro mãos. Essas visitas dos moleques ao trabalho do pai se tornariam cada vez mais constantes. No fundo, era uma maneira que Abelardo arranjava para compensar a ausência em casa devido à jornada de trabalho insana que vivia. Enquanto estava na rua lutando pelo feijão da família, Florinda cuidava de tudo relacionado à casa, inclusive a educação dos filhos. Cabia a ela comparecer às reuniões escolares e até mesmo às festas de Dia dos Pais. Não tinha jeito, essa era a conta que José Abelardo Barbosa de Medeiros tinha que pagar por ser o Chacrinha.

Fora dos estúdios da Tupi, na Zona Sul carioca, alguns jovens se encontravam em reuniões para tocar uns “sambas modernos” com pitadas de jazz e músicas de compositores americanos como Cole Porter, Irving Berlin e cantores de vozes suaves como Chet Baker, Mel Thormé, Henry Salvador, Dick Farney e Mário Reis. O grupo era formado por jovens como Carlos Lyra, Roberto Menescal, Normando Santos, Nara Leão e o jornalista Ronaldo Bôscoli, que, além de um letrista de mão cheia, atuava como o grande arregimentador da turma, mobilizando-se em busca de divulgação e lugares onde os jovens artistas pudessem apresentar o seu novo som, batizado de “Bossa Nova”.



Havia também no grupo bossanovista um jovem cantor e violonista baiano da cidade de Juazeiro, que tinha uma técnica no violão diferente da de outros instrumentistas e um jeito próprio de cantar, mais suave, em comparação aos cantores do passado como o “rei da voz”, Francisco Alves, e o barítono Vicente Celestino. Quando ele se juntou à turma, tornou-se uma forte influência para os demais integrantes. Em julho de 1958, João Gilberto entrou no estúdio da gravadora Odeon para gravar um 78 rotações com uma canção sua, “Bim bom”, e “Chega de saudade”, da dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Chacrinha conhecia João, que andava com sua voz e seu violão pelas rádios e pela TV Tupi. Os dois compartilhavam o gosto de chupar laranjas, coisa que faziam na avenida Venezuela, na porta da Rádio Tupi, enquanto jogavam conversa fora.

Assim que teve em mãos uma cópia do seu primeiro 78 rotações, João pediu para que Joãozinho, seu ex-companheiro no grupo vocal Namorados da Lua, a entregasse a Chacrinha. O Disc Jockey nº 1 recebeu a bolacha, e “Chega de saudade”, na voz suave de João Gilberto, passou a fazer parte do repertório de seus programas.

Vai, minha tristeza

E diz a ela que sem ela não pode ser

Diz-lhe numa prece

Que ela regresse

Porque eu não posso mais sofrer

A voz diferente de João Gilberto provocou reações diferentes nos ouvintes. Muitos ficaram encantados, outros acharam estranho, uma outra parte o considerava um enganador com dois tostões de voz. “Chega de saudade” terminou virando um sucesso, mas sendo mais ouvida na sofisticada Rádio Jornal do Brasil. Entretanto, Chacrinha tinha como um de seus orgulhos ter sido um dos primeiros disc jockeys a tocar a bossa do seu amigo João Gilberto.

Mas nem tudo eram flores com os artistas cujas carreiras Abelardo Barbosa ajudava a deslanchar com um empurrãozinho. Algumas vezes, a criatura voltava-se contra o criador. Foi o que aconteceu com seu cantor caubói, Paulo Bob, que depois de um desentendimento com seu xerife deixou o *Rancho Alegre*, em setembro de 1959. Chacrinha ficou sem um herói para o seu programa. Mas rapidamente deu um jeito na situação. As crianças passaram a ter como novo mocinho o Capitão Bill. Era um jovem mascarado de 1,82 metro de altura, ombros largos, sorridente e com ótima dicção, que, com a ajuda da bela Ritinha, de Chico Trovoada e do índio Jabaculê, combatia o bando do terrível Cicatriz. O herói logo caiu no gosto da criançada. Todas queriam a máscara e o chapéu do ator misterioso, que lembrava o Lonely Ranger, herói do cinema americano, erroneamente chamado no Brasil de “Zorro”.

Capitão Bill era vivido por Carlos Imperial, um jovem de Copacabana vindo de uma família de boa situação, mas que no lugar de seguir os negócios do pai optou pela carreira artística. Antes de começar na TV Tupi, atuando no programa *Câmera Um*, do diretor Jacy

Campos, Imperial já havia feito pequenas participações no cinema e era o grande divulgador de uma novidade musical chegada dos Estados Unidos, o rock'n'roll. Ele chegou a ter um quadro de 15 minutos semanais no programa “meio-dia”, de Jacy Campos, chamado *Clube do Rock*, no qual apresentava cantores em início de carreira envolvidos com o novo gênero. Quando seu programa terminou, tratou de conseguir uma vaga em outro. Foi quando surgiu a oportunidade de ser o herói do *Rancho Alegre*, que ele encarou com toda responsabilidade.

Imperial se arriscava a compor canções, e uma delas era um tema para seu personagem no programa comandado por Chacrinha. De vez em quando, graças ao chefe, ele conseguia encaixar um número musical, acompanhado por The Snakes, um grupo vocal de jovens do bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio, no qual interpretava a sua composição:

Lá em Rancho Alegre

Fiz uma canção

Para o amor

Do meu coração.

E por falar em rock'n'roll, sempre a par do que acontecia no meio musical, Abelardo Barbosa também não deixou de ceder atenção e espaço em seus programas aos artistas brasileiros que começavam a abraçar esse novo tipo de música. Ele foi o primeiro disc jockey no Rio de Janeiro a tocar na rádio uma cantora de 17 anos, paulistana criada em Taubaté, chamada Celly Campello. No seu programa na Rádio Tamoio, Chacrinha tocava “Estúpido cupido”, versão de “Stupid Cupid”, rock do americano Neil Sedaka, tornando a canção um sucesso.

Oh! Oh! Cupido!

Vê se deixa em paz

Meu coração que

Já não pode amar

Eu amei há

Muito tempo atrás

Já cansei de

Tanto soluçar

Sabedor desse empurrão para o sucesso que Chacrinha costumava dar às carreiras dos iniciantes, Carlos Imperial levou o seu principal protegido a seu xerife. Roberto Carlos era um jovem de 18 anos, muito educado e de olhar desprotegido, que Imperial lançou no *Clube do Rock* cantando músicas do ídolo americano Elvis Presley. Porém, o rapaz foi uma das pessoas que ouviram no rádio “Chega de Saudade” com João Gilberto, e gostou. Mais do que isso, passou a ter o baiano de Juazeiro como forte influência. Imperial decidiu levar Roberto e seu violãozinho para falar com Chacrinha e tentar ajuda com uma recomendação para uma gravadora. Roberto cantou uma música com a assinatura de Carlos Imperial: “João e Maria”, o antigo conto infantil dos irmãos Grimm na visão do Capitão Bill do *Rancho*

Alegre:

***Li no almanaque a versão
Nova da história do João
Levou Maria ao bosque passear
E borboletas lindas apanhar***

Chacrinha gostou bastante do pupilo de Imperial, que cantava bem parecido com seu amigo João Gilberto. Conseguiu uma reunião com João Leite, diretor artístico da gravadora Chantecler, que tinha como contratados os cantores Waldick Soriano, Sérgio Reis e o conjunto The Jett Blacks. O apresentador ressaltou que João estava interessado em expandir as contratações da pequena gravadora de São Paulo, o que poderia favorecer o jovem cantor. Roberto e Imperial compareceram à reunião, o executivo ouviu o “príncipe da Bossa Nova”, como o Capitão Bill apresentava sua descoberta, mas não se interessou. Não enxergava valor em João Gilberto, que diria em um rapazola influenciado por ele.

Percebendo que ainda teria um longo caminho pela frente até ver o nome do seu protegido no selo de um disco, Imperial voltou a Chacrinha. Pediu ao disc jockey uma carta de recomendação, que foi providenciada de muito bom grado. De posse dela, Carlos e seu protegido começaram uma peregrinação pelas gravadoras cariocas.

Enquanto o herói de *Rancho Alegre* iniciava sua jornada pelo mercado fonográfico, mesmo sem a menor noção do que fosse afinação, Chacrinha acabou sendo lançado como cantor num 78 rotações produzido pela Chantecler. Na bolachinha de cera de carnaúba, de olho no Carnaval de 1960, Abelardo Barbosa interpretava “Olha a vassoura”, composição de Luiz Wanderley e Miguel Gustavo, marchinha que fazia alusão ao candidato à presidência da República Jânio Quadros, cujo símbolo de campanha era uma vassoura que, afirmava, varreria a corrupção.

***Eu quero gargalhar
Eu vou morrer de rir
O homem da vassoura vem aí***

Chacrinha também andava com vontade de dar umas vassouradas nos Diários Associados. Sua paciência estava por um fio. Ele, que anteriormente havia deixado a Tamoio pela Metropolitana, agora transmitia seu *Cassino* pela Rádio Mauá, com a permissão da diretoria. Fora obrigado a fazer isso depois de seu tradicional horário noturno ser preenchido por jornais falados. A fome juntou-se com a vontade de comer quando recebeu uma proposta da Guanabara, que não desistira de tê-lo de volta ao seu cast. Ele decidiu deixar de vez a Tupi e ir para o microfone da PRC-8. Lá, comandaria dois programas: a *Vitrola Mágica* e a *Discoteca do Chacrinha*. Contudo, desta vez trabalharia pela manhã e pela tarde. Após mais de uma década na labuta noturna, queria um descanso. Ao ser entrevistado pelo *Diário Carioca*, comentou:

— *Não quero mais trabalhar à noite. Vou deixar o Cassino em paz, nem que seja*

durante alguns anos. Para mim, o Cassino fechou.

Mas assegurava que as mudanças parariam por aí:

— Minhas observações sensatas serão as mesmas na Guanabara. Digo aquilo que sinto de um disco, seja qual for e de quem for.

A estreia de Chacrinha na Rádio Guanabara aconteceu no dia 15 de setembro de 1960. Mas embora tivesse rompido os laços radiofônicos com os Diários Associados, permanecia trabalhando na TV Tupi, apresentando a versão televisiva da *Discoteca*, pois *Rancho Alegre* havia sido cancelado um pouco antes do final de 1959. Além disso, seu programa passara para os domingos, às 19h, e com a novidade de, numa parceria com a *Revista do Rádio*, promover mensalmente a entrega do prêmio dos melhores do rádio para categorias como melhor cantor, cantora, compositor e gravadora. Na primeira premiação, fantasiado como um mandarim, com direito a um fino e longo bigode postiço, Chacrinha recebeu Dalva Andrade e Roberto Silva, respectivamente melhor cantora e cantor, e seu amigo Antônio Maria, que, juntamente com seu parceiro Pernambuco, recebeu a medalha de melhor compositor pela canção “O amor e a rosa”.

Outra das sacadas de Chacrinha para oferecer sempre algo de novo ao público foi criar na *Discoteca* o quadro “Adivinha quem é o cantor mascarado”. Nele, usando uma máscara, um cantor ainda em início de carreira apresentava-se ao microfone interpretando uma canção de seu recém-lançado disco. O pequeno auditório do estúdio tinha de adivinhar o nome da nova promessa da música brasileira. Numa das edições do programa, a atração do quadro foi um rapaz que, sentado em um banquinho, com voz suave cantou acompanhado de seu violão:

Cheguei, sorri, venci

Depois chorei com a confusão

No tom que vocês cantam

Eu não posso nem falar

Ao final do número, Chacrinha perguntou:

— É o Jorge Veiga?

— Não!!!!!!! – o auditório (e certamente o público em casa) respondeu.

— É o Vicente Celestino? – Chacrinha prosseguiu.

— Não!!!!!!!

— É o Cauby Peixoto?

— Não!!!!!!!

— É o João Gilberto?

— É!!!!!!!

O jovem retirou a máscara e revelou sua identidade. Não era João Gilberto. Tratava-se do fiel admirador do ídolo da Bossa Nova, Roberto Carlos. Depois de levar várias portas na cara das mais diversas gravadoras, o protegido de Carlos Imperial conseguiu gravar um 78

rotações pela Polydor. O disco trazia “João e Maria” e “Fora do tom”, a canção que ele interpretara no “Adivinhe quem é o cantor mascarado”. Era uma bossa composta por Carlos Imperial com Edson Bastos e Paulo Silvino (misteriosamente, no selo do disco seus nomes desapareceram), dois integrantes do *Clube do Rock*, que satirizava as canções de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, além do estilo vocal de João Gilberto. Pela reação do público presente na *Discoteca do Chacrinha*, Roberto Carlos ainda precisava batalhar bastante para não continuar sendo anônimo mesmo sem a máscara de cantor misterioso.

Mas voltando ao Chacrinha e suas atividades, o rei dos disc jockeys também havia retomado o trabalho em São Paulo. Aos sábados, chegava à cidade para apresentar a sua *Discoteca* na Rádio Nacional (às 9h) e na TV Tupi (às 19h). Contudo, a Guanabara parecia viver um amor não correspondido com Abelardo, pois sua passagem pela rádio foi mais do que meteórica. Após um convite de Moysés Weltman e Raul Brunini, ele mais uma vez deixou a PRC-8 e foi para a Rádio Globo. Em 3 de novembro de 1960, estreou de meio-dia às 14h a sua *Discoteca do Chacrinha*, na emissora da rua Irineu Marinho. Na Globo, o apresentador entrava como contratado, recebendo um bom salário fixo. Não ia precisar fazer o exaustivo trabalho de corretagem publicitária. Ao menos para os programas de rádio, pois na TV continuava tendo que sair à rua em busca de anunciantes.



Assim como o trabalho na Rádio Guanabara, o recesso que Chacrinha impôs ao *Cassino* também teve curta duração, pois em dezembro ele voltou a apresentar o programa na Globo, todas as noites, a partir das 23h30. No mesmo mês, foi eleito pela revista *Radiolândia* o melhor animador do ano, recebendo mais um troféu, desta vez, o Antena de Prata.

E por falar em antena, ao contrário do que haviam imaginado Paulo Gracindo e Manoel Barcellos, a televisão não foi uma moda passageira. Mesmo com as dificuldades para comprar um aparelho, o brasileiro foi tomando gosto pelo veículo. Com isso, novas emissoras surgiram para fazer companhia à pioneira Tupi. Em São Paulo, em 1952, foi inaugurada a TV Paulista, e no ano seguinte, a Record. No Rio de Janeiro, em 1955, foi a vez da TV Rio. Estas duas, inclusive, se associaram, formando as Emissoras Unidas. Abelardo acabou se beneficiando dessa expansão, pois em 1º de outubro de 1960 estreou na Terra da Garoa a *Discoteca do Chacrinha*, na TV Paulista, do seu amigo Vitor Costa. No canal 5, lançou uma nova versão de *Rancho Alegre* intitulada *As aventuras do Capitão Bill*, tendo o cantor galã George Feedman no papel principal, Gessy Souza Lima como a mocinha, Jairo Gonçalves como o vilão e ele, Abelardo Barbosa, como o xerife.

Porém, no Rio de Janeiro as coisas não estavam tão favoráveis. Em fevereiro de 1961, ao chegar à TV Tupi para os preparativos de mais um *Discoteca*, Chacrinha viu no quadro de avisos da emissora um comunicado de que seu programa fora cancelado. Embora ele mantivesse o programa no ar com patrocínios como o das Casas da Banha, os diretores da Tupi, Alcino Diniz, Ary Nogueira e Nereu Bastos, decidiram tirar a *Discoteca do Chacrinha* do ar alegando contenção de despesas. Era tudo muito estranho, pois a atração se sustentava e ainda rendia dividendos à emissora, que mordiscava um percentual dos anúncios que o “maluco dos discos” obtinha. Seu programa tinha boa audiência e era dos mais comentados. Prova disso foi o convite que o apresentador recebeu para a TV Paulista. Na imprensa, o comentário era de que o cancelamento tratava-se na verdade de uma retaliação pelo fato de Abelardo apresentar programas em emissoras concorrentes dos Diários Associados.

Irritado, Chacrinha decidiu dar um basta na sua relação com a Tupi. Tinha aguentado de tudo, mas o cancelamento da *Discoteca* foi a conta. No dia 26 de fevereiro de 1961, o rei dos disc jockeys apresentou seu último programa na emissora. Diante das câmeras naquela noite de domingo, não teve como evitar que a mágoa que sentia transparecesse para seus espectadores. Encerrada a atração, saiu do antigo Cassino da Urca deixando para trás quinze anos de dedicação aos Associados, ciente de que no dia seguinte teria mais uma luta pela frente.





FON-FON!



A imprensa desceu o sarrafo na diretoria da Tupi pela dispensa de Chacrinha, considerando o ato uma estupidez. Não tinham a menor dúvida de que ele não demoraria a estar em uma nova emissora de televisão. Mais do que isso, apostavam que tão logo ele obtivesse sucesso, a TV do Cassino da Urca o chamaria de volta, pagando bem mais do que ele recebia antes. Afinal, esta era uma prática comum da diretoria, pródiga em decisões desastradas.

A primeira previsão realmente se cumpriu. Assim que soube da dispensa de Abelardo Barbosa, Demerval Costa Lima, diretor da TV Continental, convidou o disc jockey para uma conversa. Estava interessado em tê-lo no canal 9. Contudo, Péricles do Amaral e Walter Clark, da TV Rio, também entraram na disputa e terminaram levando Chacrinha para os estúdios da emissora no Posto Seis, em Copacabana. Por coincidência, assim como a Tupi, a TV Rio utilizava um espaço onde no passado também funcionara um cassino, no caso, o Atlântico.

No dia 14 de março de 1961, Abelardo Barbosa mandou pela imprensa um recado aos fãs:

Meus amigos, estarei logo mais, às 22h30, fazendo a minha estreia na TV Rio com o meu já conhecido programa (que é também humorístico) Discoteca do Chacrinha. O nosso encontro está marcado.

Como combinado, à noite deu-se a estreia da *Discoteca do Chacrinha* na emissora do Posto Seis. Nesse primeiro programa, com a sua já conhecida fantasia de disc jockey, o apresentador homenageou as cantoras Dóris Monteiro, Ademilde Fonseca e Angela Maria, que interpretaram alguns de seus sucessos. Ele ainda contou com a presença do jornalista da coluna “A Noite nos Clubes”, Braga Filho, e da vedete Marivalda, do espetáculo *Mister Momo*, em cartaz na boate Fred’s, de Carlos Machado. Como de costume, na nova emissora Chacrinha teria que continuar trazendo os anunciantes para patrocinar seu programa. Entrava mais uma vez em ação Venâncio Veloso e as Casas da Banha.

Em busca de novidades para oferecer ao público, a cabeça de Chacrinha trabalhava 24 horas por dia. Em seu momento no canal 13, Chacrinha não parava de incrementar seu figurino, sempre ousando um pouco mais nas fantasias, nunca se limitando apenas à roupa de disc jockey. Com isso, nas terças-feiras, às 20h, os espectadores da TV Rio passaram a ver Abelardo Barbosa fantasiado de índio, marinheiro, Napoleão, mosqueteiro, marajá e o que mais lhe desse na telha. Mas como a emissora do Posto Seis não contava com um guarda-roupa muito variado, o animador investia dinheiro do próprio bolso em novas fantasias. Certa vez, desembolsou 2 mil cruzeiros no aluguel de um traje de gladiador romano da loja Mundo Teatral. Mas era um investimento que valia, pois seu figurino também passou a ser

uma atração à parte do programa. Todas as terças, muitos telespectadores sentavam-se diante da TV para ver como o louco do Chacrinha iria aparecer na sua *Discoteca*.

Walter Clark, um jovem de 27 anos que já conhecia Chacrinha da Rádio Tamoio – onde tivera seu primeiro emprego, aos 16 anos, como assistente do radialista Luís Quirino –, era o diretor comercial do canal 13 quando convidou o rei dos disc jockeys para a emissora. Durante uma viagem a São Paulo, Walter deixou como seu substituto Augusto Mello Pinto, o Gugu, que logo de cara se viu com um pepino para resolver. O diretor Vitor Berbara viera avisar que a sessão de cinema de sábado à noite, patrocinada pela fábrica de calçados DNB-Polar, estava com problemas. O filme programado para ser exibido não havia sido entregue pela distribuidora.

O Ibope não andava dos melhores no horário; sem filme, ia despencar de vez. Admirador de Chacrinha, Gugu propôs ao animador fazer um programa naquele problemático sábado, no horário do filme. Apesar de ter a edição da *Discoteca* na TV Paulista, Chacrinha disse sim.

Na volta de São Paulo, Clark procurou Gugu. Entusiasmado com o relatório do Ibope, queria saber do amigo qual filme havia sido responsável por dobrar a audiência naquela semana, pois a emissora não demoraria a reprisá-lo. Quando soube que Chacrinha fora o autor da façanha, Clark não titubeou: mudou a *Discoteca* para o horário nobre. Mas como o apresentador precisava ir a São Paulo para fazer seus programas no rádio e na TV, foi necessário recorrer a uma novidade tecnológica: o videotape, que possibilitava gravar os programas em fita para serem exibidos em outros horários. Com isso, Chacrinha podia estar no Rio e em São Paulo – na verdade, duas horas antes, às 19h – ao mesmo tempo. No canal 13 ia ao ar o programa que gravava às quartas-feiras, e, na TV Paulista, suas loucuras eram transmitidas ao vivo.

Nesse ínterim, Carlos Imperial continuava visitando o trabalho do amigo a fim de conseguir divulgar suas novas descobertas. Ele ainda não havia desistido de transformar Roberto Carlos num astro. Aquele primeiro 78 rorações não teve grande repercussão. O jovem cantor, inclusive, teve seu contrato rescindido com a Polydor. Conseguiram lançar um segundo pela Columbia, com resultado semelhante. Mas Roberto Corte Real, diretor artístico da gravadora, resolveu dar uma nova chance ao garoto lhe possibilitando gravar um LP. Imperial estava produzindo o disco. Ao mesmo tempo, começou a trabalhar também como produtor na Continental. Foi lá que ouviu uma fita com uma cantora gaúcha e, movendo céu e terra, conseguiu convencer o diretor artístico Nazareno de Brito a trazer a garota de 15 anos para o Rio, a fim de gravar um disco.



Abelardo Barbosa apresentando a Discoteca do Chacrinha, na TV Rio.

Viva a Brotolândia foi o nome do LP que Carlos Imperial produziu com a gauchinha. Ele queria fazer de Elis Regina, o nome da moça, uma rival para Celly Campello. Colocou no disco alguns rocks engraçadinhos, mas também uns sambinhas, fazendo do LP uma verdadeira vitamina mista. Elis, que, apesar da pouca idade, tinha um temperamento forte, discutiu um bocado com Imperial, pois desejava ter maior influência na escolha do repertório. Cantava em conjunto de baile lá em Porto Alegre e estava encantada pelos clássicos do jazz. Entretanto, Carlos falou mais alto e fez prevalecer sua vontade de produtor.

Com o disco pronto, Imperial levou Elis Regina à *Discoteca do Chacrinha*, na tentativa de uma apresentação no programa de Abelardo Barbosa. O apresentador gostou da menina, que Carlos apresentava como “a maior cantora do Brasil”. Ela conseguiu sua oportunidade no programa, cantando “Mesmo de Mentira”, um samba de autoria de Imperial.

***Diz, mesmo de mentira
Que eu sou tudo pra você
Diz, mesmo de mentira***

Porém, dessa vez o toque de Midas de Chacrinha não funcionou. Devido à estratégia equivocada de Imperial de optar por uma cópia de Celly Campello em vez de imprimir no disco a personalidade que a intérprete tinha para dar e vender, *Viva a Brotolândia* não teve a repercussão esperada. Vendeu pouco, e Elis Regina acabou retornando a Porto Alegre.

Em maio de 1961, Chacrinha trouxe de São Paulo Victor Emanuel Teixeira, o Teixeirinha. Gaúcho da cidade de Canduva, o rapaz havia lançado “Coração de luto”, uma toada cuja letra contava o drama vivido pelo cantor quando ele perdeu a mãe num incêndio.

***O maior golpe do mundo
Que eu tive na minha vida
Foi quando com nove anos
Perdi minha mãe querida
Morreu queimada no fogo
Morte triste dolorida
Que fez a minha mãezinha
Dar o adeus da despedida***

Na Rádio Globo, onde recebeu como convidados Dóris Monteiro e Erasmo Silva, Abelardo colocou o disco com “Coração de luto”. A reação de Dóris e Erasmo foi rir da canção, atijando a raiva de Chacrinha.

— *Vocês debocham, mas querem ver como isso vai fazer sucesso?*

Em seguida, após tocar a canção, complementou:

— *Se você gostou dessa música, telefone. Porque a Dóris Monteiro achou uma porcaria.*

Chacrinha acertou em cheio. “Coração de luto” começou a fazer muito sucesso. Em seguida, a apresentação de Teixeira rendeu seus sempre desejados pontos no Ibope. A audiência fluminense acompanhava a canção com o rosto banhado em lágrimas, devido à triste história que narrava. No entanto, na sua coluna “Rádio e TV”, no *Diário Carioca*, um velho amigo e parceiro musical de Abelardo, Nestor de Holanda, elogiava o programa do seu conterrâneo, mas não se sensibilizava com Teixeira e sua trágica toada.

As maluquices do animador lhe garantem público certo. Valem sempre a pena, exceto quando, como aconteceu anteontem, exibiu um tal de Teixeira, de São Paulo (sic), a interpretar uma coisa que diz que a mãe dele morreu queimada no incêndio da palhoça, o que é, sem exagero, das mais chocantes e até ridículas barbaridades já vomitadas pela mediocridade nacional.

Além dessa crítica aniquiladora do jornalista, “Coração de luto” ainda foi alvo da turma que não perdia a oportunidade de fazer piada até com tragédia. Alguns gaiatos passaram a chamar a canção de “churrasquinho de mãe”.

Nesse período de sucessos, de repente, Chacrinha começou a se envolver numa polêmica. Ele, que em seus programas foi um dos primeiros a tocar os rocks de Celly Campello, deu para falar mal do ritmo americano. A *Revista do Rádio* de 24 de junho de 1961 publicou uma matéria intitulada “Temos que acabar com a praga do rock!”. Nela, Abelardo Barbosa demonstrava uma faceta beligerante até então não revelada ao público:

— *Era preciso que alguém no rádio tomasse coragem para condenar essa praga do rock. Eu, Chacrinha, tomei a peito essa iniciativa. E vou brigar até o fim da minha vida contra essa invasão de um ritmo doido, que está deixando essa nossa juventude meio biruta.*

O ódio maior do animador era para com o grande ídolo do rock no mundo.

— *Rock só tem cantores medíocres. Veja só esse Elvis Presley. O que é que ele tem para ser adorado por tantas moças? E que maneira! As meninas chegam a usar o sobrenome dele! Escrevem cartas para as emissoras assinando assim: Elza Presley, Maria Presley, Joana Presley! Para variar, tem as que passam a usar os nomes de Nair Sedaka, Celina Anka etc. Uma palhaçada!*

Também na *Revista do Rádio*, na coluna “O mundo é dos brotos”, surgiu um aguerrido defensor do rock’n’roll, que demonstrava grande energia e agressividade para com Abelardo Barbosa:

Recebemos um bilhete do inimigo número 1 da juventude brasileira, o falso disc jockey

Abelardo Barbosa, vulgo Chacrinha, marcando um encontro conosco. É claro que não comparecemos e guardamos o bilhete com sua assinatura para exibi-lo, se necessário. Aproveitamos para lembrar ao Chacrinha que só admitimos um encontro com sua pessoa no dia em que ele deixar de combater o rock, twist, cha-cha-cha etc. Dispensamos a amizade de inimigos dos brotos. Seja amigo da juventude, que terá o nosso apoio.

Eram palavras de Carlos Imperial, o outrora grande amigo de Chacrinha, que além da coluna na *Revista do Rádio* apresentava na TV Tupi o *Festival de Brotos*, programa no qual tinha como atração os jovens nomes do rock brasileiro. Carlos e Abelardo estavam em lados opostos; parecia o fim de uma bela amizade. Principalmente pelas declarações cada vez mais duras de Imperial sobre o ex-xerife do *Rancho Alegre*:

É um recalcado. O Chacrinha, vendo fugir a maior fortuna de um homem, que é a mocidade, não soube nem sequer conservar a juventude de espírito. Tende a ser velho e por isso condena tudo o que diz respeito à juventude. Um homem que quebra rádios e televisores para evitar que os seus filhos vejam os programas do Clube do Rock é um criminoso.

A briga e a campanha contra o rock movida por Chacrinha se estendeu por algumas semanas, chegando também a São Paulo, onde o embate se dava com Antônio Aguillar, apresentador do programa *Ritmos da Juventude*, outro simpatizante do som de Elvis Presley. Foi o suficiente para render um bom número de matérias em revistas e jornais.

Esse combate, no entanto, não era nada mais do que uma farsa criada por Carlos Imperial, que percebeu a predileção da imprensa nacional por escândalos. Enquanto houvesse briga, haveria divulgação para os dois apresentadores oponentes: o defensor do rock'n'roll e o da música brasileira. Revelada a trama, Chacrinha apresentou na *Discoteca* a “Noite do Twist”. Foi um confronto entre os dançarinos da boate Blue Riviera e os da boate Plaza, respectivamente comandados por Sérgio Bello e o jornalista Carlos Eduardo Villela. A edição do programa, levada ao ar em 4 de julho de 1962, também contou com os cantores Fernando Costa e Wanderléa, uma jovem de 16 anos, adepta do rock. No júri estavam o jornalista e compositor Rossini Pinto, o apresentador Jair de Taumaturgo e Carlos Imperial.

A *Discoteca do Chacrinha* passou a ter como convidados no seu pequeno estúdio da TV Rio muita gente do rock ligada a Imperial, como Ed Wilson, que o antigo Capitão Bill apresentava como o mais novo “Elvis Presley brasileiro”. Imperial ainda iria bolar muito mais jogadas como essa falsa briga com Chacrinha. E na maioria das vezes seria muito bem-sucedido.

Em setembro de 1961, Chacrinha festejou seus 44 anos no programa da TV Rio. Vestido com roupa de colegial, não conseguiu conter a emoção e chorou durante o discurso de Manoel Barcelos, presidente da Associação Brasileira de Rádio. Vários artistas compareceram à emissora do Posto Seis para dar um abraço no amigo: Paulo Gracindo, Angela Maria, Dóris Monteiro, Jair de Taumaturgo, Miguel Gustavo, Herivelto Martins, Zezé Gonzaga, Carmélia Alves, Francisco Carlos, Trio Nagô, Sônia Mamede, Zezé Macedo, Luiz

de Carvalho, Paulo Bob, marcando o reatamento da amizade com o aniversariante, após três anos sem se falarem, além de artistas de outros estados. Contudo, a convidada de maior importância para Chacrinha foi dona Aurélia, sua mãe, que veio dar um abraço e testemunhar o sucesso de seu primogênito.

Numa das edições do programa *Preto no Branco*, atração da TV Rio na qual um entrevistado respondia a perguntas pontiagudas feitas pela voz de trovão do locutor Oswaldo Sargentelli, Chacrinha foi o convidado da noite. Contou um pouco da sua história e brincou, dizendo que não ganhava a vida decentemente. A certa altura da entrevista, Sargentelli perguntou se era verdade que o Disc Jockey nº 1 recebia dinheiro de gravadoras para tocar seus discos nos programas que apresentava. Chacrinha respondeu:

— *Eu fiz divulgação, mas você também já levou algum.*

Pela primeira vez, a voz inquisitorial de Sargentelli rateou. O locutor passou alguns minutos sem fazer perguntas, preocupado em se defender de também ter recebido “payola”.

Porém, o assunto não se encerrou. Em sua coluna no *Jornal do Brasil*, o jornalista Sérgio Cabral afirmou que disc jockeys como Chacrinha, Luiz de Carvalho, Gerson Gonçalves e José Messias recebiam dinheiro das gravadoras, havendo inclusive uma reunião para decidir a quantia que cada um receberia. Abelardo Barbosa ficou possesso e respondeu ao jornalista na *Revista do Rádio*:

Eu sou tão desonesto quanto o senhor Sérgio Cabral. Eu disse na televisão para todo mundo ouvir que já levei dinheiro de algumas fábricas de discos em troca de divulgação que fiz para as mesmas. Hoje sou divulgador da Chantecler, mas toco os discos de todas as fábricas. O senhor Sérgio Cabral, porém, recebe discos para criticar e depois vende-os aos sebos. E só comenta os discos das fábricas que o acarinhos. Faz o mesmo, aliás, com os artistas e cantores. Ele não tem força moral para acusar ninguém!

Chacrinha ficou irritado com a história. Sempre que lhe perguntavam se cobrava das gravadoras para tocar discos em seus programas, seu humor mudava.

Quem conhecia muito bem a rotina de divulgação no mercado fonográfico era Nalygia Silva Santos, uma moça de 21 anos que trabalhava como secretária de Chacrinha, atendendo aos telefonemas durante os programas de rádio e TV. A jovem negra, fã de Emilinha Borba, que em 1958 abordou a cantora na Rádio Nacional oferecendo-se para divulgar suas músicas e responder correspondências, tornou-se a primeira presidente do fã-clubes da rainha do rádio. A experiência com Emilinha tornou Nalygia referência na arte da caitituagem, termo do qual não gostava, mas que era comumente usado para designar a divulgação. Para ela não havia tempo ruim quando o assunto era conseguir que o disco de um artista tocasse nas rádios e ele participasse de programas na televisão. Acabou chamando a atenção de Chacrinha, que a convidou para trabalhar por 10 mil cruzeiros mensais. A cada dia ia conquistando mais e mais a confiança do rei dos disc jockeys.

Na TV Rio, durante a *Discoteca*, Chacrinha continuava gritando:

— *Terezinhaaaa!!!!!!!!!!!!*

E o pequeno auditório da TV Rio respondia:

— *U-uuuu!!!!!!!!!!!!*

E não é que o programa passou a contar com uma Terezinha de carne, osso e beleza? Uma moça de cabelos louros, 1,65 m, 55 quilos, 100 cm de quadris e 98 cm de busto, que passou a trabalhar como assistente de palco do “desanimador de auditório” e acabou personificando a famosa figura feminina que havia quase dez anos era mencionada nos programas. A bela jovem anunciava os produtos dos patrocinadores dos programas sempre com uma simpatia que cativava a todos. A coluna “Revista da Televisão” do jornal *Diário Carioca* era só elogios à nova descoberta de Abelardo Barbosa:

“Therezinha vai longe...” – É o que dizem os telespectadores nos programas do Chacrinha no justo momento em que aparece Therezinha Gonçalves. Therezinha, além de tudo, vende o que anuncia.

O ano de 1962 começou trazendo uma mudança no horário da *Discoteca*, que passou a ir ao ar às quartas-feiras, sempre às 20h. Na edição de 31 de janeiro, Chacrinha veio com mais uma de suas ousadias: transformou o estúdio do programa numa quadra de vôlei e realizou uma animada partida. E, colocando de fora suas pernas cabeludas vestindo short, também participou.

Na quarta-feira de cinzas, Abelardo Barbosa reuniu no auditório da TV Rio cronistas de rádio, televisão e representantes do mercado fonográfico para a entrega da sua nova criação, o Troféu Chacrinha, que premiou as cinco marchinhas e os cinco sambas mais tocados no Carnaval daquele ano. Troféus eram mais uma estratégia para puxar audiência para seus programas. Toda vez que sentia o Ibope oscilando, ele surgia com um troféu cuja entrega reunia gente famosa com um número considerável de admiradores que iriam sintonizar no seu programa.

Outro chamariz de público surgiu às vésperas da Semana Santa, quando seu amigo Venâncio Veloso se viu na iminência de um grande prejuízo devido à quantidade gigantesca de bacalhau que as Casas da Banha compraram, apostando numa grande procura dos consumidores interessados em saborear a fina iguaria na Sexta-Feira da Paixão e na Páscoa. As vendas não corresponderam às expectativas, e o estoque corria o risco de criar teias de aranha. O comerciante decidiu recorrer à sagacidade de Abelardo Barbosa. Pegou o telefone e ligou para o amigo:



— *Chacrinha, me ajuda! Preciso que você faça uma propaganda do bacalhau no programa. Compramos uma grande quantidade e as vendas estão muito abaixo do que a gente esperava.*

— *Tá certo! Venâncio, me manda umas peças de bacalhau que eu vou te ajudar.*

— *Ok, eu vou mandar, mas... Pra que mesmo?*

Na edição seguinte da *Discoteca do Chacrinha*, o apresentador considerado biruta por muita gente praticamente apresentava seu atestado de maluquice. Segurando uma enorme peça de bacalhau, gritou:

— *Vocês querem bacalhau?*

O público presente no auditório da TV Rio respondeu:

— *Queremos!!!!!!!*

— *Então, passem nas Casas da Banha e aproveitem a promoção! Olha o bacalhau!!!!!!*

Em seguida, Chacrinha atirou a posta de bacalhau para a plateia, que, interessada em garantir os bolinhos e a bacalhoadada do domingo de Páscoa, digladiou pelo valioso brinde oferecido pela rede de supermercados dos irmãos Veloso.

No dia seguinte, a cena foi comentário constante nas rodas de conversas. Muita gente achava um absurdo, uma atitude condenável que depunha contra o bom nível da televisão brasileira. Outras pessoas divertiam-se, achavam muito engraçado aquele bando de gente quase se estapeando por uma posta de bacalhau. Enquanto isso, Venâncio Veloso só faltou precisar de massagem no rosto dolorido de tanto sorrir com o resultado da jogada publicitária de Chacrinha. Seu bacalhau vendeu à beça; em dois dias, não havia uma única peça para contar história em estoque.

Apesar das críticas, a atitude de Chacrinha teve uma manifestação para lá de positiva no Ibope. Na semana seguinte, não deu outra, tinha mais bacalhau na *Discoteca do Chacrinha*. E, com o tempo, os brindes foram variando. Abelardo Barbosa passou a atirar também café, arroz e feijão. Do lado de fora do antigo Cassino Atlântico, a fila para assistir ao programa se tornava cada vez maior. Eram várias pessoas, que, além de assistir às apresentações dos cantores, também queriam voltar para casa garantindo alguns produtos na dispensa.

Mais do que satisfeito com a promoção do bacalhau, Venâncio Veloso apresentou a Chacrinha um novo produto que necessitava de um empurrãozinho nas vendas. Dessa vez, eram latas de goiabada. O disc jockey topou o novo desafio, mas dessa vez não seria possível levar as latas ao Canal 13 e atirá-las para a plateia. Corria o risco de deixar vários espectadores com supercílios abertos ou “galos” em suas cabeças. Achou melhor fazer a promoção no seu programa na Rádio Globo. Mas, antes, pediu que Venâncio amassasse levemente as latas e formasse pilhas logo na entrada das lojas. Durante o seu programa na emissora da rua Irineu Marinho, anunciou:

— Alô, atenção! Um caminhão repleto de latas de goiabada tombou na porta das Casas da Banha. As latas estão um pouquinho amassadas, por isso corram lá que os preços estão no chão! Repetindo, os preços estão no chão!

O aniquilador de estoques mais uma vez foi bem-sucedido. A goiabada desapareceu sem nem que fosse dito um “abracadabra” sequer.

Outra atração que Abelardo Barbosa passou a oferecer ao público do Canal 13, às segundas, quartas e sextas, às 17h, foi uma novelinha nos moldes de *Rancho Alegre*. Chamava-se *A Novela Maluca do Chacrinha*, que após algumas exibições mudou de nome e horário. Passou a se chamar *Rancho Mister Chacrinha* e foi para os domingos, às 15h. Com direção de Macedo Neto, a atração tinha no elenco o caubói Paulo Bob, que voltava a interpretar o herói da trama, além de Guilherme Nunes e Nelson Batinga. Na louca aventura do velho oeste, Chacrinha continuava com dificuldades em decorar o texto. Ainda aparecia diante das câmeras com o papel na mão, lendo como um colegial. Mas os fãs não se importavam com isso.

Suas atrações, fantasias e até o texto não decorado proporcionaram a Chacrinha os 20 pontos de audiência que no passado a diretoria da Tupi dizia que ele não obtinha. Na TV Rio, essa conquista foi bastante comemorada. Isso o levou a insistir com Péricles do Amaral, o diretor-geral do Canal 13 – responsável por sua entrada na emissora –, numa ideia que vinha perseguindo há um bom tempo. Queria mais um horário na emissora, a fim de levar ao ar um programa de calouros. O ótimo desempenho da *Discoteca* fez com que Péricles do Amaral se rendesse à ideia – o rei dos disc jockeys comandaria mais uma atração na TV Rio.

Calouros em Desfile, que seu amigo Ary Barroso apresentava na Rádio Tupi, foi uma das inspirações de Chacrinha para o seu programa. Durante a disputa de jovens cantores em busca da fama, criada pelo autor de “Aquarela do Brasil”, sempre que um dos concorrentes entrava em conflito com a afinação Ary fazia sinal para seu auxiliar Macalé soar um gongo, que ele dizia ser importado de Pequim. Era como um “porta da rua, serventia da casa” para o calouro de voz ruim, que, cabisbaixo, deixava o estúdio.

Outro programa do gênero era *A Hora do Pato*, de Héber de Bôscoli, na Rádio Nacional. No lugar do gongo, para despachar os desafinados ele usava o som da ave que dava título à atração. Como Chacrinha também precisava de um som característico pra os eliminados, Péricles do Amaral lhe sugeriu usar sua buzina, que já fazia parte da *Discoteca do Chacrinha*.

A Hora da Buzina estreou em janeiro de 1963, nos domingos, às 14h. Originalmente, o programa iria se chamar “Cuidado com o Telefone”, com o público ligando para a TV Rio tentando adivinhar quantos calouros receberiam as buzinas de Abelardo Barbosa. Mas ele já fazia isso na *Discoteca*, ia dar confusão. Acabou ficando mesmo *A Hora da Buzina*, e no primeiro programa Chacrinha fez questão de convidar para uma homenagem a atriz Yara Salles, viúva de Héber de Bôscoli, com quem, juntamente com Lamartine Babo, apresentou o programa *Trem da Alegria*. Abelardo achava justo lembrar do criador de *A Hora do Pato*, programa que o havia inspirado.

Ao contrário de programas como *Papel Carbono*, do seríssimo Renato Murce, na Rádio

Nacional, que selecionava com apuro seus participantes, em *A Hora da Buzina* calouros ruins também tinham sua vez. Para seu apresentador, as figuras bizarras poderiam ser uma atração tão valiosa quanto um cantor de voz afinada ou um ótimo imitador de vozes. Em vários momentos do programa, Chacrinha prolongava o espetáculo, que beirava o grotesco, por perceber que se transformava em humor involuntário. Com um sorriso no canto dos lábios, acompanhava o cantor de voz rachada se esgoelar, acreditando estar prestes a obter aprovação. Pura ingenuidade, pois antes do fim da canção ouvia-se o implacável “fon-fon” da buzina.

Mas para aqueles que faziam bonito diante do microfone, Chacrinha reservava cadeiras imitando tronos, nas quais os candidatos aguardavam a decisão final de quem seria o melhor da noite. Sempre que um cantor de bons dotes vocais terminava sua apresentação, o homem da buzina perguntava para a plateia:

— *Vai para o trono ou não vai?*

OSSE
DURO
DE
ROER



Como forma de aliviar a tensão que vivia em decorrência da constante luta para pagar as contas no fim do mês, Chacrinha se tornou um fumante compulsivo. Por dia, eram cinco maços de cigarro da marca Mistura Fina. Em casa, os móveis e tapetes viviam cheios de buracos provocados pelos cigarros, que ele, cansado, acabava deixando cair ao pegar no sono. Por muito pouco, e mais de uma vez, a casa da família Barbosa não virou cinzas.

Como de costume, o tabagismo cobrava seu preço. Abelardo passou a sentir fortes dores nas costas. Porém, ele se limitava a tomar um analgésico para aliviar a dor e deixava o problema para lá, sem ver necessidade de ir a um médico. Precisava trabalhar e trabalhar.

Até que, em agosto de 1963, sofreu um desmaio e foi levado para o Hospital Silvestre, em Santa Teresa. Fizeram uma biópsia, que constatou a presença de um tumor benigno no pulmão esquerdo, provocado por uma crosta de nicotina. Roberto Marinho, proprietário da Rádio Globo, onde Chacrinha continuava trabalhando, foi avisado pelo diretor da emissora, Silvio Bhering. Imediatamente, se responsabilizou por todas as despesas médicas.

Foi uma verdadeira batalha de Leningrado; mais uma intervenção cirúrgica na vida do surubinense. Seu pulmão esquerdo não teve salvação e foi retirado. Enquanto isso, os jornais noticiavam a gravidade do caso. O doutor Jesse Teixeira, responsável pelo caso, chegou a desenganar seu paciente.

Ele recorreu a um procedimento a base de aplicações de cobalto. Também foi prescrita uma superalimentação. Durante o tratamento com cobalto, Chacrinha engordou nove quilos. Após a cirurgia, mais oito. Dos 60 kg que pesava antes de chegar ao hospital, pulou para 90 kg. Também abandonou para sempre o cigarro; era isso ou se despedir também do seu pulmão direito.

Durante a ausência de Chacrinha da TV Rio, coube à cantora Emilinha Borba substituir o apresentador. Os dois mantinham uma amizade de longa data, desde os tempos do *Cassino da Chacrinha* no rádio, quando Abelardo ajudava a promover suas músicas, transformando-as em sucessos nos carnavais. A cantora admirava tanto o animador e a maneira como ele conseguia levar seus programas que certa vez o chamou de gênio, recebendo dele uma resposta que era um primor de modéstia:

— *De tudo isso, 99% são suor e 1% é talento.*

Emilinha segurou as pontas para o amigo até janeiro de 1964, quando, recuperado do susto, estava de volta ao trabalho. Para marcar o retorno do seu apresentador campeão de audiência, a TV Rio publicou nos jornais uma nota em estilo “chacriniano”:

Fizemos o impossível. Mas nada adiantou. O Chacrinha vai voltar. Desculpem.

Abelardo Barbosa voltou com fome de trabalho. Na Rádio Globo, após receber uma grande homenagem dos colegas, apossou-se do microfone da emissora e tratou de dar

novamente ao público o seu humor insano e os lançamentos musicais, que ao longo da carreira lhe garantiram uma enorme popularidade comprovada pelas milhares de cartas recebidas a cada mês. Na TV Rio, promoveu concurso de tricô e de galos cantores, e organizou a “Noite do Disco”, à qual levou os artistas de maior destaque da música e diretores das principais gravadoras, distribuindo discos para o auditório.

Nesse apetite voraz por recuperar o tempo perdido, Chacrinha também voltou a viajar para São Paulo a fim de apresentar seus programas na TV Paulista e na Rádio Nacional. Numa ocasião, quando voltava de carro, tendo o filho Jorge como companhia, Abelardo ouviu no rádio uma canção diferente de tudo que já havia escutado. Era uma música num canto quase falado, com um cantor com uma interpretação que contagiava.

Deixa que digam

Que pensem

Que falem

Deixa isso pra lá

Vem pra cá

O que que tem?

Chacrinha ficou obcecado por saber que canção e cantor eram aqueles – a rádio não informou. Ficou doido para chegar logo ao Rio. Na segunda-feira, encontrou com Carlos Imperial, que lhe deu o serviço completo. A música era “Deixa isso pra lá”, de Alberto Paz e Edson Menezes. O cantor era Jair Rodrigues, um rapaz de 25 anos, negro, bonito e que estava sempre muito bem-vestido. Chacrinha conseguiu o contato do cantor com a Philips, sua gravadora, e conseguiu trazê-lo para o Rio para, dias depois, apresentá-lo na *Discoteca do Chacrinha*.

— *Vamos receber: Jair Rodrigues!!!!!!!!!!*

Participar dos programas do Chacrinha era o que faltava para a canção deslanchar de vez. Jair Rodrigues tinha um futuro e tanto pela frente.

Na TV Rio, Abelardo também passou a contar com uma linda assistente de palco para fazer companhia a Therezinha, Rosemarie e Zilda. No palco da emissora do Posto Seis, lançou Elei Wuzler, uma candidata a Miss Guanabara como representante do bairro da Barra da Tijuca, que não ganhou o concurso, mas acabou indo trabalhar com o apresentador em *A Hora da Buzina*, apresentada como “Rainha do Bumba-meu-boi”. Moças bonitas passaram a ser mais um atrativo dos programas do rei dos disc jockeys. Os espectadores riam com o apresentador barrigudo com fantasias engraçadas e se deliciavam com a beleza de suas assistentes. O único inconveniente para essa audiência masculina era lidar com o olhar de poucos amigos de suas esposas enciumadas.



Porém, nem tudo dava certo durante os programas de Abelardo Barbosa. Em maio, Chacrinha teve como convidado na *Discoteca* um velho amigo, o cantor Moreira da Silva. Durante uma encenação que relembrava os tempos do *Rancho Alegre* e o *Rancho do Mister Chacrinha*, os dois camaradas, vestidos como caubóis, fingiram um duelo. Entretanto, sem a menor intimidade com armas de fogo, Chacrinha disparou seu revólver a uma distância muito curta de Moreira, que foi atingido no rosto. Embora fosse um tiro de festim, o ferimento assustou. O programa saiu do ar e, desesperado, Abelardo, juntamente com a equipe da TV Rio, levou o sambista para o hospital Miguel Couto. Por sorte, os olhos do cantor não foram atingidos, e a queimadura não havia sido tão grave como se imaginara. Contudo, Chacrinha passou alguns dias culpando-se pelo ocorrido. No que era inocentado por todos, inclusive a imprensa.

• • •

Era mais fácil pegar touro a unha do que dirigir Chacrinha, um apresentador que gostava de se guiar pela sua própria cabeça sem dar satisfações a ninguém. Na TV Rio, Henrique Laufer foi o produtor e diretor do programa até setembro de 1962, quando Ivan Duarte assumiu a trabalhosa função. Depois do retorno do Disc Jockey nº 1 de sua batalha pela vida, Walter Clark pediu que José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, dispensasse melhor atenção a Abelardo, um nome forte na casa com seus 20% de Ibope, quando a maioria das atrações chegava a 12%, com muito esforço.

Foi marcada uma reunião com Chacrinha na nova residência dos Barbosa, pois a família havia deixado a casa do Rocha e se mudado para um apartamento em Copacabana, na rua Bolívar. Boni e Clark foram convidados para saborear uma galinha à cabidela, prato predileto de Chacrinha, preparado por Florinda.

Durante o almoço, entre uma garfada e outra, os três homens da televisão conversaram sobre os planos futuros para os programas na TV Rio. Satisfeito, Boni ficou em apenas um prato da galinhada, não quis repetir. Chacrinha achou que o rapaz estava fazendo cerimônia. Afinal, galinha à cabidela não era prato pra não se repetir. Encheu uma generosa concha e a levou até o prato vazio do seu futuro diretor. Mas o jeito estabanado de Chacrinha fez com que metade do molho feito de sangue de galinha fosse ficando pelo caminho. Respingou na toalha branquinha da dona da casa, no reluzente sinteco do apartamento e, para piorar, também na camisa de Boni. Sem ter onde enfiar a cara, Florinda passou um sabão daqueles no marido, que, tal qual criança travessa, abaixou a cabeça e ouviu tudo calado. Mas o saldo foi positivo: a trapalhada rendeu risadas e intimidade entre Boni e Chacrinha.

O inquieto animador continuou em sua busca sem fim para dar o que fosse novo ao público e receber em troca altos índices de audiência. A cada edição da *Discoteca*, surgia com um concurso incomum, como o do homem mais feio, o anão mais baixo, o homem mais alto, os pais e filhos mais parecidos. Boni ia lidando como podia com Abelardo Barbosa, que apesar do gênio forte era um alívio na fase delicada que o Canal 13 atravessava.

Nesse trabalho ao lado do surubinense, Boni surgiu com uma sugestão:

— *Chacrinha, você é um ótimo profissional, mas é feio. Então, vamos botar umas meninas aí para ajudar a equilibrar?*

Fizeram um programa ao ar livre, no terraço da TV Rio, em Copacabana, com bailarinas dando o toque de beleza que Boni acreditava que estava faltando à atração do homem da buzina.

Desde 1º de setembro de 1963, a TV Rio enfrentava uma nova e agressiva concorrente. De propriedade de Mauro Wallace Simonsen, também dono da companhia aérea PanAir do Brasil, a TV Excelsior havia chegado ao Rio de Janeiro querendo de cara a liderança da audiência. Carlos Manga, que na TV Rio foi o responsável por atrações como *Noites cariocas*, *O riso é o limite* e *Chico City*, foi contratado por Walinho Simonsen para ser o diretor-geral da Excelsior carioca. Ele saiu contratando profissionais de todas as concorrentes. Com isso, o Canal 13 viu acontecer uma debandada geral no seu cast. Todos os dias alguém pedia as contas para engrossar as fileiras do Canal 2. Walter Clark ficava como o capitão de um navio com um buraco no casco, tentando tirar a água que entrava com uma caneca.

Desde o início, Chacrinha foi assediado por Manga. O diretor queria muito levar para a Excelsior o líder de audiência das noites de quarta e domingo. Mas Abelardo preferia continuar na TV do Cassino Atlântico. Os meses se passavam, o assédio continuava e a resposta permanecia sendo “não”. Até que...



FEIJÃO COM ARROZ,
EU AGORA ESTOU
NO DOIS

Infelizmente, não pudemos evitar. Apesar de nossos esforços, “ele” está aqui. Se você é impressionável ou sofre do coração, NÃO assista hoje, às 20 horas, à Discoteca do Chacrinha – uma obra-prima de loucura.

Imitando a nota irreverente publicada pela TV Rio quando Chacrinha voltou da cirurgia no pulmão, no dia 29 de novembro de 1964, a TV Excelsior publicou nos principais jornais cariocas esse texto para anunciar a estreia de seu novo contratado, que se realizaria naquela noite.

Naquele domingo, Chacrinha, já trazendo uma novidade estética, a ausência do bigode que o acompanhara por mais de 25 anos, fez sua estreia no Canal 2. Como sempre acontecia, o animador estava uma pilha de nervos, sentindo cólicas e apavorado com a possibilidade de encontrar o Teatro Astória, onde a *Discoteca* seria realizada, sem viva alma. Temia deixar uma má impressão no primeiro programa na nova emissora. Às 20h, vestindo um figurino à la Luiz XV, Chacrinha deu início ao seu show sem que o auditório – que, ao contrário dos seus temores, estava lotado – percebesse a tempestade cerebral pela qual passara minutos antes.

Correu tudo da melhor maneira possível. Os pontos de audiência que Chacrinha obteve na TV Rio migraram automaticamente para a Excelsior. O programa se tornou mais e mais comentado. Mas o rei dos disc jockeys nunca estava satisfeito. Ao final de cada noite de domingo, ia com o pessoal da equipe – Nalygia, Jack Ades, Ivan Monteiro, Borelli Filho, Jorge Mascarenhas, Luiz Veiga, Maurício Figueiredo e Anthony Ferreira – jantar na churrascaria Carreta, que ficava próxima ao Teatro Astória, para matar a fome e conversar sobre novas ideias de atrações para a próxima semana. Na edição seguinte vinham concursos do cachorro mais bonito, a mais bela estudante, o galo que cantasse diante das câmeras, a galinha que colocava ovos mais rápido, o cachorro com o maior número de pulgas, a mãe com mais filhos e também a melhor redação infantil, que – ao contrário dos demais, que tinham um pé e meio no grotesco – incentivava estudantes a se aplicarem na leitura e na escrita. Também havia prêmio para o espectador que acertasse o número de cantores que iriam se apresentar no programa.

Anthony Ferreira virou braço direito de Chacrinha. O animador comprou seu passe de uma agência de notícias, onde o rapaz trabalhava, oferecendo um salário três vezes maior. Com seu faro de jornalista, estava sempre atento ao que acontecia. Com isso, começou a promover grandes eventos na *Discoteca do Chacrinha*. No palco do Teatro Astória, promoveu uma festa em comemoração ao aniversário do Colégio Pedro II, tendo seu chefe como anfitrião, além de levar ao programa, que era considerado popularesco, a primeira bailarina do Theatro Municipal, a jovem Ana Botafogo.

Com seu temperamento explosivo, Chacrinha não admitia ser contrariado. Mas com 1,90 metro de altura, Anthony Ferreira não se deixava intimidar. Nesses jantares-reuniões de trabalho, o rapaz não escondia sua opinião sobre alguma atração sugerida pelo patrão; se achava absurda, dizia. Claro que também tinha que sentir cócegas nos tímpanos com os gritos

de Chacrinha:

— *Porra, como é que você não gostou? Essa minha equipe é uma merda!*

Na Excelsior, Chacrinha passou a contar com um novo anunciante, o carnê Fartura, da Rede Nacional da Fartura, um consórcio. Dentro da sua *Discoteca*, havia o “Show Fartura”, no qual eram sorteados os carnês com os prêmios, que incluíam “moradia e comida para toda a família por um ano” e um carro Gordini 0 km. Também tinha o apoio da Orquestra Fartura, cuja regência ficava a cargo do maestro Zaccarias.

As assistentes de palco da TV Rio acompanharam Chacrinha na ida para a Excelsior e passaram a ter nome: agora eram as tevezinhas. A *Discoteca* também passou a contar com o reforço de bailarinas do Theatro Municipal, que participavam dos números de abertura e encerramento da atração, seguindo a sugestão que Boni fizera.

Inicialmente, o “louco dos discos” ficou com apenas um programa no Canal 2. Porém, no dia 7 de março de 1965, um domingo, voltou com o seu *A Hora da Buzina*. A *Discoteca do Chacrinha* foi para as quartas, às 20h, como nos tempos da TV Rio. Novamente, apresentava calouros muito bons e outros nem tanto, que para a audiência chegavam a ser ótimos na hora de provocar gargalhadas. Em junho, estreou com a *A Hora da Buzina* também na Excelsior de São Paulo, continuando com sua jornada de trabalho capaz de mandar qualquer um para o pronto-socorro.

Neste programa, Chacrinha acabava demonstrando um pouco da sua personalidade sádica. Durante uma edição, um candidato foi buzinado e pediu uma segunda chance ao apresentador. Ele impôs sua condição para pensar no assunto:

— *Você vai ter que se ajoelhar e implorar pela segunda chance.*

O calouro não pensou duas vezes. Colocou os joelhos no chão, enquanto juntava as mãos em gesto de súplica, dizendo:

— *Por favor, Seu Chacrinha, me dê mais uma chance!*

Realmente, era um moço de palavra. Mas Chacrinha não deu a mínima importância para isso. Na verdade, o que deu para o rapaz foi um sonoro:

— *Fon-fon!*

O auditório, que adorava ver algum anônimo passando por uma situação ridícula, explodiu numa gargalhada. Porém, na imprensa, era Chacrinha quem levava pauladas, com os jornais criticando sua insensibilidade.

Seus programas não eram mesmo uma unanimidade. A bem da verdade, recebiam mais críticas negativas do que elogiosas. Além da tortura que fazia com os calouros, os colunistas queixavam-se da comida atirada para a plateia, não gostavam dos cantores que se apresentavam e ficavam incomodados com a postura do apresentador. Entretanto, a edição do dia 10 de agosto da *Discoteca do Chacrinha* foi além, deixando Mister Eco, crítico do *Diário Carioca*, a ponto de ter uma síncope, devido à presença de dois jovens talentos da

música brasileira, que foram homenageados por Abelardo Barbosa.

Simplesmente lamentável o programa Discoteca do Chacrinha desta semana. Lamentável principalmente pela contribuição das Forças Armadas a um espetáculo grotesco e cretino no qual se homenageavam dois rapazolas cabeludos e de sanidade mental duvidosa, sem qualquer expressão na música popular brasileira, pelo contrário, contribuindo para a sua avacalhação. A homenagem era pelo fato de os dois retardados terem composto um troço chamado “Festa de Arromba”. Para quem gosta de porcaria, um prato cheio.

Os dois cabeludos de quem Eustógio de Carvalho, nome de batismo de Mister Eco, falara tão mal eram Erasmo Carlos, jovem da Tijuca, ex-secretário de Carlos Imperial, e Roberto Carlos, o pupilo do ex-Capitão Bill e cantor mascarado que Chacrinha apresentara nos tempos da Tupi. Depois de muita luta, ele voltara ao rock’n’roll, conseguindo ótimas vendas com “Splish Splash”, versão de um sucesso americano, feita por Erasmo. Roberto compôs, com o roqueiro tijucano, “Parei na contramão”, que fez um sucesso maior ainda. Com isso, tornou-se o principal nome da CBS, a antiga Columbia. Em seguida, a dupla lançou na voz de Erasmo “Festa de arromba”, cuja inspiração se deu durante um evento com os destaques da música jovem, organizado pelo radialista José Messias, no qual o rapaz estava presente. Ele teve a ideia de juntar na letra todos os cantores amigos e também quem fazia sucesso no momento.

*Vejam só que festa de arromba
Noutro dia eu fui parar
Presentes no local o rádio e a televisão
Cinema, mil jornais, muita gente, confusão
Quase não consigo na entrada chegar
Pois a multidão
Estava de amargar*

*Hey, hey
Que onda
Que festa de arromba*

A apresentação na *Discoteca do Chacrinha* fez com que “Festa de arromba” tocasse tanto nas rádios que o fenômeno de execução acabou chamando a atenção da diretoria da TV Record em São Paulo. Erasmo e Roberto foram chamados para comandar um programa nas tardes de domingo na emissora paulista. Como o programa precisava também de uma figura feminina, os dois indicaram uma amiga cantora, colega de Roberto Carlos na CBS, Wanderléa, também citada na letra de “Festa de arromba”. Era aquela cantora que aos 16 anos havia se apresentado na “Noite do Twist”, que Chacrinha promoveu em seus tempos de TV Rio. No dia 28 de agosto de 1965, dezoito dias depois do comentário raivoso de Mister Eco contra a homenagem feita por Chacrinha, os cabeludos – com um visual em grande parte

influenciado pelos Beatles – estrearam seu programa de música jovem. A atração recebeu o nome de *Jovem Guarda*, inspirada numa coluna do jornal *Última Hora*, de São Paulo. Em poucas semanas, virou um fenômeno. Só se falava em Roberto, Erasmo, Wanderléa e “Jovem Guarda”.

Sempre atento ao que fazia sucesso, Chacrinha passou a apresentar constantemente algum artista ligado à Jovem Guarda, além de em *A Hora da Buzina* ter sempre ao menos um calouro interpretando canções de Roberto e Erasmo. Com isso, conseguia um reflexo para lá de positivo na audiência.



Na edição de 17 de setembro de 1965 do *Diário Carioca*, o jornalista Ivan Lessa tentava desvendar esse fenômeno da comunicação que desrespeitava todas as regras de etiqueta da televisão:

Abelardo Chacrinha Barbosa é a única sátira viva à televisão. Se a televisão é um delicado jardim onde floresceram os mais delicados e perfumados lírios, Chacrinha é uma espécie bizarra de urtiga comichenta, crescendo incessantemente pelos quatro cantos. Em pleno fastígio da sua glória, o grande maganão ainda troça – no espírito da mais sadia e tradicional chalaça luso-brasileira – como sempre o fez de nós outros, provilêu anônimo. Mas falando sério, em bom português, Chacrinha é um grande debochado. De quem está debochando? Mais do que tudo, de nós mesmos. E faz muito bem.

A “urtiga comichenta” crescia mais e mais. Nas noites de *Discoteca do Chacrinha* e de *A Hora da Buzina*, o Teatro Astória vivia com os seus 2 mil lugares ocupados. Em comemorações especiais, como a “Noite da Festa de Arromba”, a área próxima à rua Visconde de Pirajá nº 595 ficava um caos. Além da gigantesca fila para assistir ao programa, o trânsito ficava completamente engarrafado. Sendo assim, quando fez um ano de Excelsior, Chacrinha concluiu que precisaria de um lugar maior para a festa que pretendia dar. No dia 5 de dezembro de 1965, das 17h30 às 21h30, realizou um grande show no Maracanãzinho e seus 11,8 mil lugares, com a participação de todos os artistas do rico elenco do Canal 2. A renda dos ingressos foi toda revertida para a Campanha da Criança Retardada, que desde 1961 angariava fundos para crianças com necessidades especiais, um termo ainda não usado nos pouco sutis anos 1960.

Roberto Carlos se tornava o cantor de maior popularidade do país. Recebia cartas de fãs enlouquecidas de paixão. Como a de uma jovem de 16 anos, da cidade de Divinópolis, Minas Gerais:

Roberto, querido, depois que eu ouvi sua voz fiz um juramento: serei fiel a você até a morte. Nunca mais vou namorar. Você é bárbaro.

Desnecessário dizer que Chacrinha iria aproveitar isso em seus programas. Acabou surgindo com a ideia de lhe prestar mais uma de suas homenagens. Em São Paulo, no dia 18 de outubro de 1966, durante *A Hora da Buzina*, realizou a cerimônia de coroação do ídolo da Jovem Guarda como “rei da juventude”. Roberto foi conduzido a um dos tronos utilizados pelos calouros que sobreviviam às buzinadas de Abelardo Barbosa e, em seguida, para sua surpresa, recebeu a coroa das mãos de sua mãe, dona Laura Moreira Braga, levada pela produção de Chacrinha ao Teatro Excelsior, o antigo cine-teatro Astória, alugado pela emissora de Walinho Simonsen.

Outro ídolo jovem que surgia na mesma época de Roberto Carlos era o cantor e compositor Francisco Buarque de Hollanda, ou simplesmente Chico Buarque, o rapaz dos

“olhos cor de ardósia” que aparecia em programas como *O Fino da Bossa*, da TV Record, interpretando suas composições. Uma delas era “Pedro Pedreiro”.

***Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando***

Logo que viu Chico Buarque na TV, Chacrinha quis levá-lo para se apresentar em seu programa. Acertou tudo para homenageá-lo na *Discoteca*. Porém, com tudo acertado, surgiu um problema. A produção do programa quis editar “Pedro pedreiro”, pois considerava a letra demasiado longa e repetitiva. Ficavam incomodados com as 36 vezes nas quais a palavra “esperando” era mencionada na letra da canção. Ao saber do que pretendiam fazer com sua música, Chico recusou a homenagem, pegou seu violão e voltou para o Hotel Danúbio, onde estava hospedado em São Paulo. Dessa vez não deu para Abelardo Barbosa.

Embora os pontos no Ibope fossem altos, a produção do programa pecava pelo amadorismo. Era Chacrinha quem pagava os cachês dos cantores – deixava o dinheiro guardado numa pasta, sob os cuidados de Nanato e Leleco. O apresentador levou os meninos de 16 anos para trabalhar com ele, assim como o primogênito, Jorge. Era válido habituar os meninos com o trabalho desde cedo, mas não muito seguro. Em certas ocasiões, algumas notas caíam da pasta sem que José Renato e José Aurélio notassem. Somente depois do prejuízo se repetir muitas vezes foi que finalmente alguém teve a luminosa ideia de colocar o dinheiro em envelopes, que após os programas eram entregues aos artistas pelos gêmeos.

Chacrinha não descuidava de dar oportunidade aos novos talentos, principalmente depois do que aconteceu com Roberto Carlos. Moradores do bairro do Brooklin, os irmãos Danilo, Fábio e Heraldo formaram um trio vocal chamado Os Namorados, cujas influências eram o som dos artistas da Jovem Guarda e dos Beatles. Começaram se apresentando nas casas de amigos e parentes e, individualmente, no colégio. O pai dos meninos conheceu um empresário chamado Santos Jr., que conseguiu para eles uma participação em *A Hora da Buzina*. Danilo, 16 anos, Fábio, 15, e Heraldo, 13, deixaram Chacrinha impressionado pela pouca idade, mas ótimo desempenho. Eles fizeram uma apresentação que em momento algum sofreu com a ameaça de uma buzina. Foram para o trono e encerraram a noite como os grandes vencedores daquela terça-feira.

Dias depois, Os Namorados foram para o Rio de Janeiro como representantes de São Paulo para uma participação na *Discoteca do Chacrinha*. Iam participar de uma disputa entre os estados. Não havia cachê, mas a produção dava hotel, refeições e passagens aéreas para os garotos e seus pais. Precisando de dinheiro, o Sr. Galvão vendeu as passagens e a família foi para o Rio na Rural Willis que possuía. Pai e mãe se revezaram ao volante durante as seis horas de viagem.

Os meninos fizeram sua apresentação no Teatro Astória sem se intimidar com o tamanho do palco e as duas mil pessoas na plateia. Tiveram um excelente desempenho, que lhes garantiu a vitória na competição. Após o final do programa, a família Galvão pegou a

estrada rumo a São Paulo. Pelo horário que estavam saindo, 22h, estariam em casa às quatro da manhã de segunda-feira. Os meninos não perderiam aula.

Porém, quase chegando à cidade, a Rural Willis começou a apresentar cheiro de queimado. Foi o tempo de a família deixar o veículo e o fogo tomar conta de tudo. Um prejuízo cuja venda das passagens aéreas não iria cobrir. Cedo, os jovens artistas já começavam a lidar com os altos e baixos da carreira. Mas não iam desistir. A estrada a ser percorrida era bem maior que a BR-116, e eles tinham disposição mais do que suficiente para encará-la.

Outra promessa para a qual o rei dos disc jockeys também passou a dar oportunidades em seu programa era uma jovem cantora mineira, nascida em Paraopeba, que, muito popular em Belo Horizonte, foi ao Rio com a intenção de conquistar a Cidade Maravilhosa. Clara Nunes era uma bela morena dona de linda voz e forte presença no palco. Entretanto, a jovem ainda não tinha encontrado um estilo definido. Flertava com a música romântica, interpretando boleros e sambas-canções, ao mesmo tempo em que cantava o rock inocente da Jovem Guarda, chamado de iê-iê-iê.

Em novembro de 1966, Chacrinha fez mais uma participação no cinema. O filme se chamava *Na onda do iê-iê-iê*, e era dirigido por Aurélio Teixeira, com produção de Jarbas Barbosa. O irmão caçula de Abelardo havia começado no cinema como câmera do cinejornal da produtora Herbert Richers, passando mais tarde a produzir filmes de grande importância, como *O assalto ao trem pagador* (de Roberto Farias), *Ganga Zumba* (de Cacá Diegues) e *Deus e o diabo na terra do sol* (de Glauber Rocha). *Na onda do iê-iê-iê* era estrelado pelo cantor Sílvio César e pelos comediantes Dedé Santana e Renato Aragão. Sílvio interpretava um jovem cantor cujo sonho era viver da sua voz e, para isso, acabava participando de um concurso na TV Excelsior, comandado pelo apresentador Wilton Franco. Havia também números musicais com Wilson Simonal, cantor carioca, mais uma descoberta de Carlos Imperial, que fazia grande sucesso com “Mamãe passou açúcar em mim”, canção de Imperial, interpretada no filme, além da dupla Os Vips. Chacrinha aparecia em uma cena filmada durante *A Hora da Buzina*, na qual a revelação Paulo Sérgio participa do programa no Teatro Astória interpretando uma canção de Altemar Dutra, sob os olhos e a ameaçadora buzina de Abelardo Barbosa.

Clara Nunes também tinha uma participação no filme interpretando o bolero “*Amor quando é amor*”, de Niquinho e Oton Russo.

Amor quando é amor ***É todo bem da vida***

O ano de 1967 já vinha com Chacrinha promovendo mais uma de suas homenagens, desta vez aos “Melhores do Disco de 1966”. No dia 11 de janeiro apresentou para seu público Agnaldo Timóteo, Angela Maria, Altemar Dutra, Nara Leão, Moacyr Franco, Jair Rodrigues, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Chico Buarque, Renato e seus Blue Caps, Carlos Alberto, Clara Nunes, Wanderléa, Roberto Carlos e Elis Regina. A gauchinha, cujo primeiro LP fora produzido por Carlos Imperial, transformara-se numa das cantoras de maior

popularidade do país, depois de interpretar “Arrastão” (de Edu Lobo e Vinicius de Moraes), canção vencedora do I Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela Excelsior, no qual também recebeu o prêmio de melhor intérprete feminina. Em São Paulo, ao lado de Jair Rodrigues, apresentava na Record *O Fino da Bossa*, programa no qual a dupla oferecia aos espectadores talento e simpatia em forma de música. Ela tinha acabado de lançar mais um grande sucesso, outra composição de Edu Lobo, desta vez em parceria com Gianfrancesco Guarnieri, “Upa, neguinho”, uma das canções que faziam parte da peça *Arena conta Zumbi*, escrita por Edu e Guarnieri.

Upa neguinho na estrada

Upa pra lá e pra cá

Vigi que coisa mais linda

Upa neguinho começando a andar

Nessa noite, Chacrinha também aproveitou para lançar uma marchinha para o Carnaval de 1967:

Ô Terezinha! Ô Terezinha!

Vou de boneca nessa onda do Chacrinha!

Tudo ia bem com Chacrinha, até que línguas de trapo começaram a comentar sobre a presença constante de Clara Nunes em seus programas. Diziam que Abelardo mantinha um affair com a cantora e que não dispensava a outros artistas a mesma atenção que para com a jovem mineira. Diziam ainda que nas vezes em que Florinda aparecia no Teatro Astória, Clara não era escalada para o programa. Sua imagem de chefe de família exemplar estava maculada.

A cada dia surgia um novo disse me disse. Comentavam que Florinda havia encontrado uma nota de compra de móveis num dos bolsos de Abelardo e teria ido ao endereço de entrega da nota, um apartamento em Copacabana. Ao chegar, Abelardo teria aberto a porta para ela. Outra história falava sobre um apartamento comprado para Clara.

Mas de onde Chacrinha tirava dinheiro para essas extravagâncias, se era Florinda quem controlava todas as finanças da casa? Além do quê, quando não estava no trabalho, ele ficava em casa, pois não gostava de sair sozinho.

No entanto, havia as idas a São Paulo. Diziam que os encontros amorosos do apresentador aconteciam durante as edições paulistas de seus programas. Em algumas ocasiões ele pediu ao compositor João Roberto Kelly, que apresentava o programa *Allegro* na novata TV Globo, para escalar Clara na atração. Isso já bastava para dizerem que em vez de querer ajudar a jovem, sua intenção era poder encontrá-la num ambiente mais tranquilo.

Porém, Clara Nunes tinha um noivo, Aurino, jovem de abastada família mineira, irmão do cantor da Jovem Guarda Eduardo Araújo. Avesso a aparecer, ficava indignado com as insinuações que faziam sobre a jovem. Sustentava que Clara via em Chacrinha o pai que havia perdido ainda criança. Lembrava que não faltaram propostas para a cantora, sempre

rechaçadas por ela. Tinha total confiança na noiva. Florinda, por sua vez, punha as duas mãos no fogo pelo marido. Quando alguém tocava no assunto, desdenhava. Afirmava saber que o marido não era santo, mas que o importante era que ela era a esposa.

Foi com Kelly que Chacrinha viveu uma situação envolvendo duas prostitutas do bairro da Liberdade. Ao entrarem numa boate daquelas cuja principal clientela era composta por turistas – tinha decoração de Carnaval e show de mulata de escola de samba –, a circulação de meninas da difícil vida fácil era farta. Ele e João Roberto se aproximaram de duas com traços orientais e vestidas como gueixas.

As moças dividiam um apartamento, para onde os dois acabaram indo. Tomaram um porre de saquê. Chacrinha logo ficou bêbado. Uma delas trouxe duas esteiras e esticou no chão.

No cafofo das belezas nipônicas, enquanto tomava saquê, Chacrinha, que examinou todo o local, comentou com Kelly:

— *Engraçado, Kelly, eu não estou vendo nenhum quarto aqui.*

— *É mesmo.*

De repente, uma das jovens pegou numa estante duas esteiras e estendeu uma ao lado da outra, deixando Chacrinha apreensivo:

— *Cadê o quarto e as camas para a gente fazer o que temos de fazer?*

— *É aqui mesmo – respondeu a moça. — Espera aí, nós viemos juntos, mas não vamos fazer suruba, não. Cadê o quarto? É cada um num quarto.*

— *Olha, ali tem um cantinho. Enquanto um fica lá se exercitando, o outro fica aqui se aquecendo.*

— *Nada feito.*

Muito “pau da vida”, o surubinense pagou as moças e saiu com Kelly, resmungando por todo o caminho em direção ao Hotel Normandie, onde sempre ficava hospedado.

Enquanto as fofocas sobre a vida íntima do rei dos disc jockeys se multiplicavam, a situação da TV Excelsior também não andava nada boa. Walinho Simonsen era um simpatizante do presidente João Goulart, deposto pelo golpe de 1º de abril de 1964. Devido a essa sua defesa da democracia, começou a sofrer retaliações da ditadura, que se mobilizava ao máximo para prejudicar seus negócios. O alvo principal era a PanAir. Como consequência, o dinheiro na emissora começou a escassear, e os salários foram sendo atrasados. Eram tempos de grande incerteza.

Carlos Manga acabou recebendo proposta para retornar à TV Rio. Com o pagamento atrasado, nada mais teve a fazer senão aceitar. Chacrinha também foi cortejado pela emissora do Posto Seis. Agora, além de Florinda e dos filhos, tinha uma grande equipe que contava com ele. Ficar com salários atrasados era algo fora de cogitação. Não tinha jeito, ia voltar para o Canal 13. No dia 30 de janeiro de 1967, Chacrinha assinou contrato com a TV Rio. Por conta dos aborrecimentos com as histórias envolvendo seu nome, a emissora o mandou viajar para Pernambuco a fim de dar uma merecida arejada na cabeça. Só deveria voltar em fevereiro.



"LIGUE A RIG
E ESQUEÇA
ESTÁ DANÇANDO
NA CABEÇA"

Na quarta-feira de cinzas, dia 8 de fevereiro de 1967, Chacrinha estava de volta à TV Rio, no novo endereço da emissora, avenida Atlântica nº 4.264. Ia começar com a sua já tradicional escolha das dez melhores músicas de Carnaval, quadro anual da *Discoteca do Chacrinha*. O estúdio era um pandemônio, todos andando de um lado para o outro a fim de não enervar Abelardo Barbosa. Técnicos, operadores de áudio, iluminadores, cinegrafistas, os músicos da orquestra do maestro Aloir Mendes, as dançarinas, que agora eram chamadas de “As vitaminas do Chacrinha”, o contrarregra, toda essa equipe estava sob o olhar atento e perfeccionista do apresentador. Era uma tensão maior do que prova final do Colégio Militar. Mesmo que estivesse tudo impecável, o homem arrumava um milimétrico detalhe para começar com um rosário de reclamações condimentadas com um bom número de palavrões cabeludos.

— *Putá que pariu! Equipe de merda, essa que eu tenho!*

— *Que foi, Chacrinha? — Já viu o buraco que tem no cenário, Carlos Manga? Os platôs das dançarinas estão tortos! Está tudo errado! Tudo errado! Tudo uma merda!*

Num método de trabalho para lá de absurdo, Abelardo Barbosa criava esse ambiente de tensão extrema por acreditar que o ajudava a entrar no ar bem esperto, cheio de disposição. Glândulas suprarrenais produzindo adrenalina para dar e vender.

Usando a experiência que tinha do tempo em que dirigia as chanchadas da produtora Atlântida, Carlos Manga, coordenando o programa, projetou um palco no qual Chacrinha poderia se movimentar melhor, coisa de que ele gostava bastante. A desvantagem era o auditório, bem menor do que o da Excelsior. No projeto feito por Manga, havia passarelas que envolviam o palco, e as Terezinhas dançavam em cima dos tais platôs que constavam da lista de reclamações do Disc Jockey nº 1.

Embora não tivesse visto nenhum dos defeitos de que Chacrinha se queixara, Manga pediu que a equipe caprichasse mais um pouco. Depois, foi ao camarim saber se o histérico apresentador estava satisfeito. Encontrou-o trajando o figurino com o qual estrearia logo mais a *Discoteca*, um vestido de noiva, que o deixava bastante parecido com dona Aurélia, sua mãe.

— *Chacrinha, agora já está tudo pronto! Gostou? Está tudo bem?*

— *Tudo bem porra nenhuma! Você já olhou o tempo? Está um dilúvio! E essa merda de chuva vai atrapalhar o meu programa! Como vou ter público no meu auditório chovendo desse jeito? Me diz. Não vai aparecer ninguém e eu vou falar para uma plateia vazia.*

A hora do programa foi se aproximando e a cólica que sempre sentia nesses momentos ficou mais forte. Tratou de tomar os dois comprimidos aos quais sempre recorria para não

precisar ir ao banheiro durante o programa. Se eles falhassem, as três cuecas que vestia eram o último recurso para disfarçar o momento trágico.

Às 20h, a orquestra de Aloir Mendes, o maestro de sorriso brilhante e óculos de grau, começou a tocar o prefixo do programa, com algumas alterações na letra criada por Miguel Gustavo.

Abelardo Barbosa

Está com tudo

E não está prosa!

Menino levado da breca

Chacrinha faz chacrinha

Na Buzina e Discoteca

Oh, Terezinha!

Oh, Terezinha!

É um barato

A Discoteca do Chacrinha!

O “maluco de Niterói” surgiu cumprimentando o auditório e os milhares de cariocas que assistiam ao seu retorno à TV Rio. Nessa noite, além da escolha das dez melhores músicas de Carnaval, haveria também o concurso do filho mais parecido com o pai e da filha mais parecida com a mãe.

— *Alô, dona Berta: leve sua filha que vai ganhar na certa. Alô, Juvenal: leve seu filho e vai ganhar um prêmio sensacional.*

Não houve problema algum: Chacrinha conseguiu cravar seus 45 pontos de Ibope na volta à TV Rio. Era imbatível, havia nove anos líder de audiência em seu horário. Vários programas tentaram superá-lo, como o *Noite de Gala*, revista musical cheia de atrações, patrocinada pelas lojas O Rei da Voz, do empresário Abraão Medina. Mas o pernambucano arretado continuava absoluto. Essa longevidade torrava os neurônios dos “especialistas” em comunicação, que não conseguiam compreender como um programa no qual o apresentador não tinha a classe de um Murilo Nery, que jogava comida para o público e inventava concursos cada vez mais absurdos se mantinha no topo. Certa vez, numa entrevista para o jornal *Última Hora*, em agosto de 1966, Chacrinha deu a sua receita:

— *Sobretudo é fazer o que os outros não têm coragem de fazer. Não imitá-los em hipótese alguma. Ir buscar a qualquer preço o artista que o público quer ver, mesmo com prejuízo do próprio bolso. Ouvir as críticas da cozinheira, do padeiro, do leiteiro, do vizinho, do quitandeiro, do playboy, dos religiosos, dos amigos, inimigos e, só de vez em quando, dos experts em televisão. Levá-las a sério e, sobretudo, mudar sempre, porque afinal de contas, doce de coco é muito bom, mas ninguém come dois quilos. No mais, é gritar: “Terezinha!” e esperar o público dizer “Uh-uuuu!”.*

Esse fenômeno de audiência atraiu muita gente interessada na possibilidade de alcançar o

estrelato ao participar de *A Hora da Buzina*. As filas para inscrição no programa e testes com o maestro Aloir Mendes eram gigantescas. Havia gente que tentava encurtar o caminho abordando Chacrinha nos bastidores do programa, como uma moça que o parou depois do fim do programa, quando ele voltava para o camarim. A jovem queria cantar em *A Hora da Buzina*. Mas a resposta obtida não foi aquela que a aspirante a Angela Maria esperava:

— *Minha filha, o que eu posso te oferecer é uma oportunidade como recepcionista, vestindo minissaia. Porque tuas pernas são mais bonitas do que essa tua voz.*

A troca da Excelsior pela TV Rio acabou se mostrando uma espécie de “seis por meia dúzia”. A emissora de Walinho Simonsen andava atrasando os salários? Pois o Canal 13 também atrasava. Uma reprise de um filme já visto. Abelardo, que já estava nervoso, ficou como um caminhão de nitroglicerina. Mexer com ele nesse período era correr o risco de mandar a emissora pelos ares.

Como acontecera na época em que já trabalhara na TV Rio, Chacrinha via seus companheiros de trabalho deixarem a emissora rumo a uma concorrente – agora, a TV Globo. Fundada em 26 de abril de 1965, ela vinha contratando profissionais a torto e a direito. Walter Clark era o diretor-geral e Boni, o diretor de produção. Situada no Jardim Botânico, a casa ainda estava procurando melhorar suas condições, pois nem ar-condicionado havia no estúdio.



Mas o proprietário da TV Globo, o jornalista Roberto Marinho, queria ver sua emissora como uma das grandes, uma extensão do seu jornal *O Globo*. Não desejava a mesma linha popular que caracterizava sua rádio, da qual, inclusive, Chacrinha continuava fazendo parte.

Walter Clark e Boni compartilhavam o ponto de vista do patrão – queriam uma TV com um nível de programação elevado. Porém, perceberam que, na prática, fazer televisão sem apelo popular ia acabar dando traço de audiência, o que afugentaria patrocinadores. A dupla começou a avaliar na concorrência quem se destacava e poderia ser importado para a rua Von Martius e trazer pontos no Ibope. Na TV Rio só havia dois artistas que lhes despertavam interesse: Roberto Carlos e Chacrinha. Embora apresentasse um programa na emissora de Copacabana, o rei da juventude pertencia à TV Record, em São Paulo, não sendo vantajoso contratá-lo por um alto salário para atuar somente no Rio de Janeiro. Eles olharam para os pontos que Chacrinha conseguia.

Walter Clark achava que contratar o homem da buzina seria importante para a Globo. Além do quê, Clark queria dar uma travada na maneira como a TV Rio vinha sendo administrada, oferecendo seus horários a qualquer anunciante que desejasse ter um programa na TV. Também seria uma oportunidade de pagar com a mesma moeda o que Carlos Manga fizera com ele em 1963, quando levou quase todos os artistas da TV Rio para a Record.

Já Joe Wallach, superintendente de administração da emissora, não concordava. Para Joe, nova-iorquino e ex-representante da Time Life, grupo americano que investiu na criação da Globo, essa era uma contratação cara, que mensalmente levaria uma boa fatia do dinheiro obtido com os patrocinadores.

Boni consultou José Perigault e Paulo Montenegro, do Ibope, que conheciam Chacrinha. Perigault disse que, para contratar o rei dos disc jockeys, seria necessário conquistar a confiança dele. Já Montenegro tinha uma visão menos otimista:

— *Difícil, Boni, muito difícil. O Chacrinha só confia nele mesmo.*

Depois de mais alguns dias de reflexão, Boni achou que valia a pena o desafio de lidar com Chacrinha. Não tinha passado por problemas com ele na TV Rio e já havia até almoçado na casa dele. Joe Wallach continuou achando desaconselhável contratá-lo, mas Walter Clark lhe garantiu que não faria mais nenhuma contratação até o fim do ano. Agora era falar com Abelardo Barbosa e ver se ele aceitava trabalhar na TV Globo. O momento era propício. Além dos atrasos de salário do Canal 13, ele havia descoberto que o cantor e apresentador Moacyr Franco ganhava 25% a mais do que ele. Não estava nada satisfeito.

Na reunião, Boni falou sobre sua vontade de melhorar o nível das atrações do programa, algumas vezes até apresentando artistas internacionais, e também sobre a necessidade de eliminar os concursos grotescos, como o de galos cantantes. Abelardo concordou com isso. Contudo, surgiu um impasse quando ele exigiu as Casas da Banha como patrocinador exclusivo dos programas e responsável pelo seu pagamento. Já havia visto mais de uma vez televisões atrasarem pagamento e não queria passar por essa experiência. A emissora não

trabalhava assim, ele teria que ceder nessa parte. Depois de mais algumas rodadas de negociações, Walter Clark conseguiu convencer Chacrinha a receber seu salário pela Globo, deixando as Casas da Banha como patrocinadora exclusiva no Rio de Janeiro. Caso houvesse algum atraso no pagamento, Venâncio Veloso ficaria responsável.

Na assinatura do contrato, Walter Clark presenteou o novo contratado da TV Globo com uma buzina de ouro. Era o final de junho de 1967. Dessa vez, a passagem de Chacrinha pela TV Rio durara apenas quatro meses. Era hora de um novo desafio.



CHACRINHA
CONDICIONADO NÃO
É CHACRINHA

A estreia de Chacrinha na Globo seria numa quarta-feira, dia 5 de julho de 1967, com a *Discoteca do Chacrinha*. Seria no prédio da rua Pacheco Leão, menina dos olhos do Dr. Roberto Marinho. E Abelardo, com a insegurança habitual, queria apresentar suas novidades. Estava se sentindo podado na emissora do Jardim Botânico, tinha que vir com algo impactante.

— *Eles não me acham cafona? A Globo é uma emissora metida a besta, esnobe, mas precisa ir aonde o povo está. Vamos lá tirar a banca deles. Vão ver o que é bom pra tosse.*

Dias antes, ele pedira para Anthony Ferreira fazer alguns panfletos, que queria distribuídos em vários pontos da cidade. Ao ouvir o que o patrão queria que fosse impresso, seu braço-direito ficou ressabiado. Aquilo que Chacrinha desejava anunciar não ia deixar a direção da Globo muito satisfeita. Mas ordens eram ordens. Pegou o telefone e ligou para a gráfica.

Chegou a noite tão aguardada. Às 20h30, Chacrinha deu início à sua fase na TV Globo. Novamente venceu o nervosismo, chamou artistas, gritou suas frases, cantou e anunciou mais um concurso. Nessa noite o desafio era trazer o cachorro com o maior número de pulgas. Era mais um concurso absurdo, nos moldes dos que ele apresentara em sua passagem por outras emissoras. Mas não era justamente isso o que Boni e Clark haviam pedido a ele que não fizesse?

Mais de cem animais foram inscritos. Os donos assinaram um termo informando quantas pulgas cada um trazia. Mas como Ivan Monteiro, o responsável por essas doidas competições, iria confirmar o número de insetos? Chegou-se à decisão de que o vencedor seria quem dissesse ter a maior quantidade de pulgas.

Os concorrentes apresentavam-se em grupos de cinco cães. Enquanto isso, no corredor do estúdio, acompanhados de seus donos, os outros “totós” aguardavam a hora de entrar, num latir sem fim. As pobres faxineiras tinham trabalho redobrado, uma vez que não paravam de limpar a sujeira feita pela cachorrada no piso encerado da emissora. O cheiro no ar não era de nenhum Chanel nº 5.

Toda a equipe se mostrava preocupada. Mas Chacrinha estava feliz, num estado de pura excitação. O grande vencedor da noite foi um cão cujo dono alegava dar morada a uma comunidade de sete mil pulgas.

O problema é que, desde a primeira leva de candidatos, já havia algumas “vitaminas do Chacrinha” rebolando mais do que a coreografia pedia, numa dança fora do ritmo das músicas que os cantores convidados interpretavam. E não eram apenas as bailarinas – músicos da orquestra e as moças na plateia também começaram a sentir uma coceira dos diabos. Eram as pulgas que, entediadas, resolveram procurar novas residências e acabaram

mordendo a carne tenra de seus novos hospedeiros.

Terminada a *Discoteca*, na sua sala, Chacrinha comemorava o sucesso da noite e, principalmente, a festa das pulgas. Comentava com sua equipe:

— *O Boni quer melhorar o nível, mas a Globo tem é que ser mais popular.*

O prédio da Pacheco Leão precisou ser dedetizado. Numa campanha bem negativa para a emissora, os moradores da rua ficaram numa irritação só. Acabaram organizando um protesto com cartazes e faixas, uma delas bem no estilo das frases que o insano apresentador soltava na televisão, que trazia escrito:

“*SE VOCÊ QUER A PACHECO LEÃO LIMPINHA, SÓ MATANDO O CHACRINHA.*”

O Dr. Roberto ficou dias sem pisar no prédio da Pacheco Leão; só retornou quando as pulgas já estavam exterminadas. Boni, que se considerou traído pelo contratado pelo qual lutara, convocou uma reunião de emergência para lembrar Chacrinha do que ele podia e do que ele não podia fazer na TV Globo. Adiantou? Bem, semanas depois, a *Discoteca do Chacrinha* oferecia prêmio em dinheiro para a galinha que colocasse um ovo primeiro diante das câmeras ou para o papagaio que conseguisse dizer “Casas da Banha”.

Assim como a diretoria da Globo, os moradores da rua Pacheco Leão tiveram que aguentar Chacrinha e todas as suas loucuras, pois ele não sairia do Jardim Botânico tão cedo. Seu programa vinha agradando bastante. A fila para assisti-lo era enorme, o povo lutava com unhas, dentes e muita perseverança por um lugar auditório. Mulheres e crianças tinham prioridade; homens entravam apenas se sobrasse alguma vaga. Para garantir seus lugares, as pessoas chegavam bem cedo à Pacheco Leão, passando pelo menos umas quatro horas na fila. Por nada no mundo arredavam o pé de onde estavam. Seguravam a vontade de ir ao banheiro e enganavam o estômago com sanduíche e café de garrafa térmica, trazidos de casa. O sacrifício valia a pena, pois quando Abelardo Barbosa dava início a mais uma noite de programa, tudo ficava para trás, dando lugar à alegria do animado “desanimador de auditórios”.

— *Vocês querem bacalhau? – ele continuava perguntando.*

E não era apenas o nobre peixe que Chacrinha oferecia ao auditório. Ele também passou a atirar pó de café e farinha de trigo. E como se não fosse pouco, para “alegrar a brincadeira”, alguns sacos eram arremessados com furos, que faziam um estrago dos diabos. Muitas moças deixavam o programa com o rosto e a cabeleira brancos ou com a aparência de um coador de café humano.

Russo, o contrarregra do sorriso sem dentes, era o encarregado de “distribuir” esses brindes. E acabava virando um para-raios de quem não entrava no espírito da brincadeira. Certa vez, Chacrinha lhe pediu para jogar farinha de trigo numa moça negra, linda e elegantemente vestida, sentada na primeira fila. Seguindo a orientação do chefe, Russo atirou o pacote furado, que atingiu em cheio a deusa de ébano, deixando-a como um biscoito de polvilho. No final da *Discoteca* o pobre contrarregra, que apenas obedecia a ordens, teve

que dar um pinote para escapar da jovem, que estava cega de ódio, desejando dar-lhe uns bons tapas.

Era óbvio que havia muito mais situações que fugiam do controle no auditório do estúdio da rua Pacheco Leão. Uma delas foi durante a final do concurso “O Cachorro Mais Bonito”. Um rapaz levou seu poodle para participar do certame canino e, ao ser chamado por Chacrinha, por nada no mundo atendia ao pedido do animador para que colocasse no chão o bichinho que carregava no colo.

Quando o rapazinho finalmente deixou de receio e pôs o cachorrinho no chão, um pastor-alemão que estava ao lado deu uma dentada no pescoço do pobre poodle, matando-o imediatamente. Foi questão de segundos, e Chacrinha só percebeu o pavoroso acontecimento quando o jovem começou a berrar, descontrolado

— *Aaaaaaaah! Mataram o meu cachorrinho! Mataram o meu cachorrinho!*
Aaaaaaaah!

Rapidamente, Chacrinha foi para perto do jovem, que se debulhava em lágrimas e perguntou:

— *O cachorrinho morreu? — Mo... mo... morreu — o menino se esforçava para responder enquanto soluçava.*
— *Então, vamos receber: Jerry Adriani!*

Enquanto o cantor adentrava o auditório, provocando alvoroço entre as meninas da plateia, Chacrinha ia despachando o rapaz, que carregava o corpo de seu fiel companheiro que tivera um trágico fim:

— *Vamos saindo, vamos saindo, meu filho, por favor.*

A brincadeira de jogar café e farinha de trigo na plateia já havia causado confusão com o pobre Russo, mas nem sequer passou pela cabeça de Chacrinha parar com ela. E é evidente que as confusões ligadas a ela também não iriam parar. Num desses domingos de *A Hora da Buzina*, foi a vez de Chacrinha se meter em “camisa de onze varas” ao praticar arremesso de pó de café a distância.

No auditório, ao ver que o apresentador iria atirar um pacote do precioso alimento não perecível, um rapaz magrelo, o retrato da fome, se assanhou todo para ser o agraciado. Agitando os braços mais do que a asa de uma libélula, o jovem gritava para que Chacrinha o presenteasse. Com seu sorriso de canto de boca sacana, o animador mirou no infeliz, que não imaginava que o pacote estava com um daqueles furos que o homem da buzina costumava fazer. Seu Abelardo arremessou o café na direção do rapaz, que, num reflexo, terminou se abaixando. O pacote acertou em cheio a vasta cabeleira loura da mulher que estava na fileira de trás.

O problema é que o marido da moça, uma réplica em carne e osso do Colosso de Rodes, sentado na poltrona ao lado, não gostou nadinha de ver sua mulher com a cabeleira toda emporcalhada. Deixou seu lugar na plateia e partiu para o palco a fim de tirar satisfações.

Ou melhor, queria mesmo era aplicar um corretivo no animador. Se não fossem os seguranças da casa, Chacrinha teria feito mais uma cirurgia. Dessa vez, para corrigir um nariz quebrado.

Em outra ocasião, a *Buzina do Chacrinha*, novo nome dado ao programa de calouros a partir de dezembro de 1970, recebeu um mágico que o animador conhecera fazendo um número com pombos num circo mambembe. O rei dos disc jockeys gostou muito do que viu e achou que poderia render na TV. Antes de o ilusionista começar sua apresentação, Chacrinha lhe deu um forte abraço.

O Houdini brasileiro fez números com lenços, moedas, cartas e enfim encerrou a apresentação. Mas nada do pombo que tanto agradara Chacrinha, que lhe perguntou o motivo da ausência. Com os olhos marejados, o mágico respondeu:

— *Quando o senhor me deu aquele abraço forte, seu Chacrinha, o senhor matou o pombinho...*

Essa loucuras podiam deixar os cardeais da Globo em constante alerta, mas não havia como negar que o objetivo de contratar Chacrinha a fim de subir a audiência da emissora foi plenamente alcançado. Numa matéria do *Jornal do Brasil* de dezembro de 1967, Domingos Meirelles publicava uma afirmação de Walter Clark de que os altos índices do homem da buzina haviam subido após o golpe militar. Segundo o diretor-geral do Canal 4, antes de os militares se apossarem do poder, havia nas emissoras programas com debates entre políticos, que atraíam bastante o telespectador interessado nos embates verbais, e às vezes até físicos. Com a ditadura, essas atrações foram proibidas, cabendo a Chacrinha preencher esse espaço de quem queria ver emoção na TV.

Segundo a matéria, o Ibope informava que os programas de seu Abelardo obtinham 43% de audiência em cerca de 850 mil residências do estado da Guanabara e de municípios fluminenses que possuíam aparelhos de TV. Domingos Meirelles recorreu a um psiquiatra, o Dr. Luís Paiva de Castro, para opinar sobre o fenômeno de Surubim:

A televisão brasileira não faz nenhuma tentativa válida para mudar o quadro atual. Torna cada vez mais o público distante de suas necessidades de pensar, de discutir e de criar. Ele se orienta apenas pela fria estatística do Ibope. Se os dados do Ibope indicarem que a chanchada encontra receptividade, as emissoras passam a produzir chanchada em série.

Para desespero do Dr. Luís, na quarta-feira de cinzas de 1968 o relatório do Ibope dava a Chacrinha 78% de audiência com a *Discoteca do Chacrinha*, o que equivalia a 2,4 milhões de pessoas assistindo ao programa. O sociólogo francês Edgard Morin, em visita ao Brasil em maio, o viu na televisão e confessou não saber se o classificava como gênio ou louco. Mas no final, acabou chegando a uma conclusão: Chacrinha era um fenômeno de comunicação de massa igual a John Kennedy e Charles De Gaulle, então presidentes dos Estados Unidos e da França, respectivamente.

Na espaçosa sala do luxuoso apartamento da avenida Atlântica, que acabara de comprar, Chacrinha lia essas opiniões sobre o que fazia e no domingo ia apresentar a *A Hora da*

Buzina com carga ainda mais forte. Chamava calouros com boa técnica vocal, aqueles que iam para o trono, mas sabia que os que levavam buzinas eram os responsáveis pelas subidas no Ibope. Toda vez que percebia o auditório “esfriando” era a hora de chamar “os intocáveis”, como batizara os candidatos cujas cordas vocais jamais tiveram contato com algo próximo da afinação. Virava para um dos membros de sua equipe e dizia:

— *Não tem um cara diferente aí? Manda o cara.*

Era gente que acreditava ter talento e que o programa era a chance que lhes faltava para dar início a uma carreira brilhante. Quando, após alguns segundos de gargalhadas, recebiam a mais do que merecida buzina, deixavam o auditório cuspidando impropérios contra o maestro, para eles o grande responsável pelo mau desempenho. Nunca culpavam Chacrinha.

Incrédulas de que realmente existiam calouros como a mulher que em vez de cantar pediu – e foi autorizada – a dar um berro ensurdecedor, muitas pessoas diziam que esses candidatos eram atores pagos pelo animador. Sobre isso, Chacrinha declarava:

Não trabalho com cartas marcadas. O povo pensa que é combinado, mas não é. Os calouros vão ao programa porque acreditam realmente que cantam bem, tanto que, quando buzino, eles põem a culpa no pianista. O povo quer ver os mais engraçados. Um bom calouro é aplaudido, mas se ele chega fazendo besteira, cantando mal e é buzinado, o povo se esbalda.

Mas os programas não eram somente insanidade. As atrações musicais continuavam sendo um de seus fortes. Chacrinha jamais deixava de lado seu fardo de Disc Jockey nº 1, sempre atento ao que soaria bem aos ouvidos do público. Um dos cantores que ele passou a convidar para seu programa era um jovem baiano, que havia se destacado na TV Record participando do programa *Esta Noite se Improvisa* e conquistando o quarto lugar no III Festival Internacional da Canção, também apresentado pela emissora paulista, com “Alegria, alegria”, composição sua que marcou a música brasileira por ser uma das pioneiras do movimento chamado Tropicalismo.

***Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou***

***O sol se reparte em crimes,
Espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou***

Caetano passou a se dizer “filho tropicalista” de Chacrinha. Ele formava a dupla de frente do movimento com o também baiano Gilberto Gil, que no mesmo festival da Record, acompanhado do conjunto Os Mutantes, obteve o segundo lugar com “*Domingo no parque*”.

O rei da brincadeira – ê, José
O rei da confusão – ê, João
Um trabalhava na feira – ê, José
Outro na construção – ê, João

A semana passada, no fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá
Pra Ribeira foi namorar

Chacrinha, com sua postura de fio desencapado, acabou influenciando também o diretor José Celso Martinez, quando, em 1967, no Teatro Oficina, se preparava para estrear a peça *O Rei da Vela*. Zé Celso convidou seu elenco para ir ao programa de Chacrinha em São Paulo a fim de que entrassem em contato com todo o despojamento e a originalidade do homem da buzina para compor melhor a saga do personagem criado por Oswald de Andrade, que por coincidência também se chamava Abelardo.

Chacrinha foi se acostumando com essa associação e gostando dela. Durante uma entrevista para a revista *Realidade*, enquanto mostrava seu álbum de fotografias para o repórter, comentou:

— Veja aí, esse negócio de Tropicalismo é fofoca. Sou tropicalista há mais de vinte anos. Desde 1946. Desde o rádio. Veja esta fotografia, eu ainda usava bigode, mas já me vestia do jeito que me visto hoje. Olhe aqui: eu vestido de índio. De noiva. O que acontece é que, antes, a imprensa me chamava de débil mental, de maluco, de grosso. Dizia que meu programa não valia nada. Me chamavam de alienado. Atenção, seu Machado, eu disse a-li-e-na-do! E agora? Agora a imprensa intelectualizada é obrigada a me aceitar, a reconhecer o meu valor. Eu sou o Rei do Tropicalismo.

Num de seus programas, além de Caetano Veloso e Gilberto Gil, Chacrinha também recebeu como convidado o artista plástico Hélio Oiticica, que, no Museu de Arte Moderna do Rio, apresentava a obra *O Labirinto Tropicalista*. Em casa, assistindo ao programa, o também artista plástico Rubens Gerchman teve como inspiração o apresentador para um “happening” (em inglês, “acontecimento”). Rubens, que anteriormente já havia feito um trabalho chamado “*Vai comer e morar um ano de graça com toda a família*”, em cima do Carnê Fatura – que recebeu denúncias de não cumprir o que prometia –, via na atitude de Chacrinha atirar comida para o auditório a personificação do “pão e circo”. Gerchman admirava mas ao mesmo tempo se sentia aflito com aquela visão, pois a interpretava como uma espécie de manipulação da fome.



No happening, Rubens fez um boneco que perguntava ao público presente na galeria o que era o homem e o que ele comia. O artista tirava da barriga de sua criação instrumentos de trabalho. Alguém na plateia gritava:

— *O que o povo tem?*

— *Fome! – Gerchman respondia.*

Nesse momento, desabava feijão do teto em cima da cabeça de todos na galeria. Acontece que, numa noite, alguém gritou da galeria:

— *Vamos ao Sacha's!*

Mas o povo, aparentemente com o exame auricular vencido, entendeu “vamos ao saque”, e, diante de pintores perplexos, retiraram das paredes quadros de artistas como Antônio Dias e Roberto Magalhães. Gerchman também ficou sem uma de suas obras, as “*Caixas de Morar*”, e descobriu afinal que o povo queria sempre o seu bacalhau.

• • •

Mas e Clara Nunes, por onde andava? A jovem mineira havia se ligado a Carlos Imperial, amigo de seu namorado, Aurino Araújo. Imperial dera início a uma parceria com um dos grandes mestres da música brasileira, Ataulfo Alves. O Gordo – como Imperial vinha sendo chamado depois de ganhar peso e abandonar a silhueta atlética do Capitão Bill – criou com Ataulfo o samba “*Você passa eu acho graça*”. Durante uma peixada promovida por Aurino, Ataulfo foi apresentado a Clara e ficou encantado com a voz e a simpatia da cantora. Ele aceitou muito bem vê-la gravar sua canção com Imperial e defendê-la no festival O Brasil canta no Rio, realizado pela TV Rio em julho de 1968. “*Você passa eu acho graça*” se tornou o primeiro sucesso da moça, que já vinha perseguindo esse momento havia bastante tempo. Mesmo com a maledicência ainda pairando no ar, Chacrinha não se intimidou e convidou-a a participar da *Discoteca do Chacrinha* para interpretar aquele samba.

E agora, você passa,

eu acho graça

Nessa vida tudo passa

E você também passou

Um dos concursos promovidos por Chacrinha na *Discoteca* que mais movimentaram a audiência carioca não envolvia nada de grotesco. Era um tradicional concurso de beleza: o da mais bela estudante da Guanabara. A disputa movimentou tanto a população que o animador apresentou a grande final, no dia 27 de novembro de 1968, no Maracanãzinho. A grande vencedora foi Sandra Maria de Oliveira Castro, uma linda jovem de longos, sedosos

e volumosos cabelos castanho-claros.

O que não andava nada bonito era a maneira como a democracia brasileira vinha sendo tratada. O país já vivia a ditadura havia mais de quatro anos, e a população protestava pedindo a volta do regime democrático. Tencionando perpetuar-se no poder, Arthur Costa e Silva, o general colocado na presidência, decretou em 13 de dezembro de 1968 o Ato Institucional nº 5, que lhe dava total poder para prender quem bem entendesse como inimigo do regime. No Rio de Janeiro, em frente ao Theatro Municipal, o ex-presidente Juscelino Kubitschek foi preso ao sair de uma formatura da qual era o patrono; Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos e mandados para o quartel de Marechal Deodoro; até Carlos Imperial foi detido e enviado ao presídio da Ilha Grande, onde ficou por um mês. Juscelino era uma liderança muito popular que poderia arregimentar mais desgostos, que se voltariam contra o governo. Caetano e Gil foram acusados de desrespeitar a bandeira e o hino nacional. E Imperial havia tirado uma foto para um cartão de Natal sentado num vaso sanitário.

Veio um triste tempo de perseguições, que refletiu no trabalho de Chacrinha. Em todas as edições de *Discoteca do Chacrinha* e *A Buzina* havia dois agentes da censura, que permaneciam durante toda a duração dos programas observando o que Abelardo dizia, que convidados apresentava, as roupas das Vitaminas, assim como as coreografias que elas executavam.

Mesmo depois de quase ter tomado aquela coça da moça do auditório, Russo continuou obedecendo a Chacrinha. Ele voltou com a brincadeira de jogar farinha de trigo na plateia. Numa noite, acabou acertando um senhor que estava sentado na primeira fila. Era um dos censores. Deu sorte de o homem estar de bom humor e não ter lhe dado voz de prisão alegando agressão a uma autoridade.

Pouco depois do Carnaval, em fevereiro de 1969, Caetano e Gil foram libertados. Viajaram para a casa de suas famílias, na Bahia, sem permissão para se comunicarem com a imprensa, além de diariamente serem obrigados a se apresentar na Região Militar. Seus cabelos, que haviam deixado crescer antes da prisão, foram raspados à máquina. Impedidos de trabalhar, decidiram deixar o país. Como não dispunham de dinheiro, conseguiram permissão para fazer, nos dias 20 e 21 de julho, dois shows com o objetivo de angariar fundos para suas passagens e de suas esposas. Depois das apresentações, pegaram um avião para a Inglaterra. Mas, antes, Gilberto Gil deixou uma composição, uma espécie de canção do exílio tropicalista, que veladamente falava sobre o tempo em que ficou preso em Realengo e também homenageava Abelardo Barbosa.

Alô, alô, Realengo – aquele abraço!

Alô, torcida do Flamengo – aquele abraço!

Chacrinha continua balançando a pança

E buzinando a moça e comandando a massa

E continua dando as ordens no terreiro

Assim que a canção começou a tocar em todas as rádios, algumas aves de rapina tentaram desvirtuar a homenagem e fazer com que Chacrinha achasse a composição um insulto. Ele era chamado de “velho palhaço e “pançudo”. Mas, para o bem, aquilo que Paulo Montenegro havia dito sobre o homem da buzina confiar somente em si agiu contra os fofoqueiros. Ele os ignorou e entendeu que “Aquele abraço” era um grande carinho que Gilberto Gil lhe fazia. E graças à composição, o surubinese passou a ser conhecido por uma nova alcunha, agora ele era “Chacrinha, o velho guerreiro”.

Certa ocasião, na sala de Boni, os dois conversavam sobre novas ideias para seus programas na Globo quando o executivo citou a comunicação de massa, o que provocou uma interjeição de Chacrinha:

— *Mas afinal, que raio de comunicação é essa?*

Boni explicou para o animador, que, ao final, concluiu:

— *Quem não se comunica se trumbica.*

A partir dali, a frase se tornou muito popular, fazendo parte de todos os seus programas. Depois foi reproduzida nas ruas, em crônicas nos jornais e programas humorísticos, e caiu na boca do povo.

Contudo, justamente por se comunicar em seu programa, o velho guerreiro acabou “se trumbicando” com a ditadura. Em agosto de 1969, o chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas, o tenente-coronel Aloysio Muhlethaler de Souza, em face “das constantes infrações e abusos por parte de alguns artistas da televisão”, resolveu puni-los, amparado pela legislação vigente. Os artistas “malcomportados” eram a comediantes Dercy Gonçalves e Chacrinha. A implicância do tenente-coronel se dava com os programas *Dercy de Verdade* e *A Hora da Buzina*; e, com isso, o SCDP viria a suspender por quinze dias os dois artistas.

No caso de Chacrinha, o motivo alegado era de que *A Hora da Buzina* havia desrespeitado os artigos 12 e 18 do Decreto 61.123, de 1º de agosto de 1969, que proibiam alterações em programas já aprovados e liberados pelo órgão. Em resumo, a censura não gostava de um momento no programa, batizado como o “Monólogo da Vaca”, uma sugestão do diretor do programa em São Paulo, Luís Veiga, no qual Chacrinha olhava para a câmera e, juntando os polegares e esticando os indicadores, fingia enquadrar o expectador, aproximando-se e afastando-se da câmera, enquanto dizia:

— *Aquela imagem, daquele apartamento da rua Augusta. Naquele apartamento, aquelas crianças com fome, todas chorando. E naquele apartamento da avenida Ipiranga, aquele careca tomando um uísque. Naquela mesa, aquele cinzeiro, naquele cinzeiro, umas guimbas sujas de batom. Em cima daquela mesa e debaixo daquela mesa, uma vaca que só fazia muuuuuu! Palmas para o Chacrinha, que ele merece!*

O SCDP viu sacanagem no “Monólogo da Vaca”. Chacrinha custou a acreditar no que

acontecida. O censor que o notificou era o mesmo que assistia à *Buzina do Chacrinha* em São Paulo. O homem sempre ouviu o que ele dizia e nunca comentou nada, parecia até achar divertido.

— *Acredito que a Censura tenha colocado um duplo sentido em minhas palavras. Muitos me consideram um bobo, e isso eu até aceito, mas imoral eu não sou – Chacrinha protestava.*

Boni já imaginava uma alternativa para cobrir seu apresentador durante o período de afastamento. O comediante Agildo Ribeiro, que imitou Chacrinha com perfeição no programa *TV0-TV1*, criando o personagem Chapinha, foi escalado para cumprir a missão de comandar os programas no Rio e em São Paulo. Agildo e seu colega no *TV0-TV1*, Paulo Silvino, já haviam rendido Chacrinha em 1967, quando o animador teve uma laringite. Agildo até recebeu elogios de Abelardo.

Quando Chacrinha já se conformava em assistir em casa a seus programas sendo apresentados por Agildo Ribeiro incorporando o Chapinha, no dia 22 de setembro de 1969 foram revogadas as portarias que suspendiam a ele e Dercy. A decisão partiu do magnânimo general Bretas Cupertino, diretor-geral do Departamento de Polícia Federal. A nota expedida pelo Serviço de Censura dizia que a decisão de revogar o afastamento devia-se principalmente “ao louvável gesto dos titulares desses programas de procurarem o chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas e mostrarem-se consternados pela suspensão”. O documento ainda destacava o fato de “os artistas declararem-se dispostos a apagar a má impressão que porventura tenham causado ao público e a acatar toda e total decisão da censura”. Promessa era dívida? Em se tratando de Chacrinha, isso não era coisa garantida.

UMA FORÇA DA
NATUREZA NA ERA
ELETRÔNICA



Em novembro de 1969, a rotina de trabalho de Chacrinha era a seguinte:

Na segunda-feira ele acordava entre 10h30 e 11h. Lia todos os jornais e revistas, fazendo anotações para a coluna que começara a assinar no *Última Hora*. Telefonava para a equipe e às 14h almoçava. Às 15h30 ia para a Globo gravar a *Discoteca do Chacrinha* – gravava programas com quinze dias de antecedência –, voltava às 21h, para sair com Florinda ou apenas ficar em casa telefonando ou discutindo assuntos com a família. Ia dormir às 2h. Na terça, acordava novamente às 10h30, almoçava ao meio-dia, e às 13h já estava na Rádio Globo para gravar até as 17h todos os programas da semana. Saía de lá e ia para a TV, onde ficava até as 21h. Na quarta-feira, tinha mais um dia de programa e ia para a emissora às 16h. O programa terminava às 22h e ele ia jantar com o pessoal da equipe e discutir o programa. Na quinta-feira, conferia os números do Ibope logo que acordava, ia para a Globo e voltava para jantar e, novamente, sair com Florinda. Sexta-feira era dia de ir a São Paulo para, no sábado, fazer a *Buzina do Chacrinha*, das 20h30 às 23h00. Terminado o programa, pagava um táxi aéreo de volta ao Rio. Chegava em casa às 2 da manhã e ia dormir. No domingo, acordava e ia à praia ou à sauna, no Clube Monte Líbano – não ia à missa aos domingos, mas aos sábados, em São Paulo. Almoçava às 14h e ficava deitado numa rede que havia no apartamento até as 17h, se arrumava e ia para a Globo gravar *A Hora da Buzina*. Quando o programa terminava, às 22h, era hora de mais um jantar com a equipe, para novas observações sobre erros, acertos e sugestões de novidades. Durante toda a semana, também passava algumas horas assistindo às fitas com gravações dos programas. Se houvesse algum erro, chamava a equipe para assistir e encontrar uma solução. Ele só não apresentava mais o *Cassino do Chacrinha* nas noites da Rádio Globo.

Sabemos dos detalhes dessa rotina porque eles foram publicados na edição de 13 de novembro de 1969 do jornal *O Pasquim*, numa entrevista que Chacrinha concedeu aos jornalistas Tarso de Castro, Jaguar, Albino Pinheiro e Sérgio Cabral, com quem havia se aborrecido tempos antes devido à história de que ele recebia dinheiro das gravadoras para tocar músicas de seus artistas. Sutilmente, Albino Pinheiro tocou no assunto; o animador respondeu, mas aproveitou para mandar seu recado a Cabral por conta ainda da polêmica sobre o jabá.

Eu quero falar sobre essa questão para o Sérgio Cabral aqui, porque ele é uma das pessoas que mais atacam disc jockeys. Ataca porque não tem mais o que fazer, é claro. Essa questão de disc jockeys, ele não vai resolver, eu não vou resolver. O Pasquim não vai resolver, ninguém vai resolver. Esse assunto às vezes vem à baila para vender jornal, vender revista. Em 1942 ou 43, eu fui o primeiro disc jockey a ser prostituído. Eu fui prostituído pelos irmãos Vitale, pelo Vicente Vitale. Quem me prostituiu foi o falecido Benedito Lacerda, que era compadre do Herivelto Martins. Naquele tempo, o Trio de Ouro estava em grande evidência. O Lacerda também. Quem me levou ao Vitale

foi o Lacerda para tocar somente músicas editadas pelos irmãos Vitale. E eu recebia dinheiro. Hoje não tem disso. Disc jockey não recebe mais dinheiro; o que pode haver é uma troca de favores.

Quando Jaguar perguntou sobre sua opinião a respeito da censura, Abelardo Barbosa foi contraditório:

Acho que deve existir censura. Mas no meu caso, que fui suspenso por causa “daquela imagem” que eu faço, houve má interpretação por parte da censura.

E sobre o bacalhau que atirava para a plateia, explicava o sentido e também fazia uma interessante análise do comportamento do brasileiro, que até ajudava a entender o que ocorrera na exposição de Rubens Gerchman.

Eu não agrido. Quando eu joga bacalhau num cara, eu não estou dizendo que ele está com fome, não estou menosprezando; é por alegria, uma brincadeira. É para acordar, agitar o meu público. É porque todo mundo gosta de ganhar alguma coisa. Ninguém quer aquele bacalhau porque é bacalhau. O Almirante uma vez fez uma experiência para mostrar que o brasileiro pede, quer as coisas, não por necessidade. É por sacanagem. O Almirante botou vinte vidros de Biotônico Fontoura em cima da mesa dele. Todo mundo chegava e falava: Almirante, como vai e tal. Vinte vidros de Biotônico Fontoura, é? Ele dizia: é, mandei comprar, estou meio rouco. Aí, pediam logo: dá um pra mim, Almirante? Ele dava. Ninguém estava com tosse, ninguém estava com catarro. É o vício de pedir o troço. No outro dia ele botou argolas lá. No fim da tarde não tinha mais nenhuma argola lá. Me dá uma argolinha aí, Almirante – todo mundo pedia. Puxa uma latinha de Pastilhas Valda no meio de dez caras. Não está ninguém rouco, mas na hora todo mundo pede: me dá uma pastilha dessas. O cara não quer o bacalhau porque é o bacalhau: ele quer participar daquela alegria do bacalhau. Eu sei que se eu for no Copacabana Palace ou no Monte Libano vai acontecer a mesma coisa.

No início de 1970, o responsável pela direção da *Discoteca do Chacrinha* era Humberto Garin, um uruguaio de forte sotaque, que ao ser entrevistado pelo *Correio da Manhã* fez questão de ressaltar o alto grau de profissionalismo da atração:

— A Discoteca do Chacrinha parece uma bagunça, mas é um programa muito bolado, estudado, pensado durante várias semanas.

No dia do programa, às 5 da tarde, Garin fazia um ensaio com todos os cantores.

O uruguaio também fazia uma prévia da atração, estudando muito bem tudo o que poderia acontecer no decorrer do programa. Mas não escondia que, apesar de seu empenho, nada deixava de passar pelo controle de Abelardo Barbosa.

— No duro, no duro, é o Chacrinha quem produz o programa em matéria de ideias, porque ele as bola, discute e dá a palavra final.

Era um trabalho que exigia muito da equipe que trabalhava nos bastidores da atração, que, além de Garin contava com Nalygia Santos na produção musical; Djalma Lemos, Osmarina Campos e Sérgio Moraes nas relações públicas e no acompanhamento do noticiário na imprensa; e Uadji Moreira, Eduarte Ferreira e Ivan Monteiro como assistentes. A equipe encarava uma jornada de trabalho que começava às nove da manhã e ia até as seis da tarde. Os cantores que participavam do programa recebiam um cachê pago por Chacrinha. Ele evitava os empresários dos artistas e as gravadoras, negociando com seus divulgadores. O valor era menor do que eles costumavam cobrar, mas, como era pago no ato, todos aceitavam de muito bom grado aparecer no palco da emissora do Jardim Botânico.

Um desses cantores sempre presentes na *Discoteca do Chacrinha* era um rapaz de Ubá, que devia medir em torno de 1,20m de altura, consequência de nanismo. Seu nome era Nelson Ned d'Ávila Pinto, o Nelson Ned, que Chacrinha tinha como atração desde quando apresentava seus programas na TV Excelsior. Abelardo, que chamava o cantor de “Pingo de Ouro”, o conheceu por intermédio do cantor Nilo Amaro, dos Cantores de Ébano, e logo o apadrinhou. Na TV Globo, Nelson Ned soltava seu vozeirão na linha de cantores clássicos como Orlando Silva, interpretando “Tudo passará”, composição de sua autoria, um sucesso acachapante no cancionário popular.

*Eu te dei meu amor por um dia
E depois sem querer te perdi
Não pensei que o amor existia
Que também choraria por ti*

Outra descoberta de Chacrinha que vinha dando o que falar era Bernadete Dinorah de Carvalho Cidade, a Baby Consuelo. A jovem cantora, pertencente a uma família de classe média da cidade de Niterói, foi vista em frente à Rádio Globo pelo amigo do animador, Jorge Ramallete. Ele teve certeza de que Baby agradaria o Velho Guerreiro. A garota andava de casaco de pele e com o espelho retrovisor de um Volkswagen na testa, amarrado por uma fita. Ramallete viu na jovem uma figura ótima para participar de *A Hora da Buzina*. Quando Chacrinha a viu pela primeira vez, perguntou:

— *Por que você usa esse espelho na testa?*
— *Pra você se ver através de mim – a garota respondeu.*

Foi amor à primeira vista, tendo Chacrinha tecido os maiores elogios à cantora de 18 anos:

— *A menina tem tudo para chegar lá, incluindo simpatia, voz e repertório. Uma parada, a Baby.*

Baby tinha voltado da Bahia, para onde fugira de casa em 1969, e onde conhecera um grupo de músicos com os quais havia se juntado: os Novos Baianos. Um deles, Pepeu Gomes, um guitarrista de 17 anos, terminou se tornando seu marido. Galvão e Moraes Moreira compuseram “A menina dança”, canção que a tinha como musa.

*Quando eu cheguei tudo, tudo
Tudo estava virado
Apenas viro me viro
Mas eu mesma viro os olhinhos*

Em *A Hora da Buzina*, a preparação começava a partir das quintas-feiras, com a inscrição da principal atração, os calouros. Semanalmente, cerca de quatrocentas pessoas compareciam para fazer sua inscrição para concorrer a uma vaga nos seis tronos do programa. Eles eram destinados às seguintes categorias: cantor, cantora, vale-tudo (um nome autoexplicativo), músico, locutor e calouro vencedor da edição paulista do programa.

Na seleção, feita pelo maestro Aloir Mendes, por Uadji Moreira e Nanato Barbosa, um dos gêmeos do Velho Guerreiro, eram escolhidos trinta calouros – entre os ótimos e os péssimos, que na filosofia do programa eram ótimos também – para competirem no domingo. Nesse dia, tinham ensaio, que ia das 14h às 18h, para mais tarde, às 20h30, lutarem pela fama – e o prêmio em dinheiro – na atração da TV Globo.

Na *Discoteca do Chacrinha*, a prática de criar prêmios para homenagear gente famosa que atraía o público também foi novamente utilizada. Dessa vez, Chacrinha criou o Troféu Velho Guerreiro. E como primeira personalidade a ser homenageada, o animador pensou de imediato em seu patrão, Roberto Marinho. Porém, assim que soube da intenção do “louco de Niterói”, o jornalista declinou, comentando com Boni:

— Imagina, a imprensa inteira vai me sacanear. Vão publicar que o Velho Guerreiro aqui vai receber o prêmio Velho Guerreiro das mãos do outro Velho Guerreiro.

O jeito foi Chacrinha tirar o patrão da sua lista, que incluía um incontável número de categorias a serem premiadas. Havia Velho Guerreiro para cantor, cantora, diretor, teleator, teleatriz, diretor de novela e assim por diante. Eram tantas categorias que, na coluna em que escrevia na revista *Amiga*, o gordo Carlos Imperial, que não perdia uma boa piada, comentou:

Chacrinha chegou a premiar o melhor artista das 7 horas, o melhor das 8 e por aí em diante. Não satisfeito, ainda premiou o melhor pipoqueiro que fica na porta da TV.

Durante o Carnaval, Chacrinha foi a Surubim. Dias antes, Ney Machado, jornalista do *Diário de Notícias*, o encontrara jantando uma bacalhoadada na companhia de Anthony Ferreira e Nalygia. Ele saudou Ney e contou detalhes sobre a ida à sua cidade natal:

— Pois, meu amigo, aproveito o Carnaval e vou até Surubim, cidade que ficou importante depois que minha loucura foi compreendida e bem paga. Não é à toa que me tornei Conde de Surubim. Vou lá ser bustificado. Passo por Salvador, Recife e Campina Grande, sempre recebendo homenagens, e volto dia 18, para premiar os Campeões do Carnaval.

Não houve busto do animador em Surubim, mas sim uma placa onde se lia:

Aqui nasceu Abelardo “Chacrinha” Barbosa.

Durante a solenidade, enquanto a placa era descerrada, as lágrimas escorriam do rosto do filho mais ilustre da pequenina cidade pernambucana.

Em Salvador, Chacrinha decidiu visitar o Mercado Modelo, do qual tanto ouvira falar. Ali, foi reconhecido pelo público, que lhe fez festa, começando a agarrá-lo e jogá-lo para o alto. Porém, alguns minutos depois, se deu conta de que algo estava faltando. Era a sua dentadura, que na algazarra saíra da sua boca.

Devido a esse pequeno inconveniente, enquanto procurava sua “chapa”, o relógio continuou andando e percebeu que ainda tinha um jantar com o governador Luiz Vianna Filho. Uadji Moreira, que já se encontrava na sede do governo baiano, saiu correndo à cata do Velho Guerreiro. Acabou por encontrá-lo num bar, na maior das calmas, degustando um caldo de lambreta – um marisco capaz de fazer com que quem o prove fique horas saboreando mais e mais porções dele. Não havia tempo de passar no hotel, e Uadji levou o chefe do jeito que ele estava. Chacrinha acabou encontrando o governador da Bahia vestindo bermudas e calçando chinelo.

No dia 18 de fevereiro, conforme havia prometido, o Conde de Surubim estava de volta à ativa, apresentando a edição de 1970 das melhores canções de Carnaval.

Em meio a toda a correria dos programas, acabou nascendo um romance nos bastidores. Durante uma de suas apresentações na *Discoteca do Chacrinha*, Wanderléa foi apresentada por Nalygia a um jovem que já vira trabalhando na equipe. Era Nanato, um dos gêmeos de Chacrinha. Desde 1968 ele já observava a linda “ternurinha” sempre que a estrela da Jovem Guarda ia ao programa do seu pai.

Graças à providencial ajuda de Nalygia, os dois jovens deram início a uma animada conversa, que acabou em cinema. Wanderléa disse ser fã de Paul Newman, e José Renato aproveitou a deixa:

— *Então, se você gosta do Paul, vamos assistir ao Butch Cassidy no cine Capri?*

Ela aceitou e, depois do filme, foram tomar um sorvete. No dia seguinte, Wanderléa voltou para São Paulo. Louco de saudade, Nanato ligou para a lourinha. Deixou o fone no gancho e partiu para o aeroporto rumo a São Paulo, onde os dois passaram o fim de semana juntos.



Enquanto Nanato e Wandeca viviam enamorados, em abril de 1970 os jornais anunciavam que Chacrinha ia dar aula na Faculdade Candido Mendes. Na *Discoteca do Chacrinha* de 29 de abril, o Velho Guerreiro recebeu a visita de duas estudantes da Escola de Comunicação da faculdade, que lhe fizeram o convite. O animador agradeceu, ressaltando que não iria mudar sua imagem, mesmo para uma plateia formada por estudantes universitários. Chacrinha estava mesmo com prestígio. Depois dos elogios do francês Edgard Morin, passaram a prestar mais atenção nele. Em 1969, durante a formatura dos alunos da Escola Superior de Propaganda, em São Paulo, o paraninfo, Fernando Almada, citou o Velho Guerreiro em seu discurso:

— *Eu gostaria que vocês lessem sempre o Advertising Age – importante publicação do meio publicitário –, mas sem deixar de assistir de vez em quando aos programas do Chacrinha.*

Em janeiro de 1970, sua trajetória vitoriosa foi parar nas páginas de um livro, num trabalho a quatro mãos com seu amigo Péricles do Amaral, responsável pela supervisão geral. Nas 192 páginas de *Chacrinha é o desafio*, os leitores conheciam a vida do animador desde seu nascimento em Surubim até a entrada na TV Globo. Era um importante documento, que registrava muito bem a trajetória do comunicador. Certamente, seria material obrigatório nas aulas na Candido Mendes.

Enquanto o homem da buzina se preparava para ministrar suas lições sobre comunicação, a vida amorosa de José Renato já rendia até comentários na imprensa. Na edição de 12 de maio de 1970, a coluna “Ponto Final” da *Revista do Rádio* noticiava o início do namoro entre Wandeca e Nanato. Os dois foram vistos em um Volks estacionado na porta da TV Globo, aguardando Chacrinha, que terminava de apresentar sua *Buzina*. O Velho Guerreiro e Florinda estavam muito felizes com o que acontecia. Admiravam muito Wanderléa, a filha do seu Salim, homem com valores semelhantes aos dos Barbosa. A jovem era muito carinhosa e responsável. Sabiam que faria Nanato feliz. Wandeca, apelido dos tempos da Jovem Guarda, passou a frequentar o apartamento da avenida Atlântica e logo se acostumou a ver o pai do namorado passar pela sala de banho tomado, cabelo penteado, perfumado e de cueca, que naquele final dos anos 1960 não era mais o antigo modelo samba-canção, mas a cavada slíp. Afinal, Chacrinha estava sempre atento às novidades, até mesmo no que dizia respeito às roupas íntimas.

Um pouco antes de Abelardo Barbosa iniciar suas aulas na Candido Mendes, o Disc Jockey nº 1 deu mais um importante passo rumo à respeitabilidade perante as cabeças pensantes do país. Em cinco de junho de 1970, o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro inaugurou uma exposição organizada pelo museólogo Clóvis Bornay com cem fantasias do apresentador. A renda da exposição do MIS, que pela primeira vez cobrava pela entrada, era em benefício da Casa dos Artistas, que passava por dificuldades. Na inauguração, Chacrinha não conseguia conter a felicidade:

— *Me sinto completamente realizado.*

Ele aproveitou e brincou com os presentes, repetindo um pouco do que fazia na televisão:

— *Terezinha!!!!!!!!!! — U-uuuuu!!!!!!!! — responderam.*

— *Tá fraco! Terezinha!!!!!!!!!!*

— *U-UUUUUUU!!!!!!!!!!*

Durante a inauguração, também foi dada a informação de que dentro de duas semanas Chacrinha gravaria seu depoimento perante o conselho do museu.

— *Isso era outra coisa que estava faltando na minha vida. Dentro das minhas macaquices e palhaçadas, eu queria mesmo era ter minha vida gravada no MIS.*

Até Sérgio Cabral se rendeu a Chacrinha e, ao entrevistá-lo para o jornal *O Globo*, juntamente com Walter Clark, Miguel Gustavo, Raul Brunini e o ator Jece Valadão, fez um mea culpa pelas divergências do passado:

Eu era contra o Chacrinha porque era contra os disc jockeys. Tinha uma coluna em jornal e “metia o pau” no Chacrinha. Eu falava mal dele para as poucas pessoas que me liam e ele me respondia para milhares de ouvintes. Eu saía sempre perdendo. Minha mãe ouvia o Chacrinha e me pedia: “Não fala mal dele não, Sérgio. Um dia ainda podem te pegar na rua.” Aconteceu que quem me pegou na rua fui eu mesmo e, agora, mudei.

Mas nem todo mundo estava satisfeito em ver as honrarias que o animador recebia. Na coluna que escrevia no *Jornal do Brasil*, o padre Dom Marcos Barbosa publicou um artigo intitulado “Chacrinha Docet” (“Chacrinha espetáculos”, em latim). No texto, o sacerdote escritor tecia pesadas críticas ao convite recebido pelo animador da TV Globo, e encerrava dizendo:

Mas tudo será resolvido agora, segundo o noticiário, com a entronização do Chacrinha numa cátedra universitária. Um caso que deveria ser apenas objeto de estudo e, em parte, de restrição, vai ser lançado demagogicamente como norma. Um nome muito adequado, citado em samba de Gilberto Gil, estará a partir de junho entre os mestres, atirando bacalhau aos alunos. Chacrinha Docet.

Diante de tamanha polêmica, achando que por via das dúvidas o mais aconselhável a se fazer era evitar problemas com a igreja, a faculdade desmentiu a notícia de que teria um professor Abelardo Barbosa em seu quadro de mestres. Foi frustrante para quem esperava ouvir o que o Velho Guerreiro tinha a dizer fora do auditório da emissora do Jardim Botânico.

Outra decepção para o rei dos disc jockeys foi descobrir que seu livro não era tratado com o carinho que esperava. Na sua coluna no *Jornal do Brasil* – parecia que o periódico era uma fonte de más notícias para Abelardo Barbosa – do dia 18 de junho, Zózimo Barroso do

Amaral publicou em tom de anedota a seguinte nota:

Se o Chacrinha ainda não sabia, o seu livro Chacrinha é o desafio está sendo esnobado pela crítica. Na mirabolante liquidação da Livraria São José, que está vendendo livros com até 50% de desconto, havia ontem um exemplar da obra de Abelardo Barbosa com a seguinte dedicatória: “A Leo Gilson Ribeiro com um abraço do Chacrinha”. Como o livro está novo em folha, nem deve ter sido folheado pelo conhecido crítico literário.

No entanto, esse pequeno insucesso não atrapalhou em nada a grande alegria do domingo, dia 19 de julho de 1970, quando em plena *Hora da Buzina* Chacrinha anunciou o noivado de Nanato com Wanderléa. O Velho Guerreiro fizera mistério sobre o traje que vestiria, havendo um interesse maior na sua roupa do que na dos belos noivos – ele chegou a divulgar que não sabia se apareceria na TV fantasiado de padre ou de noiva. Apareceu no programa com sua roupa mais comum: de cartola, casaca e buzina. O noivado pra valer havia acontecido na véspera, no apartamento dos Barbosa em Copacabana, deixando os olhos de dona Florinda marejados de emoção. No palco da Globo, o lindo casal repetiu o pedido e o beijo.

Mas a vida para Nanato não era apenas ter os “carinhos e beijinhos sem ter fim” de sua bela noiva. O rapaz tinha que cumprir com as tarefas que lhe eram designadas pelo pai. Uma delas foi ir juntamente com o irmão, Jorge, acompanhar os pesquisadores do Ibope em suas apurações. Chacrinha não se conformava em ver nas pesquisas sua audiência ser maior nas classes C e D. Para ele, seu programa atendia a todas as classes. Quando os filhos lhe disseram que os pesquisadores visitaram casas luxuosas em bairros considerados pobres, não tirou da cabeça que o Ibope realmente errava.

Chacrinha não deu trégua a Boni; reclamava dos índices do Ibope com o executivo dia sim e noutro também. O diretor de programação e produção da TV Globo marcava jantares com Paulo Montenegro e Perigault para tirar as dúvidas do Velho Guerreiro e depois lhe trazia as explicações dos dois. Em vão.

O homem da buzina chegou a contratar um outro instituto, o Itape (Instituto Técnico de Análises de Pesquisa e Estudos). Seu filho Leleco considerava um gasto de dinheiro desnecessário e dizia isso a ele. Mas essa mudança serviu para que o Velho Guerreiro conhecesse melhor o mecanismo das pesquisas. E até facilitou a vida de Boni, que não precisou mais marcar tantos jantares com Montenegro e Perigault, além de ter conseguido convencer Chacrinha a oferecer nos programas atrações com maior sofisticação. Isso acabou se refletindo na audiência em São Paulo, que no início da carreira de Chacrinha na Globo não era tão boa, mas depois de dois anos o levou à liderança no horário.

No entanto, Chacrinha cedeu à sofisticação que Boni desejava apenas até certo ponto. Ele abandonou a história de atirar comida para a plateia? Claro que não; em time que está ganhando não se mexe. Era um dos pontos altos dos seus programas, todo mundo comentava, virou marca registrada. Nem em pensamento podia descartar isso. Mas bem que em algumas ocasiões o Velho Guerreiro poderia fazer uma concessão e não levar essa bagunça ao ar.

O país vivia sob a ditadura militar, mas havia resistência. Até a decretação do AI-5, eram realizadas nas ruas passeatas pedindo a volta da democracia. Quando isso foi proibido,

alguns grupos partiram para a resistência armada. Uma das atitudes extremas que foram tomadas foi o sequestro de autoridades estrangeiras no intuito de obter a liberdade para presos políticos. O primeiro caso ocorreu em setembro de 1969, com o embaixador norte-americano Charles Elbrick; o segundo, em São Paulo, em março de 1970, com o cônsul do Japão, Nobuo Okushi. Em junho de 1970, enquanto o Brasil assistia na TV à seleção de futebol participar da Copa do México, Ehrenfried von Holleben, embaixador da Alemanha, foi o sequestrado da vez. Na ação, o agente da Polícia Federal Irlando de Souza Regis, que participava da segurança do embaixador, acabou morto. Após cinco dias de negociações, e com a liberação de quarenta presos políticos, von Holleben foi solto.

Pois mal o homem retornou à sua residência oficial, em Santa Teresa, a produção do programa, em busca da tal sofisticação, num furo de jornalismo, conseguiu que o cônsul fosse ao programa para dar o testemunho dos seus cinco dias de cárcere.

Acompanhado de sua família, von Holleben compareceu ao auditório da Pacheco Leão. O cônsul sentou-se na primeira fila e ficou aguardando a hora da entrevista, enquanto assistia a mais um pandemônio chacriniense. Numa dado momento, o Velho Guerreiro resolveu que era hora dos seus arremessos alimentícios. De uma só vez, ele atirou farinha de trigo e um pacote de banha de porco, que devido ao calor provocado pelas fortes luzes dos refletores, havia derretido. Trigo e banha respingaram no embaixador, cujas roupas dariam para fazer uma boa massa de empadão. A boa vontade do homem tinha limite – ele se levantou e avisou que ia embora. Foi dado início a uma negociação tão difícil quanto a que o libertou do cativo. Ele estava irredutível, não ia retornar para aquele hospício. Mas no final, após incontáveis pedidos de desculpas, toalhas e roupas limpas, von Holleben acabou voltando ao auditório e concedendo a entrevista.

Entusiasmado com a liderança absoluta que seu contratado conquistava a cada semana, Walter Clark chegou a declarar:

— *Ninguém ganha do Chacrinha na TV. Chacrinha tem que ser abatido a tiros.*

Entretanto, já fazia muito tempo que Chacrinha estava na alça de mira da concorrência. Ele sabia muito bem disso, sendo essa a razão da sua obsessão por resultados positivos nas pesquisas do Ibope. A artilharia ia se tornando cada vez mais pesada.



— *Diz, espelho meu: há algum programa mais popular do que o meu?*

E o Ibope respondeu:

— *Há, é o programa do Flávio Cavalcanti.*

Foi recorrendo ao conhecido diálogo entre a madrasta de Branca de Neve e seu espelho mágico que o jornalista Carlinhos de Oliveira, na crônica “O dia em que Chacrinha caiu do Ibope”, descreveu a primeira vez em que Chacrinha viu um concorrente deixá-lo para trás na audiência.

Chacrinha, sempre que era entrevistado, afirmava saber que não estava mais sozinho, que abrisse caminho para muitos apresentadores agora vistos na TV. Havia Sílvio Santos, seu colega na Globo, numa maratona dominical que ia de meio-dia às 20h. E Flávio Cavalcanti na Tupi, o seu adversário direto.

Flávio tinha começado na TV um pouco depois de Chacrinha. Foi em 1957, também na Tupi, com o programa *Um Instante, Maestro*, no qual fazia críticas dos lançamentos do mercado fonográfico. Quando não gostava de algum disco, sem a menor cerimônia, ele o quebrava na frente das câmeras. Uma jogada certa, que o deixou conhecido pelo público até o fim da vida como “aquele moço que quebrava discos na TV”.

Em 1960, ele foi convidado pelo dono das lojas O Rei da Voz, Abraão Medina, para tomar parte do programa de variedades *Noite de Gala*, na TV Rio. Ali começou a mostrar ainda mais a sua veia de jornalista, sempre atrás da notícia. Ficaram famosas as noites em que, diretamente do presídio Frei Caneca, entrevistou o tenente Bandeira, acusado pelo assassinato do bancário Afrânio, no famoso “crime do Sacopã”, ou quando, na casa do deputado Tenório Cavalcanti, conseguiu que ele raspasse a barba, mas em seguida foi obrigado a pular na piscina da residência do “homem da capa preta”, que andava armado com uma metralhadora carinhosamente chamada de “Lurdinha”.

Flávio sabia como segurar o espectador, criando enorme expectativa para o grande desfecho de suas reportagens. Falava de maneira enérgica, enfática, além de ter como uma de suas características tirar e colocar seus grossos óculos de grau enquanto olhava diretamente para a câmera. Outra de suas marcas registradas era anunciar os intervalos dos programas levantando o dedo indicador direito para o alto e dizer:

— *Nossos comerciais, por favor!*

Flávio fez ferrenha oposição ao governo do presidente João Goulart, sendo um grande simpatizante do governador Carlos Lacerda. Em 1964, deu seu apoio ao golpe militar, até mesmo diante das câmeras, com o argumento de defesa das instituições democráticas contra o que considerava a anarquia do governo Goulart.

Em 1966, Flávio Cavalcanti retornou à TV Tupi, onde lançou os programas *Sua Majestade é Lei* e *A Grande Chance*, este, um programa de calouros com mais sofisticação do que *A*

Hora da Buzina. Na atração, participavam apenas candidatos que realmente sabiam cantar. Quatro anos depois, “o homem que quebrava discos na televisão” levou ao ar o *Programa Flávio Cavalcanti*.

A atração ia ao ar nas noites de domingo, das 19h às 22h. Desde a sua estreia, andava nos calcanhares de *A Hora da Buzina*. Havia quadros como o “Flavio Confidencial”, no qual o apresentador continuava com suas reportagens e entrevistas impactantes como as que fazia em *Noite de Gala*; *O Homem Mais Bonito do Brasil*; o *MIT – Mercado Internacional de Talentos*, concurso de calouros que, além do prêmio em dinheiro, também oferecia ao grande vencedor a gravação de um LP e apresentações no Cassino de Estoril, em Portugal, e o “Fora de Série”, um concurso de talentos fora do comum, como o homem que tocava a “Marselhesa” usando um serrote.

O *Programa Flávio Cavalcanti* era como um *A Hora da Buzina* com verniz, o que o fazia abocanhar as fatias do Ibope relativas às classes A e B, pelas quais Chacrinha tanto lutava. Seus quadros eram bem parecidos com os que o homem da buzina apresentava no Canal 4, eram apenas um pouco mais sofisticados, além de não haver farinha de trigo, café e bacalhau no auditório do antigo Cassino da Urca. Contudo, mesmo com todo o esforço que fazia, a atração do Canal 6 não conseguia tomar a dianteira de Abelardo Barbosa nas noites de domingo. Até que o momento chegou, e graças ao cantor de maior popularidade do país.

Wilson Simonal começou a carreira como secretário de Carlos Imperial na TV Tupi. Mais tarde, virou uma das principais atrações do Beco das Garrafas, em Copacabana, até ir para São Paulo, onde o programa *Show em Si... Monal* tornou-se um campeão de audiência da TV Record. Em 1969, durante uma apresentação no Festival Internacional da Canção, do qual era o presidente do júri, “Simona” atingiu seu ápice ao transformar o público que lotava o Maracanãzinho num imenso coral, do qual, com natural segurança, assumiu o papel de maestro.

Pouco depois desse momento de glória do cantor, Chacrinha o convidou para uma apresentação na *Buzina*, mas o astro não foi. Achou o cachê baixo. O Velho Guerreiro ficou magoado, lembrava o início da carreira de Simonal, quando lhe dava chance de se apresentar na *Discoteca do Chacrinha*, ainda na TV Tupi. Achava uma tremenda ingratidão. Quando concedeu aquela entrevista ao *Pasquim*, comentou sobre essa relação de dar e receber entre cantores e apresentadores.

A lei de pedir começa na sua casa: quando sua vizinha manda para sua senhora um bolo, o prato é devolvido com outro bolo. O cantor é o cara que mais recebe e não quer dar nada para ninguém. Quando está por baixo dá duro, depois não quer dar nada para ninguém. Não quero que ninguém faça nada de graça, não. Gasto dez milhões de cachê no meu programa. Paguei três milhões e duzentos pro Simonal cantar um número. E paguei na hora. E já aturei muito o Simonal me chateando para tocar um disco dele. Ele só, não: todos eles. E eu não peço. Eu ofereço: vai se quiser. É a lei da oferta e da procura. Eu me dou bem com todo mundo, mas tenho que ser contra gente que cospe no prato em que comeu.

Em junho de 1970, Simonal foi ao México, acompanhando a seleção de futebol na sua

campanha vitoriosa, que valeu o tricampeonato. Simonal fez shows para o povo mexicano e o deixou encantado. Na volta, foi procurado por Walter Clark e Boni para se apresentar na TV Globo. Mas achou a proposta desvantajosa e exigiu um programa fixo na emissora, o que foi negado por Clark, que se sentiu ofendido com a quase imposição feita por Simonal.

Assunto encerrado com a emissora do Jardim Botânico, Wilson Simonal acabou em entendimentos com Flávio Cavalcanti e, às 20h de domingo, dia 11 de outubro de 1970, deu tudo e muito mais de si num show arrasador. Foram 45 minutos de pura musicalidade e empatia – sem que Flávio dissesse o seu “nossos comerciais, por favor” – nos quais Simonal brindou os espectadores com sucessos como “Tributo a Martin Luther King” (parceria sua com Ronaldo Bôscoli) e “Sá Marina” (Antônio Adolfo e Tibério Gaspar).

*Descendo a rua da ladeira
Só quem viu que pode contar
Cheirando a flor de laranjeira
Sá Marina vem pra dançar...*

Entre uma e outra canção arrebatadora, Simonal aproveitava para elogiar Flávio Cavalcanti e a qualidade de seu programa, dando suas alfinetadas em Chacrinha ao afirmar que a atração apresentada por Flávio era divertida sem ser vulgar.

Foi nessa noite que, pela primeira vez, o Conde de Surubim caiu para a amarga e temida segunda posição no Ibope, razão de tantos pesadelos e madrugadas de insônia, que tanto preocupavam sua doce Florinda. Sua mágoa para com Simonal só fez aumentar. Mas se antes de começar cada um de seus programas o homem da buzina gostava de deixar toda a sua equipe em estado de tensão, pois isso lhe servia de estímulo, a vitória da concorrência acabou por atíçar ainda mais a sua competitividade. Estava pronto para mostrar o cabra macho que era.

Para começar, sacou novos concursos para *A Hora da Buzina*. Se Flávio Cavalcanti tinha em seu programa o do homem mais bonito do Brasil, ele lançaria o concurso do negro mais bonito. Ele também contava com a presença do comentarista esportivo Washington Rodrigues, o Apolinho, que dava os resultados das partidas de futebol do fim de semana, juntamente com suas observações. E o concurso dos calouros passava cada vez mais longe do bom-mocismo dos concorrentes do “*Programa Flávio Cavalcanti*”. Ele passou a contar ainda mais com a presença dos “intocáveis” para incendiar o auditório com sua desafinação e suas aptidões para o grotesco.

No estúdio F, no terceiro andar do prédio da rua Pacheco Leão, onde era feita a seleção dos candidatos, o ritmo era frenético. O maestro Aloir Mendes, Nanato, Uadji Moreira e a chefe do coro, Dinorá, lidavam com todo tipo de pessoa. Havia a mulher que sambava equilibrando duas garrafas de água mineral na cabeça; o pobre senhor com um fiapo de voz mas toda a esperança do mundo em ganhar o grande prêmio da noite de domingo para pagar o tratamento da esposa doente de câncer; a moça agressiva, que não gostava de ouvir do maestro que havia sido aprovada apenas pela música que escolhera; a caloura, que era

aprovada, mas sempre faltava à apresentação, com medo do resultado; e tantos outros tipos excêntricos, muitos com até certa aura poética de personagem de filme de Fellini.

Veio o domingo seguinte à grande decepção de Chacrinha e foi a vez de ele dar tudo de si no seu programa. Às 20h, a orquestra de Aloir Mendes tocou o prefixo de *A Hora da Buzina*, outra composição de Miguel Gustavo, presente que o amigo lhe deu no aniversário de um ano do programa. Naquela noite, a composição exerceu o papel de uma espécie de canto de guerra do guerreiro ferido.

Chacrinha me alucina
Chacrinha me domina
É hora, é hora, é hora
É a Hora da Buzina
Um programa que acaba
Quando termina

O resultado foi que Chacrinha conseguiu recuperar sua liderança. Mas dessa vez, depois de provar o gosto amargo de um segundo lugar, Abelardo não desejava nunca mais repetir tal experiência. Para ele, audiência caindo era o caminho de volta à pobreza que o castigara durante a infância. Não queria voltar a ter uma média com pão e manteiga como principal refeição dos seus dias. Por isso, o auditório da TV Globo virou a sua arena.



O surubinese passou a usar de todas as armas que estivessem ao seu alcance para não deixar a liderança no Ibope escapar de suas mãos. Sua equipe conseguia manter gente dentro da produção de Flávio Cavalcanti com o objetivo de saber quais as atrações que o homem dos “nossos comerciais, por favor” levaria nas noites de domingo da TV Tupi. Quando descobriam, moviam céus e terras para roubá-las do concorrente.

Num domingo, após uma vitória do seu Vasco da Gama, Chacrinha descobriu que o presidente do clube, Agathirno Gomes, concederia uma entrevista no *Programa Flávio Cavalcanti*. Imediatamente, o animador recorreu a Washington Rodrigues, que conhecia bem o dirigente vascaíno, para que ele tentasse convencê-lo a trocar a Urca pelo Jardim Botânico.

O poder de persuasão do Apolinho funcionou que foi uma beleza. O presidente do “gigante da colina” cedeu ao convite feito pelo amigo e acabou como a atração principal de *A Hora da Buzina* daquele domingo. E para garantir que Agathirno não terminasse sua entrevista na Globo e em seguida rumasse à Tupi para também responder às perguntas de Flávio Cavalcanti, Washington Rodrigues sacou uma engenhosa ideia. O locutor fez com que vários carros estacionassem atrás do ônibus do Vasco, no qual Agathirno viera, bloqueando a saída da Globo. Deu certo, pois o presidente vascaíno só conseguiu ter seu caminho liberado depois das 22h, quando o “*Programa Flávio Cavalcanti*” já havia terminado. Uma importante batalha vencida, mas numa guerra que dava sinais de estar muito longe de acabar.

Em outra ocasião, a rede de espionagem “chacriniana” levou ao conhecimento do Velho Guerreiro a informação de que um menino paranaense de 12 anos virara notícia por ter conduzido um trem cujo maquinista era seu pai. O homem tivera um mal súbito e o moleque conseguira seguir viagem até a estação mais próxima, salvando sua vida. Imediatamente, Chacrinha viu que, se o garoto aparecesse no Flávio Cavalcanti, ele iria perder no Ibope. Bradava aos quatro cantos:

— *Eu quero esse garoto no meu programa!*

Ao que parece, não tinha sido apenas Nanato e Walderléa que haviam assistido ao filme *Butch Cassidy* no cinema. O produtor Uadji Moreira dava mostras de que também estava por dentro do roteiro, pois armou um plano digno do bando liderado pelo cowboy assaltante de trens pagadores. Uadji montou na Via Dutra uma barreira para interceptar o ônibus que traria o pirralho maquinista. Foi bem-sucedido, conseguindo levar o garoto para *A Hora da Buzina*. Enquanto, no camarim de *A Hora da Buzina*, a produção preparava o menino para contar sua história ao Velho Guerreiro, na rodoviária do Rio a produção de Flávio Cavalcanti esperava alguém que jamais chegaria. Deveriam ter desembolsado mais alguns cruzeiros e pagado uma passagem aérea para o menino e sua família.

Outra estratégia adotada por Chacrinha para roubar audiência de Flávio era esticar seu programa o máximo possível durante os comerciais da concorrência. Enquanto na Tupi passavam os longos reclames dos patrocinadores, na Globo o homem da buzina continuava

apresentando seus calouros. Para Abelardo Barbosa, quando Flávio dizia “nossos comerciais, por favor”, o espectador que assistia ao programa do Canal 6 levantava da poltrona e trocava de canal para ver *A Hora da Buzina*. Somente quando a atração da Tupi retornava é que o animador olhava para a câmera e, girando o dedo indicador, cantava:

Roda, roda, roda e avisa
Um minuto de comercial
Alô, alô, Terezinha
É um barato
A buzina do Chacrinha

Chacrinha tinha tirado esse “roda, roda” do diretor Régis Cardoso, que dizia isso aos cinegrafistas durante as gravações da novela *Anastácia, A Mulher Sem Destino*, em 1967. Um vídeo levava oito segundos para rodar, e Régis pedia aos técnicos que lhe avisassem o momento certo:

— *Roda, roda e avisa!*

Um dia, passando pela mesa de corte da Globo, Chacrinha ouviu, gostou e, com a autorização de Régis, passou a usar a expressão, criando um prefixo para chamar os comerciais.

Mas deixando explicações sobre as origens das frases “chacrinianas” de lado e retornando à guerra pela audiência, Flávio Cavalcanti veio com uma nova atração com os dois pés no sensacionalismo. Passou a apresentar um homem que, semanalmente, era entrevistado sobre uma terrível promessa que, segundo afirmava, cumpriria na frente das câmeras: cometer suicídio.

A história já estava começando a irritar Chacrinha. Todo domingo o infeliz aparecia na TV dizendo que ia se matar e Flávio Cavalcanti ia esticando a história. O rei dos disc jockeys queria dar um basta nisso, pois para ele era óbvio que tudo não passava de uma farsa.

Novamente coube a Uadji Moreira providenciar que a farsa fosse revelada. No domingo seguinte, o suicida em potencial trocou de emissora e passou a ser visto em *A Hora da Buzina*. No Canal 4, o homem revelou toda a verdade: era um ator, que sem maiores oportunidades na carreira aceitara receber uns caraminguás da produção de Flávio Cavalcanti para que aos domingos encenasse o drama televisivo no qual muitos brasileiros de boa fé acreditaram.

Após o programa, satisfeitíssimo por ter dado mais uma rasteira na concorrência – mas, lógico, sempre preocupado com o resultado que o Ibope revelaria –, Chacrinha foi jantar com Boni. O executivo não compartilhava a alegria do animador. Não lhe agradava a demora em chamar os comerciais, à qual Abelardo vinha recorrendo. Além de se mostrar irritado com o vale-tudo no qual a luta pela audiência vinha se transformando.

— *Chacrinha, esquece o Flávio, para de insistir com essas apelações.*
— *Boni, o que você chama de apelação eu chamo de audiência.*

— *Mas o Flavio só incomoda no Rio. Eu quero que você volte a exibir atrações de qualidade, e não um festival de baixaria.*

— *Baixaria é o cacete! O que você quer é interferir no meu programa! Quer o quê? Transformá-lo em show americano?*

Durante a semana, os dois voltaram a conversar. E Boni foi direto: não ia permitir que Chacrinha continuasse explorando a desgraça alheia. Para o superintendente de produção, a disputa com Flávio Cavalcanti chegara ao limite. Ele fez questão de lembrar o quanto admirava o apresentador, lembrando as vitórias que haviam conseguido e que melhoraram o nível do programa.

Chacrinha e Boni haviam se tornado amigos, frequentavam a casa um do outro. O executivo global até se casara com Laís Simões, uma ex-tevezinha, muito amiga de Florinda. O Velho Guerreiro, avesso a sair de seu apartamento na avenida Atlântica, costumava fazer visitas à casa de Boni. Mas a relação não andava bem. Aparentemente, Abelardo concordou com o pedido pela volta de programas de melhor qualidade, mas para sua equipe, família, amigos em comum, e até com Walter Clark, queixava-se de Boni.

Para piorar as coisas, Boni ficou incomodado com as histórias que volta e meia vinham à tona sobre Chacrinha receber jabá. Também diziam que só apareciam nos programas do Velho Guerreiro os artistas que participassem dos shows que ele fazia pelo país, sem cobrar cachê. Boni marcou uma nova conversa com o animador. Foi tocar no assunto para ele explodir:

— *Você está me chamando de ladrão! Eu nunca roubei nada de ninguém! NÃO SOU LADRÃO! NÃO SOU LADRÃO!*

Boni ficou a ponto de expulsá-lo de sua sala, mas, de cabeça mais fria, Chacrinha pediu desculpas. O superintendente de produção e programação da Rede Globo tentou averiguar as denúncias, mas não fez maiores progressos. As gravadoras, principais fontes de informação, se negavam a colaborar. O assunto ficou esquecido. A única consequência dessa reunião foi um novo abalo na amizade entre os dois. Boni, que eventualmente aparecia nos programas, nunca mais foi visto nas noites de quartas e domingos nos bastidores. O angu havia empelotado.

BONECA
COBIÇADA



Uma das atrações que vinham conquistando o público a cada dia eram as dançarinas do programa. Elas se tornaram tão populares que o próprio povo na rua tratou de lhes dar um novo nome. Ao invés de “tevezinhas” ou “vitaminas do Chacrinha”, passaram a ser conhecidas como chacetes.

Junto com a mudança de nome, veio um aumento na carga de sensualidade das moças. Para Chacrinha, uma garota precisava ser “boazuda” e sempre sorrir para as câmeras para ser chacrete. Preenchendo esses requisitos, havia um time de respeito, composto por dezenove beldades. Vera do Flamengo, Índia Potira, Angélica, a Corujinha Loura, Vera Furacão, Elisa, Kátia Regina, Adeli, casada com o maestro Aloir Mendes, Regina Pintinha, Beth Boné, Lucinha Apache, Gracinha Copacabana e Marlene Morbeck, a Loura Sinistra, eram algumas dessas deusas da beleza popular.

A maioria das meninas era convidada a participar do programa por Haroldo Costa, que trabalhava no programa como contratado da JABM, firma que o Velho Guerreiro havia criado para gerenciar seus negócios. Mas também havia algumas que eram descobertas em festas e em quadras de escolas de samba pelo próprio Chacrinha, quando ia fazer os shows que lhe garantiam uma renda extra. Ele tinha um padrão para as moças:

— Chacrete tem que ser loura ou mulata. E ter mais ou menos o mesmo tamanho das outras. Além de saber dançar. Às vezes uma mulher bonita não fotografa bem na televisão, e uma feia com mais charme dá mais certo. É uma química que só acontece diante da câmera de TV.

Ser chacrete foi se tornando um sonho para muitas moças. Havia casos em que as jovens não entendiam bem o que era necessário para entrar para o time de bailarinas do Velho Guerreiro e acabavam aprontando loucuras desnecessárias. Foi o que aconteceu em São José do Rio Preto, durante um dos shows que Chacrinha fazia por todo o Brasil. O ginásio da cidade paulista estava lotado, mas, sem que o Conde de Surubim entendesse, de repente a plateia resolveu dar-lhe as costas. Ele começou a se perguntar o motivo de tal desfeita, se havia feito algo que havia desagradado o público. Mas não era nada com ele. Membros de sua equipe descobriam que uma moça havia ficado completamente nua. Na delegacia, para onde tinha sido encaminhada, a jovem declarou ter ficado em “trajes de Eva” porque queria ser chacrete e, nua, chamaria a atenção do Velho Guerreiro. Não deu certo, conseguiu apenas uma noite no xilindró.

No caso de Edilma Campos, sua entrada para o grupo de dançarinas do Conde de Surubim aconteceu quase por acaso. A menina, que aprendeu a dançar frequentando a quadra da Unidos do Cordovil, escola de samba do bairro onde era nascida e criada, conheceu Sandra Matera no Canecão. Edilma tinha ido à famosa cervejaria carioca fazer um teste para o grupo de dançarinas da casa e acabou fazendo amizade com a chacrete, que estava por lá dando

uma esticada após o programa do Velho Guerreiro.

Na semana seguinte, Sandra levou Edilma para assistir à *Buzina do Chacrinha*. Chegaram um pouco antes e ela colocou a amiga na primeira fila do auditório. Precisou ir se preparar e disse:

Fica aqui que eu vou fazer a maquiagem. Você assiste ao programa.

Chacrinha apareceu para fazer a sua habitual conferência antes de o programa começar, dar aquela última olhada a fim de se certificar de que estava tudo certo. Ele ficou parado um pouco no palco e acabou percebendo a presença de Edilma no auditório. Foi falar com a jovem:

— *Quem é você?*

— *Eu sou amiga da Sandra Matera.*

— *Você quer ser chacrete?*

— *É... é...*

— *Responde logo.*

— *Tá bom, quero.*

— *Quarta-feira vai ter o ensaio do programa e você vem pra gente ver o que você sabe dançar.*

Conforme o combinado, na quarta-feira, firme e forte, Edilma retornou ao Jardim Botânico. Chacrinha a recebeu e deu início ao teste para ver se a moça de belos cabelos negros sabia “dizer no pé”.

— *Maestro, toca um samba.*

Era tudo do que Edilma precisava. Valendo-se dos anos de intimidade que tinha com o ritmo, a garota caiu no samba. Chacrinha viu a desenvoltura de uma legítima cabrocha de Cordovil em Edilma e deu seu veredicto:

— *Tá aprovada.*

Chacrinha conversou com as chacretes Gracinha Copacabana e Kátia Regina para que ensinassem a coreografia a Edilma. No domingo, ela já estreou na *Buzina do Chacrinha*. Estava morando em Copacabana, dividindo um apartamento no Bairro Peixoto com Edilza, sua irmã. Nos dias do programa, ela e as demais chacretes chegavam ao meio-dia na Globo. Ensaivavam durante 40 minutos e depois iam se maquiar. A fila era grande, muitas moças para passar sombra, batom e rímel em seus belos rostos.

Fora o salário, Chacrinha também pagava uma ajuda de custo às chacretes para que elas comprassem meias. O homem da buzina achava que a perna da mulher ficava mais bonita usando meias, queria ver suas bailarinas sempre com elas. Mas nem em sonho alguma dançarina poderia ser flagrada pelas câmeras com meia com fio puxado ou rasgada, razão pela qual ele pagava esse dinheirinho extra para as meninas. Elas também deviam ter duas botas de cano longo e salto alto, uma preta e outra branca, para alternar nos programas. Mas

essa era uma despesa que saía do bolso das chacretes.

O trabalho não era rebolar diante da televisão, como donas de casa mal-amadas costumavam comentar com desdém enquanto aguardavam para comprar a carne congelada que o governo Médici mandara importar da Argentina e do Paraguai. Era trabalho duro. As moças tinham que dançar durante duas horas, equilibrando-se sobre os sete centímetros de salto de suas botas. Também era preciso muita concentração para segurar a vontade de ir ao banheiro até o final do programa e suportar o calor das fortes luzes dos refletores. De vez em quando, o Velho Guerreiro chamava a atenção de Edilma, que esquecia aquilo que ele considerava fundamental. Enquanto algum cantor estava se apresentando, dizia:

— *Você está muito séria, isso é um programa de alegria. As pessoas chegam cansadas do trabalho e querem se distrair. A gente leva pra eles coisas boas, alegria. Bota um sorriso nesse rosto! Sorria! Sorria! Sorria!*

Chacrinha acompanhava os ensaios, que eram realizados no estúdio F, no terceiro andar do prédio da rua Pacheco Leão. Nos intervalos, gostava de saber um pouco mais sobre a vida de suas chacretes. Logo nos primeiros dias de Edilma no seu corpo de baile, ele quis saber sobre os pais da menina. Quando soube que a mãe da moça era de Pernambuco, ficou satisfeito com a coincidência:

— *Ih, é minha conterrânea.*

Aproveitou e fez um pedido:

— *Edilma, se você vier de carro com alguém, você desça duas quadras antes. Porque ninguém vai saber se é marido, se é pai, se é irmão. Só vão dizer: “Ih, as chacretes cada dia chegam de carro com um homem diferente.” Pra evitar isso, salte do carro antes e venha a pé.*

Mas não era somente o dono do programa que gostava de acompanhar os ensaios das chacretes. Havia mais gente, que em meio aos compromissos com o trabalho conseguia arranjar um tempinho para uma ida até o terceiro andar da rua Pacheco Leão. Boni, seu assistente Renato Pacote e o gringo Joe Wallach eram alguns desses apreciadores da dança moderna.

Quando o programa deixou o auditório da Pacheco Leão, mudando-se para o Teatro Fênix, Chacrinha não disfarçou sua insegurança. Na noite de estreia no novo endereço, como de hábito, ele soltava lamúrias a todo momento:

— *Ninguém vai aparecer! Meu público não vai achar o teatro! Eu vou apresentar o programa para o auditório vazio!*

Em vão, os filhos procuravam acalmá-lo. Somente quando pisou no palco e pôde constatar que seu público continuava fiel, relaxou e tocou seu programa.

Havia chacretes de miolo mole que chegavam a sair com diretores ou artistas achando que isso lhes ajudaria na carreira. Quando os filhos de Abelardo ou os demais integrantes da

produção ficavam sabendo antes do dono do programa, tratavam de ter uma conversa com elas. Se Chacrinha tomasse conhecimento, o tempo fechava, e a chacrete que infringira o código de honra do Conde de Surubim corria o risco de ir para o olho da rua.

— *Não quero que me chamem de cafetão!* – vociferava.

As fofocas provocaram o afastamento de Edilma. Foi durante uma viagem a Manaus, onde Chacrinha foi fazer um show com suas chacretes e alguns artistas, uma espécie de *Discoteca do Chacrinha* de bolso. No avião, ela sentou ao lado do cantor Jorge Ben e os dois conversaram amenidades. Mas quando o avião levantou voo, a conversa terminou. Jorge pegou uma história em quadrinhos que levara e passou a viagem toda lendo.

Dias depois, quando Edilma chegou para trabalhar, foi barrada na entrada da Globo. Foi avisada de que fora demitida. Conseguiu falar com Chacrinha, que lhe contou o motivo de seu desligamento. Soubera que ela havia se insinuado para Jorge Ben. A garota defendeu sua inocência e contou sua versão da história.

— *Você tem certeza do que está me dizendo?* — Tenho.

— *Porque ele é um homem casado, se sai alguma coisa no jornal, acaba com a reputação do meu programa. Vocês estão usando o meu nome, qualquer coisa que vocês fizerem vai ser o meu nome que vai aparecer.*

Inocência provada, Edilma retornou ao trabalho. Mas, dessa vez, com olhos e ouvidos mais atentos.

Outra característica marcante nas chacretes eram seus nomes artísticos. A maioria deles era dada por Chacrinha, como “Índia Potira”, para Glória Maria de Aguiar, e “Loura Sinistra”, para Marlene Morbeck. Vera Lúcia Guimarães Santos ainda não tinha apelido. Mas a oportunidade para ele aparecer não demorou: certa vez, enquanto dançava, mexendo muito os braços, ela acabou acertando Índia Potira, que comentou:

— *Nossa, parece um furacão.*

Chacrinha, que estava próximo, decidiu usar o que tinha escutado. Daquela noite em diante, a dançarina passou a ser apresentada como Vera Furacão. A outra Vera, a do Flamengo, na verdade se chamava Hilda Pereira da Silva. Não foi Chacrinha quem a batizou, mas sim a vedete Virgínia Lane, com quem a moça trabalhara no teatro.

Edilma, que não tinha apelido, foi cobrar do chefe o seu. Era até uma maneira de ver se ele não errava seu nome, já que durante o programa a apresentava como Edna e Edlamara.

— *Poxa, Chacrinha, me dá um apelido aí.*

Ele parou para pensar um pouco e disse:

— *Você vai ser a “Rainha do Palmeiras”.*

— *Mas eu sou Botafogo!*

— *Quem dá o apelido sou eu. Você vai ser a “Rainha do Palmeiras”.*

As chacretes recebiam uma avalanche de cartas de fãs de todo o país. Eram homens apaixonados fazendo juras de amor eterno e até propostas de casamento. Eventualmente, havia um ou outro tarado que baixava o nível. Mas, no balanço final, as meninas eram benquistas, contando até com fã-clubes. Nessa viagem a Manaus, muitas delas foram surpreendidas por grupos de admiradores gritando seus nomes. Edilma chegou a receber o convite para almoçar uma sopa de tartaruga na residência de uma família, fã da Rainha do Palmeiras. Mas quando foi pedir permissão ao Conde de Surubim, a resposta foi não.

— Você não sabe quem são essas pessoas. E se quiserem fazer algo de mal a você? — justificou.

Edilma ficou decepcionada por não poder experimentar a culinária amazonense. Teve que se contentar com o jantar depois do show com a equipe. Mas acabou dando razão a Chacrinha. Ele estava mesmo certo em suas preocupações.



É PRECISO TER
CORAGEM PARA
SUPPORTAR

Em fevereiro de 1971, Chacrinha contou com uma atração bem ao agrado de Boni. O Velho Guerreiro recebeu o governador do estado da Guanabara, Negrão de Lima, na *Buzina do Chacrinha*. Na tentativa de não destoar do seu anfitrião, o governante compareceu à emissora do Jardim Botânico com uma camisa florida bem “prafrentex” e um cinto com um baita fivelão. Depois do programa, comentou com amigos o seu espanto com o salário que o apresentador recebia.

— *O pessoal me disse que o Chacrinha ganha 200 mil por mês. Gasta 80 mil e fica com o restante, 120 mil.*

Ao receber do ex-ministro Lucas Lopes os parabéns pelo bom desempenho no programa de Abelardo Barbosa, Negrão de Lima ainda aproveitou para fazer um “chiste”:

— *Quem não se comunica se trumbica.*

Dias depois da entrevista com o governador, Chacrinha viajou com sua equipe para o Espírito Santo. Ia participar do Festival de Guarapari, na bela cidade do litoral capixaba. Os organizadores tentavam realizar um festival de música nos moldes dos estrangeiros, como os de Monterey, no Canadá, e Woodstock, nos Estados Unidos. Mas a proposta ficou apenas na vontade, com policiais perseguindo hippies nas estradas que levavam à cidade e muitos artistas não comparecendo devido à falta de pagamento de seus cachês.

No dia 11, data da abertura do evento, houve um atraso de quatro horas no horário anunciado. A empresa responsável pelo som não havia recebido o pagamento e decidiu retirar seus equipamentos. Muita gente acabou indo embora, e alguns dos que ficaram vaiaram – inclusive os artistas, que nada tinham a ver com a situação – e arremessaram garrafas plásticas cheias de areia no palco. A equipe da TV Globo e o restante da imprensa que cobria o evento tentavam retirar seus equipamentos, evitando que fossem danificados pelos hippies sem muita paciência para “paz e amor”.

Às 23h40, depois de uma exaustiva negociação, Chacrinha subiu ao palco. Fantasiado como o imperador Nero, recebeu uma estrondosa vaia, e ainda arremessaram garrafas na sua direção. Tratou de pegar o microfone e dar algumas explicações:

— *Juro pela minha mulher, por Deus e pelos meus três filhos que eu não tenho nada a ver com o atraso. Viva a mãe do Jerry Adriani! Viva a mãe do Chacrinha!*

Em seguida, chamou o conjunto Primeira Pedra, mas os integrantes não estavam todos presentes. Aproveitou para fazer mais uma graça:

— *Que conjunto desgraçado! Ainda não está pronto? Calma, eles estão aprendendo a ensaiar agora.*

O Nero do século XX usava de toda a sua experiência em lidar com situações desfavoráveis para acalmar a plateia. Ia dando certo.

O Primeira Pedra finalmente se apresentou. Entretanto, não agradou nem um pouco ao irritadiço público, que o vaiou sem dó nem piedade. No mais claro exemplo de “antes eles do que eu”, Chacrinha encerrou a apresentação fazendo graça com a desgraça alheia:

— *Esse é o pior conjunto que já vi na minha vida. É ruim demais. Por favor, não há outro conjunto? Esse pode se recolher, assim não dá. Ah, eu tenho a impressão de que estou na Lua.*

Garantiu seus aplausos. Em seguida, chamou o paraguaio Fábio. Algumas horas antes, o cantor havia ameaçado não se apresentar, devido à ameaça de não pagamento do cachê. Mas assim como Chacrinha e os demais, acabou conseguindo receber seu cachê integral, o que o convenceu a subir ao palco. Depois de também dar suas justificativas pelo atraso, cantou sua versão para “Something”, composição do Beatle George Harrison, além de “Encouraçado”, composição de Sueli Costa e Tite de Lemos, com a qual havia participado do V Festival Internacional da Canção de 1970 e, numa interpretação arrebatadora, levara o prêmio de melhor intérprete:

***Encouraçado nos meus agasalhos
Nesta vaguíssima avenida
Nesta lentíssima espreguiçadeira
No seio desta tarde confortável
Distante fugitivo
Da primitiva aldeia dos macacos***

Logo depois de Fábio, Chacrinha chamou uma velha amiga:

— *Atenção, vamos receber: Angela Maria!*

A “Sapoti” tentou agradar ao público majoritariamente jovem interpretando uma composição mais atual, “O amor é meu país”, de Ivan Lins e Ronaldo Monteiro, segundo lugar no V Festival Internacional da Canção.

***Eu queria, eu queria, eu queria
Um segundo lá no fundo de você***

A reação foi morna, mas sem nenhuma demonstração de desagrado. Logo depois, ela cantou “Ave Maria no morro”.

***Barracão de zinco
Sem telhado, sem pintura
Lá no morro
Barracão é bangalô***

*Lá não existe
Felicidade de arranha-céu
Pois quem mora lá no morro
Já vive pertinho do céu*

A rapaziada não aceitou nada bem o clássico de Herivelto Martins e deu início a mais uma sessão de vaias. Aquele público jovem ainda não estava pronto para apreciar Angela. Seriam necessários mais alguns anos para isso.

A noite também teve Baby Consuelo e os Novos Baianos, conjunto do qual passara a fazer parte; Milton Nascimento e o Som Imaginário, supergrupo formado por Robertinho Silva (bateria), Tavito (guitarra e vocais), Naná Vasconcelos (percussão), Luiz Alves (contrabaixo), Frederica (guitarra), Wagner Tiso (teclados) e Zé Rodrix (teclados e vocais). Os rapazes fizeram muita gente que os havia vaiado injustamente durante o impasse com a equipe de som se arrepender do comportamento hostil, ao ouvi-los tocar canções como “Feira moderna” (Fernando Brant, Beto Guedes e Lô Borges).

*Feira moderna, o convite sensual
Oh, telefonista, a palavra já morreu
Meu coração é novo
Meu coração é novo
E eu nem li o jornal*

No dia seguinte, o prefeito de Guarapari acabou assumindo o festival e se responsabilizando pelo pagamento dos cachês aos artistas. Carlos Imperial, que também tinha viajado para assistir ao evento, aceitou o convite para coordenar a parte artística. No balanço geral, o festival foi uma bagunça, e uma bagunça sem o profissionalismo dos programas do Chacrinha.

Depois de sua aventura capixaba, o homem da buzina retornou ao Rio e à exaustiva jornada de trabalho. Mas em abril, durante a Semana Santa, depois de anos, Abelardo resolveu aproveitar o feriado e descansar. Aceitou o convite feito pelo amigo Venâncio Veloso para passar alguns dias na fazenda da família, em Três Rios, no interior do estado do Rio. Ia ser um merecido descanso, afinal, ele também era filho de Deus. Na quarta-feira à noite, dia 7 de abril, Chacrinha deixou o Rio na sua Mercedes 1970 acompanhado de Florinda e de Jorge e a esposa, Verônica. Hospedaram-se no Quitandinha, em Petrópolis, para seguirem viagem pela manhã. Leleco não foi, preferiu passar o feriado no Rio, mesmo.

Nanato e Wanderléa partiram na quinta-feira pela manhã. A cantora havia perdido o pai pouco tempo antes e se encontrava muito sensível com a sua ausência. No meio da viagem, quase próximo a Petrópolis, a jovem teve uma crise de choro. Nanato parou o carro e sugeriu voltarem para o Rio. Mas Wanderléa se recompôs e insistiu que continuassem. Ela não queria estragar o divertimento da família. O casal seguiu em frente e encontrou Chacrinha no Quitandinha.

Os Barbosa chegaram à Fazenda Santa Terezinha no horário do almoço e foram recebidos por Venâncio. Após as refeições, foram para uma fazenda ao lado – era a nova aquisição do dono das Casas da Banha. Nanato foi cavalgar, mas ficou assustado quando seu cavalo começou a empinar. Preferiu não se arriscar e foi jogar sinuca com Jorge, o que era bem mais seguro.

A piscina estava com a água turva – segundo Venâncio Veloso, devido ao cloro que o caseiro havia jogado. Era uma tarde de sol, ótima para “dar uma caída”, mesmo com a advertência de Venâncio de que “a água não estava boa”.

Quarenta minutos depois, já estava todo mundo se refrescando na piscina. Menos Nanato e Jorge, que continuavam jogando sua sinuca. Mas, terminada a última partida, os dois irmãos foram trocar os shorts pelas sungas e juntaram-se ao restante do pessoal. Tomaram distância e se prepararam para cair na água. Jorge foi o primeiro a pular. Bateu com a perna numa barra de ferro que havia no fundo, colocada para separar a parte rasa da funda. Nada de sério. Entretanto, o mergulho de Nanato não saiu como deveria. O rapaz acertou em cheio com a cabeça no maldito ferro, desmaiando de imediato.

Mais do que depressa, Jorge retirou o irmão da água. Nanato não estava sentindo suas pernas nem as mãos. Ele implorava para que não tocassem em seu pescoço, pois sentia uma dor insuportável.

Jorge colocou Nanato no carro e partiu com ele para o hospital de Três Rios. O rapaz precisava fazer uma tração, mas o único aparelho do local já estava ocupado por um rapaz que também acabara de sofrer um acidente. Como o estado de Nanato era delicadíssimo, improvisaram uma Kombi para que ele pudesse ser transportado corretamente durante a viagem de volta ao Rio, onde o levariam para um hospital com melhores condições.

Antes de partir, Jorge fez contato com a Clínica São Miguel, em Botafogo. O Dr. Álvaro Monteiro, conhecido da família, dirigiu-se para lá. Na descida da serra, Nanato começou a ter uma crise de hipotermia. Pararam em um hotelzinho de beira de estrada, onde arranjaram um cobertor para que ele aguentasse o restante da viagem até o Rio.

Assim que deu entrada no hospital, Nanato foi submetido a uma tração. O médico trouxe notícias muito desanimadoras. Segundo informava, as próximas 24 horas seriam decisivas na vida de José Renato. Se por um milagre escapasse, ficaria tetraplégico.

Nanato teve quase o corpo inteiro imobilizado, mas, ainda assim, 72 horas após sua entrada no hospital, o rapaz começou a ter problemas com a sua sensibilidade. Os médicos removeram aquela armadura de gesso e o submeteram a uma cirurgia de emergência.

Durante as nove horas em que o filho era operado, Chacrinha pegou seu carro e percorreu sete igrejas da Zona Sul carioca. Em cada uma, parava, acendia uma vela e rezava, pedindo a cura para o seu José Renato. Esse era um ritual que, acompanhado de Florinda, sempre cumpria em todas as Sextas-feiras Santas. Mas, como nesse ano ele preferiu viajar para descansar, nada no mundo tirava de sua cabeça a certeza de que era o principal culpado pelo acidente do filho.

— Isso foi castigo de Deus – não parava de repetir para a esposa.

Nanato sobreviveu à longa cirurgia. Entretanto, a equipe médica o proibiu de falar e receber visitas. Apenas a família tinha acesso ao quarto do rapaz, na Clínica São Miguel.

Enquanto isso, Chacrinha se negava a dar declarações à imprensa sobre o acidente. Dizia apenas que a recuperação do filho exigiria, pelo menos, um ano de tratamento intensivo. Dias depois, Abelardo conseguiu a transferência de Nanato para o Hospital Samaritano, também em Botafogo. Mas as chances de que ele recuperasse os movimentos eram ínfimas. Aquele rapaz bonito, cheio de saúde e vivendo um grande amor nos seus 21 anos, ficara tetraplégico.

Um homem pode aguentar cinco rounds enfrentando Muhammad Ali, apanhando do grande peso-pesado norte-americano, sem dizer um mísero “ai”. Entretanto, ver um filho sofrer um simples arranhão no joelho pode trazer uma dor insuportável. Chacrinha havia aguentado de tudo na vida – fome, empregos que lhe arrancaram o couro, povo sem palavra, ingratidão de quem ajudara –, e jamais passou por sua cabeça jogar a toalha. Porém, o drama que vivia fez muita gente acreditar que ele iria se retirar da vida artística e procurar em algum lugar do mundo algo que fizesse com que seu filho voltasse a andar. Parecia que o Velho Guerreiro havia sido ferido de morte. Ele vivia indo à Igreja de São Paulo Apóstolo rezar, coisa que também fazia em casa, diante do oratório que mantinha em seu escritório. Na hora de sair de casa rumo à TV Globo para fazer seus programas, não conseguia esconder de Florinda os olhos banhados por lágrimas. Era uma imagem de cortar o coração do mais seco dos homens.

CHEGOU
SEU SETE
DA LIRA



Depois de semanas de sofrimento, Chacrinha enxugou os olhos, respirou fundo, enchendo seu pulmão direito com todo o ar que ele poderia armazenar, e deixou de lado o homem sedado no qual havia se transformado para retornar à arena. Havia muitas pessoas que dependiam dele, inclusive Nanato. Não podia deixar seus programas ao Deus dará. Flávio Cavalcanti continuava bem próximo, querendo tomar seu lugar. E “o homem que quebrava discos na televisão” já havia sacado uma atração sugadora de pontos no Ibope.

Cacilda de Assis, nascida na cidade fluminense de Valença, veio para o Rio de Janeiro aos 7 anos. Foi com essa idade que ela recebeu pela primeira vez a entidade Cabocla Jurema. Ela era uma menina normal, que de repente havia pedido à mãe, Dona Ruth, um cachimbo. A senhora ficou assustada e quis até bater na garota. Mas não adiantou, a garota passou a fumar e também a beber aguardente.

Depois de montar um terreiro em Cavalcanti, Cacilda foi morar em um sítio em Santíssimo, na Zona Oeste carioca. Passou a incorporar outra entidade espiritual, o Seu Sete da Lira, um Exu, orixá da Umbanda. Todos os sábados, mais de mil pessoas se reuniam no sítio, onde além das sessões na mesa de Seu Sete havia também uma animada roda de samba, na qual eram interpretadas canções da música popular brasileira das quais Seu Sete gostava.

Seu Sete foi ganhando fama no Rio de Janeiro e atraindo mais e mais devotos. A “gente de bem” da Zona Sul do Rio deixava suas coberturas na avenida Atlântica para ir ao terreiro de Mãe Cacilda tomar passes, consultar o futuro e buscar cura para males que lhes acometiam. Alguns visitantes acabavam entrando em transe paranormal, ou, na linguagem coloquial, “pegavam santo”. Nas ruas, vários carros transitavam trazendo colados em seus vidros adesivos com um “7” negro em fundo vermelho, uma prova da devoção ao Exu de Santíssimo. A médium também apresentava um programa na Rádio Metropolitana de Inhaúma, o que lhe garantia ainda mais adeptos.

No terreiro de Santíssimo havia a “Hora Grande”, o momento no qual, à meia-noite, Seu Sete realizava suas preces.

***Chegou a Hora Grande,
Da corrente do amor
Entrelaçamos os braços
Irmanados com fervor***

Seu Sete tinha como um de seus ilustres admiradores o “rei do ritmo”, Jackson do Pandeiro. O cantor afirmava a quem quisesse ouvir que o Exu Guardião havia salvado sua vida, quando previu um acidente de carro que realmente aconteceu.

Da mesma maneira que a notícia sobre os feitos de Seu Sete chegavam a Copacabana e Ipanema, lá na Urca Flávio Cavalcanti também soube do que estava acontecendo na Zona Oeste. O apresentador tratou de mandar sua produção ao sítio para convidar Mãe Cacilda

para o seu programa. Convite aceito, Seu Sete foi anunciado com todo o estardalhaço de uma grande atração para o próximo *Programa Flávio Cavalcanti*.

Quando soube o que Flávio Cavalcanti tinha preparado para o próximo domingo, Chacrinha veio com a sua reação habitual:

— *Eu quero essa mulher no meu programa!*

Novamente, o sagaz Uadji Moreira, responsável pela *blitzkrieg* do Conde de Surubim, entrou em ação. Ele partiu para Santíssimo e conversou com um dos cambonos da médium, se apresentando como integrante da produção de Chacrinha. Dona Cacilda havia combinado com Flávio Cavalcanti de se apresentar na Tupi das 18h às 20h. Mas ela concordou em participar da *Buzina do Chacrinha*. Pesou muito nessa decisão o fato de ela já conhecer Chacrinha, que em 1968 a recebera na *Discoteca do Chacrinha* – além de fazer contato com espíritos, Cacilda de Assis também era compositora de marchinhas de Carnaval e havia ido à TV Globo mostrar seu trabalho.

No domingo, dia 29 de agosto de 1971, Uadji tratou de chegar ao sítio de Santíssimo bem antes da produção de Flávio Cavalcanti, para providenciar que Mãe Cacilda fosse com ele diretamente para a *Buzina do Chacrinha*. Sem demonstrar temor com algum castigo que pudesse ser mandado pelas santas almas benditas, Uadji engambelou a mãe de santo, dizendo já ter entrado em acordo com a produção de Flávio Cavalcanti para que ela se apresentasse antes na Globo.

Para garantir a permanência de Mãe Cacilda na *Buzina do Chacrinha*, Uadji lembrou do que Washington Rodrigues fizera na noite daquela entrevista com o presidente do Vasco e deu um jeito de que, novamente, as imediações da emissora fossem bloqueadas pelos grandes caminhões que geravam as imagens externas. Também conseguiu uma autorização de Boni para que o programa começasse uma hora mais cedo, às 19h. Enquanto isso, lá na Urca, Flávio Cavalcanti andava de um lado para o outro aguardando a chegada da médium de Santíssimo.

Acompanhada de um grupo composto por baianas, músicos e cantores, Mãe Cacilda, ou melhor, Seu Sete, adentrou o auditório. Cacilda, uma mulher de 45 anos, baixinha, que lembrava a cantora Aracy de Almeida, vestia fraque, cartola e uma capa preta com uma lira bordada em vermelho e dourado. Abraçava uma garrafa de cachaça e levava um baita charuto Pimentel na boca. Seu Sete tomava fartos goles de pinga, dava baforadas em seu charuto e cuspiam no chão, deixando no piso do estúdio global um poça de saliva misturada com pedaços de tabaco. No microfone, ele gritava:

— *Salve o canto do galo!*

— *Salve! – seus seguidores repetiam.*

— *E no canto do galo, a lira canta. E viva a lira!*

Em seguida, acompanhada dos atabaques, cantava:

A cura do Seu Sete da Lira

Tem uma beleza rara

***Porque Seu Sete começa
Onde a medicina para
E um caso condenado
Que ninguém mais ignora
Para Seu Sete
Câncer virou catapora***

Enquanto Seu Sete cantava e mandava suas mensagens ao povo brasileiro, algumas chacretes começaram a ter tremeliques, dando sinais de que tinham uma predisposição para serem “cavalos” das entidades que pairavam pelo auditório. Chacrinha gritou:

— *Leva elas lá pra trás.*

Rapidamente, as meninas foram retiradas e conduzidas para a coxia, onde um dos ajudantes de Mãe Cacilda – os homens de terno vermelho – cobriu as cabeças das jovens com um pano e retirou o santo de uma por uma. A *Buzina do Chacrinha* havia se transformado num enorme terreiro. Boni devia estar achando tudo aquilo maravilhoso...

Às 21h, quando a entidade já havia “cantado para subir” e Mãe Cacilda recebia o Troféu Velho Guerreiro das mãos do Conde de Surubim, Flávio Cavalcanti Júnior chegou ao Jardim Botânico. Cumprindo ordens do pai, o rapaz foi à TV Globo para realizar o resgate de Seu Sete. Flavinho encontrou os caminhões atravancando o acesso à emissora, mas, como um soldado na guerra pela liderança na audiência, conseguiu furar o bloqueio montado por Uadji Moreira e levou a umbandista para a Urca. Quarenta minutos depois da apresentação na *Buzina do Chacrinha*, Seu Sete estava também no Canal 6.

Muita gente criticou essas transmissões de Seu Sete no Chacrinha e no Flávio Cavalcanti, classificando-as como apelação. Mas, no caso de Chacrinha, para quem era próximo dele, além de tornar-se mais uma arma na guerra pela liderança na audiência televisiva, essa aproximação com Mãe Cacilda de Assis também poderia tratar-se de mais uma tentativa de encontrar a cura para a tetraplegia de Nanato. Enquanto o filho permanecia internado, Chacrinha fazia suas orações na Igreja de São Paulo Apóstolo e também frequentava a mesa de cura de Mãe Cacilda de Assis em Santíssimo.

Essa incursão de Seu Sete na televisão acabou gerando um boato de que, ao assistir ao Exu na *Buzina do Chacrinha* ou no *Programa Flávio Cavalcanti* – o programa não era especificado por quem espalhava o boato –, a primeira-dama, Dona Scila Médici, assim como aquelas três chacretes, também teria recebido santo. Segundo diziam, de repente a senhora deu uma gargalhada, fez um pedido e deu uma ordem ao marido:

— *Iah iah iah iah! Traz uma rosa e uma champanha! Não mexe com quem você não pode!*

Assustado, o presidente teria chamado um padre para exorcizar sua esposa, enquanto, abismadas, as empregadas abelhudavam o que acontecia na residência presidencial.

Se foi verdadeira ou não a sessão de exorcismo no Palácio do Planalto, o fato é que o terreiro televisivo deu muito o que falar. Um pouco antes do polêmico programa, Dom

Marcos Barbosa fez mais uma de suas críticas mordazes no *Jornal do Brasil*, quando soube que uma equipe cinematográfica estrangeira estivera no país para filmar Chacrinha e seus programas. No “Informe JB”, o padre demonstrou sua indignação com a maneira como o Brasil seria visto no exterior, pediu que a censura arrojasse um pouco mais com os programas de Abelardo Barbosa, e que se investisse mais em atrações que considerava culturais.

Dias depois, no jornal *A Notícia*, Chacrinha publicou o texto “Resposta fraterna a Dom Marcos”, sua réplica ao religioso, que já virara uma espécie de inspetor Javert na sua vida:

É muito cômodo ficar nessa de “martelo”. É fácil dizer isso e aquilo, ficando lá numa torre de marfim. Mas e a realidade? É bem diversa. Isso de querer cultura na TV como se não o fizéssemos é uma tecla muito gasta. Porque a TV já o faz. Só não vê quem não quer. Ou então, quem não está disposto a compreender que TV é veículo também de diversão popular.

Enquanto isso, na televisão, já sem paciência para os ataques do sacerdote, Chacrinha criou um bordão para cutucar-lhe:

— *Dom Marcos é um xarope. Chacrinha dá Ibope.*

Desnecessário dizer que o padre escritor não apreciou nem um pouco a rima. Quando Mãe Cacilda apareceu na *Buzina do Chacrinha*, Dom Marcos criticou o acontecido com uma gana ainda maior:

Ser palhaço é uma profissão como qualquer outra. Mas fazer os outros, quanto mais os simples, de palhaços, é de uma indignidade sem nome. No meu código de moral, isso é pior do que o Seu Sete da Lira.

O Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, e o secretário-geral da Conferência dos Bispos do Brasil, Dom Ivo Lorscheiter, em nota oficial manifestaram sua oposição à Mãe Cacilda:

Já não se trata mais de uma questão religiosa, mas de saúde pública: os acontecimentos exigem profunda reflexão por parte dos responsáveis pelos meios de comunicação. A imagem do Brasil no exterior ficou prejudicada com a exibição de uma subcultura.

E não foi somente a igreja católica que se mostrou descontente com Seu Sete da Lira tornando-se astro na televisão. O Conselho Deliberativo dos Órgãos de Cúpula de Umbanda acusou Cacilda de deturpar a religião. O deputado Átila Nunes Filho, conhecido umbandista, pediu maior censura aos programas de televisão.

Houve muitos telefonemas para a censura com reclamações sobre a presença do Exu Guardiã na TV, além de relatos sobre mais pessoas que acabaram incorporando. Como resultado, tanto a Tupi quanto a Globo foram obrigadas a assinar um documento comprometendo-se a não exibir “fatos ou pessoas que sirvam para explorar a credice ou incitar a superstição”, bem como “falsos médicos, curandeiros ou qualquer tipo de charlatanismo”. Flávio Cavalcanti enviou um telegrama ao ministro das Comunicações,

Higino Corsetti, no qual alegava que a apresentação do Exu Guardião em seu programa na Tupi seguira um roteiro previamente aprovado pela censura.

Entrevistado por *O Jornal*, Chacrinha também se justificou:

— *Conheço Dona Cacilda desde 1968, quando estive em meu programa para receber o prêmio pela música classificada em quinto lugar no Carnaval. Mais tarde, vim a saber que ela era Seu Sete. Gosto dela e acho que Seu Sete não faz mal a ninguém. De vez em quando eu vou a Santíssimo, no terreiro. Gosto da “Hora Grande” e sou devoto de São Jorge e São Judas Tadeu. Acato as decisões da censura e estou disposto sempre a reparar qualquer erro. Mas, realmente, não acredito que serei punido, porque não fiz nada de mais.*

Cacilda de Assis também passou a ser perseguida. A Receita Federal ameaçou investigá-la sobre o sítio do qual era proprietária. A imprensa a apresentava como uma charlatã. Indignada, numa das suas reuniões de sábado à noite, incorporando Seu Sete, ordenou a seus seguidores que dessem início a um boicote contra a imprensa. A entidade ordenava aos cerca de 20 mil presentes no sítio em Santíssimo que parassem de comprar jornais, além de rogar uma praga aos jornalistas que a difamaram:

— *Um dia hei de vê-los sentados à minha mesa de curas.*

Muito jornalista tratou de marcar consulta com um clínico geral e ver se a saúde estava perfeita.

JÚRI SOBERANO



— *Alô, Fred Falcão?*

— *Pois não. Quem fala?*

— *Aqui é o Chacrinha. Você está com um maxixe muito bom inscrito no festival e eu queria que você desse ele pra Wanderléa gravar. Venha aqui no meu apartamento almoçar um cozido preparado pela minha esposa pra gente conversar.*

O compositor Fred Falcão havia inscrito “Lourinha”, sua parceria com o letrista Arnaldo Medeiros, no VI Festival Internacional da Canção. A ideia original era dar a música para o grupo vocal MPB4 defender. Mas era um pedido de Chacrinha...

Fred compareceu ao almoço no apartamento da avenida Atlântica, sendo muito bem-recebido pelo Conde de Surubim. Conheceu Florinda e os filhos de Abelardo, Jorge, Leleco e Nanato. O rapaz havia recebido alta do hospital pouco tempo antes. Estava na cadeira de rodas, tendo ao seu lado Wanderléa. Fred saboreou o cozido feito pelas mãos de fada de Florinda e deixou o apartamento do Velho Guerreiro com a canção garantida para que a doce Wanderléa a defendesse no VI FIC.

A eliminatória do FIC foi realizada no dia 24 de setembro de 1971. Foi a primeira aparição pública de Nanato após o acidente. Assim que chegou ao Maracanãzinho, vários fotógrafos correram na direção do rapaz na tentativa de registrá-lo pela primeira vez em cadeira de rodas, garantindo uma boa foto para a edição do dia seguinte de seus jornais. Chacrinha ficou extremamente irritado com este comportamento predatório da imprensa. Ele acabou tirando seu casaco e cobriu a cabeça do filho, enquanto gritava:

— *Vocês querem vender jornal explorando a imagem do meu filho após essa fatalidade?*

Com os ânimos acalmados, Nanato ficou na primeira fila, tendo Wanderléa ao seu lado até a hora de ela subir ao palco para sua apresentação. A dura ironia era que havia um ano o casal estivera no mesmo lugar, vendendo felicidade, aguardando o momento da participação da Ternurinha – em 1970, a cantora participou do V FIC cantando “A charanga”, composição sua em parceria com Dom.

Wandeca se apresentou com um figurino criado por seu irmão, Wanderley, usando um chapéu de abas largas como o de uma dama da belle époque. Era acompanhada pelo mestre do choro, o flautista Altamiro Carrilho, com seu conjunto, além do Brasil Ritmo.

***Essa lourinha que passa fazendo agrado
É um pecado que eu trago esquecido no peito
É um tesouro que eu guardo com todo cuidado
O seu feitiço castiga o meu coração***

A canção chegou a se classificar para a final nacional, mas não ficou entre as cinco

primeiras. Entretanto, tocou bastante nas rádios.

Assim como não descuidava da carreira da nora, procurando dar incentivos, como a participação no FIC, Chacrinha continuava perseguindo a cura para Nanato. Ele soube de um médico baiano, Dr. Nilson, que atuava em Los Angeles, nos Estados Unidos. Era proprietário de uma clínica de quiropraxia, uma nova área da medicina, que tratava problemas do sistema músculo-esquelético através de técnicas de terapia manual, exercícios e orientação postural. Decidiu que José Renato deveria se submeter a esse tratamento. Jorge cuidou da ida do irmão para os Estados Unidos, que contou com um providencial apoio financeiro da Globo. Bill, irmão de Wanderléa, acompanhou o casal a fim de ajudá-los nos primeiros meses longe de casa.

Enquanto torcia para que o tratamento do filho surtisse efeito, o Velho Guerreiro investia em um importante componente da *Buzina do Chacrinha*, que de coadjuvante passou a protagonista, juntamente com os calouros e o apresentador fora do eixo: o júri. O Conde de Surubim percebeu que contar com personalidades tão extravagantes quanto os seus calouros “intocáveis” na banca de jurados agradava um bocado o telespectador. Volta e meia convidava seu amigo Carlos Imperial, que, cada vez mais gordo e adepto da moda hippie, chamava bastante atenção. Adentrando o auditório de chinelo, calça jeans desbotada, camiseta regata com mensagens irreverentes como “sou da mamãe”, cabelo comprido e barba espessa, era uma figura que assustava. Não satisfeito, Imperial fazia questão de implicar com o auditório, sempre dando o voto contrário ao que agradava a plateia.

Também havia no júri personalidades como o cabeleireiro Silvinho, o jogador do Flamengo Fio Maravilha, o jornalista Jorge Mascarenhas, artistas da Globo, o ator Jece Valadão, astro do filme *Os cafajestes*, que no programa fazia questão de incorporar o personagem para causar polêmica, empresários e damas da sociedade, sendo a pioneira Beki Klabin.

Obviamente, a *Buzina do Chacrinha* era um ambiente completamente diferente de todos os que Beki costumava frequentar. Suas amigas diziam que viam o programa apenas quando passavam pela cozinha, onde suas empregadas estavam assistindo ao Velho Guerreiro. Beki chegou a comentar isso num domingo quando participava do júri:

— *As patroas brasileiras são as melhores do mundo, porque todas dão televisores para suas empregadas assistirem você, Chacrinha.*

Beki se tornou ainda mais comentada quando surgiram notícias em vários jornais sobre seu romance com o cantor Waldick Soriano. Baiano de Caitité, era um cantor de boleros dono de uma monstruosa popularidade. Era o autor de “Eu não sou cachorro não”, que volta e meia interpretava no programa do Chacrinha:

***Eu não sou cachorro não
Pra viver tão humilhado***

Waldick era tido como cafona, palavra popularizada por Carlos Imperial, que designava mau gosto. Provocava engulhos na intelligentsia. Mas o “Frank Sinatra do sertão”, como era

chamado, contava com o carinho de seus fãs. Com seu figurino de caubói urbano, usando terno, óculos escuros e chapéu, era um trunfo de audiência do Velho Guerreiro, que sempre o deixava como última atração. Quando surgia no palco, o auditório vinha abaixo com sua performance, culminando com o momento em que, enquanto cantava “Paixão de um homem”, mais um de seus boleros matadores, atirava seu chapéu para a plateia, que o disputava como se fosse o bacalhau de Venâncio Veloso.

Amigo, por favor leve esta carta

E entregue àquela ingrata

E diga como estou

Com os olhos rasos d'água

O coração cheio de mágoa

Estou morrendo de amor

A popularidade que Beki Klabin alcançou depois dessas participações no programa de Abelardo Barbosa acabou provocando certa inveja em algumas de suas amigas. Como quem não quer nada, as damas da sociedade carioca enviavam presentes e convites para festas ao pessoal da produção, na esperança de participarem da atração televisiva.

Depois do pioneirismo de Beki Klabin, era possível ver nomes como Carmen Mayrink Veiga e Lourdes Catão decidindo se um calouro ia ou não para o trono ou votando no taxista mais simpático.

Também havia no júri uma jovem loura, que vestia figurinos tão espalhafatosos como os do dono do programa – uma moça chamada Elke Maravilha. Seu nome foi mencionado como opção para a lista de jurados que elaboravam durante uma reunião de Chacrinha com o diretor de programação da Globo, Mauro Borja Lopes, o Borjalo, e Haroldo Costa. A sugestão foi feita por Haroldo, de quem a moça era amiga.

Elke Georgievna Grunnupp era uma bela jovem, alta e loura, de 27 anos, nascida na Rússia, que, depois de passar pela Alemanha, acompanhada dos pais, chegara ao Brasil em 1951, aos 6 anos. Em 1969, aos 24 anos, após vários trabalhos, entre os quais os de bancária, professora de línguas e tradutora, começou a trabalhar como manequim, desfilando para o estilista Guilherme Guimarães e também para Zuzu Angel. Em 1971, Elke foi detida pelo governo depois que viu no aeroporto Santos Dumont um cartaz com a foto de Stuart Angel Jones, filho de Zuzu, como terrorista procurado pela polícia. Fazia pouco tempo que a mãe do rapaz soubera que ele, envolvido com a resistência armada, havia sido capturado pela repressão e assassinado após várias sessões de tortura. A manequim começou rasgar o cartaz e gritar que aquilo era uma farsa, pois o rapaz já estava morto. Ficou presa por seis dias, sendo libertada somente graças à intervenção de amigos da classe artística com algum conhecimento entre as pessoas mais influentes.

Elke recebeu um telefonema da produção convidando-a para participar do programa. Não tinha maiores intimidades com a atração, jamais havia parado para assistir e nunca vira o apresentador pessoalmente. No domingo da sua estreia, também levou uma buzina para a TV Globo. Durante o programa, quando Chacrinha dava suas buzinadas, ela também dava as

suas.

Ele gostou da atitude da moça, além de seu jeito despachado e do figurino diferente, que a tornavam uma espécie de filha espiritual do Velho Guerreiro. Durante o programa, a sintonia entre os dois foi ficando tão grande que nos momentos em que havia um convidado chato, como um político com falatório se autoelogiando, o homem da buzina gritava:

— *Elke Maravilha!*

E a loura surgia como um anjo da guarda maroto para evitar que o Ibope do programa sofresse ameaça de queda, dizendo algo de engraçado com o seu sotaque mineiro de Itabira, cidade onde foi criada. Na hora de elogiar um calouro cujo desempenho como cantor havia sido bom, ela dizia:

— *Cê canta com sentimento, com útero.*

Elke foi mais do que aprovada no programa e Chacrinha pediu a Haroldo Costa para convidá-la para o próximo domingo. O diretor foi falar com a loura, mas ela fez uma importante pergunta:

— *Escuta, Haroldo, será que não sai um dinheirinho daí, não?*

— *Não sei, Elke, mas posso tentar. Vou falar com o Chacrinha, prometo. Te dou uma resposta.*

Mesmo sem ter certeza se receberia, Elke voltou ao programa seguinte. Na sua terceira semana como integrante do júri, passou a ganhar um cachê.

Chacrinha, que nunca gostou de ficar sozinho – certa vez ligou para Washington Rodrigues pedindo que ele fosse encontrá-lo com urgência, para o locutor esportivo descobrir que ele queria apenas companhia até o momento de ir ao aeroporto –, queria sempre ter gente ao seu redor. No seu camarim havia cantores, atores, o pessoal da equipe, a camareira e às vezes até o Boni. Lá dentro, Elke tinha longas conversas com o “painho”, apelido carinhoso que passou a usar para chamá-lo. Certo dia, quando estava apenas com uma camareira, enquanto Chacrinha estava em outra parte do camarim, Elke desabafou com a moça, sobre as dificuldades de morar de aluguel. A proprietária do apartamento havia pedido o imóvel, pois ia vendê-lo. Sem o dinheiro para comprá-lo, a loura estava chateada. Chacrinha, que fingia tirar um cochilo, ouvia toda a conversa. Assim que a camareira saiu, ele “despertou” do seu sono e foi direto falar com Elke. Quis saber quanto a proprietária estava pedindo pelo apartamento. No final, lhe propôs:

— *Olha só, eu vou te emprestar o dinheiro. Mas você vai me pagar de volta quando puder, combinado?*



O Velho Juveniro lhe
deseja Feliz NATAL e
Feliz ANO NOVO.

Chacrinha

O empréstimo foi de pai, ou melhor, de painho para filha, sem nenhum papel assinado. Conforme ia subindo na carreira e ganhando mais dinheiro, Elke foi pagando sua dívida, até quitá-la de vez. Sempre acompanhava Chacrinha nos shows que ele fazia pelo subúrbio do Rio e em vários outros pontos do país. Após uma apresentação em Belo Horizonte, ele chamou a loura para um particular:

— *Escuta, minha filha, eu adoro ter você trabalhando comigo, você me traz uma energia muito boa, você é a azeitona da minha empada. Só que isso só tem sido bom para mim e para o meu programa, mas não para você e sua carreira. Eu acho que você poderia começar a viajar com seus próprios shows, a fazer carreira solo e não ficar presa a jurada, porque potencial para decolar, você tem.*

Elke aceitou o conselho e passou a manter uma carreira paralela à atividade com o painho. Começou a fazer comerciais e shows.

Outro jurado que dividia os holofotes com Elke era Pedro de Lara. Pernambucano da cidade de Bom Conselho de Papacaca, Pedro Ferreira dos Santos começou na carreira artística na Rádio Rio de Janeiro apresentando o programa *Tribunal de Lara*. Seu nome artístico foi dado por um amigo, nos tempos em que vendia cocadas nos trens da Central do Brasil. Seu colega dizia que ia chamá-lo com o sobrenome do cantor Augustin Lara para ver se isso lhe dava a mesma sorte.

Foi na Rádio Rio de Janeiro que Chacrinha conheceu aquele conterrâneo de meia-idade, cabelos compridos e cavanhaque “caprino”. Não pestanejou e fez o convite para que ele fizesse parte do seu júri na Rede Globo. Pedro estreou na *Buzina do Chacrinha* fazendo o contraponto a Elke Maravilha, a fada protetora dos calouros. Ele fazia a linha jurado implicante. Aparecia sempre de terno, longos cabelos soltos e desalinhados, sempre segurando um maço de lírios. Falava sempre de sua esposa, Chifronésia – na verdade, Liduina Deodênia. Só demonstrava simpatia por um calouro se ele revelasse ter nascido em Bom Conselho.

Pedro, que fora da banca de jurados era um homem muito carinhoso, logo se tornou amigo de Elke. E também de Aracy de Almeida, com quem brincava chamando-a de a “portuguesa Araca”. A amiga de longa data de Chacrinha era outra que fazia a linha “jurada mal-humorada”. Quando não gostava de um calouro, era implacável nos seus comentários:

— *Meu filho, você perdeu uma boa oportunidade de ficar em casa dormindo.*

Certa vez, o deputado federal pela Arena Adhemar de Barros Filho foi um dos convidados da noite. O filho do falecido governador de São Paulo, conhecido pelo slogan “rouba, mas faz”, teria que responder às perguntas dos jurados. Porém, no lugar de respostas, Adhemar Filho fazia discursos enaltecendo seu desempenho na Câmara. Chacrinha olhou para Elke Maravilha, que imediatamente entendeu o que seu “painho” queria.

— *Terezinhaaaaaaaaaaaaaa! A Elke Maravilha quer dar um beijo no Adhemar de Barros Filho.*

Enquanto Elke se levantava e caminhava em direção ao deputado, todos gritavam:

— *Vai lá! Vai lá! Vai lá!*

Elke abraçou Adhemar e beijou o deputado no nariz, na testa, nas bochechas e no queixo, deixando o moço coberto de marcas de batom vermelho. Com a jurada amalucada o deixando desconsertado, Adhemar Filho perdeu totalmente a linha de raciocínio e não teve mais cabeça para fazer discurso chato.

CABEÇA- -DURA



No início de 1972, um problema na garganta causou uma forte rouquidão em Chacrinha, o que o levou a duas torturantes semanas de repouso longe de seus programas. Novamente, Boni recorreu a Agildo, que cinco anos antes já havia quebrado o galho de comandar o programa do Velho Guerreiro quando ele passou por problema parecido.

Na sua estreia, Agildo apareceu com uma barriga postiça, cartola e meias de balé. O humorista incorporou gestos, vocabulário e voz de Chacrinha com perfeição. Chegou a deixar o auditório em dúvida se se tratava de um imitador ou do verdadeiro “Velho Palhaço”.

No palco do Teatro Fênix, Agildo avisou aos espectadores que Chacrinha estava em um safári pela África, mas voltaria em breve. Completou, lendo um suposto telegrama do amigo.

Agildo, Estou aqui na África caçando um leão. Um abraço, Chacrinha

Um minuto depois, chegou um novo telegrama:

*Agildo,
Minha espingarda falhou. Vou ver como faço para me livrar desse leão. Um abraço,
Chacrinha*

Não demorou e um terceiro telegrama chegou:

Agildo Ribeiro, comi o Chacrinha. Um abraço, O leão

Bastou essa piada para Agildo ser aprovado pela exigente plateia de Chacrinha, que ria à exaustão.

Quando retornou, Chacrinha fez questão de demonstrar toda sua admiração e gratidão para com Agildo Ribeiro:

*— Ele não faz apenas uma imitação minha. É o Lawrence Olivier dos meus imitadores.
É algo espiritual, inexplicável, o melhor.*

Num domingo à noite, após apresentar mais um programa, em vez do tradicional jantar na Carreta ou no La Mole, Chacrinha foi com Anthony Ferreira comer milho numa das barraquinhas que havia na praia de São Conrado. Por coincidência, encontrou Agildo Ribeiro, que estava acompanhado de uma garota. Chacrinha o festejou, dizendo:

— Então, Agildo, quer dizer que tem fodido muito?

Pego de surpresa pela inconveniência do Velho Guerreiro, Agildo ficou sem ação. Mas

passados aqueles cinco segundos de indecisão de duelo de banguê-banguê à italiana, todos – inclusive a namoradinha de Agildo – caíram numa gargalhada de rachar a Pedra da Gávea.

Depois, quando Agildo estrelou um show no qual sua imitação de Chacrinha era uma das principais atrações, o humorista se sentiu honrado e ao mesmo tempo surpreso quando o homem da buzina se levantou no meio de sua apresentação e gritou:

— *Esse é o melhor imitador que eu já vi!*

A plateia aplaudiu fervorosamente os dois por um bom tempo. Agildo teve certa dificuldade em retomar o show; era difícil voltar a fazer o público rir, uma vez que estava com o rosto banhado por lágrimas pela homenagem feita por seu ídolo.

• • •

A cor finalmente chegou à televisão no dia 13 de fevereiro de 1972, com a transmissão da Festa da Uva, em Caxias do Sul. Em março, a Globo levou ao ar o *Caso Especial – Meu primeiro baile*, estrelado por Glória Menezes e Sérgio Cardoso. Depois veio a transmissão do Grande Prêmio Brasil, diretamente do Jockey Club do Rio de Janeiro. E em seguida, a *Discoteca do Chacrinha*.

O homem da buzina foi atacado pela habitual tensão. Afinal de contas, seria mais uma estreia, dessa vez, no mundo das cores. Queria tudo mais do que perfeito para a grande noite. E quando ela chegou, foi ao camarim e viu um de seus convidados, o cantor Marcus Pitter, com um figurino que o desagradou. E aí, veio com o seu habitual show de reclamações:

— *Porra, Marcus Pitter, camisa de manga curta?!*

— *Mas Chacrinha, tá cheia de cor. É coisa nova, eu trouxe de Manaus.*

— *Tá bom, tá bom! Mas você sabe que eu não gosto!*

O cantor havia comprado uma camisa na Zona Franca de Manaus, toda colorida, e achou que ela era a mais adequada para a inauguração da *Discoteca do Chacrinha* em cores. Mas Chacrinha levava aquele momento tão a sério que, se fosse possível, todos os convidados deveriam participar com traje a rigor.

Marcus Pitter, um paulista de Ribeirão Preto, louro, 1,80m de altura, olhos verdes, era um cantor-galã que enlouquecia as moças do auditório. Essas meninas passaram a ser chamadas de “macacas de auditório”, uma expressão da qual Chacrinha não gostava. Tinha sido criada nos anos 1950, na época de ouro da Rádio Nacional, pela língua afiada do amigo de adolescência de Abelardo, o jornalista Nestor de Holanda, devido à histeria dessas fãs durante as apresentações de astros como Cauby Peixoto. Marcus fazia as meninas delirarem ao interpretar canções como “Maria Isabel”, dos mexicanos José Moreno Hurtado e Luiz Moreno Salguero, numa versão de Rossini Pinto, seu maior sucesso.

*A praia estava deserta
O sol surgia no céu
E eu contente cantava*

Pra você, Maria Izabel

A canção ainda tinha um refrão que não saía da memória, um verdadeiro “chiclete de orelha:

Chiri biribi popó popó
Chiri biribi popó popó
Chiri biribi popó popó
Chiri biribi popó popó

Chacrinha gostava de brincar com essa histeria das garotas da plateia, e durante a apresentação de Marcus – assim como nas de outros cantores-galãs – abraçava o rapaz e ia caminhando com ele até bem próximo das “macacas de auditório”. De repente, com um sorrisinho muito do sacana, dava um leve empurrão no cantor, que caía nos braços das fãs enlouquecidas. Era um tal de puxa o convidado daqui, puxa o convidado dali que só terminava com a chegada do pessoal da produção, para resgatar o artista – todo descabelado e amarrotado – do apetite voraz daquelas fãs ensandecidas.

Outro artista que comparecia aos programas do Velho Guerreiro era o cantor e compositor João Só. Em meados de 1971, ele foi descoberto por Chacrinha durante a gravação do programa na Rádio Globo, que Abelardo continuava gravando uma vez por semana para ir ao ar todas as noites. Numa dessas ocasiões, o rei dos disc jockeys estava se preparando para entrar no estúdio da rádio quando um divulgador da Odeon apareceu na emissora para caiturar um novo lançamento da gravadora. Ele abordou Abelardo, dizendo:

— *Chacrinha, eu tenho uma música muito boa aqui. — Deixa eu ouvir.*

O Velho Guerreiro pegou o compacto e colocou pra tocar.

Menina que mora na ladeira
E desce a ladeira sem parar
Debaixo do pé da laranjeira
Se sinta pra poder descansar

Quando terminou de ouvir a música, o Conde de Surubim exclamou:

— *Eu quero esse cara no meu programa!*

Na semana seguinte, João Só apareceu na *Discoteca do Chacrinha*. Logo depois, apenas com essa participação, começou a ser ouvido em tudo que era rádio. No final do mês, depois de mais idas do cantor à *Discoteca* e à *Buzina*, “Menina da Ladeira” já era campeã de vendas. Era mais uma das apostas certeiras do Disc Jockey nº 1.

Esse faro de perdigueiro que Chacrinha tinha para o sucesso fazia com que ele não fosse receptivo a sugestões da sua equipe. Haroldo Costa, a quem era grato pela entrada de Elke Maravilha no júri da *Buzina*, certa vez levou Lennie Dale no programa. O bailarino

americano, que em meados dos anos 1960 levara o profissionalismo ao Beco das Garrafas, havia sido preso em 1971, na Galeria Alaska, em Copacabana, portando uma pequena quantidade de maconha. Ele cumpria pena no presídio Frei Caneca, mas a produção conseguiu uma autorização especial para levá-lo ao programa. Chacrinha não gostou, considerando Lennie refinado demais para seu público. Quando comentou isso com Haroldo Costa, o diretor apresentou como sugestão uma atração mais popular, que certamente agradaria a todos os seus espectadores:



Chacrinha com a atriz Célia Biar.

— *Chacrinha, eu poderia trazer a Elizeth Cardoso...*
— *Nem pensar!*

Embora agradasse a gregos, troianos, mangueirenses e imperianos, para Chacrinha, a “Divina” Elizeth Cardoso era requintada demais para quartas e domingos à noite. Ele queria o popular do popular.

Entretanto, uma de suas cantoras prediletas e que sempre estava na *Discoteca* era Claudia. Conhecida por sua impressionante extensão vocal e por vários prêmios de melhor intérprete em festivais no Brasil e no exterior, tinha um bocado de sofisticação. Sempre que a apresentava no programa, o homem da buzina dizia:

— *Vamos receber o “Cauby Peixoto de saias”: Claudia!*

Claudia interpretava “Jesus Cristo”, canção de Roberto e Erasmo, que dava título ao seu mais recente LP, e também “Com mais de 30”, dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, um hino da juventude cansada da carece dos mais velhos:

Não confie em ninguém com mais de trinta anos
Não confie em ninguém com mais de trinta cruzeiros
O professor tem mais de trinta conselhos
Mas ele tem mais de trinta, oh mais de trinta

Não era só Haroldo Costa quem tinha de lidar com o lado despótico do Conde de Surubim. Toda a sua equipe sabia que a palavra de Dom Abelardo era lei. Mas havia momentos em que um ou outro súdito se rebelava.

Durante um programa, Chacrinha não gostou dos cortes de imagem que o diretor Helmar Sérgio fez e, no meio da apresentação de um artista, berrou:

— *Alô, alô, seu Helmar, você vai parar ou vai continuar?*

Após o programa, no camarim, Helmar desabafou:

— *Porra, Chacrinha, assim tá difícil de trabalhar! — Eu vou marcar uma reunião com o Boni!*

O homem da buzina conseguiu seu particular com Boni, cuja paciência poderia ser comparada a um carro rodando com o tanque de gasolina na reserva. Ele ouviu as reclamações das duas partes e, ao final, anunciou:

— *A partir de hoje, o Helmar vai parar de ser diretor de abacaxi, bacalhau, de tomate e farinha. E você, Chacrinha, faça o que quiser.*

O Conde de Surubim ouviu o que Boni disse e, ao que parece, achou que era realmente para fazer o que bem quisesse. Passou a estourar o horário dos programas, comprometendo a programação da emissora. Às quartas-feiras, a novela das 10 sempre começava mais tarde, mesma coisa acontecendo com os filmes no domingo. Boni pediu para que Chacrinha cumprisse o horário às quartas e aos domingos, e, como prova de boa vontade, lhe deu mais 10 minutos de tolerância. Mas parecia que o pernambucano queria briga, pois mandou avisar ao Boni que era para enviar a recomendação por escrito. O superintendente de programação não enviou documento algum e mandou avisar que tolerância não era procedimento oficial.

Deixando um pouco de lado essa disputa por poder na emissora do Jardim Botânico, no dia 19 de setembro de 1972 José Abelardo Barbosa de Medeiros finalmente deu o seu depoimento para a posteridade ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. O depoimento foi coordenado pela diretora do museu, Neusa Fernandes, tendo como entrevistadores alguns velhos conhecidos do animador, como Haroldo Costa, Max Nunes, Albino Pinheiro, Borelli Filho e Almirante. Durante três horas, Chacrinha contou sobre sua infância, adolescência e início de carreira, além de ter falado sobre suas impressões sobre o panorama atual da televisão:

— *Na TV ninguém consegue ser original mais de sete dias. Para mim, a solução é a diversificação, cada um tentando criar seu estilo próprio, em busca constante de renovação. As estações de menos audiência não devem ficar perseguindo o sucesso da líder, mas sim criar suas próprias faixas. Mas ninguém quer arriscar.*

Antes desse depoimento, quando começou com sua guerra pela liderança no Ibope, Chacrinha já criticava a falta de originalidade na TV. Inspirado no químico francês Antoine Lavoisier, que no século XVII disse que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, Abelardo Barbosa cunhou uma de suas frases mais famosas:

— *Na televisão nada se cria, tudo se copia.*

A situação se manteve a mesma. Os horários dos programas que vinham depois da *Discoteca* e da *Buzina do Chacrinha* ficavam à mercê de como o Conde de Surubim desejava coordenar suas atrações. Até que num domingo, dia 3 de dezembro de 1972, o caldo da galinha de cabidela entornou de vez. Na *Buzina do Chacrinha*, o animador já dava mostras de que o filme de domingo ia ser exibido com atraso quando anunciou uma entrevista com o cantor Juca Chaves. Num dado momento, ao ser perguntado pelo apresentador o que achava da televisão, o “Menestrel Maldito” soltou o verbo, encerrando com uma séria queixa:

— *A televisão não paga bem a ninguém, e, como eu não estou aqui para me aborrecer, vou-me embora.*

Boni, que estava assistindo ao programa de olho no relógio, ligou para a sala de corte e falou com Jorge, o filho mais velho de Chacrinha. Pediu que o programa fosse encerrado. Mas o Conde de Surubim disse não.

— *O Chacrinha mandou dizer que não tem previsão para terminar.*

Foi o fim. Boni deu ordem para tirar o programa do ar e começar logo com *A mesa do diabo*, o filme com Steve McQueen e Ann-Margret programado para o “Domingo Maior”, que deveria ter entrado às 22h00, e não às 22h04.

Jorge correu até a beira do palco, chamou o pai num canto e disse o que estava acontecendo. Havia um calouro se apresentando, e Chacrinha o interrompeu, pedindo desculpas e dando boa noite ao público.

Furioso, o Conde de Surubim começou a xingar e quebrar tudo o que encontrava pela frente, dirigindo-se ao camarim. No meio do caminho, acabou encontrando Boni, dando início a um berreiro ainda mais alto:

— *As pessoas me alertaram que você estava contra mim! Que você nunca gostou de mim! Que você está mudando a programação e eu vou ser a bola da vez! Isso tudo é um plano seu para me destruir! Eu vou embora! EU VOU EMBORA! NÃO APAREÇO MAIS AQUI! — Pois vá! Vá que com o dinheiro que eu invisto no teu programa faço outro de melhor qualidade!*

Depois de quebrar também o camarim, Chacrinha saiu do Teatro Fênix acompanhado de Haroldo Costa, o filho Jorge e Uadji Moreira. Foram para a Carreta jantar – embora o Velho Guerreiro só estivesse com apetite para comer o fígado de Boni. Na churrascaria, encontraram Flávio Cavalcanti, que estava com Flavinho e o diretor da TV Tupi, José Arrabal.

Chacrinha juntou-se ao trio, ao qual acabou contando tudo o que acabara de acontecer na emissora do Jardim Botânico. Deixou a Carreta por volta de uma da manhã, com uma proposta de trabalho na Tupi.

Às 9h do dia seguinte, Chacrinha e Boni tiveram novo bate-boca, desta vez por telefone. Pouco tempo depois, os diretores da Tupi já estavam na sua porta com um contrato em mãos. As vantagens que a Tupi propunha enchiam seus olhos. Enquanto na TV Globo seu programa era apresentado ao vivo somente para quatro estados, na Tupi seria transmitido em cores e ao vivo para 21 estados. Além disso, ele não sofreria interferência alguma.

No mesmo dia à tarde, na presença de Walter Clark e Joe Wallach, Boni recebeu dois advogados de Chacrinha em sua sala.

— *O Chacrinha só volta se você fizer um pedido formal de desculpas – disse um dos representantes do animador.*

— *Eu posso conversar diretamente com ele, mas está fora de cogitação qualquer pedido de desculpas. Pelo contrário, é fundamental que ele cumpra os horários estabelecidos no contrato, sem tolerâncias.*

— *Se vocês querem assim, entraremos na Justiça. Além de perderem o Chacrinha, vocês vão perder muito dinheiro.*

— *Que isso? Vocês estão nos ameaçando? A TV Globo não é apenas o Chacrinha.*

— *Se eu fosse da Globo, pensaria duas vezes. Já vi muitos impérios ruírem. Vocês não sabem o valor da indenização que terão de pagar. E, lembrem-se: vão perder o*

Chacrinha.

Boni, já saturado com o ar insolente do advogado, que ao que parecia acreditava ser Tom Hagen, o consigliere da família Corleone em *O Poderoso Chefão*, encerrou a conversa de maneira direta:

— E quem quer que ele volte? Briguem na Justiça. Com o salário dele vamos trazer o Chico Anysio da TV Rio para cá.

Dois dias depois, sem colocar o pé para fora do seu apartamento, Chacrinha era a personificação da tristeza. Como não obteve o pedido de desculpas de Boni, pediu para Jorge ligar para Rubens Furtado, um dos diretores da Tupi, para comunicar-lhe que estava disponível.

Nesse ínterim, Renato Pacote, secretário de Boni, foi ao seu encontro. Não trazia um pedido de desculpas do chefe, mas tinha um novo contrato, com cláusulas em branco, para que fossem preenchidas de acordo com suas exigências. A Rede Globo só não queria perdê-lo. Por longas horas, Pacote tentou demovê-lo da ideia de ir para a Tupi. Mas o pernambucano tinoso mostrou-se irredutível.

Pouco depois de Renato deixar o apartamento, o telefone tocou. Era Roberto Marinho querendo conversar com Chacrinha. Mas ele não atendeu. Inventaram uma desculpa. Minutos depois, o jornalista ligou novamente. E novamente, Chacrinha não atendeu. Na terceira vez, Dr. Roberto mandou avisar que ratificava as condições do novo contrato. Mesmo assim, o birrento Conde de Surubim não atendeu.



DE VOLTA À URCA

Na quarta-feira, dia 6 de dezembro de 1972, os telespectadores que sintonizaram na Rede Globo se perguntaram se a garganta de Abelardo Barbosa havia novamente “dado defeito”. No lugar do homem da buzina estava novamente o humorista Agildo Ribeiro, caracterizado como Chapinha. Milhares de pessoas ligaram para a emissora atrás de informações sobre o que havia acontecido. A situação de Abelardo Barbosa com o canal ainda não tinha sido definida. Por isso, foi pedido ao ator Agildo Ribeiro que apresentasse a *Discoteca do Chacrinha* até tudo se resolver. No domingo, foi reexibido *Domingo de Sol*, um programa gravado, ironicamente, em Recife, que contava com as participações de Roberto Carlos, Elis Regina, o ator Francisco Cuoco e o humorista Jô Soares.

Nesse primeiro domingo fora da TV, Chacrinha ficou com a família. Ele almoçou uma feijoada na casa de Jorge, na Barra da Tijuca. Depois, voltou para Copacabana, onde, de bermuda e camisa esporte, recebeu alguns amigos no fim de tarde. Depois, voltou para Copacabana, onde, de bermuda e camisa esporte, recebeu alguns amigos no fim de tarde. Os jornalistas que ligavam para seu apartamento recebiam sempre como resposta:

— *Ele não vai à Globo.*

Durante a semana, o departamento jurídico da Rede Globo solicitou aos advogados de Chacrinha que apresentassem um documento formal da rescisão do contrato. Enquanto isso, a programação da emissora continuava veiculando chamadas de programas do Velho Guerreiro. No programa seguinte, com Agildo no palco, a notícia foi confirmada: Abelardo Barbosa não fazia mais parte do time da emissora do Jardim Botânico. Boni estudou a possibilidade de Agildo continuar nos programas, mas o humorista recusou essa oferta. Achava antiético para com seu amigo Chacrinha.

Em busca de uma boa notícia para vender jornal, a imprensa explorou bastante o duelo Chacrinha versus Globo, batizando-o de “Caso Chacrinha”. *O Jornal do Brasil* de 7 de dezembro trouxe reportagem com as duas versões do episódio. O animador afirmava ter pedido rescisão de contrato devido às diversas mudanças de horário dos seus programas.

— *Em dez dias, mudaram cinco vezes o horário.*

A Globo alegava ter tirado a *Buzina do Chacrinha* do ar “porque o animador apresentou em seu programa um afeminado”. Sim, Chacrinha havia apresentado um rapaz que fez uma imitação de Wanderléa, mas não era essa a razão da ruptura. Na revista *Veja*, Walter Clark se mostrava extremamente irritado:

— *Foi um ato de indisciplina lamentável, que nos remete a oito anos atrás, que justifica os atrasos de pagamento por parte das emissoras e dificulta a relação entre empresários e artistas.*

Mais tranquilo, Homero Icaza, minimizava a liderança na audiência que Chacrinha deteve nos anos em que esteve na Globo:

— *Nós não precisamos mais de Ibope. Nossa preocupação atual é com a qualidade da programação e, se Chacrinha saiu, podem estar certos de que colocaremos um programa de igual ou melhor qualidade no ar.*

Antes de estreiar na Tupi, o rei dos disc jockeys passou a se reunir com sua equipe, gente da JABM Produções e algumas chacretes, para discutir os planos para a vida na nova velha emissora. No início era um bate-papo regado a muito uísque, que deixava tudo muito parecido com uma festa. Florinda precisou intervir. Ela mandou a empregada recolher as bebidas e falou:

— *Vocês estão achando que estão numa festa? Não, vocês estão no trabalho.*

Depois do puxão de orelhas, voltaram à objetividade. Até porque havia certos problemas a serem resolvidos, como o horário em que os programas iriam ao ar. Chacrinha queria tudo como era na Globo. Entretanto, as noites de domingo pertenciam ao *Programa Flávio Cavalcanti*. Apesar de ter incentivado a ida do apresentador para a Tupi, Flávio afirmava que não iria se submeter aos caprichos do ex-rival.

Edson Leite, um dos diretores da estação, pediu a Flávio Cavalcanti Júnior para intermediar a pendenga de Chacrinha com seu pai. Flavinho e Edson foram almoçar com Chacrinha e sua família. O rapaz funcionava como um diplomata naquela Guerra Fria tropical. Durante a conversa, Flávio disse que seu pai – que não quis participar do almoço, tendo ficado em Petrópolis, onde morava – não se opunha ao fato de Chacrinha ir para a Tupi; pelo contrário, até fazia gosto em contar com o Velho Guerreiro na Urca. Mas não abriria mão de suas noites de domingo. Isso estava fora de cogitação. Chacrinha surgiu com uma alternativa:

— *OK, eu vou para o sábado, mas seu pai vai me receber no ar?*

— *Claro que vai! No dia da sua estreia, o papai irá em seu programa te dar as boas-vindas à Tupi. Afinal, agora vocês são colegas de emissora.*

A estreia de Chacrinha estava marcada para o dia 13 de dezembro e causava grande expectativa. Mas a Globo não queria deixar que ela se concretizasse. O apresentador tinha sido acionado judicialmente pela emissora, cujos advogados entraram com uma liminar que proibia o Velho Guerreiro de trabalhar em qualquer outro canal. Exigiam o pagamento de uma multa rescisória de quatro milhões de cruzeiros. Também entraram com uma ação executiva para que os bens do animador fossem penhorados. A TV Tupi resolveu entrar na briga. A direção fez um trato com Chacrinha: em caso de derrota, a emissora arcaria com metade das custas do processo. Em caso de vitória, ela ficaria com metade do valor da indenização.

José Arrabal, diretor-geral da Tupi, demonstrava segurança diante da situação:

— *O Chacrinha só assinou contrato com a Tupi no fim da semana passada, após a notificação judicial enviada por seus advogados à TV Globo.*

Apesar de todo o suspense, na quarta-feira, depois de uma década, a *Discoteca do Chacrinha* retornava à TV Tupi. Ao meio-dia, a Censura Federal havia liberado a realização do programa, após receber uma cópia da notificação que ele enviou à Globo, assim como do seu contrato com a Tupi. Abelardo saiu de casa rumo à Urca, acompanhado de seu contador, Maurício Figueiredo, e de sua assessora de divulgação, Elda Priani. Mas antes, como fazia havia dez anos, deu uma passada na igreja de São Paulo Apóstolo, onde acendeu três velas no altar de São Judas Tadeu e beijou as imagens. Duas senhoras que também estavam na igreja o cumprimentaram.

Às 21h, num cenário bem tropicalista, com bananas, abacaxis e mais algumas frutas, além de serpentinas e bandeiras dos principais times de futebol decorando o auditório, Chacrinha surgiu vestido de palhaço. O auditório o saudou cantando:

— *Abelardo Barbosa está com tudo e não está prosa!*

Acostumada com o estilo mais tradicional de Flávio Cavalcanti, a equipe sentia a diferença de trabalhar com Chacrinha. Como sempre fez desde seu início na TV, o homem não ficava parado, andando de um lado para o outro e dando muito trabalho para os técnicos. Ele também dava mostras de que estava em período de adaptação, volta e meia citando o nome da Globo, quando queria dizer Tupi. Mas dava um sorriso e continuava comandando a massa. Anunciou um novo concurso:

— *O mais parecido com o Pedro de Lara leva um milhão!*



A estreia contou com a presença de vários artistas do elenco da Tupi, como os atores da novela *Jerônimo*. E também houve as atrações musicais, como Eliana Pittman, Clara Nunes, Reginaldo Rossi, Emilinha Borba, Wanderléa, vinda dos Estados Unidos, Altemar Dutra, Márcio Greyck e Evaldo Braga, o “ídolo negro”, um ex-interno do SAM (Serviço de Amparo ao Menor), que estourava com “Sorria”, parceria sua com Carmen Lúcia:

***Sorria, meu bem, sorria
Da infelicidade que você procurou
Sorria meu bem, sorria
Você hoje chora
Por alguém que nunca lhe amou***

No intervalo entre uma atração e outra, fazia graça com o auditório:

— *Alô, gatinhas. Miau. Alô, bodes. Mééééé. Alô, cachorronas. Au, au, au.*

Na animada noite de estreia do Conde de Surubim, Sérgio Sampaio, mais um capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, foi apresentado como “o maior compositor do Brasil”, interpretando “Eu quero é botar meu bloco na rua”.

***Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar pra dar e vender***

Depois de uma hora e quarenta minutos, o programa chegou ao fim. Com todos os artistas reunidos, Chacrinha encerrou a noite dizendo:

— *Obrigado à imprensa brasileira, que acompanhou o meu caso, a todo o povo, ao maestro, à orquestra e a todos os artistas da TV Tupi e às alunas do Colégio Moreira Filho que vieram ao meu programa. Alô alô, dona Inês, eu agora estou no seis!*

Depois da estreia, veio a habitual corrida pelo resultado do Ibope. Quando o obteve, Chacrinha demonstrou satisfação. Até o início da *Discoteca*, a Globo contava com um índice de 70%, com Murilo Nery apresentando *Os Melhores do Disco* de 1972. Porém, tão logo o programa do Conde de Surubim começou, a emissora do Jardim Botânico desceu para 37,3%.

— *Pra começar, o resultado foi bom – Chacrinha declarava.*

A Globo não quis se manifestar. Mas o departamento jurídico afirmava que daria

prosseguimento ao processo contra Chacrinha.

No sábado, às 21h, foi a vez da estreia de *A Buzina do Chacrinha*. O Velho Guerreiro saiu novamente vitorioso. Ao se encontrar com Flávio Cavalcanti, Abelardo Barbosa dava uma cutucada no antigo concorrente:

— *Flávio, meu Ibope nesta semana foi maior do que o seu.*

Flávio não engolia a provocação e contra-atacava:

— *Você está subornando o Paulo Montenegro para ele te apresentar resultados favoráveis de audiência, isso sim.*

Boni não ficou vendo Chacrinha tirar audiência da Globo sem fazer nada. Além do processo pela quebra de contrato, aprontou uma pequena maldade com Abelardo Barbosa. Lembrando-se da obsessão do Conde de Surubim por um som perfeito, o que lhe fazia reclamar o tempo todo com os técnicos, convenceu algumas das atrações que iam aos programas de Chacrinha a reclamarem do som, mesmo quando não havia problema algum. Isso deixava o pernambucano à beira de um ataque de nervos.

CHACRINHA
ENFRENTA
KUNG FU



Em fevereiro de 1973, o juiz Richard Paul Neto indeferiu a penhora dos bens de Chacrinha solicitada pela Rede Globo. Pouco antes da audiência na Justiça, Jarbas Barbosa ligou para Roberto Marinho. O irmão caçula de Chacrinha pediu ao jornalista que abrisse mão da penhora, o que ele acabou fazendo. Boni chegou a insistir para que o processo fosse levado adiante. Contudo, o Dr. Roberto preferiu deixar seu ex-contratado seguir sua vida fora da Rede Globo em paz.

Depois de *Os Melhores do Disco*, para preencher o buraco na programação deixado por Chacrinha, às quartas-feiras a Globo passou a exibir *Kung Fu*. A série americana estrelada pelo ator David Carradine contava as aventuras de um jovem americano, educado na China por monges que o ensinaram a prática do kung fu, em busca de sua família no Velho Oeste americano. O enlatado acabou dando uma sova em Chacrinha.

Incumbida pelo marido de acompanhar a programação da concorrência e a do Chacrinha em dois televisores, Florinda anotava minuto a minuto o que assistia. Após a primeira e amarga derrota para *Kung Fu*, Chacrinha quis conhecer melhor o programa que lhe roubara a audiência. Pegou as anotações de Florinda e começou a ler:

21h – Um homem caminha no deserto com uma mala velha. Ele é o Kung Fu.

21h05 – Um sábio chinês dá conselho ao Kung Fu, dizendo: “Gafanhoto...” 21h10 – O Kung Fu parece fraco e é humilhado pelos bandidos. Mas quando se irrita, salta e, com os pés, atinge o rosto de três bandidos, nocauteando-os ao mesmo tempo.

O homem da buzina não entendeu nada.

— *Quem cantou? Que horas cantou?*

— *Abelardo, ninguém cantou.*

Irritado, rasgou o papel enquanto praguejava:

Chega! Chega! Como é que eu posso concorrer com uma coisa dessas?

A saga do nipo-americano Kwai Chang Caine virou uma coqueluche tão grande que, no Carnaval de 1975, rendeu até uma marchinha de um compositor chamado Brasinha, interpretada por Djalma Dias:

Kung, Kung, Kung, Kung Fu

Chinês valente

Homem pra chuchu

Kung, Kung, Kung, Kung Fu

Quando ele briga

Pula mais que um canguru
A sua filosofia
É fazer o bem a quem puder
O Kung só está errado
Porque não é ligado em mulher...

Mas, voltando a 1973, *Só o amor constrói* foi lançado nos domingos como o substituto provisório da *Buzina do Chacrinha*. Dirigido por Carlos Alberto Loffler e apresentado pela jornalista Marisa Raja Gabaglia, a cada edição o programa contava a história de artistas como Francisco Cuoco, Erasmo Carlos, Nelson Gonçalves e Moacir Franco, com depoimentos de seus familiares e imagens de arquivo. Embora não fosse ao ar no mesmo dia que a *Buzina do Chacrinha*, *Só o amor constrói* também apresentou uma audiência maior que a de Chacrinha quando estava no Jardim Botânico, o que ratificava o pensamento dos diretores, que não viam o Conde de Surubim como imprescindível.

Entretanto, *Só o amor constrói* foi apenas um tapa-buraco para um novo programa, que era a verdadeira menina dos olhos de Boni. O superintendente de produção e programação da Globo não queria oferecer ao público um novo *Noite de Gala*, no qual haveria números musicais e algumas entrevistas. Queria um programa com princípio, meio e fim, algo que ele classificava como um “show da vida”.

Fantástico, o Show da Vida estreou em 5 de agosto de 1973. Levou pouco tempo para conquistar a preferência do público. Boni criou o programa, reforçou o jornalismo da emissora e ainda, conforme dissera ao advogado cheio de banca de Chacrinha, trouxe Chico Anysio para o Jardim Botânico. Tudo isso com o que pagava ao Velho Guerreiro.

Se na Globo o dinheiro andava sobrando, o mesmo não acontecia na Tupi. A situação da emissora era bem complicada. Circulavam nos bastidores duas piadas sobre atrasos no salário. Ambas tinham como protagonista o escritor Paulo Pontes. A primeira, mais curta, contava que, ao entrar no estúdio, onde vários amigos estavam reunidos, ele dizia eufórico:

— *O salário saiu!*

Quando todos começavam a comemorar, o autor de “Gota d’água” e “Um edifício chamado 200” complementava:

— *Saiu e não disse quando volta.*

A segunda anedota dizia que o redator já estava de malas prontas para a Globo, que lhe havia feito uma tentadora proposta salarial para fazer parte da equipe de teledramaturgia da emissora. Paulo recebia 10 mil cruzeiros na Tupi, e a proposta da TV do Dr. Roberto Marinho seria o dobro, com a vantagem de não haver atraso.

Segundo a piada, quando soube da decisão de Pontes, o diretor Nereu Bastos chamou o escritor para uma conversa para tentar mantê-lo na Urca.

— *Rapaz, não embarque nessa aventura, aqui é mais seguro. Quanto foi que eles te ofereceram?*

— *Vinte mil cruzeiros.*

— *Eu te pago os 20 mil cruzeiros.*

— *Seu Nereu, não vai dar mesmo. Eu posso ficar sem receber 10 mil cruzeiros, mas 20 mil já é demais.*

Apesar das piadas, a situação da Tupi não era nada engraçada. Depois de se desentender com a direção, Flávio Cavalcanti abandonou o barco, pressentindo um iminente naufrágio. Com isso, Chacrinha voltou a ter as noites de domingo, dessa vez para guerrear pela liderança no Ibope com o *Fantástico*. Abelardo era a principal aposta da emissora para a volta por cima na difícil situação. Contudo, ele também andava com o pagamento atrasado, e além disso passou a ter de pagar os cachês dos artistas que compareciam aos programas com dinheiro do próprio bolso.

Suas chacretes não andavam felizes. Acabara a ajuda de custo para o lanche e as meias. Com as contas para pagar, as meninas esboçaram uma rebelião e elegeram Edilma, a Rainha do Palmeiras, como porta-voz. A chacrete foi falar com Jorge Barbosa.

— *Jorge, se o pagamento continuar atrasando, a gente não vai participar do programa.*

Sem se alterar, o primogênito de Chacrinha respondeu:

— *Tudo bem, eu uso o corpo de baile da Tupi.*

Edilma teve que engolir em seco. Voltou para dar o resultado da conversa às colegas, que, com a notícia desfavorável, tiveram que se resignar e ir para o camarim fazer a maquiagem.

O miserê estava por todos os lados. Sem contar com dinheiro para comprar tecidos a fim de confeccionar novas roupas para as chacretes, o figurinista Luiz Fabian foi obrigado a tirar da cabeça o que o bolso não dava. Retirou a cortina de um dos estúdios para fazer fantasias de índias para as bailarinas. O problema é que a cortina não via água desde o tempo em que o prédio da emissora ainda era o cassino de Joaquim Rolla. Como consequência, durante o programa as meninas se coçavam feito criança com catapora na seca.

O descontentamento das chacretes era apenas um dos problemas com os quais o Velho Guerreiro tinha que lidar. Em 28 de maio de 1973, ele precisou comparecer a uma audiência na 25ª Junta de Conciliação devido a processo movido por seu ex-funcionário Paulo Alves Sette. O rapaz alegava ter trabalhado por dez anos sem carteira assinada. Apresentava provas, entre elas, o livro *Chacrinha é o desafio*, no qual era citado três vezes.

Chacrinha compareceu ao fórum num comportado terno azul. Quando a reportagem do *Última Hora*, que já o aguardava desde o início da tarde – a audiência estava marcada para as 15h15 – o abordou, ele tentou disfarçar o motivo de sua presença, alegando ainda tratar-se do litígio com a Globo. Porém, um de seus funcionários deu com a língua nos dentes e acabou levando um esporro de fazer esquecer a própria data do nascimento.

Percebendo que havia comprometido a sua imagem de “menino levado da breca”, sempre de bem com a vida, Abelardo Barbosa voltou novamente a ser Chacrinha. Falando aos jornalistas com o conhecido gesto de colocar o dedo indicador direito próximo ao lábio,

desmentiu as acusações do ex-empregado.

Enquanto isso, Paulo Sette contava seu lado da história:

— Dei muito duro ao lado do Chacrinha, comecei a trabalhar na época em que ele ainda não era ninguém, ganhava uma mixaria na TV Rio. Agora, queria me fazer essa indignidade. Tive de recorrer à Justiça – disse Sette.

Três horas após o início da audiência, o Velho Guerreiro e Paulo Sette chegaram a um acordo. Chacrinha assinou um cheque de 10.500 mil cruzeiros para o ex-funcionário.

Deixando aborrecimentos de lado, Chacrinha não abandonava a busca por novidades para apresentar em seus programas. Certa vez, a bordo de sua Mercedes, acompanhado pelo cantor Marcus Pitter, sintonizou numa rádio para ouvir as novidades na música. De repente, começou a tocar:

***Aonde a vaca vai
O boi vai atrás...***

***Um amor que é tão grande nunca mais se desfaz
Com a bicharada grande o boi já fica demais
É que a conta do hotel está ficando pra trás***

Foi Chacrinha ouvir a canção para ficar inquieto.

— Quem é esse cara? Eu quero ele no meu programa.

Marcus Pitter sabia da história. O cantor se chamava Antonio Jorge Zacarias, o “João da Praia”, um rapaz analfabeto que vendia picolés na praia e nas horas vagas cantava e tocava num violão de uma corda só as músicas que fazia. Um executivo da gravadora Beverly, que sempre o ouvia, resolveu gravá-lo na base da brincadeira. Chacrinha ouviu a história contada por Pitter e começou a gritar:

— Eu quero esse cara no meu programa! Eu quero esse cara no meu programa!

— Chacrinha, isso foi uma brincadeira lá na Beverly. O cara é um sujeito bem humilde, nem roupa tem – Marcus argumentou.

— Não tem problema, o pessoal arranja um terno pra ele. Mas eu quero esse cara no meu programa!

No programa seguinte, o jovem negro, humilde, enfiado em um terno e com um violão com todas as seis cordas, compareceu à *Discoteca do Chacrinha*. Sua canção simples, que muitos diziam ser inspirada em um ponto de macumba, vendeu 300 mil compactos depois do providencial empurrão de Chacrinha. Ele em seguida lançou mais uma, “Formiga cabeçuda”, com menos sucesso, mas ainda assim vendendo consideravelmente bem. Mas, infelizmente, sua carruagem terminou virando abóbora e o sucesso o abandonou. Voltando a usar o nome Antonio Jorge Zacarias, João da Praia acabou indo trabalhar como balconista numa loja.

Chegou a lançar mais um disco, mas nada aconteceu. Faleceu precocemente, aos 38 anos, em 1988.

Entre as chacretes que dançavam ao ritmo de “O boi vai atrás”, Chacrinha não contava mais com Edilma Campo. Praticamente pagando para trabalhar, devido aos constantes atrasos no pagamento feito pela Tupi, a Rainha do Palmeiras acabou deixando o programa. Quando foi comunicar sua decisão, Jorge e o Velho Guerreiro tentaram convencê-la a permanecer, falando da esperança que tinham na melhora na situação. Mas ela já estava mesmo determinada. Pesava nisso o casamento que já estava marcado e a decisão de se dedicar à família que pretendia construir. O futuro marido, que precisava conter o ciúme por ter como noiva uma das desejadas chacretes, não reclamou da decisão da moça.

Mas enquanto Edilma saía, entrava uma nova integrante para o time. Ex-bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Rita de Cássia Coutinho passou por poucas e boas. Separada de um marido violento, com um filho pequeno, sem ter como se sustentar, acabou se prostituindo. Salvou-a Haroldo Costa, que lhe deu emprego em um de seus shows, com o qual viajou até para fora do país. Na volta, mesmo sob a mira de uma arma, conseguiu tomar o filho que estava com o ex-marido no muque e depois foi levada por Haroldo Costa para ser chacrete. A princípio, era apresentada apenas como Rita. Mas certa noite, na hora do seu solo – um momento que o Velho Guerreiro proporcionava a cada uma de suas dançarinas –, ouviu:

— *Agora, um som para Rita Cadillac!*

Alheia ao novo “sobrenome” dado por Chacrinha, Rita ficou esperando a tal Cadillac se apresentar. Somente depois da terceira chamada é que percebeu que era com ela e foi para o meio do palco fazer seu solo.

A origem desse nome ganhou duas versões. Segundo a primeira, Chacrinha havia se inspirado numa vedete francesa. Já de acordo com a segunda, durante as manhãs de domingo, nas quais gostava de fazer sauna no Clube Monte Líbano, o Conde de Surubim teria sido parabenizado por um de seus amigos, fiel espectador de seus programas, que teria dito:

— *Mas Chacrinha, que mulherão aquela nova chacrete. Aquilo não é uma mulher, aquilo é um Cadillac!*

Com chacretes que chegavam e partiam, ex-funcionário na Justiça Trabalhista e pagamentos atrasados, Abelardo começou a pensar em tirar férias da televisão tão logo o seu contrato com a Tupi expirasse, o que aconteceria em dezembro de 1974. Planejava passar uma temporada em Pasadena com Nanato e Wanderléa. Entretanto, a Tupi resolveu surpreendê-lo. Num belo dia de maio, o homem da buzina recebeu a visita de um oficial de justiça no seu escritório, que lhe entregou a notificação que rescindia seu contrato. Não lhe deram explicação alguma. Alegaram apenas os velhos “motivos alheios à nossa vontade”.

Passados alguns dias, o diretor comercial da Tupi, José Fernando Severino, se manifestou:

— *Apesar da grande audiência, os programas de Chacrinha não se pagavam. É*

simples: afora os intelectuais, o público dele tem baixo nível de renda. E nenhum dos dois consegue atrair anunciantes, que querem muito público, mas público que seja capaz de consumir.

A Tupi registrou em cartório a rescisão do contrato, e Chacrinha entrou com uma ação judicial. O juiz concedeu um prazo de 24 horas para que o pagamento fosse feito. Como não ocorreu, a Justiça decretou a penhora dos bens da empresa, além de metade de sua renda líquida – a indenização era em torno de 3,6 milhões de cruzeiros. Como a Tupi não tinha mesmo essa quantia, ele acabou fazendo um acordo, que era melhor do que nada. Saiu com seis meses de salários atrasados.

A vontade de tirar férias da televisão acabou sendo atendida sem que lhe fosse dado o direito a escolha. O “papa da comunicação” se viu obrigado a botar o pijama, pois não havia para onde ir. Na Globo, as portas estavam fechadas. A Tupi o demitira, e a TV Rio respirava por aparelhos. Aquela velha máxima do “cuidado com aquilo que se deseja” acertou o Conde de Surubim bem na boca do estômago.



FORA DO
MAPA



Proprietário da Sucata, boate localizada na Lagoa, o empresário Ricardo Amaral, assim como Chacrinha, tinha um bom faro para o que poderia fazer sucesso. Quando soube do tempo ocioso que o homem da buzina passou a ter depois de ser demitido pela Tupi, pegou o telefone e ligou para marcar um encontro e lhe apresentar uma proposta.

Ricardo foi ao apartamento da avenida Atlântica e lá expôs o que imaginava para o Conde de Surubim. Ele reviveria seus programas no palco da Sucata, com chacetes e orquestra, mas com uma liberdade bem maior do que tinha na telinha. Chacrinha aceitou o convite.

Antes da estreia, como de hábito, ele teve mais um de seus ataques de ansiedade. Dessa vez, além de ter cólicas estomacais, durante os ensaios o rei dos disc jockeys acabou perdendo a voz. Ricardo Amaral sentiu um calafrio ao imaginar o cancelamento do show dada a impossibilidade de o Velho Guerreiro gritar “Terezinha!!!!!!”. Mas a ameaça de prejuízo foi só um susto.

No dia 23 de maio de 1974, *Chacrinha, o Show* estreou com a direção de Haroldo Costa, supervisão musical de Aloir Mendes, os cantores Nadinho da Ilha, Celinha Reis e Zuzuca do Salgueiro, dez chacetes, concurso de calouros, um cantor convidado e, lógico, Chacrinha. A Sucata, que no passado apresentara o primeiro show tropicalista, estrelado por Caetano, Gil e Os Mutantes, agora recebia o patrono do movimento. Caetano, ao ser entrevistado pela jornalista Lúcia Rito, da revista *Veja*, falou dos problemas atravessados pelo animador:

— *Ele fazia televisão simples, nada ideológica, sem imposições culturais. Exatamente o oposto dessa tendência de hoje que é dirigida no sentido de impor certos padrões. O que é alto nível na TV? É a assepsia hospitalar? A tendência de copiar do estrangeiro?*

Caetano também declarara a certeza de que ele se sairia bem no novo desafio artístico:

— *Ele é um homem muito forte. E se está com problema na TV, ele vai transar uma legal na boate.*

Inicialmente Chacrinha estranhou a nova experiência, comportando-se como se estivesse no estúdio. Passou algumas noites procurando as câmeras, mas foi se acostumando. Principalmente com a liberdade que o local e o horário permitiam. Não havia censores para fiscalizar o que dizia ou o que as chacetes vestiam. Ele podia falar os palavrões cabeludos que soltava no dia a dia longe das câmeras de TV.

Antes de começar cada show, Ricardo Amaral ficava encarregado de anotar numa folha de papel os nomes das pessoas mais ilustres na plateia. Usava os nomes dos socialites presentes para criar suas rimas, sempre com um uma boa dose de sacanagem: “Alô, alô, Walter Bolzan, vai dar hoje ou amanhã?”, “Alô, alô, Paulo Marcondes Ferraz, vai dar na frente ou vai dar atrás?”, “Alô, alô, Dona Ionita, como vai a sua periquita?”, “Alô, alô,

Josefina Jordan, vai dar hoje ou amanhã?”. O dono da Sucata não era esquecido, também servindo de inspiração para a veia poética de Abelardo Barbosa: “Alô, alô, Ricardo Amaral, venha pegar no meu pau!”

O “menino levado da breca” também fazia brincadeira com o meio musical:

— *Agora, maestro, uma música do maior rival de Caetano Veloso, Dorival Caymmi e Chico Buarque... Quem será? É claro que é o Adelino Moreira!*

E dava falsas esperanças à plateia masculina mais assanhada, sempre com olhos de cobiça para com as chacretes:

— *Quem melhor animar este show vai com três chacretes para a Barra da Tijuca... Acompanhado dos pais e das mães delas e de um policial militar.*

Na parte musical, regada a muitos sambas, Adil de Paula, o Zuzuca, botava a plateia para dançar com “Festa para um rei negro”, seu samba de enredo que marcou o campeonato de 1971 da Acadêmicos do Salgueiro, que tinha um refrão impossível de não ser repetido por quem ouvia.

O lê lê, ô lá lá

Pega no ganzê

Pega no ganzá

Aguinaldo Caldeira, o Nadinho da Ilha, que não era da Ilha do Governador ou muito menos de Paquetá, mas da Tijuca – nascera onde havia uma ilhota no morro da Formiga – se fazia presente com “Baiano”, o samba que lhe deu o primeiro lugar no Festival de Juiz de Fora de 1973 e cuja letra conseguia fazer a crítica social que passava despercebida pela censura.

Calamidade mineira é tromba d’água

Tragédia baiana é falta d’água

Nem todo baiano é banqueiro

Mas todo banqueiro é mineiro

O espetáculo também tinha farta distribuição de latas de azeite português e garrafas de vinho, sempre com o Conde de Surubim dizendo:

— *O meu é o único show que dá lembranças.*

Todas as noites, no final do espetáculo, extasiado, Chacrinha dava a última e mais importante lembrança ao público, quando atirava sua cartola para plateia.

Foram três meses com o Conde de Surubim subindo ao palco da Sucata, para shows que iam de meia-noite às duas da manhã. Na temporada, o Velho Guerreiro vestiu cerca de trinta fantasias diferentes. O sucesso de *Chacrinha, o Show* fez brotar a dúvida quanto ao retorno do “papa da comunicação brasileira” à televisão. Muita gente acreditava que a nova e bem-

sucedida empreitada o faria abandonar definitivamente a telinha. E para desgosto de Dom Marcos Barbosa, ele era convidado para dar palestras em universidades, como a Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Satisfeito com a vitória obtida, comentou com a revista *Veja* sobre a possibilidade de uma volta à TV na forma de um apresentador mais sofisticado, após ter sido abraçado pela inteligência brasileira:

— *Me recuso a usar smoking. Voltarei fantasiado. Meu mal foi querer ser autêntico na TV. Querer me antecipar a ela. E agora, se a minha maneira de ser não serve para ela, vou fazer meus shows por aí afora.*

Chegou a circular nos jornais a notícia de que o Velho Guerreiro havia recebido de Gilson Amado, presidente da TV Educativa, uma proposta de trabalho. Entretanto, dias depois, o professor desmentiu:

— *Chacrinha é uma pessoa maravilhosa e já várias vezes demonstrou o desejo de trabalhar conosco, propondo-se inclusive a mudar sua imagem para atender às finalidades educativas da TVE, procurando se enquadrar totalmente dentro de nossos objetivos. Mas nunca esteve aqui à procura de um simples emprego. Chacrinha é atualmente um homem que tem dinheiro para parar de trabalhar. Através dos anos ele ganhou muito e empregou muito bem o que ganhou. Realmente, não precisa mais trabalhar. O que quer é colaborar com uma coisa que ele admire e respeite.*

Como dizia o velho ditado: “Quem vê cara não vê coração.” Gilson Amado poderia ter a ilusão de que Chacrinha vivia de rendimentos. Mas a história era bem diferente. Mesmo caso de quem acreditava que Ricardo Amaral andava nadando em dinheiro com o show de Abelardo Barbosa. Apesar de a Sucata estar sempre com os seus 400 lugares ocupados, Amaral não conseguia recuperar o investimento com o espetáculo. Ele não ganhou dinheiro com *Chacrinha, o Show*. Além do Velho Guerreiro, era necessário pagar a equipe, que não era pequena. No final do mês, Ricardo empatava o dinheiro ou perdia um pouco. Em casa, ao ouvir o marido contando entusiasmado as novidades de cada noite de espetáculo, sua esposa, Gisela, comentava:

— *Nunca vi alguém perder dinheiro e ainda se divertir. — Pelo menos isso, né? — Amaral respondia.*

Ao final da temporada carioca, surgiu a proposta de levar *Chacrinha, o Show* para São Paulo, no Café Concerto. O sucesso se repetiu na terra da garoa. Até mesmo gente como Silvio Santos e Paulinho Machado de Carvalho, que eram conhecidos por serem avessos às badalações, foram conferir o Velho Guerreiro como showman.

Foi nesse período em São Paulo que surgiu a oportunidade de Chacrinha retornar à televisão. Ele assinou um contrato com a Record, que garantia somente a verba para a produção; o salário de Chacrinha só existiria se ele conseguisse patrocinadores. O homem da buzina voltava à corretagem de anúncios.

Seu programa estreou no dia 21 de setembro de 1974, sendo gravado todas as sextas-feiras

e exibido aos sábados, das 22h à 1h. A volta à telinha deveria ser um motivo de comemoração. Entretanto, a precariedade técnica da Record logo o deixou irritado, levando-o a reclamar bastante nos bastidores.

As chacetes só tinham direito às passagens para São Paulo e ao hotel. Sem que elas soubessem, era Chacrinha quem pagava os cachês das dançarinas. Além disso, os shows que faziam rendiam às meninas um dinheiro que servia de compensação.

Chacrinha havia feito um acordo com a Record: metade do lucro do programa seria dele. Mas no final de três meses, percebeu que a emissora não vendia anúncios – os que havia eram frutos da corretagem que ele fazia. Fez amizade com o radialista Luiz Aguiar, que vendia anúncios para os seus programas no rádio e na TV.

A corretagem nunca foi uma atividade fácil. Era preciso andar muito por São Paulo para oferecer publicidade em seu programa. Mas agora se tornava mais difícil, uma vez que alguns clientes, mesmo recebendo a visita do próprio Chacrinha, mostravam-se relutantes em fechar contrato. Para eles, os concursos do Velho Guerreiro eram por demais esdrúxulos e poderiam comprometer seus produtos.

Essas dificuldades, aliadas aos baixos índices de audiência, fizeram com que Chacrinha caísse numa grande depressão. Leleco, que passou a ser seu braço-direito, o acompanhava em suas idas para São Paulo, no Trem de Prata, juntamente com os jurados Aracy de Almeida e Pedro de Lara. No Hotel Normandie, onde sempre se hospedava, sair da sua suíte para gravar o seu programa tornou-se uma obrigação. Ele parecia não ter mais prazer no que fazia. Leleco procurava animá-lo e evitar que permanecesse deitado na cama olhando para o teto, como se apenas seu corpo estivesse ali.

A depressão na qual mergulhou era causada pelo arrependimento pela briga que tivera com Boni, que culminou com sua saída da Globo. Lembrava dos telefonemas de Roberto Marinho que se recusou a atender e que poderiam ter mudado o curso da história que estava vivendo. Certamente não estaria pagando do próprio bolso os salários de sua equipe e muito menos tendo de vender as propriedades que adquirira para fazer dinheiro.

Mas era preciso seguir em frente, e ele tentava. Continuava apresentando novos artistas, como César Sampaio, que surgia com “Secretária da beira do cais”, uma canção que falava das prostitutas e de sua vida nada fácil.

*Ela espera e não desespera na beira do cais
Ela quer quem vier, quem trazer, quem der mais
Ela sabe que os homens de branco estão pra chegar
E em câmera lenta, ela tenta, a vida ganhar*

Outra atração era a revelação paraense Fafá de Belém, que despontava para o sucesso com seu canto cheio de sensualidade em “Filho da Bahia”, de Walter Queiroz:

*Saia dessa roda
Venha descansar
Venha pro meu colo*

Venha namorar

Ah, moreno

Com sua carreira consolidada em direção ao samba, Clara Nunes havia lançado o LP *Alvorecer*, produzido por Adelzon Alves, ex-locutor comercial de Chacrinha na Rádio Globo, com quem estava casada. Do novo disco da mineira, “Conto de areia” (de Romildo S. Bastos e Toninho Nascimento) era uma das canções mais tocadas:

É água no mar, é maré cheia ô

mareia ô, mareia

É água no mar...

No programa, já fazia um tempo, havia uma hora na qual Chacrinha interrompia tudo e começava a cantar:

Ai! Minha mãe

Minha mãe Menininha

Ai! Minha mãe

Menininha do Gantois

“Oração de Mãe Menininha”, canção de seu amigo Dorival Caymmi, que além de ter sido gravada pelo autor também fez sucesso na voz da irmã de Caetano Veloso, Maria Bethânia, era uma homenagem à yalorixá (mãe de santo) baiana Mãe Menininha do Gantois. Era o momento de fé do Velho Guerreiro, uma pausa para agradecer e continuar pedindo pela saúde de Nanato.



O filho de Chacrinha havia seguido todas as recomendações do quiroprata, mas continuava sem andar. Em 1974, ele e Wanderléa retornaram ao Brasil. Para recebê-lo, Chacrinha vendeu o apartamento na avenida Atlântica e comprou uma casa no Itanhangá, Zona Oeste do Rio, totalmente adaptada para que o rapaz pudesse se locomover na cadeira de rodas. Nanato continuou se exercitando, demonstrando bastante dedicação, indo todos os dias à Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, a ABBR, chegando pela manhã e saindo somente à noite. Praticava natação e podia dirigir um carro adaptado, que o pai lhe deu.

Para facilitar a circulação da cadeira de Nanato, a casa de nove quartos não tinha degraus, e as portas possuíam um metro de largura. O quarto do rapaz era equipado com aparelhos por todos os lados, e ele contava com uma equipe de enfermeiros para lhe dar toda a assistência. No interior da casa havia poucos móveis. Porta-retratos da família compunham a decoração, ladeados pelos troféus que Chacrinha ganhara ao longo da carreira.

Sempre trabalhando para conseguir possibilitar a Nanato todas as condições para uma vida melhor, num domingo, dia 17 de abril de 1976, Chacrinha passou por maus bocados em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Estava tudo certo para um show com suas chacetes. Cerca de cinco mil pessoas o aguardavam na Praça XV, um dos mais importantes pontos turísticos da cidade paulista. Entretanto, às 20h, do Back Stream-Hotel, onde estava hospedado, Abelardo ligou para os organizadores do evento a fim de saber como estava a presença do público e achou pouco, informando que chegaria atrasado mais alguns minutos a fim de possibilitar a chegada de mais fãs. Meia hora depois, ligou novamente e ainda não estava satisfeito:

— *É interessante aguardar um pouco mais.*

Entretanto, o público presente, cansado da espera e começando a ser tomado pela incerteza do comparecimento do Velho Guerreiro, começou a ficar agitado. Às 21h, Chacrinha chegou com sua trupe ao Palácio Hotel, localizado próximo ao local do show. Mas não demonstrou pressa em iniciar o espetáculo. Preferiu ficar calmamente saboreando um uísque no bar, confiante nos seus anos de estrada e no domínio que tinha da audiência. Aposta errada, pois o que começou a se ouvir na praça foi:

— *O Chacrinha está lá no hotel, mas disse que não vai fazer o show.*

Quando o Disc Jockey nº 1 finalmente decidiu se dirigir ao palco montado na praça, só conseguiu chegar contando com a ajuda de reforço policial, pois a multidão pela qual tanto aguardara dificultava o acesso. Quando ele enfim conseguiu dar início ao espetáculo, o playback tocou seu tema musical composto por Miguel Gustavo, enquanto as chacetes dançavam. Falou com o povo de Ribeirão Preto, usando a conhecida expressão que aprendera com o cantor Ciro Monteiro:

— *Como vai, vai bem? Veio a pé ou veio de trem?*

A resposta foram apenas vaias e palavrões; o amor havia acabado. Temendo o pior, a polícia decidiu encerrar o show antes que acontecesse alguma violência. O Conde de Surubim e suas chacretes foram escoltados de volta ao Palácio Hotel, que foi cercado por pessoas em fúria. Devido ao empurra-empurra, o palanque onde o show seria realizado acabou desabando, deixando várias pessoas feridas. Houve reforço policial e a presença do Corpo de Bombeiros, além do uso de bombas de gás lacrimogêneo para dispersar a multidão que tentava invadir o hotel por uma das janelas laterais. Chacrinha e a equipe foram obrigados a deixar o local em uma viatura da Secretaria de Segurança Pública.

A confusão ainda acabou afetando gente que nada tinha a ver com a história, como um homem que passava com seu fusquinha pelas imediações e o viu ser destruído por um bando furioso que usava pedaços do que sobrara do palanque. A estratégia de Chacrinha de deixar os ânimos exaltados a fim de esquentar suas apresentações acabou fazendo várias vítimas. E por um triz ele e sua equipe não fizeram parte do bolo.

Abelardo suportou as condições mambembes da Record até onde deu. Acabou deixando a emissora e voltando pela terceira vez à TV Tupi, agora em São Paulo. Encontrou o antigo teatro da emissora muito diferente, com biombos de madeira por todo lado, restos de cenários espalhados, pessoas aglomeradas nos corredores sem nenhum comando. Era como *Os últimos dias de Pompeia* sem o orçamento para efeitos especiais que deixariam o Vesúvio em erupção.

Dessa vez, seus dois programas seriam condensados em um só; levaria ao ar somente a *Buzina do Chacrinha*, e aos sábados, pois os domingos eram novamente de Flávio Cavalcanti, que acabara voltando para a Tupi. Chacrinha se viu relegado a uma emissora com os dias contados, o que aumentou ainda mais sua depressão.

Em meio a tantos aborrecimentos, ele pôde ao menos viver um momento feliz ao reatar sua amizade com Wilson Simonal, rompida desde a época da batalha pela liderança com Flávio Cavalcanti. Graças a amigos em comum, os dois se reencontraram e voltaram às boas. “Simona” também passava por maus bocados. Em agosto de 1971 havia sido acusado de mandar surrar seu contador, que, segundo desconfiava, estava sendo desonesto. O fato aconteceu nas dependências do Dops, na rua da Assembleia, Rio de Janeiro. A partir daí, começaram a afirmar que o cantor era informante da repressão. Com isso, sua popularidade despencou, assim como as oportunidades para participar de shows e programas de TV. Ele se tornou maldito no auge da carreira. Quando voltou às boas com o Conde de Surubim, havia acabado de lançar um novo disco, que trazia a canção “A vida é só pra cantar”, que Chacrinha promoveu o quanto pôde na *Buzina*, levando-o para cantar no programa.

Eu canto essa canção em busca de um sorriso

Estenda sua mão e venha ser amigo

Do cordão do amor

Seja também cantor

Eu canto com você, você canta comigo

Ocasionalmente, o homem da buzina participava de um filme. Eram longas como o já

citado *Na onda do iê iê iê*, *Três colegas de batina*, *Opinião pública* e *Pobre príncipe encantado*, nos quais Chacrinha era sempre Chacrinha. Em março de 1977, estreou *Já não se faz mais amor como antigamente*, uma comédia em três episódios na qual Abelardo participava do segundo, “O noivo”. Era dirigido e estrelado pelo galã John Herbert.

Em abril de 1977, a Folha de S. Paulo acompanhou uma noite da *Buzina do Chacrinha*. Havia o concurso de “A mais bela loura do Brasil”, cujas participantes eram na maioria moças dos bairros da periferia de São Paulo, sonhando com os 10 mil cruzeiros do prêmio que a vencedora receberia. Chacrinha, o primeiro apresentador a dar espaço para as instituições de caridade aparecerem na TV pedindo colaborações para suas obras filantrópicas, não abandonava os quadros assistencialistas. No mesmo sábado, deu a palavra para uma menina no auditório, vítima de doença de Chagas:

— *Vim pedir um auxílio. Meu nome é Maria Bernadete, tenho 21 anos, moro em Vila Brasilândia. Eu sofro do coração, mas não posso ser operada porque os médicos dizem que eu tenho as veias finas.*

A moça dizia ainda não ter onde morar, por ter sido despejada. Pedia que a ajudassem com uma casa onde ela e a família pudessem ficar. Chacrinha tomou a palavra:

— *Muito bem, quem quiser pode mandar algum auxílio para esta menina. Mas mandem logo, antes que ela morra.*

Uma das frases mais conhecidas de Chacrinha, com a qual costumava se definir, era: “Eu vim para confundir e não para explicar.” Pelo jeito essa aparição da pobre menina doente atingira bem esse objetivo, pois a plateia, em vez de se sensibilizar com a história, começou a rir.

A reportagem da *Folha* comentou com Chacrinha sobre a época em que jogava comida para a plateia, perguntando se era verdadeira a versão de que se tratava de uma forma de protesto contra a fome do povo. Ele explicou:

— *Não era nada disso, fazia tudo por gozação. O mundo-cão nos programas de auditório acabou porque passou a aparecer nos filmes estrangeiros que são exibidos todas as noites na televisão. Quanto ao bacalhau, não joga mais porque a censura proibiu.*

Na manhã do dia 17 de março de 1978, o coração do homem responsável pelo bacalhau de seus programas parou de bater. Aos 55 anos, Venâncio Pereira Veloso, o fundador do grupo Casas da Banha, faleceu na casa de saúde São Joaquim. À tarde, cerca de duas mil pessoas compareceram ao enterro no cemitério São João Batista, entre elas um abatido Abelardo Barbosa, que perdia o amigo que durante 22 anos sempre esteve por perto para ajudá-lo.

A relação entre Abelardo e as Casas da Banha rendeu ao todo 53 campanhas publicitárias, 137 comerciais, além de 53 shows em cidades do interior do estado do Rio. Foi Veloso quem comprou seu apartamento na avenida Atlântica e aceitou ser pago em parcelas a perder de vista. Num momento tão difícil, Chacrinha perdia alguém que foi um porto seguro em sua

vida.



TÔ VENDENDO ESTRELAS



Chacrinha permaneceu na versão terrena do purgatório chamada TV Tupi até julho de 1978, quando recebeu um convite da TV Bandeirantes. Cansado das péssimas condições de trabalho onde estava, não pensou duas vezes antes de aceitar a proposta da emissora paulista. Seu lugar na Tupi foi ocupado por Carlos Imperial.

A estreia de Chacrinha na Bandeirantes só ocorreu em janeiro de 1979. Em seu primeiro programa no canal, ao ser interrompido por uma moça da plateia, deixou a impressão de ter passado a língua no esmeril, pois ela estava afiadíssima quando respondeu à garota:

— *Minha filha, você é mais feia do que a desgraça! Fica quieta aí!*

Um dos primeiros convidados da *Discoteca* na Bandeirantes foi Tim Maia, para quem Chacrinha sempre se colocava à disposição. Em 1979, Tim estava lançando o álbum *Reencontro* e pediu para cantar no programa. Como tinha pavor de avião, fazia viagens relativamente curtas, de carro. Foi assim para ir à *Discoteca* em São Paulo. Ia ser a atração que encerraria a noite, interpretando as músicas do novo disco.

Chacrinha anunciou várias vezes a presença do convidado de gala:

— *Ainda esta noite: Tim Maia!*

Entretanto, o tempo ia passando e nenhum sinal do cantor. Somente dez minutos após o término do programa, quando Chacrinha já se encontrava no camarim, xingando o cantor faltoso e todas as suas gerações precedentes, suado e botando os bofes para fora, Tim Maia apareceu. Implorava por perdão e, réu confesso, apresentava sua defesa:

— *Chacrinha, me perdoa. Mas é que quando eu estava chegando, pisei na merda e sujei a porra do meu sapato todo. Tive de correr atrás de uma sapataria.*

Não teve jeito. Tim Maia teve de ficar de castigo por alguns programas. Mas se o barítono da Tijuca não andava sabendo aproveitar as oportunidades, havia outros artistas que sabiam. Um deles era um jovem de 23 anos, nascido em Natal, Rio Grande do Norte, chamado Gilliard. O rapaz havia lançado, pela gravadora RGE, um LP cujo carro-chefe era a canção romântica “Aquela nuvem”.

Aquela nuvem que passa

Lá em cima sou eu

Aquele barco que vai

Mar afora sou eu

O rapaz, uma figura comum, mas com o mesmo olhar desprotegido que Roberto Carlos

tinha no início da carreira, provocava alvoroço entre as meninas do auditório, uma gritaria infernal.

Na Bandeirantes, Chacrinha novamente apresentou o concurso do cantor mascarado. Desta vez, o artista era um rapaz de cabelos negros, que cantava uma canção chamada “Feiticeira”:

Feiticeira, feiticeira
Feiticeira é essa mulher
Que por ela gamei

Após a apresentação do cantor, Chacrinha perguntou ao auditório:

— *É o Roberto Carlos?*

— *Não!!!*

— *É o Erasmo Carlos?*

— *Não!!!*

— *É o Jerry Adriani?*

— *Não!!!*

Carlos Alexandre – na verdade, Pedro Soares Bezerra – era o nome do cantor, que Chacrinha colocou no seu programa para participar durante várias semanas, até deixar “Feiticeira” grudada nos ouvidos de milhares de telespectadores.

A escola de samba Beija Flor de Nilópolis também foi ao programa. Além de mestre-sala e porta-bandeira, participaram passistas, ritmistas e um destaque masculino, com sua fantasia cheia de plumas. As passistas, com seus corpos esculturais e minúsculos biquínis, foram muito aplaudidas. Entretanto, num dado momento, quando o destaque, um homem bem espalhafatoso, começou a dançar, a parcela masculina da plateia, composta na maioria por jovens entre 18 e 20 anos, não perdoou. Vários deles gritaram:

— *Veado! Veado! Veado!*

O carnavalesco Joãozinho Trinta, que se encontrava ao fundo, foi para perto do público e começou a dar uma lição de moral em todos. Mas não surtiu efeito, pois os gritos continuaram. E mais altos.

— *VEADO! VEADO! VEADO!*

Mas essa molecada sacana da plateia não saiu cem por cento impune. O banheiro do teatro estava cercado por travestis, prontos para dar o bote em algum mancebo desprevenido que aparecesse por lá para “tirar água do joelho”. O recurso era pedir permissão para sair e correr até o bar na Brigadeiro Luís Antônio. Mas os seguranças, aos risos, diziam:

— *Não pode sair, não, tem que usar o banheiro daqui.*

Era um castigo bem-aplicado para os meninos que não sabiam se comportar na casa do Conde de Surubim.

Chacrinha continuava também com seus monólogos, nos quais olhava para a câmera e dizia:

— *Você, que está sentada aí em casa, naquele sofazinho, com aquele cachorrinho, de baby-doll. Au au... Au au...*

De repente, parava tudo e, com a orquestra de Aloir Mendes fazendo o fundo musical, começava a cantar:

— *Tô vendo estrelas! Tô vendo estrelas! Tô vendo estrelas!*

Nesse período, Nanato voltou a fazer parte da equipe. Em 1978, depois de sete anos juntos, seu casamento com Wanderléa havia terminado. Chacrinha montou para o filho a Puma Produções Artísticas. Jorge Mascarenhas, jurado da *Buzina do Chacrinha* e, desde 1961, seu colaborador nas colunas que escrevia para os jornais e a revista *Amiga*, decifrando os garranchos das notas que o Velho Guerreiro fazia chegar em suas mãos, criara o Baile das Chacretes. Quando Leleco soube que Jorge estava ganhando dinheiro com algo que seu pai havia criado, tratou de registrar a palavra “chacrete” em nome de Chacrinha. Mascarenhas perdeu o direito de continuar com o baile, e a Puma assumiu tudo relacionado àquelas assistentes.

Durante sua passagem pela TV Bandeirantes, sempre que o programa acabava Chacrinha convidava toda a equipe para jantar. Como não andava com dinheiro na carteira – só um santinho de São Jorge e algumas orações –, nunca pagava a conta. Saía antes de todo mundo e deixava sua parte para ser dividida entre os que ficavam.

Na mesma época, quem estava com um disco novo era Cauby Peixoto. Nele, o cantor interpretava músicas compostas pelos mais importantes compositores da música brasileira, feitas especialmente para sua voz. Ele foi à *Discoteca do Chacrinha* para promover seu LP *Cauby! Cauby!*, do qual um dos destaques era a canção “Bastidores”, composta por Chico Buarque:

Cantei, cantei

Jamais cantei tão lindo assim

E os homens lá pedindo bis

Bebêdos e febris a se rasgar por mim

Durante sua apresentação, Cauby se entusiasmou, escorregou e caiu. Mas, “macaco velho”, sacou na mesma hora uma saída para não passar vexame: agarrou a chacrete mais próxima, Dayse Bianco, e lhe deu um demorado beijo. E Chacrinha aproveitou para fazer graça com o novo visual do cantor:

— *O Cauby de bigode ficou parecendo um bode.*

Certa ocasião, Chacrinha estava no hall do Normandie quando foi abordado por uma jovem de longos cabelos ondulados. A distância, ela o tinha visto conversando com Leleco e mais algumas pessoas, respirou fundo e foi até o Conde de Surubim, dizendo:

— *Chacrinha, eu sou de Campina Grande, estou aqui tentando divulgar o meu primeiro disco, Ave de Prata, e queria uma oportunidade para cantar no seu programa.*

— *E qual é a sua gravadora, minha filha?*

— *Epic, é um subselo da Sony! — Você só vai ao meu programa por ser minha conterrânea, porque eu não gosto da sua gravadora.*

Em seguida, Chacrinha chamou Leleco e pediu que encaixasse a jovem na lista de próximas atrações do programa. Dias depois, o Velho Guerreiro anunciava:

— *Vamos receber: Elba Ramalho!*

A paraibana interpretou uma das canções de seu LP, “Não sonho mais”, composta por Chico Buarque:

Hoje eu sonhei contigo

Tanta desdita, amor, nem te digo

Tanto castigo que eu estava aflita

De te contar

No período de um ano, Elba se apresentou dezoito vezes na *Discoteca do Chacrinha*, o que colaborou bastante para sua popularidade. *Ave de Prata* virou um show que viajou por todo o país.

Outra atração que Chacrinha se orgulhava de ter descoberto era a argentina Julia Graciela, que lançara pela Polygram um compacto com a canção “Anúncio de jornal”.

Precisa-se de moça

Boa aparência, pra secretária

Tem que ser muito bonita

Descontraída e educada

A canção chegou a gerar protestos por parte das secretárias, que a consideravam depreciativa com a profissão. Mas, apesar disso, as vendas foram excelentes, principalmente graças às apresentações na *Discoteca* e na *Buzina do Chacrinha*. Julia vendeu meio milhão de cópias.

Leleco era o diretor dos programas do pai. Era uma parceria bastante positiva, pois os dois frequentemente compartilhavam ideias sobre as melhores escolhas para o programa. Contudo, ela rendia também muitas brigas, pois Chacrinha dizia que o filho tomava decisões sem consultá-lo, avisando-o apenas depois de já executadas. Certa vez, em São Paulo, a discussão entre pai e filho pesou tanto que Leleco voltou para o Rio, deixando o pai sozinho.

Sempre que aconteciam discussões mais acaloradas, os dois ficavam sem se falar por uns três dias, até tudo voltar ao normal. Para Leleco, o principal problema do pai era achar que todos deviam gostar dos programas dele. Quando Leleco não gostava de algum, dizia isso ao pai sem constrangimento. Dom Abelardo ficava irritado, xingava Leleco e uma nova discussão se iniciava.

Um dos principais motivos das brigas eram os brindes que Chacrinha distribuía nos programas. Leleco achava um desperdício de dinheiro os chaveiros, camisetas, canetas e bonecas que o pai dava para o pessoal da plateia. Mas não adiantava, o Conde de Surubim batia o pé e dizia:

— *Isso promove o programa.*

— *Mas, papai, você vai dar bonequinha de presente?*

— *Meu filho, pense o seguinte: uma mulher que pegue uma boneca ou outro brinde vai mostrar para o bairro e eles vão saber que ela ganhou no meu programa. Como brasileiro sempre adora um presentinho, vão começar a me assistir.*

Leleco ainda levaria certo tempo para alcançar o pensamento do pai e compreender suas técnicas de propaganda. Outra dessas jogadas promocionais era bem comum, e não tinha nada de complexa. Quando chegava ao Hotel Normandie, Chacrinha juntava sua equipe e saía andando com todos. Eram chacretes, divulgadores e cantores. As pessoas olhavam o Conde de Surubim com seu séquito e o saudavam:

— *Fala, Chacrinha!*

Era mais uma maneira de divulgar seu programa. Uma pessoa via aquilo e saía espalhando para as demais.

Nessa época, na Rádio Nacional, ao lado do locutor Hilton Abirihan, o amigo de Chacrinha Washington Rodrigues apresentava um programa diário no qual contava com convidados e promovia debates sobre temas polêmicos. Num dos programas o assunto discutido foi o jabá. O cantor Oswaldo Nunes, um dos entrevistados, afirmou só conseguir se apresentar na TV caso pagasse um “faz-me rir”. Citava o programa de Chacrinha, revelando inclusive o valor do “ingresso”: 500 cruzeiros.

Em casa, fazendo seu habitual passeio pelas rádios, o Velho Guerreiro ouviu as afirmações do cantor de “Oba” e ficou furibundo. Na mesma hora, ligou para a rádio exigindo sua presença na emissora da Praça Mauá. Mas não ia ser possível, pois o programa já estava nos minutos finais. Sua participação foi anunciada para o dia seguinte.

Pontualmente, o Conde de Surubim compareceu ao estúdio e ficou cara a cara com Oswaldo. Homossexual criado nas ruas da Lapa, conhecido pelo jeito brigão e por várias vezes partir a cara de quem o chamava de “veado”, Oswaldo não se intimidou:

— *O jabá existe, sim! Pode ser que não pagassem a você, mas a sua produção recebia!*

— *Você nunca pagou nada, seu filho da puta! E quer saber? VAI PRA PUTA QUE TE PARIU!*

Programa ao vivo tem como principal qualidade ser espontâneo, mas há certos inconvenientes. No caso do debate entre Oswaldo e Chacrinha, foi a saraivada de palavrões ditos por ambos. Deu uma tremenda encrenca, com a Nacional tendo de se explicar e uma cópia da fita sendo apreendida para análise.

Mas esse era um problema menor naqueles dias. Pois, após descarregar sua ira contra Oswaldo Nunes diante do microfone da Nacional, Chacrinha tinha um abacaxi maior para descascar. A Bandeirantes também passava por problemas de estrutura técnica, que resultavam em má qualidade na transmissão. Faltavam certos tipos de lentes para as câmeras. Dentro de alguns dias, haveria uma *Buzina do Chacrinha* especial, e ele fora informado pela produção de que faltava uma determinada lente para a boa execução do programa. Como não havia dinheiro para a compra, depois de matutar bastante, Dom Abelardo resolveu tomar uma medida extrema. Pegou o telefone e ligou para alguém com quem não falava há um bom tempo:

— *Alô, Boni, estou precisando de um favor seu. Eu preciso de uma lente emprestada, pois aqui na Bandeirantes não tem e o programa está muito ruim sem ela.*



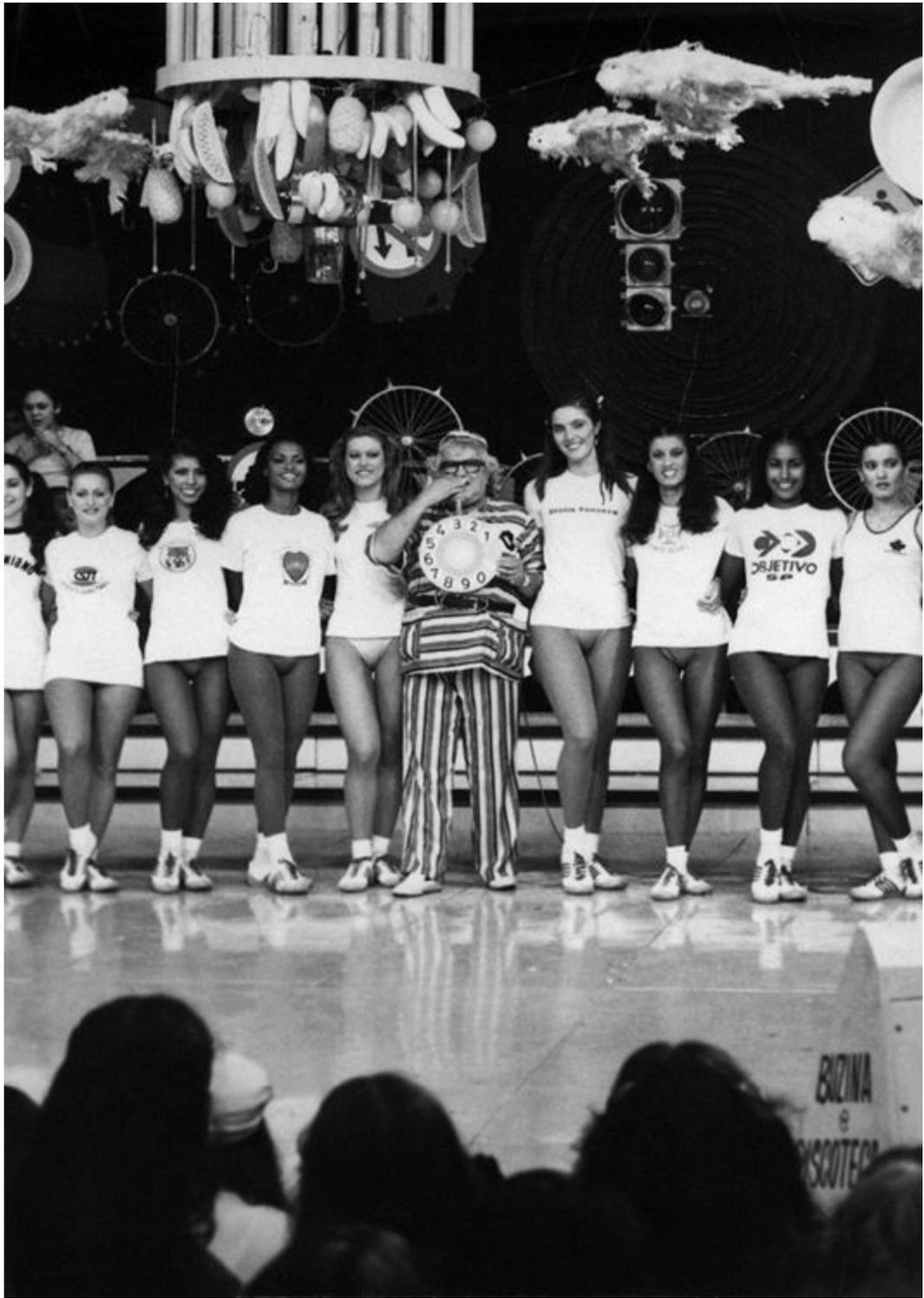
Boni, que imaginava receber uma ligação com um pedido de desculpas pelos desaforos que ouvira em 1972, ficou surpreso com a cara de pau do Conde de Surubim.

— *O que é isso? Você não tem vergonha não? Saiu daqui brigado, me xingando, me dizendo coisas pesadas e agora me liga pedindo lente emprestada?*

— *Mas o programa está uma merda. O teu irmão está tendo um trabalho do caralho.*

Era verdade. O irmão de Boni, Guga Oliveira, trabalhava com o Velho Guerreiro na Bandeirantes, e também se queixava da carência de equipamentos. Era o ás na manga com o qual Chacrinha entrara no jogo. Deu certo. Embora a Globo também não tivesse a tal lente, não havendo como fazer empréstimo, Boni acabou comprando uma com seu dinheiro e a emprestou a Chacrinha. Chegou a duvidar da própria sanidade: estava equipando um concorrente, que nas terças e sábados à noite iria disputar audiência com a Globo.

E por falar em concorrente, no dia 17 de julho de 1980 os funcionários da TV Tupi iniciaram uma vigília no Cassino da Urca, na tentativa de evitar o fechamento da emissora, o que já havia sido comunicado. Diversos artistas se dirigiram ao bairro a fim de fortalecer a resistência. No dia seguinte, às 12h30, enquanto eram exibidas imagens do papa João Paulo II no Aterro do Flamengo, o locutor Cévio Cordeiro lia uma mensagem dirigida ao presidente João Figueiredo pedindo que ele se lembrasse das várias famílias que ficariam desamparadas com o fim da Tupi. Mas não surtiu efeito. Enquanto Cévio lia a carta, os transmissores da emissora eram lacrados pelo Departamento Nacional de Telecomunicações, o Dentel.



"QUE
MARCAÇÃO
É ESSA
COMIGO?"



Além dos cantores, calouros e jurados excêntricos, como a sempre fiel Elke Maravilha e Edson Santana, o Rei Momo carioca, que na bancada da *Buzina do Chacrinha* interpretava o jurado mal-humorado – em substituição a Aracy de Almeida e Pedro de Lara, roubados por Silvio Santos –, as dezoito chacretes que compunham o corpo de baile “chacriniano” eram um importante ingrediente na fórmula certa criada por Abelardo Barbosa para conquistar pontos no Ibope. Ensaaiadas por Dalva, que acumulava a função de chacrete e coreógrafa, as meninas deixavam a parcela masculina da audiência dos programas do Velho Guerreiro com os hormônios em ponto de ebulição. A dança, exalando volúpia, e os collants cavados, revelando a sensualíssima marquinha do biquíni obtida após boas horas de bronzamento, eram um delicioso passaporte para a perdição. Um dos momentos mais aguardados da *Discoteca* e da *Buzina* era quando Chacrinha dizia:

— *Maestro, uma “pantera” para Rita Cadillac!*

A chacrete de “olhos de ressaca” ia para o centro do palco e, ao som do tema do filme *A pantera cor de rosa*, incorporava uma Salomé moderna, pronta para fazer perder quantas cabeças masculinas desejasse. Mas além de Rita, Índia Amazonense, Sarita Catatau, Leda Zeppelin, Mirinha e as outras que compunham o time de beldades tinham lugar reservado no coração dos fãs quando o “painho” as convocava para um sensual número solo ao som da composição de Henry Mancini. As chacretes tinham até torcida, cada uma carregando faixas com os nomes das suas favoritas. Alguns fãs traziam de casa binóculos, para poder apreciar com maior definição cada milímetro da anatomia de suas deusas. Havia até tráfico de fotos das bailarinas, muitas tiradas pelos frequentadores e outras por Delgado, o fotógrafo oficial da produção de Abelardo Barbosa.

As dançarinas eram mesmo um tremendo chamariz de público. Entretanto, eram também causa constante de dores de cabeça com a censura. A aporrinhção com o figurino das meninas já virara um tradição quase tão forte quanto o “Terezinha, u-uuu”. Como nos tempos de Edilma, Marlene Morbeck e Lucinha Apache, volta e meia aparecia na gravação do programa um censor para fazer sua “vistoria” na roupa das meninas. Porém, em 1980, a implicância vinha se tornando ainda maior.

Tudo começou com o telefonema de um censor, que, para variar, reclamava das roupas das chacretes e também dos closes que as câmeras davam em certas partes dos corpos das garotas. Porém, o censor não se identificou devidamente, levando o funcionário da emissora que recebeu a ligação – Chacrinha estava no palco apresentando o programa – a acreditar que fosse um trote.

Uma semana depois, quando faltavam poucos minutos para o programa ir ao ar, a autoridade compareceu ao programa. Exigiu dar seu “confere” nas chacretes. Feito isso, veio com seu veredicto: a roupa das bailarinas era imoral e deveria ser trocada. O absurdo é que,

anteriormente, o figurino já havia sido usado em quatro programas sem que ninguém dissesse nada.

A ordem do censor deixou Chacrinha profundamente aborrecido. As garotas precisaram voltar para seus camarins para vestir um figurino de acordo com o gosto do censor, o que atrasou o início do programa. Ele conteve sua irritação, mas, após o encerramento, acabou indo parar no Hospital Humaitá, onde ficou por duas horas no balão de oxigênio.

Passaram-se alguns meses sem maiores problemas com a censura. Porém, em junho do mesmo ano a produção voltou a ser vítima do que Chacrinha chamava de “pseudocensor telefônico”. Aos gritos, o homem repreendeu Chacrinha por continuar mostrando as chacretes em ângulos ousados e, desta vez, também por um dos seus bordões. O “deus em miniatura” não gostou de ouvir Abelardo Barbosa perguntar:

— *Vocês querem mandioca?*

Mesmo achando as exigências descabidas, Chacrinha as cumpriu, e os telefonemas cessaram. Contudo, na noite de 1º de julho, faltando meia hora para o início do programa, o Velho Guerreiro deu pela presença de uma senhora no corredor da Bandeirantes. Como jamais a tivesse visto, ele, que fazia questão de controlar tudo em seu programa, pediu que a estranha se retirasse. Foi quando um homem que acompanhava a dama disse:

— *Somos da Censura.*

Havia louco que dizia ser Napoleão Bonaparte, Júlio César e até Chacrinha. A mulher, uma senhora baixa, de óculos, não trazia identificação alguma. Quem poderia negar não se tratar de uma maluca que, no lugar de Maria Antonieta, Cleópatra ou Joana D’Arc, optara por apresentar-se como uma terrível censora? Abelardo a ignorou, assim como o seu porta-voz, e seguiu para o palco a fim de apresentar seu programa, pois já estava quase na hora de começar. Ou melhor, não a ignorou; deixou-a para trás, enquanto, no caminho do palco, vociferava:

— *Vão tomar no cu. Me levem preso, mas me deixem em paz.*

Tudo correu como de costume durante a apresentação de mais uma *Discoteca*, com o Velho Guerreiro e sua total entrega para divertir os espectadores. Encerrada a atração, ele se dirigiu ao camarim. Quando chegou, dez agentes da Polícia Federal armados e um delegado o aguardavam. Dona Solange, a mulher que o abordara, era realmente da censura. Das duas opções que o Conde de Surubim lhe deu, ela optou pela segunda: levar o animador preso. Indignada pela maneira como o apresentador a tratou, foi se queixar aos “mais velhos”. Chacrinha nem teve o direito de trocar de roupa; foi levado do jeito que estava, vestindo o figurino que usara no programa. Algemado, entrou num camburão, tendo Leleco como acompanhante.

Ao longo dos anos de repressão, o apresentador havia desenvolvido maneiras de se livrar dos censores. Em muitas ocasiões, quando recebia a visita indesejada, o Velho Guerreiro simulava uma crise de falta de ar, jogando-se no chão. Depois que o colocavam numa

cadeira, enquanto o abanavam e preparavam sua bomba de oxigênio, ele gritava:

— *Vocês vão me matar! Vocês vão ser responsabilizados pela minha morte!*

O ataque deixava os censores preocupados, e eles terminavam por se retirar antes que fossem conhecidos como os assassinos de Abelardo Chacrinha Barbosa. Em algumas ocasiões, para dar veracidade ainda maior à cena, até uma ambulância era chamada. Porém, dessa vez, nervoso, Chacrinha não teve como fazer uso de sua sagacidade e acabou mesmo sendo conduzido à sede da Polícia Federal, na rua Xavier de Toledo nº 208. Quando chegou lá, tiraram sua fotografia, o ficharam e deram início a um interrogatório. Leleco se lembrou de chamar Lauro Drummond, um advogado que era amigo de seu pai, que em poucos minutos chegou para acompanhar o caso.

Após cinco horas de depoimento, Chacrinha foi liberado mediante o pagamento de 10 mil cruzeiros de fiança pela acusação de desacato a autoridade. Na saída, o Dr. Lauro informou ao mundaréu de jornalistas que se aglomerava na porta da sede da Polícia Federal a situação de seu amigo:

— *Mesmo que o processo prossiga, não há qualquer restrição por parte da Polícia Federal em relação à continuidade de seus programas.*

No meio do circo que armou, dona Solange era tomada por um súbito ataque de timidez. Agachada na parte de trás de um carro da Polícia Federal, uma Brasília, a fiscal de chacetes tentava passar despercebida.

Enquanto isso, Chacrinha não a perdoava em seu depoimento aos repórteres:

— *Essa senhora me custou horas de aborrecimento. Passei a noite em claro! Quando saí da delegacia, ou ia para um hotel ou para um hospital. Quero deixar claro que a pessoa que eu expulsei do estúdio não era uma censora, mas uma mulher que não estava identificada, assim como fiz com tantos outros. Essa censora não se comportou como deveria, já que não se identificou. Nunca, em toda a minha carreira, desacatei alguma autoridade da censura.*

Nem nos momentos de grande pobreza que atravessou em sua infância Abelardo passara por humilhação tão grande. Ele, um homem cumpridor de seus deveres, chefe de família que jamais fugira de trabalho, fora tratado como um marginal.

Tamanha foi sua indignação que no dia 10 ele não deu a menor bola para o medo de avião e, acompanhado de Leleco, embarcou para Brasília a fim de encontrar autoridades e denunciar o que havia sofrido. Chacrinha, sempre sóbrio no vestir quando era o senhor José Abelardo Barbosa de Medeiros, usava um blazer branco e uma camisa preta de gola rulê. A informalidade estava apenas em um boné amarelo. Deu início a sua busca por justiça encontrando-se com o secretário-geral do Ministério da Justiça, Sileno Ribeiro de Paiva, um pernambucano como ele, a quem pediu providências contra a discriminação que afirmava estar sofrendo por parte da Censura.

Em seguida, o Velho Guerreiro rumou para o Conselho Superior de Censura, aparecendo

de surpresa no meio de uma reunião. Assistiu sentado às discussões sobre a liberação de filmes e letras de músicas que constavam da pauta daquele dia.

O Conselho liberou os filmes *Emilienne* (produção francesa engavetada desde 1975), *Triângulo Proibido* e *Andrea* (outra produção francesa), apesar do pedido do relator, Pedro Paulo Wandeck, pela proibição dos três. Além destes, também foram liberados o policial *Terror e Êxtase*, do diretor Antônio Calmon, o erótico *A noite das Taras*, além de *A invasão das rãs* e *Palácio de Vênus*. No campo musical, foi permitida a execução das canções “Bobagem”, de Rita Lee, e “Cabeça boa”, de Caio Júnior. A segunda enfrentou problemas por conter num dos versos a palavra “porrada”. O presidente do Conselho, Octaciano Nogueira, sugeriu que a palavra fosse substituída por “pancada”. Felizmente, o presidente foi voto vencido; os demais conselheiros não aceitaram a “cirurgia” na canção, e “Cabeça boa” foi aprovada sem alterações.

Terminada a discussão sobre a liberação das obras, foi a vez de Chacrinha tomar a palavra. Protestando contra o que havia acontecido no dia 1º de julho, o apresentador chamou a atenção para o rigor com o qual era tratado em comparação com outros apresentadores. Citou o programa *O Homem do Sapato Branco*, de Jacinto Figueira Júnior, como sendo um programa violento que jamais enfrentou problemas com a Censura. Entregou uma carta com o relato do que se passou na noite de sua prisão ao presidente do Conselho. O representante dos autores de rádio e televisão, Ricardo Cravo Albin, leu as quatro laudas do documento para os presentes.

Ao saber de tudo a que Chacrinha fora submetido, os conselheiros foram tomados pela indignação. Pompeu de Souza, presidente da ABI, declarou:

— *A censura do “Estado Novíssimo” está ainda pior que a do Estado Novo do Dipgetuliano.*

Orlando Miranda, do Serviço Nacional de Teatro, também demonstrava seu desagrado para com a violência sofrida por Chacrinha:

— *Estamos voltando ao tempo do terror do mais duro autoritarismo.*

Já Geraldo Sobral Rocha, representante dos cineastas, vinha com um exacerbado discurso nacionalista:

— *Chacrinha é um herói, que tem colaborado nos últimos 25 anos para expulsar dos vídeos e das rádios o “lixo internacional”.*

No final do encontro, ficou decidido que o chefe do serviço de censura seria convocado para prestar esclarecimentos. Também encaminhariam a carta de Chacrinha ao ministro da Justiça, Ibrahim Abi Ackel; à Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado, que investiga as causas da violência urbana; ao diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, coronel Moacir Coelho, e ao chefe da divisão de censura, José Vieira Madeira.

Dias antes de sua ida a Brasília, em 4 de julho de 1980, Chacrinha havia recebido do Sindicato dos Radialistas uma carta manifestando solidariedade.

O Sindicato dos Radialistas, entidade representativa dos profissionais em radiodifusão e televisão no estado de São Paulo, dirige-se ao prezado companheiro para expressar a sua solidariedade face ao atentado de que foi vítima quando preso pela Polícia Federal. Lamentavelmente, fatos dessa natureza ainda ocorrem no país, ferindo a dignidade humana.

Este sindicato, diante do ocorrido, lançou protesto público contra a flagrante arbitrariedade e o abuso de autoridade, ao mesmo tempo em que pede às autoridades federais que medidas sejam tomadas a fim de evitar a repetição de fato tão deplorável, onde um profissional em pleno gozo de seus direitos foi preso e humilhado. Saudações Radialistas.

Dez dias depois, Octaciano emitiu uma carta ratificando seu apoio ao apresentador, isentando-o de qualquer veto por parte da Censura:

Um artista da competência profissional e, sobretudo, da capacidade de se comunicar com o povo ao longo de quase quatro décadas, não deve estar sujeito a manifestações de arbítrio e de intolerância de pessoas nem sempre equipadas com os requisitos necessários ao trato pessoal com profissionais de tal prestígio popular.

O Velho Guerreiro continuou com sua vida de operário do entretenimento, mas com a ferida ainda difícil de cicatrizar, principalmente pelas manifestações de preconceito que não parava de sofrer. Um exemplo foi a do Natal de 1980. Ao ser procurado pelo senhor Domingos Orestes, organizador da Campanha Unificada Pelo Natal, Chacrinha não se negou a dar o seu apoio. Comprometeu-se a realizar um show beneficente como parte da campanha, colaborando assim com a arrecadação de dinheiro para 42 obras assistenciais. No dia 26 de dezembro, faria um show no Clube União Recreativo, em Sorocaba, interior de São Paulo – uma *Discoteca do Chacrinha* filantrópica. Estava tudo certo, mas novamente foi tratado como um mau elemento.

Mais da metade das obras assistenciais pertenciam à Igreja Católica. Ao saber da participação de Chacrinha, Dom José Melado, bispo de Sorocaba, enviou uma carta aos organizadores da Campanha Unificada Pelo Natal, na qual afirmava:

Se o espetáculo fosse promovido por um clube particular, que doaria parte da renda às obras assistenciais, não nos oporíamos. Mas não concordamos em envolver o nome do clero com a promoção.

Já Domingos Orestes via no Velho Guerreiro a grande salvação da campanha, em meio a tantas dificuldades enfrentadas:

Pensou-se em Chacrinha porque o levantamento dos fundos não está fácil e, além do mais, não se percebeu nenhuma imoralidade nele. Estou chocado com a postura do bispo. Na televisão existem os closes nas chacretes, mas num espetáculo ao vivo não se percebem as moças em detalhes. Por isso, sou a favor do espetáculo.

Mas o religioso se mostrava irredutível.

Estou vendo tudo isso com maus olhos. Não interessa o dinheiro a ser arrecadado, mas a formação moral de nossa gente. O assunto já foi levado a uma reunião do clero da nossa cidade, que se colocou contra o show. Se o Chacrinha se apresentar, as obras católicas serão excluídas da campanha.

No show beneficente, além das sempre polêmicas chacretes, também haveria concurso de calouros. Os ingressos, que iriam custar de 100 a 300 cruzeiros, certamente se esgotariam em questão de minutos, rendendo uma boa quantia para as obras assistenciais. Porém, nada aconteceu. As famílias carentes continuariam com seus estômagos roncando, mas as famílias sorocabanas permaneceriam com suas almas livres do pecado personificado por Abelardo Barbosa e suas chacretes. O show foi cancelado.

Assinando uma coluna social no *Jornal de Brasília*, na qual noticiava os bastidores da capital do Brasil em pequenas notícias e comentários com títulos como “Te contei?”, “En Passant”, “Outros tchans” e “Petiplá”, a jornalista Consuelo Badra eventualmente frequentava a bancada de jurados da *Buzina do Chacrinha*, tendo se tornado amiga do Velho Guerreiro. Consuelo também privava da amizade da primeira-dama do país, Dulce Figueiredo. Valendo-se disso, ofereceu-se para intermediar o encontro de Chacrinha com o presidente João Figueiredo, numa tentativa de dar fim aos problemas do apresentador com a Censura.

— *Chacrinha, vou marcar com o presidente para você falar com ele. Você topa ir?*

No dia marcado para o encontro, acompanhado de Leleco, mais uma vez Chacrinha pegou um avião e rumou para Brasília. Em 1978, durante a campanha para o sucessor de Ernesto Geisel, Chacrinha repetia nos seus programas um slogan em apoio a João Figueiredo à Presidência na disputa no colégio eleitoral contra o General Bentes Monteiro, do MDB:

— *O João tem o povo no coração.*

Figueiredo venceu a eleição e talvez se lembrasse dessa ajuda do apresentador, que, juntamente com o filho e Consuelo Badra chegou à Granja do Torto, residência do presidente, pontualmente às 17h, como fora solicitado. Entretanto, o general só deu o ar de sua graça meia hora depois.

Era para ser uma conversa curta, de apenas 20 minutos. Mas o Velho Guerreiro, com seu jeito envolvente, acabou quebrando toda a formalidade e transformando a reunião em um papo entre velhos camaradas. Os 20 minutos se transformaram em meia hora, uma hora, uma hora e meia...

Por volta das nove da noite, Chacrinha fez menção de ir embora, pois o último voo para o Rio sairia à meia-noite. Precisava voltar para casa, uma vez que no dia seguinte teria a *Buzina* para apresentar. Entusiasmado com a conversa regada a uísque, salgadinhos e gargalhadas, porém, Figueiredo, já sem gravata e sapatos, não queria deixar que seu mais novo amigo do peito partisse. Pediu que o Velho Guerreiro ficasse mais um pouco na

Granja.

Mas chegara realmente o momento em que Chacrinha tinha de ir embora. Tinha ido para resolver problemas com seu programa e não queria acabar sem apresentá-lo por perder um avião de volta para casa. Já eram 11 da noite, horário em cima do laço.

— *Presidente, eu preciso embarcar...*

— *Deixa comigo.*

Figueiredo pegou o telefone e falou com alguém. Explicou a situação de Chacrinha. Ele se despediu do general, que assegurou que não permitiria que ele voltasse a ser importunado. Antes de partir, Chacrinha ouviu de Figueiredo:

— *Qualquer aborrecimento que te causarem, pega o telefone e me liga.*

O Velho Guerreiro e Leleco acabaram voltando na cabine do piloto, no último voo. Na noite do dia seguinte, o programa transcorreu na mais perfeita paz, sem a presença de ninguém com a intenção de aporrinhar. Depois do encontro com o general, Chacrinha não enfrentou novos problemas com censores identificados ou não identificados. O pistolão que Consuelo Badra lhe arranjara foi mesmo eficaz.

Livre da censura, em novembro a capa da revista *Homem* estampou Chacrinha acompanhado de algumas de suas mais desejadas chacetes, que em suas páginas estavam como vieram ao mundo. Também havia uma entrevista com o Velho Guerreiro, na qual ele falava sobre sua carreira e as chacetes. Ao ser indagado sobre a abertura política, ele denunciava um pensamento conservador, mesmo recentemente tendo sido vítima das arbitrariedades da ditadura:

— *Eu acho, grosso modo, que eles estão abusando um pouco. Não sei quem, mas estão abusando: eu acho que a abertura deveria ser mais vagarosa.*

REENCON-
TRANDO
CLARK



A amizade de João Roberto Kelly com Chacrinha era coisa antiga – tinha uns vinte anos e datava de bem antes da malfadada aventura com as duas japonesas e suas esteiras. Em 1961, Kelly foi caiturar um 78 rotações de Elza Soares com “Boato”, composição sua, num dos programas do Disc Jockey nº 1. Tanto na *Discoteca* quanto na *Buzina do Chacrinha* na TV Bandeirantes, um dos momentos mais aguardados era quando a orquestra começava a tocar uma das composições mais famosas dele, “Cabeleira do Zezé”, com as meninas do auditório cantando:

Olha a cabeleira do Zezé
Será que ele é?
Será que ele é?

Dando um toque de malícia na letra da marchinha de Kelly, as garotas incluíram um verso a mais. Depois do “será que ele é?”, respondiam à pergunta com um sonoro:

— *Bicha!!!!!!!!!!!!*

Kelly fazia questão de afirmar que não tinha nada a ver com essa modificação na sua música. A marchinha não era sobre a sexualidade do Zezé, mas sobre a influência estrangeira no país. Em 1964, ano em que a canção foi composta, começava a invasão dos Beatles no mundo inteiro, com milhares de jovens imitando os integrantes do conjunto inglês. Zezé, um garçom do Amarelinho, tinha aderido a essa moda. Sua cabeleira tipo pajem era igual à de John, Paul, George e Ringo.

O compositor tinha um toque para o sucesso – suas músicas sempre animavam carnavais por todo o Brasil. Volta e meia Chacrinha o convidava para a *Discoteca* a fim de agradecer-lhe com um troféu Velho Guerreiro.

Em 1981, Kelly era presidente da Riotur, e aos domingos, para arejar a cabeça, gostava de dar uma voltinha no calçadão. Em um deles, o rapaz bateu os olhos numa menina linda, de biquíni. Era uma escultura, verdadeiro poema de carne. Sempre um ótimo papo, João engatou uma conversa com a moça. Acabaram indo para a água, protagonizando cenas de singelo romantismo. Eles brincavam de jogar água um no outro, iam para a areia tomar um sorvetinho, voltavam para a água, tomavam outro sorvetinho. Eram quase o casal do filme *A lagoa azul* nas areias de Copacabana.

A beleza da moça ia fazendo com que Kelly caísse num encantamento só. Seus cabelos volumosos, os olhos castanhos e a pele dourada o deixavam com olhar apatetado. Chegou a hora de ir embora, e ele não deixou de fazer o clássico pedido:

— *Me dá teu telefone?*

Ela lhe passou seu número, deixando-o com a sensação de que aquele fora um domingo mais do que perfeito.

À noite, Kelly foi ao apartamento de Carlos Imperial buscar uma encomenda que o amigo queria que ele levasse a São Paulo. Passando pela travessa Cristiano Lacorte, João Roberto viu três vultos femininos vindo em sua direção. Eram três moças vestidas com terninhos, uma delas usando uma gravata-laço de cetim preto. Kelly a reconheceu: era a pantera com a qual tivera a romântica tarde na praia.

A menina também reconheceu Kelly. Parou para conversar.

— *Oi, querido. Tudo bem?*

— *Tudo – o compositor respondeu burocraticamente.*

— *Eu e minhas amigas vamos a uma boate. Quer vir conosco tomar uma cerveja?*

— *Não, muito obrigado, vou visitar um amigo.*

Já em casa, depois de ter encontrado com Imperial, Kelly era o retrato do homem com os planos frustrados. A moça com quem imaginara iniciar um romance tinha o mesmo gosto que ele. Enquanto lembrava os momentos que tiveram naquele domingo e o desfecho frustrante, repetia:

— *De dia é Maria, de noite é João... De dia é Maria, de noite é João...*

Dias depois, Kelly recebeu um telefonema de Chacrinha. Carlos Gonçalves, produtor do *Rio dá Samba*, o programa que Kelly apresentava na Bandeirantes, havia conversado com o Velho Guerreiro sobre uma parceria musical entre os dois. Chacrinha gostara da ideia e queria mais detalhes.

— *O Carlinhos me falou que você queria gravar comigo.*

— *Chacrinha, não só quero como tenho uma música. Ela se chama “Maria Sapatão”.*

— *Canta pra mim.*

Do outro lado da linha, João Roberto começou a cantar a marchinha. Chacrinha ouviu, mas nem deixou Kelly terminar; entusiasmado, falou:

— *Para! Para! Vou para a sua casa agora! Eu quero gravar isso! Eu vou gravar isso!*

Minutos depois, acompanhado de Inácio, que supervisionava seu coro, e mais dois integrantes da sua equipe, o Conde de Surubim chegou ao apartamento da rua Aires Saldanha, onde Kelly morava, para ouvir o restante da marchinha. Ouviu e aprovou. Na *Discoteca do Chacrinha* seguinte, Abelardo Barbosa falou:

— *As mulheres de hoje serão os homens de amanhã.*

Em seguida, a orquestra de Aloir Mendes começou a acompanhar Chacrinha, que, com sua voz “rachada”, começou a cantar:

Maria Sapatão
Sapatão, Sapatão
De dia é Maria
De noite é João

A marchinha foi gravada pela CID, com produção a cargo de Marcus Pitter. O cantor-galã, amigo de longa data de Chacrinha, havia iniciado carreira como produtor. Acabou virando o ponto alto dos programas do Velho Guerreiro, transformados em baile de Carnaval fora de época. Rendeu até uma “Noite da Maria Sapatão” numa das terças-feiras da *Discoteca do Chacrinha*.

Depois desse sucesso, a dupla Kelly e Chacrinha surgiu com mais uma, “O pacotão”, que tratava da bagunçada política econômica do governo João Figueiredo, que volta e meia apresentava um pacote de medidas apontado como a salvação da vida de todos os brasileiros.

Olha o pacotão
Olha o pacotão da nega
Olha o pacotão da nega
Olha o pacotão...

O problema é que a censura não contava apenas com funcionários com nota baixa em interpretação de texto. Havia gente que conseguia captar as mensagens escondidas. Por isso, Kelly foi convidado a prestar esclarecimentos. Chegando lá, foi interrogado sobre o teor de sua canção e perguntado se fazia crítica ao governo. João negou, afirmando tratar-se apenas de uma homenagem às qualidades de uma bela mulata. O censor acabou por liberar a execução da música, dizendo:

— *OK, tá liberado. Não tem antecedentes.*

Quando encontrou com Chacrinha, João contou o que acontecera e ouviu o amigo se exaltar:

— *Eu não teria a mesma paciência que você: já teria mandado eles enfiarem a “inflação” no cu!*

Com as pazes feitas, Tim Maia foi pedir para se apresentar por dois meses na *Discoteca*. Estava com um novo disco que precisava promover. As vendas não iam bem, e a divulgação precisava ser mais intensa. Com o aval do Velho Guerreiro, cantou, e muito, com todo o talento que tinha para dar e vender. Entretanto, só compareceu no primeiro programa. Desapareceu sem dar satisfações a Chacrinha, que o tinha anunciado por dois meses como sua grande atração.

Na Globo, Walter Clark e Boni haviam conseguido consolidar o sonho do “padrão Globo de qualidade”, tornando a emissora líder absoluta de audiência. Eram imbatíveis, conhecidos como Boni & Clark, numa alusão ao casal de foras da lei Bonnie e Clyde, cuja

história foi popularizada por Hollywood. Mas, com o passar do tempo, o filme mudou, transformando-se em um verdadeiro *Tesouro de Sierra Madre*, aquele no qual três amigos partem em busca de uma mina de ouro e, ao encontrá-la, a desconfiança acaba com a união que havia entre eles.

Clark começou a se queixar de que era perseguido na Globo. Dizia que o próprio Roberto Marinho sentia ciúmes da exposição que o diretor-geral de sua emissora obtinha. Por outro lado, havia comentários de que Walter atravessava um processo de decadência, abusando do álcool e embarcando num novo vício: a cocaína. Em maio de 1977, Clark foi demitido. Deixou o Jardim Botânico queixando-se de Boni, de quem esperava maior solidariedade, inclusive que o acompanhasse ao sair a Globo, coisa que o antigo parceiro, comprometido com colegas que tirara de outras emissoras, não podia fazer.

Fora da televisão, Walter se dedicou ao cinema, produzindo os longa-metragens *Bye bye Brazil*, de Cacá Diegues, e *Eu te Amo*, de Arnaldo Jabor. Em junho de 1981, a Bandeirantes anunciou a sua contratação como diretor-geral da emissora. Era o executivo com o qual, juntamente com Boni, Chacrinha saíra brigado do Jardim Botânico. Se com Boni houve o aceno de que no futuro poderiam reatar a antiga amizade, com Clark não ocorrera a mesma coisa. Com poucos dias na emissora, Walter deu início a uma série de reformulações na programação. Uma delas foi transformar os dois programas de Chacrinha em apenas um, que seria levado ao ar aos domingos. Dom Abelardo não ficou muito satisfeito.

Um desses programas dominicais foi realizado no dia 25 de outubro, quando a Bandeirantes promoveu uma edição especial da *Discoteca do Chacrinha* no ginásio do Ibirapuera. Era a comemoração dos 25 anos de carreira do homem da buzina, que a emissora divulgava como o seu “Jubileu de Prata”. Agnaldo Timóteo, que o Velho Guerreiro apresentava como “o maior cantor do Brasil”, foi um dos convidados, se apresentando com a canção “Coração sem juízo”.

A saudade aperta

O coração se oprime

O meu desejo aumenta

Te encontrar preciso

Chacrinha também deu um tantinho de sua voz cantando um dos clássicos do repertório interpretado ao longo desses 25 anos: a marchinha “Cachaça” .

Você pensa que cachaça é água?

Cachaça não é água não

Cachaça vem do alambique

E água vem do ribeirão

E ainda aproveitou para improvisar novos versos para a composição de Mirabeau, Héber Lobato, Marinósio Filho e Lúcio de Castro.

*Você pensa que mulher é bola
Mulher não é bola não
Bola a gente pega e chuta
Mulher não se chuta não*

*Você pensa que Chacrinha é bobo
Chacrinha não é bobo não
Chacrinha é seu amigo
Chacrinha é o seu irmão*

E fez graça ao anunciar o sorteio de um veleiro:

— *Daqui a pouco sortearmos o veleiro, o automóvel, a charrete e o avião.*

Mas depois da festa, veio a ressaca. Na primeira pesquisa após a mudança de horário, foi apresentada uma significativa queda no Ibope. Dos 35 a 40 pontos habituais, o Velho Guerreiro despencou para menos de 10. Chacrinha não tinha como ser páreo para o *Fantástico*, e perdia sempre para a menina dos olhos de Boni.

Ele não queria dar o braço a torcer. Resolveu descontar sua raiva no Ibope – mais precisamente, em Carlos Augusto Montenegro. Num dos problemáticos domingos, o “menino levado da breca” mandou um recado para o novo presidente do Ibope em pleno ar:

— *Você me apresenta esses números do Ibope, e eu vou te provar que a minha audiência é maior e que vocês estão errados. Quem estiver agora me assistindo ligue para ele, por favor, para dizer isso.*

Disse isso e deu o número do telefone da casa de Montenegro. A partir daquele momento até quase uma da manhã, a vida do homem do Ibope virou um inferno. O telefone não dava a menor trégua. Mas Montenegro contra-atacou. Ele começou a atender às ligações, informando às pessoas que ligavam que, na verdade, elas haviam sido sorteadas e ganhado um prêmio. A cada um Montenegro falava de um prêmio diferente: automóvel, geladeira, TV a cores e bicicleta. Ressaltava que deveriam comparecer à sede da TV Bandeirantes e procurar o Sr. Eduardo Lafond, o presidente da emissora. No dia seguinte, o prédio da Bandeirantes virou um pandemônio, com uma multidão exigindo retirar os prêmios dados por Chacrinha. Quando souberam o que o Velho Guerreiro havia aprontado, Florinda e Leleco ligaram para Montenegro pedindo muitas desculpas pela inconseqüência do animador.

Mas isso não foi suficiente para fazer Abelardo Barbosa parar de aprontar. Numa noite, ele pediu a todos os funcionários que vestissem uma camisa na qual se lia “Ibope”. Dois operadores de câmera se recusaram a cumprir sua ordem. Segundo eles, foram ameaçados de demissão. Depois de receber pesadas críticas, o Velho Guerreiro justificou-se dizendo que as camisas eram as únicas de que dispunha no momento para poder identificar sua equipe. Comentou:

— *O meu erro talvez tenha sido pelo fato de serem do Ibope. Mas eu tinha de zelar pela*

identidade visual do meu programa. Eu não seria bobo ou ingênuo de acreditar que o Ibope me daria pontos a mais por causa disso.

Mas os problemas de Chacrinha não terminavam nos números da audiência. Walter Clark conseguiu provocar uma irritação ainda maior ao realizar novas trocas de horário no programa. Quando foi tratar da renovação de seu contrato, seu advogado pediu um aumento de cem por cento, com a intenção de fazer a emissora decidir por não renová-lo. Mas para onde Chacrinha iria? Ele chegou a ser sondado pela TVS, a emissora que o apresentador Silvio Santos conseguira montar. Mas as negociações não caminharam. Chacrinha estava novamente sob a ameaça de ficar afastado da televisão.

Florinda acabou entrando em campo. Pegou o telefone e recorreu a alguém que acreditava poder dar uma mão amiga ao seu Abelardo:

— Boni, o meu velho está muito triste, venha almoçar aqui em casa. Vamos ver o que podemos fazer por ele...

— Florinda, eu não tenho o que fazer por ele.

Mas o então vice-presidente de operações da Globo não teve como dizer não a Florinda e acabou indo almoçar no Itanhangá. À mesa, os dois se comportaram como se jamais houvessem tido a menor discussão. Depois do almoço, de estômago cheio, foram para o escritório. O Conde de Surubim quebrou o silêncio sobre o assunto que estava na cabeça dos dois.

— Você sabe, eu fui muito induzido pelas pessoas a tomar aquela atitude. Se tivéssemos conversado, teria sido diferente. Mas eu tinha certeza de que você não gostava de mim.

— Chacrinha, trabalhamos alguns anos juntos, eu almoçava inúmeras vezes na sua casa, viajávamos juntos para São Paulo, dormíamos no mesmo hotel, isso tudo seria impossível se eu não gostasse de você. Pessoalmente, nunca tive restrições a você, mas em relação ao seu programa, sim.

— Eu sentia que você gostava de mim, mas naquela época, com as críticas, eu não entendi e confundi tudo. E hoje eu estou disposto a fazer o programa, mas de outra maneira. Se você quiser...

— Você então voltaria, mas para as tardes de sábado? Você faz o programa do seu jeito, como quiser. Eu te dou duas horas no sábado e você une os dois programas em um só.

Tudo acertado, voltaram para a sala, e, entre lágrimas, Chacrinha anunciou à família:

— Estou voltando à Globo, de onde eu nunca deveria ter saído.

Virando-se para Boni, fez um pedido:

— Você promete não se meter no meu programa?

— Com uma condição: eu não vou mais te assistir. Só vou querer saber da audiência, se foi bem-vendido comercialmente.

— *Mas por que você não vai assistir?*

— *Porque se eu assistir, eu vou querer interferir.*



Roberto Carlos sendo coroado Rei da Juventude em A Hora da Buzina, 1966.

DESAFIO



Um dia antes de vencer seu contrato, em 14 de fevereiro, Chacrinha deixou a Bandeirantes. Sobre isso, comentou na *Folha de S. Paulo* em matéria publicada no dia da sua saída:

Antes que o Clark acabasse comigo, me derrubasse, eu resolvi sair. Afinal, ele quase levou minha audiência a zero! Faço votos de que ele seja muito feliz. A única coisa que me preocupa é a sua tão falada inteligência. Então, saí para deixá-lo fazer as besteiras dele à vontade. Quero morrer e ressuscitar para saber o que o Clark quer ser. Ele só faz besteiras. Andou dizendo por aí que quer uma programação mais intelectual, que o Chacrinha não serve. Mas ao mesmo tempo a emissora tem um programa popular chamado Ginga Brasileira, um monte de filmes enlatados, e o 90 Minutos, que é O Povo na TV um pouco melhorado.

Walter Clark acabou se tornando uma grande mágoa para o Velho Guerreiro. Mas era tempo de pensar nos dias melhores que estavam por vir.

Na tarde do dia 6 de março de 1982, Chacrinha voltou a pisar no palco do Teatro Fênix. Seu programa 2 em 1 recebeu o nome da sua pioneira atração na Rádio Clube Fluminense. Agora, o *Cassino do Chacrinha* estava em cores nas telas de todo o Brasil. Para marcar essa nova fase, o tema composto por Miguel Gustavo passou por mais uma adaptação:

Oh, Terezinha!

Oh, Terezinha!

É um barato

O Cassino do Chacrinha

Todo o elenco da Globo compareceu à festa que marcou a volta do Velho Guerreiro à sua antiga casa. Para começar, ele chamou os integrantes do seu júri de gala:

— *Vamos chamar os primeiros analistas do nosso programa para atuar no Cassino do Chacrinha apresentando a Discoteca e a Buzina do Chacrinha. Vamos receber o nosso amigo: Costinha!*

Em seguida, foi a vez da sua principal jurada:

— *Vamos receber: Elke Maravilha!*

Depois vieram Tarcísio Meira, Maitê Proença, Glória Menezes, Mário Gomes, Elizabeth Savalla e finalmente:

— *O homem que mais entende de música, o maestro Edson Santana!*

O gordo e carrancudo jurado veio num terno branco segurando sua conhecida batuta.

Chacrinha reencontou na Globo velhos colaboradores, como o contrarregista Russo e Moacir Filgueira Pinto, o sonoplasta My Boy, durante anos sempre citado pelo Velho Guerreiro com o grito:

— *OK, My Boy!*

My Boy soltava os sons mais inusitados durante as apresentações dos cantores e calouros. Durante os solos das chacretes, por exemplo, era comum ouvir:

— *Isso tem muito amor pra dar.*

Os calouros concorriam a um prêmio de 20 mil cruzeiros. O primeiro candidato chamava-se Alex e era da categoria “Intocáveis”. Compareceu com um figurino bem exótico, todo em tecido dourado bem colado no corpo, calçando botas vermelhas e com uma fita amarrada na testa. Seu jeito todo reboativo fez Chacrinha brincar, dizendo:

— *Ai... ai... ai...*

Em seguida, a orquestra de Aloir Mendes começou a tocar:

Olha a cabeleira do Zezé

Será que ele é?

Será que ele é?

Com as meninas do auditório complementando:

— *Bicha!!!!!!*

Ironicamente, Alex cantou “Na hora da raiva”. Era uma canção do repertório de Wanderléa, exatamente como havia acontecido no seu último programa na Globo, em 1972. Porém, os tempos eram outros. Não houve desconforto por parte da direção da emissora. O rapaz, que num falsete torturante destruiu a canção de Roberto e Erasmo, limitou-se a receber suas buzinas e seu troféu abacaxi.

O segundo candidato, um menino de óculos fundo de garrafa, antes de qualquer coisa teve de responder a Chacrinha, que apontava para todas as chacretes:

— *Se você fosse casar com essas chacretes, com qual você se casaria?*

O rapaz apontou para Rita Cadillac e recebeu permissão para ir até a bailarina dançar um samba com ela. Em seguida, Chacrinha perguntou:

— *Vai cantar o quê, meu filho?*

— *A marchinha do Chacrinha.*

— *Como é que é?*

— *A marchinha do Chacrinha. Eu vou cantar e o senhor vai ver.*

Em seguida, começou:

***Vamos lá, Chacrinha
Você é demais***

Não teve tempo de ir mais longe, pois foi devidamente buzinado. Em seguida, Chacrinha recebeu mais artistas do elenco global e fez uma conhecida encenação, na qual, de dedo em riste, fingia brigar com as meninas do auditório:

— *Isto aqui é um programa de respeito, um programa de cultura, é um programa de respeito. Eu quero um programa de respeito. Senão, eu ponho na rua!*

Tirou sua cartola e a jogou no chão, prosseguindo com a bronca no auditório:

— *Respeito aqui dentro!*

Logo depois, como sempre acontecia, uma de suas chacretes veio colocar a cartola de volta em sua cabeça.

O time de cantores que se apresentou no programa foi respeitável: Fagner, Joana, Beth Carvalho, Jorge Ben, Nelson Ned, Wanderléa, Moraes Moreira e Fábio Júnior. Fábio era um antigo conhecido do Velho Guerreiro, um daqueles três irmãos que na adolescência participaram do concurso de calouros com o conjunto Os Namorados. Juntamente com o irmão, Heraldo Galvão, o menino insistiu na carreira de cantor e, paralelamente, tornou-se também um ator de sucesso em diversas novelas da Globo, além de estrelar *Bye bye*, um dos filmes produzidos por Walter Clark ao deixar a Globo. Na inauguração do *Cassino*, Fábio cantou “Seu melhor amigo” (de Guilherme Lamounier):

***Olha, menina
Mostra o seu pensamento
Dentro dessa cabeça, eu sei
Que tem um universo***

Quem também se fez presente para homenagear o rei dos disc jockeys foi Clara Nunes, interpretando “Portela na avenida”, composição de seu marido, Paulo Cesar Pinheiro, e Mauro Duarte.

***Salve o samba, salve a santa, salve ela
Salve o manto azul e branco da Portela
Desfilando triunfal sobre o altar do Carnaval***

O programa se encerrou com o convidado de honra da tarde, o rei Roberto Carlos, sempre grato a Chacrinha por tudo o que ele lhe fez ao longo de sua carreira. Cantou seu mais novo sucesso, “Cama e mesa”, mais uma parceria com o amigo Erasmo Carlos.

*Eu quero ser sua canção,
Eu quero ser seu tom
Me esfregar na sua boca
Ser o seu batom*

No final, Roberto abraçou o Velho Guerreiro e o beijou como a um pai. Já prestes a começar a chorar, Chacrinha se despediu, dizendo aos soluços:

— *Até sábado, com Doril, se Deus quiser e ninguém meter a colher.*

Deu tudo certo. Chacrinha conseguiu conduzir o programa muito bem até o final. Levou mais beijos e abraços do que político em campanha. No final, foi para seu camarim tomar um laxante para soltar tudo o que tinha prendido – outra parte habitual do seu trabalho.

Mas logo nos primeiros dias houve a primeira crise nos bastidores. Marlene Morbeck, que depois da saída de Chacrinha da Globo permaneceu na emissora, formou-se em Belas Artes e passou a ser figurinista da casa. Ela assumiu essa função também no *Cassino*, ficando responsável pelas roupas do Velho Guerreiro e também das chacretes. Entretanto, embora tivesse bom gosto, seu trabalho não era exatamente o que Leleco desejava. Ele queria que a roupa valorizasse as belas formas das dançarinas, o que sempre foi responsável por um bom Ibope. Mas a “Loura Sinistra” se negava a usar menos pano nas roupas, alegando não querer vulgarizar suas criações.

— *Será que você não podia fazer algo mais simples, para testar? — Leleco insistia.*

— *Leleco, por favor, você tem as fitas do programa do seu pai, é só pegar e ver como era o figurino e como ficou. Eu não preciso fazer um teste para te provar a merda que era antes! — Você precisa botar roupa na chacrete que estimule o cara em casa a tocar uma.*

— *Eu sou uma figurinista formada em Belas Artes, bacharel em Artes Cênicas! Como vou vulgarizar um programa que passa às 3 da tarde, com criança assistindo? — Até parece que você não sabe que um menino de 10 anos já toca uma...*

Marlene foi falar com Boni, que mandou um memorando para a produção cortando a verba da área de criação do programa, que incluía os figurinos. Eles passaram a ser reaproveitados por Marlene. Mesmo com esse corte no orçamento, a política do “o que é bonito é para se mostrar”, defendida por Leleco, venceu. Algum tempo depois, Marlene foi substituída por Vera Canholato. Os maiôs chegaram a um tamanho que deixou uma legião de jovens na flor da mocidade um bocado felizes em suas tardes de sábado.

Nesse retorno à Globo, o “Velho Palhaço” sacou um novo tipo de molecagem para incrementar as apresentações dos “Intocáveis”, tornando-as ainda mais divertidas. Instruiu Russo para que posicionasse o microfone dos calouros suspenso pelo boom – aquele microfone com o cabo enorme, carregado por técnicos de som, geralmente no cinema – e o movimentasse enquanto o candidato se apresentava. Além de se esforçar para cantar, o calouro precisava perseguir o microfone, andando de um lado para o outro.

A maioria dos “intocáveis” demonstrava estar resignada com a situação, preocupando-se

apenas em conseguir estar próximo do microfone. Entretanto, numa tarde, uma menina pisou no palco esbanjando nervosismo e agressividade. Antes do primeiro acorde, a garota desandou a reclamar com Chacrinha porque o microfone estava distante. Recebeu uma resposta imediata:

— *Você está reclamando que o microfone está longe, mas se estivesse perto você cantaria mal da mesma forma.*

Ele também dedicava um tempinho do programa para fazer perguntas singelas à plateia, que a mente maldosa de alguns classificava como maliciosas. Eram perguntas como:

— *Quem chupa mais: o homem ou a mulher?*

Também gostava de cantar ao se referir a algum convidado do programa:

— *Ele é um enviado! Ele é um enviado! Ele é um enviado especial.*

Em setembro, houve uma grande festa na casa do Itanhangá. Era a comemoração dos 35 anos de casamento de Abelardo e Florinda, que para provar que jamais acreditara nas histórias espalhadas, convidou Clara Nunes.

O Conde de Surubim não tinha mais os índices de audiência de quando ocupava o horário nobre da emissora. Entretanto, seu programa era líder nas tardes de sábado, o que já servia de consolo. Ele comandou seu programa muito bem, mas em fevereiro de 1983, com uma grave crise de sinusite aliada à estafa por jamais parar de trabalhar, fazendo shows por todo o país, foi obrigado a se afastar. Seu substituto foi o humorista Paulo Silvino, que já havia encarado tal desafio em 1967, ao lado de Agildo Ribeiro. Porém, Paulo não imitava o Velho Guerreiro. Apenas repetia as loucuras com que ficara conhecido em programas como “Satiricom” e “O Planeta do Homens”. Dizia coisas como:

— *As for sky as for you.*

Ou, na hora do resultado do melhor calouro da tarde, com um sorriso insano, repetia:

— *Rios de dinheiro. Rios de dinheiro.*

Restabelecido, Abelardo Barbosa retornou ao trabalho em março, sendo recebido com um cenário totalmente novo. Os cenógrafos Mário Monteiro e Alfredo Pereira recriaram um imenso cassino em pleno Teatro Fênix, com mesas de jogos, roletas e tudo mais. Leleco, diretor-geral do programa, queria promover uma festa para o pai, que a recusou. Ao *Jornal do Brasil*, explicou o motivo:

— *Se a gente dá muita coisa ao público de uma vez só, ele vai sempre exigir mais. Por isso, é melhor ir dando aos poucos.*

Mas o programa que marcou seu retorno não deixou de ser especial. Nesse sábado, não houve o concurso de calouros. Houve, em vez disso, um desfile dos melhores cantores da

música, que passaria a ser realizado todo último sábado do mês.

Após reassumir seu programa, Chacrinha teve como um de seus convidados o cantor de maior sucesso no Brasil naquele momento. Por acaso, era um inglês: Richard David Court, o Ritchie, lançara num compacto pela CBS “Menina veneno”, uma balada rock composta em parceria com o poeta Bernardo Vilhena.

*Menina veneno,
O mundo é pequeno demais
Pra nós dois*

Ritchie compareceu pela primeira vez ao programa para receber o disco de ouro pela vendagem de “Menina veneno”. Chacrinha nem desconfiava, mas realizava um sonho do cantor, que em 1972, logo que chegou no Brasil, ao ver o Conde de Surubim na televisão e toda aquela deliciosa zona, comentou consigo mesmo:

— *Um dia ainda vou cantar nesse programa.*

Sonho transformado em realidade, Ritchie passou a ir constantemente ao *Cassino do Chacrinha*. Com isso, os convites para shows por todo o Brasil se multiplicaram de tal forma que o rapaz foi obrigado a abandonar as aulas de inglês que dava para sustentar a família.

No dia 13 de agosto, novamente em um Maracanãzinho lotado, Chacrinha comandou o *Cassino do Chacrinha Especial – SOS Sul*, programa com quatro horas de duração que foi ao ar das 14h às 18h e cuja renda visava ajudar as vítimas de mais uma enchente no Sul do Brasil. Como atrações, o animador contou com gente como Erasmo Carlos, Gal Costa, Naim, Ritchie, Gilberto Gil, Rita Lee, Elba Ramalho, Simone, Eduardo Dusek, Joana, Lulu Santos, Gilliard, Alcione, Fábio Júnior, Jessé, Magazine, Raul Seixas, Lauro Corona, Marcos Valle, Márcio Greik, Marcelo, Marcos Sabino e Neuzinha Brizola, filha do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola.

• • •

O afastamento do Velho Guerreiro começou a levantar suspeitas sobre sua saúde. Ele continuava com o balão de oxigênio na coxa, mas agora parecia precisar dele com mais frequência. Com medo de ficar desempregada, Rita Cadillac decidiu aceitar a proposta de um produtor e lançar-se como cantora. Seu “estilo musical” seria o mesmo de Gretchen, que não levava muito em consideração a extensão vocal das cantoras, mas sim os seus dotes anatômicos, em especial a “retaguarda”, que em Rita era realmente apreciável na categoria qualidade, embora não tanto em quantidade.

Rita entrou no estúdio e gravou um compacto com as canções “Merenguedê” e “Baby Love”. E teve sua estreia na *Discoteca do Chacrinha*, que não viu problema em ver sua descoberta alçar um novo voo. Num sábado, anunciou:

— *Vamos receber nesse instante a cantora, chacrete, a rainha do bum-bum. Vamos*

receber: Rita Cadillac!

Rita, num curto e bem justo vestido de couro preto, entrava para cantar o seu “Merenguedê”.

*Yo quero ser
Teu grande amor
Quero cantar
Quero sonhar*

Rita tinha apenas um fiapinho de voz, mal dava para entender o que saía de sua boca. Mas o público masculino, a maior fatia do seu fã-clube, não dava a menor importância para isso. Ela passou a se apresentar em clubes como a Associação Atlética Light, no Grajaú, no Rio de Janeiro, onde levava os jovens ao êxtase com seu sensual rebolado.

Porém, a moça deixou o Conde de Surubim aborrecido quando, juntamente com mais três chacretes, ao serem entrevistadas por uma revista, revelou alguns detalhes de suas intimidades. Uma das meninas brincou dizendo que fazia programas, o que acabou sendo publicado. Sempre preocupado com a imagem que suas bailarinas mostravam ao público, Chacrinha decidiu suspender as jovens do programa por três meses. Mas Rita, já com a nova carreira encaminhada, não acatou a decisão e pediu demissão. Saiu para fazer seus shows pelo país afora, inclusive no garimpo de Serra Pelada, no norte do Pará, onde se dizia que seu cachê havia sido pago em pepitas de ouro.

Em abril de 1984, Chacrinha participou da campanha pela aprovação da emenda do deputado Dante de Oliveira, que visava a volta das eleições diretas para presidente. No comício das Diretas Já, como ficou conhecido o movimento em prol da emenda, realizado na Candelária, no Rio de Janeiro, Chacrinha subiu no palanque e, diante de um milhão de pessoas, veio com uma de suas rimas em apoio à volta da democracia:

— *Alô, alô, Anacleto, o negócio é a direta! Alô, alô, Waldemar, o povo quer votar!*

Emocionado com a receptividade da plateia, o Conde de Surubim continuou com suas frases de efeito em favor das Diretas e despediu-se com o seu mais famoso bordão:

— *Terezinhaaaaaaaaaaaaa!*

Ouvindo como resposta de um milhão de vozes:

— *Uh-uuuuuuuuuu!*

Para ser aprovada e ir ao Senado, a emenda necessitava de 320 votos. Mas na votação ocorrida no dia 26 de abril, ela obteve 298 votos a favor, 65 contra e 3 abstenções, e foi rejeitada. Cento e treze deputados haviam deixado de comparecer à Câmara para votar, o que foi visto como uma maneira de ajudar na manutenção dos militares no poder. Vários brasileiros derramaram lágrimas por não conseguirem recuperar o direito de eleger seu

presidente. O voto podia trazer mudanças e, por isso, continuaria sendo proibido.

EM RITMO
DE JUVENTUDE



O Teatro Fênix possuía vários camarins espalhados por diversos andares. Artistas e jurados ficavam misturados numa divertida confraternização. Apenas Roberto Carlos, quando ia ao programa, contava com tratamento diferenciado. Ele ficava em um camarim exclusivo, aguardando a hora de ser chamado pelo Velho Guerreiro. Quando isso acontecia, dirigia-se ao auditório resguardado por seguranças, que iam afastando a todos, inclusive artistas.

O programa começava às quatro da tarde, e os artistas eram orientados a chegar duas horas antes ao Fênix. Eles eram avisados do bloco em que entrariam, mas eram obrigados a ficar de prontidão, para o caso de atraso ou falta de alguma atração. Se isso ocorresse, o artista seguinte era convocado imediatamente. Havia casos de artistas marcados para o último bloco, que demorava um bocado, pois Chacrinha interrompia o programa de hora em hora devido à cólica que lhe atacava. Caso alguma atração perguntasse se não daria tempo de a produção esperar enquanto fosse fazer um lanche no bar próximo ao teatro, a resposta que Leleco mandava pelo contrarregra era sempre a mesma:

— *O que se espera é missa na igreja.*

Mas essas regras não valiam muito para Tim Maia, que, novamente às boas com Chacrinha, foi ao *Cassino* promover seu disco mais recente. Mas o homem da buzina não conseguiu resistir à tentação de aprontar com Tim. Deu ordem para Russo chegar por trás de Tim Maia durante sua apresentação e agarrar sua volumosa cintura. Pego de surpresa, o cantor ficou no seu conhecido e temido estado de fúria. Ele atirou o microfone no chão, deu um empurrão em Russo e deixou o palco usando sua bela voz para berrar uma dezena de palavrões – alguns desconhecidos até por um notório “boca suja” como Chacrinha. O diretor Helmar Sérgio, que estava na ilha de edição, cortou imediatamente para os comerciais, a fim de evitar um escândalo maior. Aproveitando o roda-roda do minuto de comercial, o Velho Guerreiro foi atrás de Tim Maia. Quando o encontrou, o Conde de Surubim tentou acalmar a besta-fera. Mas foi impossível.

— *Calma é o caralho! Esse Russo é um filho da puta! Ele tá pensando que sou viado? Porra, a minha mãe tá em casa me assistindo!*

Como não houve jeito de convencer o barítono a mudar de ideia, Chacrinha voltou ao palco informando a plateia que Tim sofrera uma dor de barriga e precisara ir embora. Mas semanas depois, sem as brincadeiras de Russo, Tim Maia voltou ao programa, com Chacrinha atendendo a um pedido que ele sempre fazia: citar o nome da sua mãe, Dona Maria Imaculada, durante a atração.

Após a derrota da Emenda Dante de Oliveira, a oposição decidiu lançar o governador de

Minas Gerais, Tancredo Neves, do PMDB, como candidato a presidente no Colégio Eleitoral. Paulo Salim Maluf, ex-governador biônico de São Paulo e à época deputado federal, também lançou-se candidato, mas sem agradar muita gente do PDS. Estes, insatisfeitos, acabaram aliando-se a Tancredo. José Sarney, um dos rebeldes do PDS, foi lançado como vice. O que não se esperava, depois do apoio dado às Diretas, era ver Chacrinha, em Brasília, participando de um almoço oferecido por Paulo Maluf, em sua luxuosa casa às margens do lago Paranoá. Mas foi o que aconteceu. Na saída da reunião, realizada em novembro de 1984, o apresentador explicou aos jornalistas os motivos de ter “malufado”:

— *Participei da campanha para deputado federal de Maluf. Fiz quase trinta comícios com ele. Somente agora criou-se essa onda em torno do meu apoio. Passei a ser importante. Quem não malufica se trumbica.*

Era verdade. Na campanha de Maluf para deputado federal, Chacrinha havia animado muitos de seus comícios. E nos seu programas na TV Bandeirantes, acompanhado da orquestra do maestro Aloir Mendes, ele cantava:

— *Paulo Mau! Paulo Maluf!*

Além de Abelardo Barbosa, também participaram do encontro o comediante Mussum, Agnaldo Timóteo, Emilinha Borba, Hebe Camargo, José Vasconcelos, Ricardo Braga, Antônio Marcos, Waldemir Monteiro, Edite Veiga, Gilmara Sanches, Zélia Martins, Jane e Herondi e Fernando Mendes. Para esses convidados, Maluf prometeu criar o Ministério da Cultura, dos Esportes e do Turismo.

Com cada vez mais integrantes do PDS se bandeando para o lado de Tancredo, no dia 15 de janeiro de 1985 o mineiro foi eleito presidente da República. Ele recebeu 480 votos no Colégio Eleitoral contra 180 de Maluf e 26 abstenções.

A derrota de Maluf atingiu Chacrinha, pois o animador foi cobrado pelo apoio dado ao candidato do partido do governo militar. Logo ele, que defendera a volta das eleições diretas, aliara-se a um representante do PDS. Chacrinha deu mostras constantes do seu arrependimento, afirmando nunca ter sido um homem ligado à política. Dizia ser apenas um profissional que precisava trabalhar para prover o sustento da família.

• • •

Voltando ao *Cassino*, se Tim Maia algumas vezes podia se dar ao luxo de recusar participar do programa, havia gente que fazia de tudo para ter uma tarde no Teatro Fênix. Foi o caso do conjunto Cheque Especial, uma das várias bandas que começaram a ter a oportunidade de aparecer após o Rock in Rio, festival de rock com músicos nacionais e estrangeiros realizado em janeiro de 1985, com produção de Roberto Medina, filho do dono do “Rei da Voz”, Abraão Medina.

O conjunto tinha lançado um rock chamado “Pronta para estudar”, que andava tocando nas rádios. Porém, nada de Chacrinha chamá-los. Até que Carlinhos Garcez, empresário da

banda, descobriu qual era o método usado pelo Conde de Surubim para selecionar artistas para o programa. Usando sua rede de contatos, Garcez soube que, diariamente, no horário de 10h às 12h, o rei dos disc jockeys ficava à beira da piscina de sua casa, sintonizando as principais estações de rádio a fim de saber quais as canções mais tocadas. Depois de uma boa dose de caitituagem, Carlinhos conseguiu colocar “Pronta para estudar” num bom número de rádios no horário em que Chacrinha as ouvia. Foi tiro e queda. Alguns dias depois, o empresário recebeu um telefonema da produção chamando a banda para se apresentar no *Cassino do Chacrinha*.

O ano foi passando e suas notas não faziam sucesso

Nas rodas da galera o papo que rolava era sexo

Sabia tudo sobre o assunto

Deixava todo mundo louco

Essa menina não quer nada, pelo jeito ela só quer vadiar

Formado em 1982, o Absyntho era um quinteto que contava com Silvinho, Fernando Sá, Sérgio Diamante, Walderley Pigliasco e Darcy. Com um ano de vida, lançaram seu primeiro compacto, que trazia “Meu ursinho Blau Blau”.

Ai, meu ursinho blau blau de brinquedo

Vou contar pra você um segredo

Só você mesmo pra me aturar

Ai, esse meu coração tão vadio

O roquinho com um piano bem no estilo boogie woogie caiu no gosto do público e também no de Chacrinha, que se afeiçoou ao grupo e passou a convidá-lo sempre para aparecer nas tardes de sábado do *Cassino*.

Na véspera de sua posse, Tancredo Neves deu entrada no Hospital de Base de Brasília, vítima de diverticulite de Meckel, uma inflamação no intestino delgado. Seu vice, José Sarney, assumiu a Presidência no dia 15 de março de 1985, até o momento em que ele retornasse do hospital. Entretanto, o estado do presidente eleito se agravou e ele foi transferido para o Instituto do Coração, em São Paulo, onde veio a falecer no dia 21 de abril.

Os anos passavam e Chacrinha ainda tinha de lidar com as más línguas e as insinuações de que só pisava no *Cassino do Chacrinha* o artista que abrisse a carteira para pagar jabá. Leleco negava e explicava que a única coisa que havia era uma permuta entre a produção e os artistas, que participavam dos shows que Chacrinha fazia pelo subúrbio carioca e outros estados. Mas isso também gerava comentários, e muitos reclamavam de amargarem a “geladeira” por não terem comparecido a show algum. O que também era negado.

O fato é que havia uma infinidade de bandas doidas para se apresentar no *Cassino do Chacrinha*, que virou um dos principais veículos da explosão do chamado BRock. Eram nomes como Barão Vermelho, Titãs, Ira!, Gangue 90 e as Absurdetes, Kid Abelha e os

Abóboras Selvagens, Magazine, RPM, Os Paralamas do Sucesso, Picassos Falsos e Blitz, grupo que acumulava uma série de sucessos, entre eles, “Você não soube me amar”:

Você não soube me amar

Você não soube me amar

Você não soube me amar

Você não soube me amaaaaar

O rock, uma espécie de dia a dia do jovem carioca, fazia até uma referência a Chacrinha, quando o vocalista Evandro Mesquita imitava o jeito de falar do animador, com seus erros bem acentuados, ao usar uma de suas expressões recorrentes:



UM DISCO DO CACETE!

CASA



Mas rrrre-al-mente
Mas rrrre-al-mente

Era uma época muito alegre e colorida, marcada pelos figurinos de cores ácidas dos jovens roqueiros e os sorrisos da plateia. Chacrinha demonstrava estar muito influenciado por esse contato com a juventude, brincando com os integrantes de cada grupo, fazendo graça durante as apresentações. Quando Arrigo Barnabé compareceu para cantar a sua “Uga uga”, juntou-se às três backing vocals, Vânia Bastos, Ana Amélia e Eliete Negreiros, e, batendo duas colheres de pau, fez papel de percussionista, como nos tempos do Bando Acadêmico, com um largo sorriso nos lábios.

Você nunca falou que dançava
Uga Uga Uga Ugauga
Você nunca falou que gostava
Uga Uga Uga Ugauga

Depois de um ano no poder, em 28 de fevereiro de 1986, José Sarney lançou um plano econômico com o objetivo de reduzir e controlar a inflação, que castigava o país. Foi criada uma nova moeda, o cruzado, que equivalia a mil cruzeiros. Também foi estabelecido o congelamento dos preços de produtos e salários pelo prazo de um ano. A adesão popular foi grande, com muitos cidadãos fiscalizando e denunciando os estabelecimentos que desrespeitavam o congelamento dos preços. Eram os “fiscais do Sarney”.

Em março, Chacrinha estreou um programa na Rádio Roquette Pinto, nos moldes dos que comandou ao longo de sua vida. Dizia:

— *Alô, Dona Laís, sua volta ao rádio só me deixa feliz.*

Com alguns meses de vigência, o Plano Cruzado começou a “dar defeito”. As mercadorias começaram a desaparecer das prateleiras dos supermercados. Quando apareciam, os consumidores tinham de madrugar nas portas dos estabelecimentos para formar fila e torcer para conseguir uma preciosa dúzia de ovos ou um quilo de carne. Isso se devia ao fato de, impossibilitados de reajustar os preços, empresários e fazendeiros optarem por não comercializar seus produtos. O maior símbolo desse período de desabastecimento era o “sumiço” dos bois dos pastos.

Em solidariedade ao presidente, em outubro de 1986, acompanhado de Leleco, Abelardo Barbosa foi ao Palácio da Alvorada e apresentou a Sarney uma quadrinha que escrevera em apoio ao Plano Cruzado, enaltecendo a decisão do presidente de destacar a Polícia Federal para laçar no pasto os bois dos fazendeiros que se negavam a colaborar com o plano econômico, a Lei Delegada nº 4.

Oi oi oi

Sarney pegou o boi

Se alguém ficou chorando

O povo é que não foi

O “Velho Palhaço” contou para o presidente que lançaria os versinhos no *Cassino do Chacrinha* do dia seguinte. Sarney sorriu e guardou a cópia com a quadrinha com que o animador o presenteou.

Gente lá do Palácio comentava que a real intenção do Velho Guerreiro era convencer Sarney a manter o *Cassino do Chacrinha*, transmitido pela Rádio Nacional através da Radiobrás, o que foi veementemente negado pelo Conde de Surubim.

No terceiro andar do Palácio do Planalto, após o encontro, que durou apenas 15 minutos, Chacrinha, rodeado por curiosos, ávidos por ver de perto o mais famoso comunicador brasileiro, explicou para os jornalistas o motivo de sua presença na capital do país:

— Eu vim a Brasília fazer uma declaração de amor ao nosso presidente. Eu sou do povão e o Sarney está fazendo um governo para o povão.

Ele também acrescentou ter a esperança de, em breve, contar com a presença do presidente como convidado especial do seu *Cassino*, a fim de agradecer-lhe com o glorioso Troféu Velho Guerreiro. Além disso, garantiu que sua produção já estava entrando em contato com a filha do governante máximo, Roseana, para convidá-la a participar do júri do seu programa.

Com a proximidade das eleições para o governo estadual, o Senado e a Câmara, o plano econômico do governo começou a ser chamado de eleitoreiro pela oposição. Do outro lado, os candidatos do governo referiam-se à oposição como “os inimigos do Plano Cruzado”. Muito por conta das conquistas iniciais do plano e pelo medo de que ele naufragasse de vez nas mãos de opositores, os eleitos deram a Sarney e a seus aliados uma vitória esmagadora. Entretanto, tão logo esse resultado favorável nas urnas foi divulgado, foi decretado o fim do congelamento, e a temida inflação retornou.

NOTÓRIO SABER



*Quem não se comunica
Se trumbica e como fica
Fica na saudade, fica*

No Carnaval de 1987, a Império Serrano, com seu samba-enredo “Com a boca no mundo, quem não se comunica se trumbica”, de Beto Sem Braço, Aluísio Machado e Bicalho, levava à Marquês de Sapucaí as comunicações. Como o título do samba denunciava, Chacrinha era uma das fontes de inspiração. Além disso, ele, acompanhado de suas chacetes, iria desfilar na passarela do samba, saindo num carro alegórico que reproduzia o seu Cassino, elaborado pelo carnavalesco Ney Ayan.

— *Já fiz show para 60 mil, mas esse desfile é como se fosse um teste. Estou curioso para saber como essa grande multidão vai me receber no Sambódromo. Sempre estive nos desfiles atrás de alguém que se fantasiava de Chacrinha. Este ano, além do Chacrinha de verdade, a bateria do Império Serrano estará vestida de Chacrinha.*

A “verde e branco” foi a quarta escola a desfilar na noite de domingo, com Chacrinha vindo no último carro, acompanhado por Elke Maravilha e as chacetes. No final do desfile, o “papa da comunicação” foi abordado por um repórter da concorrente TV Manchete, que lhe pediu para dar sua opinião sobre o momento que vivera. Ele respondeu:

— *O desfile da Império Serrano foi do caralho.*

Pego de surpresa pela improvável molecagem vinda de um senhor de 69 anos, o jornalista da TV de Adolpho Bloch ficou estático. Logo em seguida, um repórter da Globo fez a mesma pergunta ao Conde de Surubim, que tal qual um “médico e o monstro” às avessas se transformou num velhinho meigo, bastante emocionado com a homenagem que recebera.

Uma semana depois, na edição de 8 de março da *Revista de Domingo*, do *Jornal do Brasil*, o colunista Tutty Vasques deu um senhor puxão de orelha no “menino levado da breca”:

Mas é preciso audácia, Velho Guerreiro. O que é isso de bancar o doidão desbocado no Carnaval da Manchete (“O desfile da Império Serrano foi do c...”) e, em seguida, se comportar como um anjinho emocionado na tela da Globo? Você não merece aquele abraço de Gil e nem o meu!

Fora da Marquês de Sapucaí, no Carnaval promovido nos clubes, as músicas de João Roberto Kelly gravadas por Chacrinha eram responsáveis pela alegria nos salões. Eram marchinhas como “Maria Sapatão”, “Menino gay” e, a mais recente, “Bota camisinha”, na qual a letra de Kelly falava da Aids e do uso de preservativos.

*Bota camisinha
Bota, meu amor
Que hoje tá chovendo
Não vai fazer calor*

*Bota camisinha
Bota, meu amor
Que hoje tá chovendo
Não vai fazer calor*

Em outubro do mesmo ano, na presença da família, de muitos amigos e de integrantes da Império Serrano, Chacrinha recebeu outra grande homenagem. A Faculdade da Cidade concedeu a ele o título de professor *honoris causa* – para Comunicação não havia o título de doutor –, como parte do Projeto Personalidades, que homenageava importantes nomes da Comunicação.

Estavam presentes dona Neuma da Mangueira, Daniel Azulay, Carmita Medeiros, Edson Santana, Marilena Khoury e o bicheiro e presidente da Portela Carlinhos Maracanã. Quando o amigo Climério Veloso começou seu discurso, foi interrompido por um aluno.

— *Duvido que você saiba o preço do bacalhau.*

Climério provocou gargalhadas com sua resposta certa:

— *Se eu soubesse, certamente não seria o dono da empresa.*

Em seguida, discursou em homenagem ao amigo:

— *Chacrinha é acima de tudo um símbolo de credibilidade. Guerreiro, doido, maluco, ele domina como ninguém a arte de convencer as pessoas a comprar o que de melhor existe. É um comunicador em quem todos confiam, e por isso nós ficamos muito felizes com mais esse título que lhe é entregue.*

Boni, também presente para homenagear o amigo, encerrou a homenagem com um discurso que deixou Chacrinha e Florinda com os olhos marejados.

— *O que nós precisamos para a TV é de pessoas com formação generalista, que tenham um amplo conhecimento. Me dê uma pessoa inteligente que, em quatro dias, eu a torno um iluminador, um operador de câmera, um cenógrafo. Agora, eu não formo atores da noite para o dia, nem escritores e, nem que eu quisesse na minha vida inteira, um Chacrinha. Então, eu quero dizer a vocês, alunos, que não percam tempo estudando iluminação, que isso é irrelevante. Tenham cultura, para quando chegarem à TV encontrarem um caminho compatível com o talento de vocês: quem tiver aptidão para a fotografia, vai ser um operador de câmera, um editor de vídeo; quem tiver vocação para escrever, que vá ser escritor. Mas preocupem-se com uma formação de base forte*

em conhecimentos gerais, pois a TV precisa de generalistas, não de especialistas. E o maior exemplo disso está aqui, diante de nós: o Chacrinha. Um comunicador quando ainda não se falava em comunicação. Um tropicalista antes da Tropicália, que, às custas de seu grande talento, tornou-se um profissional inigualável.

Uma das características mais marcantes no estilo do mais novo professor *honoris causa* eram as frases que ele dizia durante seus programas. Os fãs ficavam intrigados em saber como ele era capaz de sacar uma nova a cada semana. Elas poderiam vir de qualquer lugar. Numa de suas idas a São Paulo ele encontrou o cantor Fábio Júnior no Aeroporto Santos Dumont. Ele também ia para a terra da garoa. Como estavam adiantados, foram tomar um café. Sempre brincalhão, com um largo sorriso, Fábio chamou o garçom:

— *Quem procura o que não perdeu nem encontrando sabe o que é. Dois cafés aí, bicho!*

Imediatamente, Chacrinha tirou do bolso um bloquinho e uma caneta e começou a fazer anotações. Cafezinho tomado, a dupla se dirigiu ao embarque. No meio do caminho, Chacrinha ouvia o que Fábio lhe falava e ao mesmo tempo balbuciava palavras inaudíveis para o cantor. Quem testemunhava a cena tinha a confirmação de que o apresentador das tardes de sábado da Rede Globo era mesmo biruta.

Dias depois, quem estivesse assistindo ao *Cassino do Chacrinha* ouviria o Velho Guerreiro olhando diretamente para a câmera, mexendo o seu dedo indicador direito próximo ao lábio enquanto dizia:

— *Quem procura o que não perdeu nem encontrando sabe o que é.*

Numa outra ocasião, os dois se encontraram, e Chacrinha percebeu Fábio com uma expressão entristecida. Perguntou o que estava acontecendo com o rapaz, que respondeu:

— *Ah, Velho, eu hoje tô mais para urubu do que para beija-flor.*

Mais uma vez, Abelardo Barbosa sacou seu bloquinho e caneta do bolso e antes de qualquer coisa anotou a frase, que com certeza estaria no seu próximo programa. Somente depois disso ofereceu seu ombro amigo a Fábio.

Numa palestra para mais de mil alunos da Universidade Gama Filho, no Rio, Chacrinha virou José Abelardo, quando durante uma pergunta uma estudante referiu-se às meninas que frequentavam o auditório de seus programas de maneira depreciativa.

— *Alô, alô, seu Chacrinha, me diga uma coisa: o que o senhor acha daquelas macacas do seu auditório?*

— *Mas qual é a macaca a que você está se referindo, minha filha? Aquelas moças simples do subúrbio que vão ao meu programa para se divertir, ou macacas brancas feito você, que ficam no Canecão esperando o Chico Buarque e o Tom Jobim?*

Em meio às alegrias com as homenagens recebidas e o reencontro com amigos, houve um

sábado em setembro de 1987 no qual o “Velho Palhaço” levou seu programa ao ar apenas pelo amor ao que fazia. Por dentro, carregava uma dor sem tamanho. Se o ditado diz que “avô é pai duas vezes”, avô também pode sofrer em dobro. No dia 22, Jorginho, seu neto, faleceu depois de uma longa luta contra um câncer linfático. O menino de apenas 7 anos foi tratado em Nova York e reagiu bem a uma primeira etapa do tratamento, o que encheu todos de esperança. Entretanto, a doença voltou com maior agressividade e terminou por levar o menino. No sábado logo após o falecimento do neto, o guerreiro ferido apresentou o *Cassino* como de costume. Porém, ao final da atração, enquanto as letras dos créditos subiam, rodeado por amigos, não resistiu e desabou num choro de cortar o coração.



A morte de Jorginho deixou Chacrinha arrasado. Ele passou a ficar mais cansado do que o habitual, sua voz foi ficando fraca e começou a emagrecer. Queixava-se com o amigo Jorge Ramallete sobre dores na coluna, frequentes e intensas. Pessoas próximas receitavam remédios e um sem-número de tratamentos alternativos, como os de centros espíritas e terreiros de umbanda.

Recorrendo à medicina convencional mesmo, durante uma consulta Abelardo desmaiou no consultório. O médico achou melhor deixá-lo em observação, monitorando-o por toda a noite. Na manhã seguinte, foi liberado com a recomendação de procurar o médico que operou seu pulmão em 1963, o Dr. Jessé Teixeira. Era algo para deixar qualquer um resabiado.

GUERREIRE



O Conde de Surubim ligou para o Dr. Jessé e marcou atendimento. No consultório do pneumologista, foi orientado a se ausentar do programa imediatamente por um período de 15 dias. Os exames solicitados detectaram um derrame pleural, a comumente conhecida água na pleura, como a causa de sua dificuldade em respirar.

Chacrinha foi internado no Hospital da Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro. Para ter um diagnóstico mais preciso, o médico fez uma punção. Drenou 300ml de água da pleura. Veio o resultado: mesmo tendo largado o cigarro havia 25 anos, estava com câncer no pulmão causado pelo fumo. Ele não teve acesso ao resultado do exame, e a família preferiu esconder a verdade. Disseram a ele que o problema era mesmo o derrame pleural. Ainda em março de 1988, o Velho Guerreiro sofreu uma cirurgia para a retirada da pleura. Era um procedimento considerado rotineiro pelos médicos. A operação permitiu maior expansão do pulmão, melhorando seu funcionamento.

Já muito abatido e debilitado, Chacrinha começou o tratamento com duas sessões diárias de radioterapia. Quando era submetido às aplicações de cobalto, só conseguia permanecer em pé por cinco minutos, pois se sentia muito fraco. Ficava com falta de ar e lapsos de memória. Desde que ficou internado na Beneficência Portuguesa, de março a maio de 1988, realizou em torno de quarenta sessões de radioterapia. E emagreceu muito: de 105 quilos, passou a pesar 70.

A imprensa começou a especular que Chacrinha estava com câncer na garganta, devido à sua constante rouquidão e a fraqueza ao falar. Seu filho Leleco negava, insistindo na versão da água na pleura.

Em casa, devido aos calmantes que tomava, Chacrinha tomou um tombo dentro de seu escritório e teve o braço imobilizado. Em repouso, sua recuperação evoluía lentamente. Gostava de ler os jornais, assistir à TV, escutar música e brincar com os netos. Levantava às cinco da manhã para anotar sugestões para Leleco usar no programa. Trabalhar em casa era uma forma de suprir a ausência no palco. Mas parou de assistir ao seu programa para evitar a ansiedade. Mostrava-se feliz com a postura de Leleco diante do momento que atravessavam:

— O Leleco me surpreendeu. É um dos melhores produtores e diretores do país. Ele sabe a medida certa do sucesso e jamais faz o programa a seu gosto, mas ao gosto do povo.

Enquanto esteve afastado, seu programa na Rádio Roquette Pinto foi conduzido por Leleco. Na TV, era também o filho quem cuidava da direção do *Cassino do Chacrinha*. Mas, diante das câmeras, era preciso ter alguém com carisma para segurar o público.

Inicialmente, surgiu a opção de levar ao ar reprises de programas antigos, mas essa foi uma ideia descartada de imediato. O programa nascera para ser ao vivo. Walter Lacet,

diretor artístico da Rede Globo, surgiu com uma solução: o humorista Paulo Silvino, que em outras ocasiões já havia rendido o Velho Guerreiro quando sua garganta falhou. Silvino topou encarar novamente o desafio. Contudo, aceitou a incumbência com consciência de que não iria substituir quem considerava insubstituível.

— *Qualquer louco com talento pode comandar o programa, mas não tem ninguém capaz de substituir o Chacrinha. Nem Gugu Liberato, nem Silvio Santos, nem Bob Hope e Ed Sullivan, muito menos eu. Chacrinha é uma lenda viva, está duzentos anos à nossa frente.*

Mas, dessa vez, a passagem de Paulo pelo *Cassino do Chacrinha* não foi tão calma como das outras vezes. Ele acabou se desentendendo com Walter Lacet e decidiu não mais continuar à frente do programa. Saiu dando a sua versão dos fatos:

— *O meu trabalho agradou ao Brasil, mas não agradou ao Walter Lacet. Fiz oito programas e não recebi nem um tostão. O Boni queria me dar uma gratificação, mas eu recusei. Fiz todos os comerciais que mandaram e ainda tive de cancelar vários shows meus, porque a TV Globo exige prioridade. Perdi muito dinheiro, mas fiz isso pelo Chacrinha, estava quebrando um galho para um colega, para o maior comunicador do mundo, que está doente.*

Com a saída de Paulo, João Kleber, um comediante que andava se apresentando com shows no Rio e fizera alguns trabalhos na Globo, foi convidado por Lacet e Leleco para segurar o *Cassino* até a volta de Chacrinha e, quando isso acontecesse, dividir com ele a apresentação. Na reunião, ficou acertado que João não imitaria o Velho Guerreiro. Nada de voz rachada e muito menos fantasias. Ele teria que entrar de cara limpa. Mas teria liberdade para ser irreverente e brincalhão.

A gana por voltar a trabalhar andava tão forte que, nos momentos em que se sentia melhor, Chacrinha pedia ao motorista que o levasse até a produção do programa, no Jardim Botânico, e ficava ali observando a equipe trabalhar. Após dois meses de recuperação, Abelardo Barbosa estava pronto para voltar ao batente.

Num domingo, 5 de junho, o camarim 100 do Teatro Fênix voltou a ser ocupado por Dom Abelardo. Era a gravação do programa no qual ele devolvia toda a sua irreverência e todo o seu carisma aos telespectadores, cheios de saudade daquela bagunça. Ao lado de João Kleber, gravou também os programas das semanas seguintes. Mas sua aparição se restringia a pequenas intervenções. Ainda debilitado, ele não conseguia ficar muito tempo em pé; a falta de ar não permitia. O cilindro de oxigênio ficava sempre de prontidão para o caso de um ataque agudo.

Chacrinha não conseguia evitar a preocupação com o amanhã. Ficava até tranquilo com relação a Jorge e Leleco, mas Nanato dependia muito dele, e isso o afligia. Tinha seu contrato com a Globo, mas não podia contar com o dinheiro dos shows que fazia pelo país. A saúde não ajudava.

No dia 11 de junho foi exibido o programa que gravara cinco dias antes. O jornal *O Globo* publicou um texto do cantor Léo Jaime – presença constante no *Cassino do Chacrinha* –, no

qual ele festejava a volta do Velho Guerreiro à telinha:

Chacrinha continua balançando a pança. E buzinando a moça e comandando a massa. Sob o protesto de alguns admiradores – que, preocupados com a saúde do velho, reclamavam por um descanso maior –, mas com o apoio dos entes mais queridos – que sabem que, mais do que um trabalho, aquilo é mais uma trincheira –, hoje teremos o nosso eterno Velho Guerreiro de volta ao seu programa na Globo. Tereziinhaaas? UUU.

Contudo, a festa não foi completa. Nesse dia, Chacrinha deveria gravar mais alguns programas, mas, devido à piora no seu estado, não deu conta de ir para o Jardim Botânico. João Kleber segurou as pontas.

No sábado, 25 de junho, o Velho Guerreiro voltou ao Fênix. Demonstrava disposição para encarar mais uma gravação; a voz estava mais firme. Entretanto, permanecia a maior parte do tempo sentado, fora do alcance das câmeras, acompanhando o desempenho de João Kleber. Quando achava necessário, com seu olho clínico de seus mais de quarenta anos de estrada, corrigia o comediante.

A também comediante Dercy Gonçalves, amiga de Chacrinha, foi convidada para ser submetida às perguntas do júri, que contava com a participação de nomes como o produtor cultural Fernando Bicudo, as atrizes Cláudia Raia, Simone Carvalho e Ana Maria Nascimento e Silva, o amigo Napoleão Veloso, a modelo Vanessa de Oliveira e Elke Maravilha. No final, Chacrinha aproveitou para fazer a sua perguntinha sacana:

— Você à meia-noite em ponto, nós dois nus, você passearia comigo na Barra da Tijuca? Nós dois nus.

— Chacrinha, eu acho que nós não íamos dar em nada – Dercy respondeu, provocando gargalhadas em todos.

Mais tarde, ele cantou “Oração de Mãe Menininha”, ajoelhando-se e chorando. Foi uma cena que levou todos que estavam no Teatro Fênix às lágrimas. Foi como um agradecimento por ter sobrevivido a tudo que enfrentara e por poder finalmente estar ali, de volta ao palco, o lugar do qual não podia prescindir.

Encerrou o programa dizendo:

— Se Deus me ajudar, o mais depressa possível, o Velho Guerreiro vai voltar!

Despediu-se de João Kleber com um beijo e um abraço em agradecimento pelas semanas de companheirismo.

Na manhã do dia 27 de junho, ele visitou a redação da *Amiga*, no prédio da Bloch, na rua do Russel, a fim de entregar o texto para a coluna que mantinha na revista havia mais de quinze anos. Encontrou os jornalistas Eli Halfoun, diretor-executivo da publicação, e Marly Schall. Abelardo havia levado algumas fotos suas para ilustrar o texto. Marly era amiga de Chacrinha desde os tempos do rádio, quando a jovem gaúcha veio para o Rio trazida pelo saudoso Repórter Esso Heron Domingues, e conheceu o rei dos disc jockeys nos corredores

da Rádio Nacional.

Era hora do almoço, e Marly perguntou se Chacrinha gostaria de acompanhá-la ao restaurante da Bloch. Ele, que, embora colaborasse havia anos com a *Amiga*, jamais visitara o prédio do seu Adolpho, aceitou o convite. No refeitório, enquanto comiam, o Velho Guerreiro tirava fotos da caixa que trouxera e mostrava à jornalista. Fazia um passeio por vários momentos de sua vida registrados naquelas imagens. Um fotógrafo da editora, também em horário de almoço, encontrou os dois e perguntou se não queriam tirar uma foto juntos. Eles posaram e o rapaz prometeu dar a foto a eles mais tarde.

Passaram-se três dias e, na manhã de 30 de junho, Chacrinha acordou e tomou seu café. Aparentemente, estava bem-disposto. Mas começou a sentir dores no peito. Foi levado para o hospital, onde foi atendido por uma cardiologista. A doutora o medicou e pediu repouso. Ele voltou para casa se sentindo melhor.

Contudo, às 18h, sentiu-se mal novamente. Voltaram rapidamente para o hospital, onde ele foi medicado e em seguida liberado. De volta ao Itanhangá, tomou uma sopa, assistiu ao *Jornal Nacional* e fez companhia a Florinda durante o capítulo de *Vale Tudo*. Após a novela, deu alguns telefonemas, um deles para Wanderléa. Queria vê-la no dia seguinte. Já havia providenciado as passagens para a ex-nora, que tratou de se preparar para a viagem.

Seu amigo Jorge Ramallete apareceu para visitá-lo. A conversa seguiu animada, enquanto Florinda os observava de longe. Eram 23h30 quando Abelardo se levantou para ir ao banheiro. Na volta, ofereceu uma dose de uísque a Jorge. Mas, logo em seguida, começou a gritar no corredor. Sentia uma terrível falta de ar.

Ramallete o levou para o quarto, onde deitou o Velho Guerreiro na cama. Ele sentia muitas dores e pediu que o amigo o ajudasse a ficar sentado. Enquanto isso, Florinda ligava para os médicos e os filhos, em busca de ajuda. Ligou também para o Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra, a fim de que o socorro chegasse mais rápido.



SÓ ACABA
QUANDO
TERMINA

E não é que ele voltou? Promessa era dívida, e o Conde de Surubim sempre cumpriu as suas. No sábado, dia 2 de julho, lá estava ele na tela da TV, pontualmente às 16h, não muito firme, não muito forte, mas presente. Se nos Estados Unidos o rei do soul, James Brown, era o maior trabalhador do show business, no Brasil, sem discussão, esse título pertencia ao homem da buzina.

Ele apareceu no palco do Teatro Fênix fantasiado como estudante, vestindo calças curtas e um suspensório, mas, é claro, com um toque maior de irreverência: usava um chapéu com orelhas de burro. Continuava escudado por João Kleber e acompanhado por suas chacretes Erika Selvagem, Valéria Mon Amour, Fátima Boa Viagem, Cleópatra, Ester Bem me Quer e outras belezas que tornavam o sábado mais bonito.

Nessa edição do programa seu júri era composto somente por mulheres: Monique Lafond, Dora Klabin, Marcella Prado, Ana Maria Nascimento e Silva, Vanessa de Oliveira, Suzana Vieira, Monique Evans, Priscila Akakoalpc, Manuela Machado e, claro, Elke Maravilha.

Chacrinha também anunciou a volta da *Discoteca do Chacrinha* no clube Para Todos, na Pavuna, no dia 9 de julho. E soltou uma daquelas falsas broncas para quem no auditório não gritasse bem alto o seu “aquele abraço”:

— *Quem não gritar alto, eu dou uns piparotes aí! Eu dou uns piparotes!*

Suas chacretes, já acostumadas com esse momento, riam da encenação do “Velho Palhaço”.

No programa, houve a grande final de mais uma edição do concurso do negro mais bonito do Brasil, com o prêmio de 100 mil cruzados para o vencedor, a terceira etapa do concurso de melhor quadrilha e as atrações musicais: Roberto Leal, Vianegromonte, Virgínie e o Fruto Proibido, RPM, Jairzinho e Simony, Juba e Lula, Os Abelhudos, Os Paralamas do Sucesso, Manolo Otero, Placa Luminosa, Jair Rodrigues, Jane e Herondi, Benito di Paula, Jane Duboc e o grupo Capital Inicial, que encerrou a tarde com “Música urbana” e “Independência”.

Procuramos independência

Acreditamos na distância entre nós

Procuramos independência

Acreditamos na distância entre nós

Chacrinha se despediu fazendo brincadeiras para a câmera, o seu habitual sarro em rede nacional.

• • •

Girando o relógio ao contrário, para quinta-feira, dia 30 de junho, quando o Dr. Antônio

Carlos do Hospital Lourenço Jorge chegou ao condomínio do Itanhangá já encontrou Chacrinha morto. Fez constar no atestado de óbito: enfarte do miocárdio, insuficiência respiratória e carcinoma pulmonar – um tumor canceroso. Abelardo Barbosa havia morrido nos braços de Jorge Ramallete.

Logo que a notícia foi divulgada, os amigos se dirigiram ao condomínio onde o homem da buzina morava. Roberto e Erasmo Carlos chegaram acompanhados de Myriam Rios e Narinha, suas respectivas esposas. Antes de entrar na casa, a imprensa pediu para que Erasmo dissesse algumas palavras sobre aquele que tanto ajudara em sua carreira. Com os olhos marejados e a fala embargada, o Gigante Gentil disse:

— *Morreu o pai artístico de todos nós... Um pedaço do Brasil.*

Lá dentro, Roberto Carlos pediu um minuto sozinho no quarto. Ajoelhou-se ao lado da cama, ficando bem próximo ao corpo. Compenetrado, fez uma oração a seu querido protetor.

Atendendo ao desejo do ex-sogro, Wanderléa veio para o Rio visitá-lo. Chegou ao condomínio às 7h, acompanhada do irmão, Bill. Estranhou não encontrar ninguém da família, até falar com Nanato, que lhe deu a notícia. Todos haviam saído levando Chacrinha para preparar o velório. Wandeca ficou com o ex-marido, dando-lhe um pouco de conforto.

Abelardo foi velado na Câmara dos Vereadores, no Centro do Rio. Era bem ao lado do Amarelinho, onde, no início de sua carreira, Cesar Ladeira e outros artistas já consagrados o reconheceram, dando-lhe sua primeira grande alegria na profissão. Seu corpo ficou na sala Ary Barroso. Passaram por lá mais de 30 mil pessoas, cerca de cinquenta por minuto.

Artistas como Tônia Carrero, Betty Faria, Dercy Gonçalves, Chico Anysio, Zizi Possi, Dorinha Duval, Glória Menezes e o casal Teresinha Sodré e Carlos Alberto Torres também compareceram para se despedir de Abelardo Chacrinha Barbosa. Irmã Zoé, do Dispensário dos Pobres da Imaculada Conceição, rezou junto ao caixão e fez questão de ressaltar que Chacrinha havia sido o primeiro a abrir espaço na televisão às entidades filantrópicas que pediam donativos aos pobres, como acontecera com ela.

As chacretes de todas as fases estavam num choro sem fim, enquanto Russo, transformado por Chacrinha no mais famoso assistente de palco da TV, teve um mal-estar, sendo atendido por uma médica enviada pelo Hospital Rocha Maia. Não cessava de repetir que havia perdido seu pai.

Apesar dos noventa homens da força de choque de quatro batalhões, além de cinquenta seguranças mandados pela Rede Globo, não houve como impedir um início de confusão no Palácio Pedro Ernesto, quando algumas pessoas furaram o cordão de isolamento.

Devido ao tumulto que se formou, a família decidiu antecipar em meia hora a saída do corpo para o Cemitério São João Batista, inicialmente marcada para as 15h30. Pouco depois das 15h, o caixão deixou o prédio sob aplausos. Conduzido num caminhão do Corpo de Bombeiros, o corpo de Chacrinha deixou a Cinelândia rumo ao cemitério com cinco batedores da Polícia Militar abrindo caminho.

Durante todo o trajeto até Botafogo, Chacrinha era reverenciado, recebendo de seu público as últimas homenagens. As pessoas nas janelas dos prédios acenavam com lenços brancos e jogavam pétalas de rosas. Por onde o caminhão do Corpo de Bombeiros passava, os

motoristas apertavam as buzinas dos seus carros, tal qual o pequeno Abelardo fazia no caminhãozinho verde do pai pelas ruas de Campina Grande.

O caixão foi coberto pelas bandeiras do Vasco da Gama e da Portela. Dentro dele, estava uma de suas buzinas. O corpo, que não vestia fantasia, foi enterrado no jazigo perpétuo 3511-A, na quadra 2, que pertencia à família. Lá se encontravam dona Aurélia, falecida em 1986, e seu neto Jorginho. Enquanto o caixão descia, as marchinhas que tanto animaram seus programas eram cantadas por todos.

Florinda sentiu-se mal e foi amparada por Leleco, enquanto as chacretes Regina Polivalente, Sandrinha Capeta e Érica Selvagem, aos prantos, abraçavam um inconsolável Russo, que balbuciava:

— *Minha alegria acabou. Ficou aqui junto com ele. Mas eu sei que ele está dormindo.*

Naquele momento, em Surubim, a cidade natal do Velho Guerreiro, onde o prefeito José Arruda decretara luto oficial por três dias, todas as lojas fecharam suas portas.

Na sexta-feira à noite, a Globo exibiu um Globo Repórter contando a história de Abelardo Barbosa. No sábado, foi ao ar o último programa gravado por ele, um desejo de Boni, como homenagem final.

Dias depois da morte do pai, Leleco foi procurar Boni. Tinha um projeto de prosseguir com o *Cassino do Chacrinha*, tendo João Kleber no comando. Mas se por acaso Boni não concordasse, estava disposto ele mesmo a usar fantasias como as do pai e comandar a atração. O que não queria era ver o programa acabar, o que implicaria no desemprego de toda a equipe. Mas Boni já havia tomado sua decisão:

— *Claro que não, o Cassino acabou junto com ele. Morreu o Chacrinha, morreu o programa. Não será uma roupa que transformará alguém num Chacrinha.*

Três anos depois da partida do Conde de Surubim, com direção de JB de Oliveira Sobrinho, o Boninho, filho do vice-presidente de operações da Rede Globo, o Teatro Fênix tinha um novo animador nas tardes de sábado. Em julho de 1991, estreou o *Show do Mallandro*, programa de auditório apresentado pelo ex-jurado do *Show de Calouros* de Sílvio Santos nos anos 1980, Sérgio Mallandro. Havia cantores, calouros, jurados, brincadeiras, lindas assistentes de palco. Mallandro era irreverente, mas em menos de um ano, em janeiro de 1992, a atração saiu do ar.

Em 1994, houve nova tentativa de levar ao ar um programa de auditório para as tardes de sábado. No dia 23 julho estreou o *TV Zona*, com apresentação do ex-VJ da MTV Luiz Carlos Thunderbird. Mais alternativo, visava dar espaço a novas bandas de rock nos seus mais variados estilos. O cenário de Mauro Monteiro imitava um terreno baldio do Village, o bairro boêmio de Nova York, além de contar com uma réplica do Viaduto dos Marinheiros da avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro. Mas o programa durou somente quatro semanas, e no dia 13 de agosto saiu do ar.

Leleco passou a ter seu programa de TV; não era de auditório, mas de entrevista: o *Deles e Delas*. De posse das fitas com as gravações do pai, criou o quadro “Baú do Chacrinha”, que encerrava seu programa com um número musical apresentado pelo Velho Guerreiro.

No humorístico *Zorra Total*, Agildo Ribeiro passou a levar ao ar o seu *Cassino do Chapinha*, no qual prestava sua homenagem ao Velho Guerreiro. Fazia com que, mesmo com os anos se passando, o som da buzina continuasse a ecoar.

Alô alô, Terezinha foi o título escolhido pelo diretor e roteirista Nelson Hoineff para batizar seu documentário, produzido em 2008, sobre a vida de Abelardo Barbosa. Foi vencedor, em 2011, no Festival do Audiovisual de Recife, dos prêmios de melhor filme, montagem e também do troféu Gilberto Freyre, destinado às produções com maior identidade nacional. Porém, causou muita polêmica. Embora trouxesse depoimentos de personalidades como Roberto Carlos, Fafá de Belém, Fábio Júnior e Agnaldo Timóteo falando do quanto Chacrinha foi importante para suas carreiras, conservava um pé no mundo cão: mostrava gogos cantando, chacretes em tempos de vacas magras e o calouro com maior número de buzinas, Almir dos Santos – o Almir Fonfom –, tentando mais uma vez o seu momento de glória, intercalado por muita revolta ao xingar Roberto Carlos.

Também em 2008, a vida do homem da buzina foi levada ao ar na Globo, no programa *Por Toda a Minha Vida*. Chacrinha era representado por Hélio Vernier, um ex-motorista que, devido à semelhança com o Conde de Surubim, passou a ganhar a vida vestindo a fantasia do “papa da comunicação brasileira”.

O programa, fruto de uma acurada pesquisa, contava a história do comunicador desde sua infância e juventude, quando era interpretado por Alexandre Tavares, até seu auge como o mais famoso apresentador do país.

Medindo 1,90 m de altura, em novembro de 2010, foi inaugurada no Jardim Botânico uma estátua de Chacrinha. De autoria do cartunista e escultor Ique, a obra, confeccionada em bronze, foi instalada na rua General Garzon, bem próxima ao Teatro Fênix, que fora demolido para dar lugar a um condomínio. A estátua trazia Chacrinha com sua cartola, uma peça de bacalhau na mão esquerda, a mão direita próxima ao lábio, como se estivesse dizendo mais uma de suas frases, e sua buzina pendurada no pescoço.

A inauguração contou com toda a família Barbosa: Florinda, Nanato, Jorge, Leleco, as noras Maninha e Vivi, além dos netos e bisnetos do Velho Guerreiro. Também estiveram presentes as chacretes, Elke Maravilha, o rei das marchinhas, João Roberto Kelly, o ministro das Cidades, Márcio Fortes, as cantoras Eliana Pittman e Rosemary e Agnaldo Timóteo. Na festa, uma mobilização de Leleco, o som ficou a cargo da banda do Cordão da Bola Preta e da bateria e de assistentes da Beija-Flor de Nilópolis.

Auxiliado por Russo, o prefeito do Rio, Eduardo Paes, exercia a função de mestre de cerimônias, apresentando os cantores, distribuindo troféus abacaxi e ainda cantando “Cidade maravilhosa”. Enquanto isso, das janelas de seus prédios, os moradores daquela área do Jardim Botânico, muitos dos quais tinham podido ver Chacrinha em vida, aplaudiam seu retorno ao lugar onde atuou por tantos anos.

Em março de 2014, o canal por assinatura Viva passou a exibir o *Cassino do Chacrinha*, gravado no período entre 1987 e 1988. De repente, milhares de saudosistas puderam rever Abelardo Chacrinha Barbosa buzinando a moça e comandando a massa. Porém, nas segundas-feiras, dia da exibição, gente de outras faixas etárias também começou a ficar diante da televisão, jovens que vieram ao mundo alguns anos depois da partida do “Velho

Palhaço” e até crianças, que volta e meia ainda são flagradas gritando com voz “rachada”:

— *Teresinha!!!!!!!!!!!!!!!*

Até hoje, não houve manifestação alguma de Chacrinha vinda lá “do outro lado”. Nenhuma frase dita pela boca de algum “cavalo”, carta psicografada ou som emitido de sua estátua lá no Jardim Botânico. Mas se porventura isso vier a acontecer, a autenticidade da mensagem só será comprovada caso a primeira frase dita pelo Conde de Surubim seja:

— *Leleco, como é que tá o Ibope?*

FIM

BIBLIOGRAFIA

JORNAIS

A Cruz; A Manhã; Diário da Noite; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; Jornal de Recife; O Globo; O Estado de S. Paulo; Folha de S. Paulo; O Dia; Jornal da Tarde; O Pasquim; Última Hora; Correio da Manhã; O Jornal; A Noite; A Noite – Suplemento; Diário Carioca; Gazeta de Notícias; Jornal das Moças; O Imparcial; A Notícia; O Fluminense; Tribuna da Imprensa; Jornal do País; O Peru Molhado.

REVISTAS

Manchete; Veja; Intervalo; Fatos e Fotos; Cláudia; Realidade; Amiga; Homem; Sétimo Céu; O Cruzeiro; Trip; Revista do Rádio; Revista do Rádio e da TV; Revista da Semana; A Cena Muda; Careta; Realidade.

LIVROS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007

ALEXANDRE, Ricardo. **Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal**. São Paulo: Editora Globo, 2009

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou Cachorro não**. São Paulo: Editora Record, 2002

_____. **Roberto Carlos em detalhes**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006

ASSIS, Wagner. **Chico Buarque: história das canções**. São Paulo: Leya, 2009

BARBOSA, Abelardo e Amaral, Péricles do. **Chacrinha é o desafio**. Rio de Janeiro: Editora Casa do Autor, 1969

BARBOSA, Florinda e Rito, Lúcia. **Quem não se comunica se trumbica**. São Paulo: Editora Globo, 1995

CABRAL, Sérgio. **Nara Leão: uma biografia**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2001

CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga: Um cigano fazendeiro do ar**. São Paulo: Editora Globo, 2011

CASTRO, Ruy. **A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____. **Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

_____. **Ela é Carioca**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

CAVALCANTI, Cássio. **Nara Leão: a musa dos trópicos**. Recife: CEPE, 2008

CLARK, Walter e Priolli, Gabriel. **O campeão de audiência, uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1991

ECHEVERIA, Regina. **Furacão Elis**. São Paulo: Editora Globo, 1994

FERNANDES, Vagner. **Clara Nunes: guerreira da utopia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

GERCHMAN, Rubens. **O rei do mau gosto**. São Paulo: JJ Carol Editora, 2013

HAUER, Norma. **Pelas ondas da Mayrink**. Rio de Janeiro: Literis Editora: Quartica Premium, 2011

LEÃO NETO, Antônio. **Dicionário de filmes brasileiros**. São Paulo: Futuro Mundo Gráfica e Editora, 2002

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003

MONTEIRO, Denilson. **A Bossa do Lobo: Ronaldo Bôscoli**. São Paulo: Leya, 2011

_____. **Dez, nota dez! Eu sou Carlos Imperial**. São Paulo: Matrix, 2008

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais: improvisos e memórias musicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio – Fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976

OLIVEIRA, J.B. **O livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011

PUGIALLI, Ricardo. **Almanaque da Jovem Guarda**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

_____. **No embalo da Jovem Guarda**. Rio de Janeiro: Ampersand Editora, 1999

REEBER, Michel. **Religiões: mais de 400 termos, conceitos e ideias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002

VÁRIOS. **Dicionário da TV Globo, vol. 1: Programas de Dramaturgia & Entretenimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

FILMOGRAFIA

1962 Três Colegas de Batina – Darcy Evangelista
1966 Na onda do iê iê iê – Aurélio Teixeira
1967 Opinião Pública – Arnaldo Jabor

1969 Pobre Príncipe Encantado – Daniel Filho
1971 TV Cultura: Programa Vox Populi
1972 Museu da Imagem e do Som (depoimento de Chacrinha colhido no dia 19/09)
1976 Já Não Se Faz Amor Como Antigamente (segmento “O Noivo”) – John Herbert
1982 Aventuras de um Paraíba – Marco Altberg
1987 Leila Diniz – Luiz Carlos Lacerda
1988 TV Globo: Globo Repórter Especial (01/07)
1996 Quem não se Comunica se Trumbica – Carlos Alberto Vizeu
1999 CNT: Vida de Artista
2008 TV Globo: Por Toda A Minha Vida – Chacrinha (24/07) – direção de Pedro Vasconcellos / núcleo: Ricardo Waddington
2009 Alô, Alô, Terezinha! – Nelson Hoineff
2009 Canal Brasil: Especial Chacretes – Nelson Hoineff
2009 Globonews: Arquivo N – Chacrinha (outubro)
2010 Rede Record: Balanço Geral (08/11)
2010 TV Globo: Fantástico (07/11)
2010 TV Globo: Bom dia Rio (08/11)
2010 TV Globo: RJTV (08/11)
2010 Band Rio: Deles e Delas (apresentação: Leleco Barbosa)

INTERNET

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira:

www.dicionariompb.com.br

CliqueMusic: a música brasileira está aqui:

cliquemusic.uol.com.br

Hildegard Angel: www.hildegardangel.com.br

Omelete: Alô alô, Terezinha (Marcelo Forlani)

http://omelete.uol.com.br/cinema/critica-alo-alo-terezinha/#.VEU6vovF_U0

Blog do Maurício Stycer – O livro do Boni

<http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2011/12/06/livro-expoe-quatro-divergencias-essenciais-entre-boni-e-walter-clark/>

Caminhos na Umbanda – O incrível caso do Exu 7 da Lira

<http://caminhosnaumbanda.blogspot.com.br/2010/11/o-incrivei-caso-do-exu-7-da-lira.html>

O homem comendo macarrão – Sete Rei da Lira – 1971

<http://ohomemcomendomacarrao.blogspot.com.br/2009/12/sete-rei-da-lira-1971.html>

Índice

CAPA

Ficha Técnica

“TÁ COM MEDO OU TÁ COM PEDRO?”

“MINHA INFÂNCIA FOI RUIM, MAS A JUVENTUDE, PIOR”

RUA GENERAL PEREIRA DA SILVA

ABELARDO CHACRINHA BARBOSA

O DISC JOCKEY Nº 1

U-UUUUUUUUU

ALAOR, LIGUE O TELEVISOR

FON-FON!

OSSO DURO DE ROER

FEIJÃO COM ARROZ, EU AGORA ESTOU NO DOIS

“LIGUE A RIO E ESQUEÇA. ESTÁ DANDO O 13 NA CABEÇA”

CHACRINHA CONDICIONADO NÃO É CHACRINHA

UMA FORÇA DA NATUREZA NA ERA ELETRÔNICA

UMA GUERRA COM DURAS E CONTÍNUAS BATALHAS

BONECA COBIÇADA

É PRECISO TER CORAGEM PARA SUPORTAR

CHEGOU SEU SETE DA LIRA

JÚRI SOBERANO

CABEÇA-DURA

DE VOLTA À URCA

CHACRINHA ENFRENTA KUNG FU

FORA DO MAPA

TÔ VENDENDO ESTRELAS

“QUE MARCAÇÃO É ESSA COMIGO?”

REENCONTRANDO CLARK

O DESAFIO

EM RITMO DE JUVENTUDE

NOTÓRIO SABER

GUERREIRO

SÓ ACABA QUANDO TERMINA